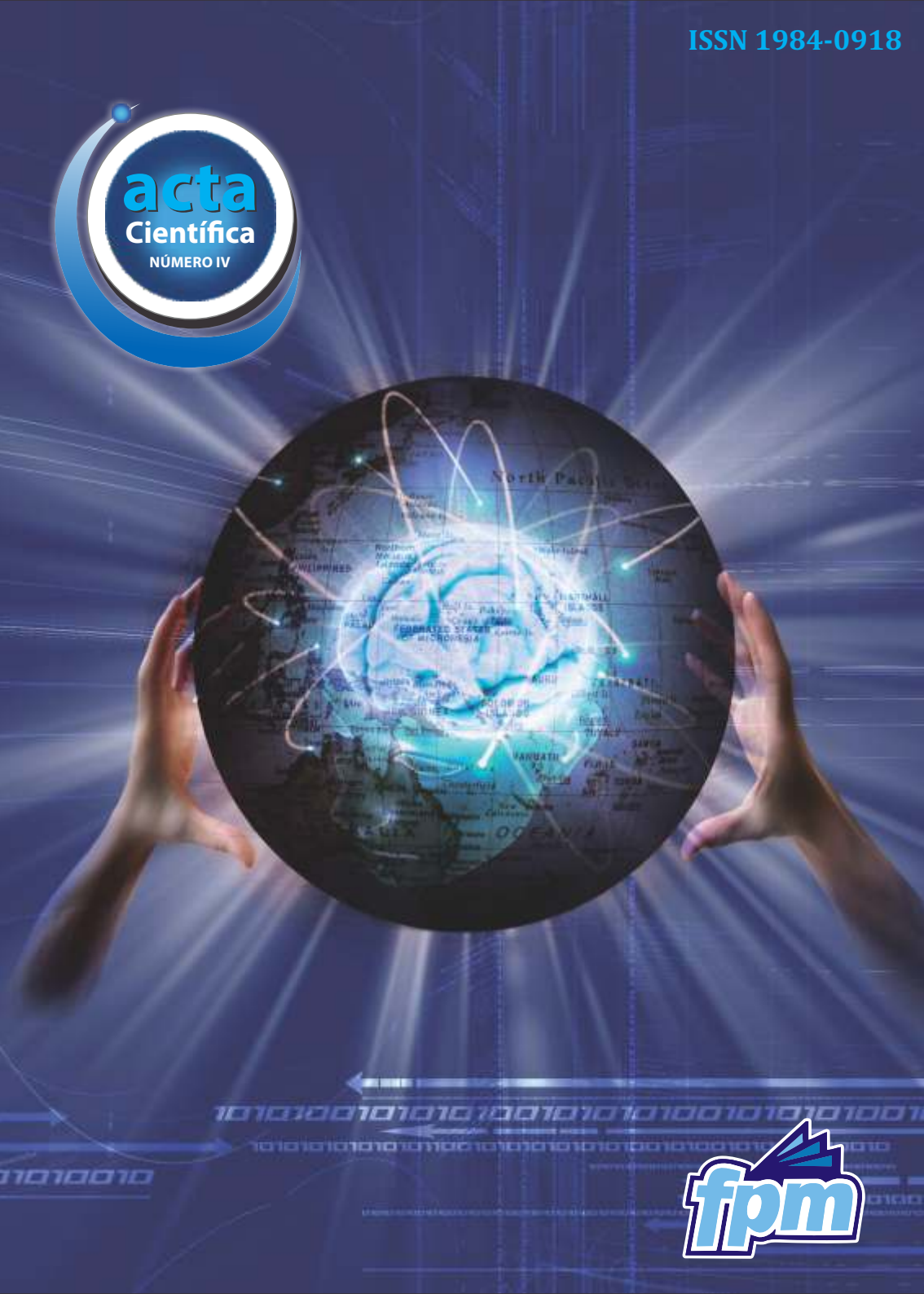
ISSN 1984-0918

acta Científica

NÚMERO IV



fpm

ACTA CIENTÍFICA

Vol. 04 - Número IV

Faculdade Patos de Minas

Patos de Minas - MG

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Acta científica - Vol. 4 (2012) - Patos de Minas:
Associação Educacional de Patos de Minas, 2010
il.

Trimestral

ISSN 1984-0918

1. Ciências sociais - Periódicos 2. Educação - Periódicos. 3. Meio ambiente - Periódicos. 4. Saúde - Periódicos 5. Linguagem - Periódicos I. Associação Educacional de Patos de Minas.

CDU: 30

Faculdade Patos de Minas

Direção Geral
Paulo César de Sousa

Direção de Clínicas
Paulo César Segundo de Sousa

Direção Jurídica
Cláudio Giansanti

Coordenação Acadêmica
Estanislau Gonçalves Jovtei

Coordenação de Mídias, Tecnologias e Comunicações Institucionais
Eduardo César de Sousa

Coordenação de Projetos
Sandro Pereira de Carvalho

Coordenação de Recursos Humanos
Regina Oliveira Dias

Coordenadores Cursos de Graduação:
Administração – Prof. Dr. Gustavo Gastadelli
Biologia – Prof. Ms. Fredston Gonçalves Coimbra
Biomedicina – Prof. Ms. Taciano dos Reis Cardoso
Educação Física – Profa. Ms. Ana Cristina de Sousa
Enfermagem – Profa. Ms. Elizaine Aparecida Guimaraes Bicalho
Engenharia Civil – Prof. Ms. César Amorim
Engenhaira Elétrica – Prof. Ms. Guilherme Thiago de Sousa
Engenharia de Produção - Prof. Ms. Guilherme Thiago de Sousa
Farmácia – Profa. Ms. Margareth Costa e Peixoto Pitorra
Fisioterapia – Prof. Ms. Raphael Martins
Matemática – Profa. Ms. Eremita Marques Nogueira Barbosa
Nutrição – Prof. Ms. Fredston Gonçalves Coimbra
Odontologia – Prof. Ms. Fernando Nascimento
Psicologia – Prof. Ms. Gilmar Antoniassi Júnior
Química - Prof. Estanislau Gonçalves Jovtei

EDITOR RESPONSÁVEL:
Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo

CONSELHO EDITORIAL
Prof. Ms. Estanislau Gonçalves Jovtei (FPM/FCC/FCJP)
Prof. Dr. João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior (UFV/CRP)
Prof. Dr. Hidelberto de Sousa Ribeiro (UFMT/CUA)
Prof. Dr. Hugo Christiano de Melo Soares (FPM)
Prof.ª Ms. Luciana de Araújo Mendes Silva (FPM/FCC)
Prof. Dr. Luis Antonio Bitante Fernandes (UFMT/CUA)
Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo (UFU/MACKENZIE)
Prof.ª Dr.ª Marly Augusta Lopes de Magalhães (UFMT/CUA)
Prof. Dr. Robson Luiz de França (UFU/FACED)
Prof.ª Dr.ª Sandra Regina Afonso Cardoso (FPM)
Prof.ª Dr.ª Sílvia Mara de Melo (UFGD)

PARECERISTAS
Prof. Dr. João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior (UFV/CRP)
Prof. Dr. Hidelberto de Sousa Ribeiro (UFMT/CUA)
Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo (UFU/MACKENZIE)
Prof. Dr. Luis Antonio Bitante Fernandes (UFMT/CUA)
Prof.ª Dr.ª Sílvia Mara de Melo (UFGD)

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica:
Gráfica Cortes

Capas:
Elielda Soares dos Santos

Revisão Final:
Prof. Marcelo Marques Araújo
Elielda Soares dos Santos

REVISTA ACTA CIENTÍFICA

"Sabemos graças ao uso da nossa inteligência, que nos faz observar as coisas, ou os fenômenos, como dizem os sábios."
(Monteiro Lobato, Serões de Dona Benta)

A Revista Acta Científica, publicação da Faculdade Patos de Minas, apresenta à comunidade acadêmica e científica o volume IV, com artigos em diferentes áreas científicas: sociedade, saúde, educação, linguagem e comunicação. Na FPM o conhecimento tem um valor inestimável, prova disso é a publicação de mais um volume da Revista Acta Científica, que vem a cada edição se destacando no contexto da pesquisa acadêmica no Brasil, e a cada novo volume obtendo uma melhor qualificação junto aos órgãos competentes.

O desafio de uma instituição de ensino superior hoje é formar indivíduos capazes de buscar conhecimentos e de saber utilizá-los. Ao contrário de outrora, quando o importante era dominar o conhecimento, hoje o importante é "dominar o desconhecimento", ou seja, estando diante de um problema para o qual não se tem uma resposta pronta, o profissional deve saber buscar o conhecimento pertinente e, quando não disponível, saber encontrar, ele próprio, as respostas por meio de pesquisa.

Na FPM, sabe-se que o conhecimento e a inteligência precisam caminhar constitutivamente unidos com a finalidade única de melhorar a vida, a sociedade e tudo o que envolve o ser humano.

A pesquisa acadêmica é fundamental para que um país possa evoluir cientificamente. É necessário que a espera não demore por longos tempos, precisamos evoluir rápido, pois o mundo está indo mais ágil que nossa percepção dos fenômenos.

Esperamos que a Revista Acta Científica cumpra o propósito a que veio neste volume IV, ou seja, construir um pouco mais da consciência científica e acadêmica que devem reger uma instituição de ensino superior.

A todos, uma leitura que possa transformar para nossa evolução.

Paulo César de Souza
Diretor Geral da FPM

CARTA DO EDITOR

O ensino não deve ser um mecanismo de reprodução ou aprisionamento de uma ideologia, mas sim, a construção de homens dispostos a mudar a realidade, com poder de escolha e consciência crítica. É a partir de revisão de conceitos e de quebra de paradigmas que se buscam novos caminhos. Pesquisar, contestar, questionar. A pesquisa aproxima as ciências da realidade. Visa compreender os fenômenos em sua plenitude. Esta revista não vem apenas para refletir o exaustivo trabalho de professores e pesquisadores envolvidos com uma instituição de ensino, mas também, para incentivar alunos e também professores para que se envolvam com a arte da investigação científica. Todos imbuídos pela irrestrita iniciativa de buscar a sistematização do conhecimento e da inteligência.

Isso reflete em artigos publicados no **Dossiê Sociedade,** como a contribuição do pesquisador *Fernandes* que analisou elementos relacionados à masculinidade em ambientes virtuais. Em *Ribeiro* temos um texto que desenvolve uma análise sociológica da expansão do agronegócio na Amazônia brasileira.

As reflexões e investigações registradas no **Dossiê Saúde** trazem importantes contribuições para a área, uma delas, a que abre o dossiê, pertence aos pesquisadores *Souza, Pereira, Barcelos,* que tratam das manifestações clínicas principais e a etiologia da síndrome da brida amniótica, uma patologia rara, de ocorrência ocasional de origem não genética, que causa deformidades anatômicas no feto. *Barbosa* traz uma contribuição relevante para a relação mãe e bebê e as possíveis interferências no processo de alimentação. *Jovtei* e *Monteiro* também registram outro importante estudo acerca do câncer do colo uterino e fatores associados. No mesmo **Dossiê**, *Rêgo* e *Peixoto* oferecem um estudo sobre o uso racional de medicamentos e a automedicação e a intervenção do profissional farmacêutico neste contexto. Ainda no mesmo dossiê, Medeiros e Dornelas trazem um estudo sobre hepatotoxicidade.

No **Dossiê Educação**, as pesquisadoras Marco e Freitas abrem o espaço de discussão acerca do olhar sobre a utilização de tecnologias da informação e comunicação no ensino de Matemática. Ainda na temática dos estudos aplicados ao ensino da Matemática, Silva e Justulin apresentam um texto sobre ensino-aprendizagem de matemática através de resolução de problemas no ensino médio.

No **Dossiê Língua e Linguagem**, Penhavel traz uma importante contribuição acerca dos aspectos históricos da formação do português brasileiro. Melo e Ferreira registram uma análise discursiva das histórias de vida de pessoas idosas que vivem em situação de asilo.

No **Dossiê Comunicação**, Saldanha e Araújo apresentam a educomunicação na teoria e na prática e mostram a aplicação no Projeto Jogo Limpo. Franco e Santos abordam a temática ciência e mídia indicando as pesquisas da UFU no jornalismo impresso uberlandense. Em outro artigo no mesmo dossiê Araújo *et al*. discutem Comunicação Estratégica Organizacional em mídias sociais. Sousa e Araújo analisam as questões relacionadas aos marginalizados e a mídia.

E por fim, Santos, Alves, Tonus e Araújo discutem estratégias de mídias sociais aplicadas em pesquisa sobre ações da Petrobrás e da CTBC Algar.

Nossos agradecimentos especiais às contribuições dos pesquisadores para a Revista Acta Científica.

O editor e co-editores da Revista Acta Científica, Volume IV, esperam que a seleção de artigos e temas tenha sido profícua e de fato contribua para a divulgação de pesquisas e reflexões dentro do ambiente acadêmico da Faculdade Patos de Minas e de outras instituições de ensino superior.

Desejamos a todos (as) uma excelente leitura!

SUMÁRIO

DOSSIÊ SOCIEDADE

Etnografia em salas de *bate-papo*: um debate metodológico do campo de pesquisa. 11
Luís Antonio Bitante Fernandes

A Importância da Sociologia na Análise da Expansão do Agronegócio na Amazônia Brasileira 35
Hidelberto de Sousa Ribeiro

DOSSIÊ SAÚDE

Síndrome da Brida Amniótica: Dificuldades Diagnósticas e Tratamentos 57
Paulo Cesar Segundo De Souza / Paulo Vinícius Rocha Pereira
Poliana Almeida Matos Barcelos

A Relação mãe-bebê e as Possíveis Interferências no Processo de Alimentação 71
Irella Borges dos Santos Barbosa

Câncer do Colo Uterino e Fatores Associados 81
Estanislau Gonçalves Jovtei / Eva Mendes Monteiro

Uso Racional De Medicamentos *Versus* Automedicação: Possíveis Contribuições do Profissional Farmacêutico no Contexto Multiprofissional 95
Aline Ribeiro Araújo Rêgo / Margareth Costa e Peixoto

Hepatotoxicidade: uma revisão de literatura sobre os anti-inflamatórios não-hormonais 105
Erika Gontijo Medeiros / Fernardo Augusto de Freitas Dornelas

DOSSIÊ EDUCAÇÃO

Um Olhar Sobre A Utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino de Matemática na Cidade de Uberlândia 123
Fabiana Fiorezi de Marco / Maria Teresa Menezes Freitas

O Ensino-aprendizagem de Matemática Através de Resolução de Problemas no Ensino Médio: Implicações para o Ensino de Matemática Financeira 139
Sérgio Luis Silva / Andresa Maria Justulin

DOSSIÊ LÍNGUA E LINGUAGEM

Aspectos Históricos Da Formação Do Português Brasileiro 153
Eduardo Penhavel

Análise discursiva das histórias de vida de pessoas idosas que vivem em situação de asilo 163
Sílvia Mara de Melo / Rosineia da Silva Ferreira

DOSSIÊ COMUNICAÇÃO

Educomunicação na teoria e na prática: estudo sobre a interface e relato do Projeto Jogo Limpo 181
Felipe Gustavo Guimarães Saldanha / Marcelo Marques Araújo

Ciência e Mídia: As Pesquisas da UFU no Jornalismo Impresso Uberlandense 195
Melina Paixão Franco / Adriana Cristina Omena dos Santos

Comunicação Estratégica Organizacional em Plataformas Digitais de Interação e Divulgação de Produtos Jornalísticos: Cases na Educação 209
Marcelo Marques Araújo/ Bruna Isa / Patrícia Alves / Anna Paula Castro Alves

Folkcomunicação e Produção de Sentidos na Cultura Popular 221
Gerson de Sousa / Marcelo Marques Araújo

Petrobras e Ctbc Telecom nas Mídias Sociais: Propostas Estratégicas para Plataformas Digitais de Comunicação 235
Natália de Oliveira Santos / Anna Paula Castro Alves
Mirna Tonus / Marcelo Marques Araújo

DOSSIÊ “SOCIEDADE”

ETNOGRAFIA EM SALAS DE *BATE-PAPO*: UM DEBATE METODOLÓGICO DO CAMPO DE PESQUISA.

Luís Antonio Bitante Fernandes[1]

Resumo

Este artigo tem por objetivo demonstrar a construção do campo de pesquisa, em que utilizou-se do pressuposto de que as tecnologias de informação e tecnologia de fármaco fazem parte de avanços sociais e, como tais, são contribuem nas análises Sociológica e Antropológica do campo de pesquisa, que resultou em minha tese "Afinal o que querem os homens: um estudo da masculinidade". Ao propor uma pesquisa de campo em um novo espaço social, as salas de *bate-papo* como parte da tecnologia da comunicação, tomou-se como referencial metodológico as inserções etnográficas e a definição de *habitus* dada por Pierre Bourdieu. Aqui o campo não é visto como um espaço virtual, mas sim um espaço real em que as manifestações acerca das identidades dos usuários são assumidas dentro de um imaginário e desejo. A tecnologia fármaco, com o surgimento dos Medicamentos de Disfunção Erétil, surge como um elemento provocativo de que homens utilizam-se desses medicamentos para satisfazer seus desejos e novas possibilidades de relações. Sendo assim, o campo permitiu as condições de compreendermos como nesses novos espaços de interações é possível assumir identidades múltiplas.

Abstract

This article aims to demonstrate the construction of the field of research, in which we used the assumption that information technologies and drug technology are part of social progress and, as such, are contributing in the analyzes Sociological and Anthropological Field research, which resulted in my thesis "After what men want: a study of masculinity." In proposing a field research into a new social space, the chat rooms as part of communication technology, has become as methodological insertions and ethnographic habitus definition given by Pierre Bourdieu. Here the field is not seen as a virtual space, but a space in which real events about the identities of the users are assumed within an imaginary and desire. The drug technology, with the emergence of Erectile Dysfunction Medicines, emerges as a provocative element that men use up these products to satisfy their desires and possibilities of relationships. Thus, the field conditions allowed us to understand how these new spaces of interaction can assume multiple identities.

1 Professor Adjunto na Universidade Federal do Mato Grosso, Campus do Araguaia, ICHS/CUA/UFMT.

Introdução

Este artigo refere-se a uma discussão acerca do referencial teórico metodológico de pesquisa desenvolvida em minha tese e que resultou no trabalho final: "Afinal o que querem os homens: um estudo da masculinidade". Neste trabalho o campo de investigação teórico metodológico foi construído por meio da junção de três tecnologias disponíveis no âmbito social. A tecnologia da comunicação, a tecnologia da informação e tecnologia fármaco, que foram utilizadas para uma análise sociológica e antropológica das novas masculinidades.

A primeira das tecnologias nos possibilitou compreender como os meios de comunicação, leia-se especificamente a internet, estão sendo utilizados como forma de interação social e como isto interfere na elaboração de masculinidades possíveis que não sejam as impostas por padrões socialmente e historicamente construídos. Na segunda, as de informação Tecnologia da Informação que se refere ao desenvolvimento das técnicas e mecanismos de se levar informação a determinados públicos não serão objeto de análise neste artigo, pois trata-se de um campo trabalhado do qual discutiremos posterior.

A terceira tecnologia, de Fármaco, serviu como "catalizador" dos diálogos ocorridos no campo de investigação. Ao proporcionar o surgimento de uma medicalização que alterou o comportamento do homem, os medicamentos de disfunção erétil, a tecnologia fármaco propôs às masculinidades interpelações crítica sobre seu processo de constituição, que até então estavam enraizado em padrões normativos, tradicionais e conservadores. São essas interpelações que fazem parte de nossas discussões.

Com proposta de inserção em novos campos de pesquisa, o projeto caminhou na abertura de um campo de investigação que até então se tratava de um campo pouco explorado nas ciências humanas. A internet e, enquanto recorte deste artigo, especificamente as salas de bate-papo, foi o espaço social observado e analisado para compreendermos possibilidades outras de interação social e de manifestações de identidades que exprimem novas formas de identidades sociais e de gênero.

Um *novo homem* está na ordem do dia. São palavras repetidas com exaustão e reiteradamente reforçadas em revistas, jornais, televisão e nas redes sociais, que apresentam evidências dessas mudanças e suscitam reflexões. O *novo homem* surge no lugar do *antigo homem*, ou seja, um *homem* que se comporta dentro de padrões esperados para um macho tradicional, mas que vem sofrendo

mudanças em seu comportamento que estão sendo regidos por uma nova percepção de masculinidade.

O desenvolvimento dos meios de comunicação, possibilitado pelo avanço da tecnologia, permitiu, no cenário das relações interpessoais, o surgimento de um novo sistema de interação que, ao mesmo tempo em que encurta os espaços, cria uma nova realidade procurando interagir com possibilidades de novas masculinidades. Esse espaço passa a se chamar de internet ou rede de relações pessoais e virtuais.

É importante constatarmos que, ao usarmos a expressão *virtual* não estamos somente fazendo a distinção entre o *real* e o *virtual*, mas abrindo a possibilidade de olhar para esse *virtual* como um espaço vivido e, portanto, como afirma Marcelo Tas[2], um espaço que se assume como *real.*

Incorporada por um grande número de pessoas, a Internet é utilizada para diversas finalidades, desde o uso comercial na venda de produtos, sendo este a principal finalidade, mas disposta em segundo plano, como meio de informação, como instrumento de estudo, como veículo de trabalho e como rede de relacionamentos por meio de sítios específicos, como o Orkut, o Messenger (MSN), o Facebook e o Twitter, entre outros. No Brasil, esta última finalidade é a que tem maior destaque entre os usuários da internet.

Nos últimos anos, a internet se apresentou como outra possibilidade de campo de pesquisa na compreensão da realidade, como encontrados em Adriana Piscitelli (2005), "Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual", que além de trazer uma contribuição na discussão metodológica também traz uma contribuição para a discussão ética de pesquisa nesse campo de investigação; em Richard Miskolsci (2009), "O Armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet", que faz uma descrição metodológica de investigação das salas de bate papo; e Jair de Souza Ramos (2011), "Dilemas da masculinidade em comunidades de leitores da Revista Men's Health"[3], em que o autor analisa quatro comunidades de leitores da Revista MH postadas no sítio de relacionamento Orkut, procurando compreender os reflexos da proposta da revista nos participantes dessas comunidades virtuais.

---

2 TAS, Marcelo. **Mundo Virtual:** relações humanas, demasiado humanas. Apresentado no programa Café Filosófico, pela Rede de TV Cultura em parceria com a CPFL, em 2010. Marcelo Tas é apresentador de programa em rede de televisão e estudioso na área de cibercultura.

3A revista Men's Health também foi objeto de estudo em minha tese. Nela discutimos as incorporações das Tecnologias da Informação.

Outra forma de relacionamento que ganhou espaço entre os internautas são as salas de *bate-papo*. Introduzidas no Brasil por provedores, como UOL, Globo.com, Terra, entre outros, nelas há uma interação entre os internautas possibilitada por "conversas" realizadas em tempo real, com a possibilidade de se encontrarem a quilómetro de distância, sendo que na maioria das vezes se encontram. Essas salas são divididas em várias categorias, o que permite aos usuários, dentre as várias opções, escolher a que melhor se encaixa ao seu perfil (real ou virtual; imaginário; idealizado), ou ao perfil de relacionamento pelo qual ele procura.

Sendo um local em que mudanças são constantes, esse novo espaço de interação possibilita estabelecer novas relações interpessoais, pois permite ao usuário/internauta criar uma infinidade de interações, mediante o contexto que lhe é apresentado e que é imaginado e criado por ele.

É esse mundo virtual, que será visto como um novo campo e, que carrega para dentro de si o *habitus* (BOURDIEU, 1996), que é reformulado constituindo-se com outros sistemas de disposições duradouras e, ao mesmo tempo, renováveis e virtualmente constituídas. As salas de *bate-papo* se tornam parte de uma estrutura estruturada com dispositivos que irão funcionar como estruturas estruturantes. Os internautas transportam para esses espaços um conjunto de sistemas simbólicos que darão a eles credibilidade para se afirmarem como sujeitos reais, em um contexto virtual, moldados por sistemas anteriormente estruturados. É nesse contexto que o real e o virtual se imbricam, não deixando claro qual deles está se manifestando.

A etnografia nas Salas de *Bate-papo*.

As incursões etnográficas nete campo de pesquisa, as salas de *bate-papo*, se dão de forma tal que o pesquisador está, ao mesmo tempo, distante de seu sujeito de pesquisa, possivelmente separados por quilômetros de distância e muito próximo, já que eles foram intermediados pela tecnologia e pela própria representação simbólica que lhes são permitidas enquanto espaço de interação social.

A etnografia nesse universo de pesquisa assumirá a mesma responsabilidade de outros universos, o de buscar descrever um contexto social, utilizando-se de generalizações e comparações, implícitas ou explícitas, que dão sentido aos aspectos culturais que o contexto pesquisado manifesta.

Os espaços, segundo Bourdieu (2005), podem indicar diferenças reais que separam tanto a estrutura quanto as disposições, o *habitus,* cujo princípio

está na particularidade criada por cada espaço. Portanto, a cada inserção no campo, encontraremos um *habitus* elaborado diferentemente, pois este estará sendo constituído por sujeitos diferentes e que levam para a realidade virtual o seu próprio *modus vivendi*.

Ainda, segundo Bourdieu (2001), a construção dos espaços de interação se dá pela elaboração dos espaços de objetivação (estruturas) nos quais são manifestadas as permutas de comunicação diretamente observadas (interação). "Trata-se de apreender uma realidade oculta, que só se descobre encobrindo-se, que só se mostra enquanto fato banal das interações em que se dissimula a si própria" (BOURDIEU, 2001, p.54).

Trabalhamos, então, com a categoria de *habitus,* para engendrarmos os processos de socialização estabelecidos pelos internautas, como modelos a serem seguidos, pois, mesmo sendo um espaço onde a permissão é ampla, os internautas acabam assumindo elementos estruturantes que transportam de seu *habitus* para o novo campo de interação.

O *habitus* se mostra como um sistema de disposições duradouras e transponíveis que, mesmo estando em um contexto virtual, assume características e papéis sociais pré-estabelecidos que são transferidos do real para o virtual. O *habitus* se mostrará como estruturas estruturadas, com uma disposição para funcionar como estruturas estruturantes, o que significa que suas práticas e representações são princípios geradores e organizadores.

A escolha da pesquisa empírica foi pela incursão no universo virtual em salas de *bate-papo,* com características supostamente heterossexuais, em que percebe-se a ideologia sexista de uma cultura dominante como elemento predominante. A maioria dos internautas, que se declaram *homens* e entram nas salas de *bate-papo*, tem como objetivo *conquistar* virtualmente, o que é, a princípio, característica da masculinidade heteronormativa, um internauta declarado supostamente do gênero feminino.

Na busca de compreender este universo foram feitas vinte e duas incursões, entre os meses de agosto e dezembro do ano de 2010, numa média de três horas por incursão, totalizando, aproximadamente, sessenta e seis horas, das quais três dessas incursões foram realizadas com o objetivo de reconhecimento do espaço e familiarização com a linguagem. Das dezenove restantes, dialogamos com cinquenta e sete internautas, dos quais tivemos retorno de onze aceitações de uso das entrevistas/diálogos, sendo estes utilizados como sujeitos de pesquisa. Os aceites estão registrados nas entrevistas realizadas; os quarenta e seis entrevistados que não aceitaram, ou deixaram dúvidas em relação à permissão de uso de suas falas não foram utilizados como objeto de análise em nossa pesquisa.

Inicialmente, definimos quais universos virtuais a serem pesquisados para, em seguida, optar por incursões em salas de *bate-papo* do provedor Universo Online (UOL) e *comunidades* do Orkut, no processo de delimitação do universo pesquisado. A escolha das salas de *bate-papo* do provedor UOL se deu pela facilidade de acesso e a delimitação da pesquisa, pois ele se configura, no período da pesquisa, como um dos mais usados no Brasil. As comunidades criadas a partir do sítio de relacionamento Orkut, foram incluídas como campo de pesquisa, devido à grande quantidade de usuários que se encontram nele e à possibilidade de se estabelecer outras relações virtuais.

A primeira fase consistiu em uma exploração inicial com três incursões a campo, que foram realizadas para nos familiarizarmos com o contexto a ser pesquisado. Nessa fase, descobrimos e desvendamos os caminhos que seriam percorridos na busca de coleta de dados, que passa por algumas etapas comuns a tod@s usuários, como: 1 - entrar no provedor (UOL); 2 – clicar em Bate–Papo; 3 – escolher o tipo de sala; 4 – clicar na sala escolhida dentre as 40 opções oferecidas (nesta etapa tem-se a opção de entrar ou espiar para ver o tipo de conversa e quem se encontra na sala); 5 – ao optar por *entrar* surge para o 'navegador' uma página com três etapas: verificação de segurança, identificação – criação de um *Nick*[4]*/Nome* em local indicado e, por fim, entrar na sala (no caso do internauta ser associado ao provedor ele tem a opção de digitar seu login e senha para ter permissão de entrada em qualquer sala que tenha disponibilidade, isto é, que não ultrapassou a quantidade permitida); após essas etapas, o internauta entra na sala escolhida e está pronto para interagir dialogando com os demais.

Ao entrar na página que contém as salas de *bate-papo*, deparamo-nos com a configuração de layout em que são distribuídas diversas opções de salas. No cabeçalho encontramos o slogan da UOL – Bate-Papo UOL – e, em seguida, algumas informações sobre os aspectos da abrangência de domínio desse sítio de relacionamento, tais como número de salas com webcam, número de salas abertas, número on-line e número de lugares disponíveis. Do lado esquerdo e acima da página, encontramos as opções de salas, divididas em:

Assinantes – criar salas; estados; idades; sexo e temas livres;

Cidades e regiões – mostra como opções grandes cidades e divisões por estado;

Idades – que oferece como opção divisões por faixa etária, sendo que a primeira faixa é de “15 a 20 anos” seguida por faixas que se configuram de 10 em 10 anos, iniciando-se pela de “20 a 30 anos” e terminando com a faixa “acima de 70 anos”;

4 Nick: tem significado de apelido, uma forma de identificação do usuário na sala de bate-papo. A intenção do Nick é preservar a identidade real do internauta

Outros Temas – amizade, encontros, namoro, sexo, imagens eróticas, outras imagens, variados, exterior, idiomas, religião, temas livres, criados por assinantes, clássicos.

Ainda, do lado esquerdo e na parte do meio para a inferior, alguns serviços são oferecidos: buscador por pessoas ou salas; uolsac (serviço de atendimento ao usuário) e agenda do bate-papo (bate-papo com pessoas famosas agendadas). Salas que apresentam um histórico maior de visitas aparecem em destaque e as demais estão dispostas do lado esquerdo do usuário. Encontramos também uma infinidade de anúncios de produtos que estão dispostos, de acordo com a proposta temática das salas a serem visitadas.

O lado direito da página é reservado para o marketing de produtos. Nesse espaço há uma variedade de produtos que vão desde calçados, produtos de informática até produtos eróticos, de acordo com o tema da sala escolhida e horário de entrada na página.

As salas de *bate-papo* configuram-se em temas que designam a proposta do tipo de relacionamento praticado, atributos físicos, credo ou de pessoas que o internauta irá encontrar. Encontramos exemplos de salas com temas como: *sexo*, *imagens eróticas*, *jogos*, *religiões*, *amizade* e outras salas em que a temática se expressa implicitamente, como: *idades* (adultas), *cidades e regiões*, *exterior*, *tema livre*. Notou-se também que, nessas últimas salas, os internautas estavam à procura de uma simples conversa, como também à procura de conversas relacionadas a sexo, como ficou claro na declaração de um dos nossos sujeitos de pesquisa, que diz:

- Booom, a maioria procura alguma mulher, que aceite brinca com webcam e etc....99%

Nossa opção e delimitação deste campo de pesquisa foram pelas salas, no total de 40, que têm como tema a proposta "idade: 20 a 30 anos", pois notamos características importantes contidas nessas salas para o seu desenvolvimento. Num primeiro momento, pela delimitação do *corpus* de pesquisa que se caracteriza entre 18 a 30 anos de idade, o que caracteriza a ideia de encontrarmos um público jovem e que se encontra de acordo com a proposta da pesquisa, devendo ressaltar que, em se tratando de um mundo virtual, nem sempre teremos a real noção do tipo de usuários que estaremos encontrando e se de fato sua idade virtual condiz com sua idade real.

Em um segundo momento, a idade, como componente da identidade, pode ser mascarada para que o usuário assuma outra identidade relacionada à geração, o que nos dá um indicador de que a geração é uma importante característica na formação da identidade. Isso foi confirmado, quando, em nossas incursões, encontramos internautas com menos de 20 anos e, com mais frequência, internautas acima de 30 anos, que assumiam idades fantasiadas.

A escolha também se fez por sexo/gênero declarado – heterossexual; justificada pelo objeto da pesquisa que é a masculinidade, vista na perspectiva heteroafetiva. Trabalhamos dentro de um contexto de suposição desta opção sexual, pois o tema da sala apenas nos indica que poderemos encontrar usuários em uma determinada faixa de idade, não deixando explícita sua opção sexual. Há que considerar a facilidade que a Internet proporciona ao usuário, de assumir uma identidade (que seja ligada à geração, à profissão, ao gênero, à etnia, à religião, à classe, entre outros) que nem sempre corresponde à sua. Assim, usuários que estão à procura de contatos interpessoais podem assumir diferentes identidades, o que nos dá mais um indicativo de análise e compreensão dos jovens que fazem o uso dessa ferramenta de tecnologia de comunicação para se relacionarem.

Os sujeitos desta pesquisa se definem, portanto, como sendo do gênero masculino e declaradamente heterossexual e que serão percebidos, inicialmente, pelos seus *Nick/nomes* e, posteriormente, mediante sua discursividade nas salas de *bate-papo*, fazendo com que os sujeitos da pesquisa, que formam o corpus deste trabalho, sejam supostamente compostos, em sua maioria, de homens, considerando que no contexto virtual a certeza em relação ao que é real está dentro de um imaginário construído, aceito e legitimado pelos participantes do mesmo, os internautas.

Optamos, numa segunda fase, por criar um pesquisador *virtual* que assumiu a condição de identidade de gênero feminino para a inserção no campo escolhido. Essa condição de "*pesquisador**a***" assumiu os atributos de identidade feminina idealizados pelo universo masculino, por exemplo, o de jovem, padrão de beleza atual, inteligente e com sensualidade e, justifica-se pela facilitação da aceitação nos contatos e diálogos com os sujeitos pesquisados, como demonstraremos mais adiante. Devemos deixar claro que o posicionamento ético dessa pesquisa foi respeitado, pois ao se apresentar como pesquisador**a** deixamos claro quais eram as intenções – o diálogo/entrevista para a obtenção de dados para uma pesquisa sobre masculinidade.

Essa pesquisadora virtual recebeu o *Nick/nome* de **Morena Sensual**, nome sugestivo que foi criado, após inserções exploratórias em que observamos que os *Nicks* utilizados nas salas de *bate-papo* pesquisadas sugeriam, na grande maioria, algo associado principalmente à sexualidade, à sensualidade, ao romantismo, à singeleza, a características físicas, à profissão, ao uso de webcam e alguns, eventualmente, com nomes próprios.

O *Nick* **Morena Sensual** traz, propositalmente, um apelo sexual-provocativo, de um fetiche masculino, no sentido de atrair internautas que estão em busca de algo que vai além do conhecer alguém, ou de uma simples conversa, o que facilita a condição básica de nossa pesquisa, que é o estudo da masculinidade com base no modelo heteronormativo.

A quarta estratégia foi criar um msn/messenger, onde nossa pesquisadora pode estabelecer contatos pessoais e uma página de Orkut para nossa pesquisadora virtual, cujo objetivo foi usar esse espaço de relacionamento virtual, para estabelecer contatos com pessoas e comunidades virtuais. Assim, navegamos em diversas comunidades que têm como características, ou a ligação com a afirmação da masculinidade, ou, ainda, que se manifestem referindo-se à masculinidade, como exemplo, a comunidade "Macho S.A. ou a ligação com o uso de MDE, como a comunidade "Eu uso Viagra". Esses último campo de pesquisa foi deixado de lado, pois as expectativas em relação contatos e interações com outros usuários não foram correspondidas.

Chamamos a atenção para a maneira pela qual os internautas criam seus *Nicks*. Alguns, do gênero masculino, buscam criá-los, fazendo menção a sua idade, profissão, estrutura física do corpo, cor da pele, nome próprio, referência a webcam, tamanho do pênis, enfim, nomes como:

MorenOSaradO; Moreno 25, KAULLIN h; máster(h); nego; Rafael 25 webcam; Sem Sentido; VanillaEssence; tatuado cam; Piloto-Comercial; MORENO SAFADO; Gabriel33-Poa; Bruno SSA; Médico-Cam; feioveio e gordo; gato simpático; PalyboySafadoSexy; $Samantha travesti; Carlos nextel RJ; bombeiro FARDADOw; porto seguro; personal 21 cam; IMPERADOR 29; Solteiro-25; solteiro webcam; FRED MARLEY; H Aphaville; LÉO 1981; MARCELO-SP; Tédio supremo/RS; ksado Safado; Marcos; Pau na CAM; Professor LindoCAM; RICARDOTADO; gostosinho_cam;

Na quinta estratégia adotada durante as entrevistas, nossa pesquisadora virtual induzia seus interlocutores a refletirem sobre a sua condição de masculinidade. Para tanto, provocava o sujeito da pesquisa, questionando-o, ou "jogando" com ele a possibilidade dele fazer uso de medicamentos de disfunção erétil e, portanto, colocando em xeque a sua virilidade. Esse elemento provocador teve como objetivo fazer com que os sujeitos/colaboradores se colocassem diante de uma situação não comum aos padrões da heteronormatividade.

Ao entrarmos em uma sala de *bate-papo*, com a opção escolhida, "idade de 20 a 30 anos", logo éramos abordados de uma forma tal que a linguagem utilizada expressava toda ideologia de um contexto criado na base da hierarquia masculina e etária. Isso só se rompeu em alguns casos, após o diálogo entrar em uma zona de confiabilidade e conforto.

No decorrer do diálogo entre pesquisador e internautas, a conversa foi sendo direcionada para os interesses da pesquisa e, para tal, a estratégia utilizada foi mostrar ao interlocutor que ele estava conversando com uma pesquisadora. Isso se deu de maneira muito simples e sem constrangimento, pois, nos contatos de aproximação, usuários das salas de *bate-papo* se identificam apresentando sua ocupação profissional, o que nos deixou confortáveis em nosso propósito.

A legitimação da condição de pesquisador dentro do referido espaço foi construída ao assumirmos uma identidade de gênero feminino para as nossas incursões em campo. Apresentávamo-nos na condição de "pesquisadora, doutoranda e professora", dando *status quo* de pesquisador a nossa identidade, criado dentro de uma produção ideológica legitimada pela intermediação entre campo de produção ideológica e campo das classes sociais. A intenção não foi de ludibriar nossos interlocutores, mas facilitar o desenvolvimento de nossa coleta de dados e mostrar que naquele espaço as possibilidades são infinitas. Nossa fonte de inspiração foi a literatura teatral à qual nós já fizemos referência – "O Homem da tarja preta", em que o personagem interage na rede assumindo uma outra identidade de gênero. Devemos deixar claro que utilizamos somente as entrevistas que foram permitidas pelos nossos sujeitos.

Ficou esclarecido que essa possibilidade só é permitida ou se dá o direito de permissão de uma subversão em um espaço virtual criado, pois este se apresenta como algo constituído pela enunciação, de se fazer ver e se fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, desse modo, a ação criada pela enunciação sobre o novo "mundo" cria um poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido no mundo real. "Portanto, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário" (BOURDIEU, 2001, p.14).

Segundo Bourdieu (1996), o empreendimento científico se inspira naquilo que só poderemos capturar da lógica do mundo social, se mergulharmos na realidade de uma particularidade empírica, historicamente datada e situada, para construí-la, como caso particular possível, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis.

> O pesquisador, ao mesmo tempo mais modesto e mais ambicioso do que o curioso pelos exotismos, objetiva apreender estruturas e mecanismos que, ainda que por razões diferentes, escapam tanto ao olhar nativo quanto ao olhar estrangeiro, tais como os princípios de construção do espaço social ou os mecanismos de reprodução desse espaço e que ele acha que pode representar em um modelo que tem pretensão de *validade universal*. Ele pode, assim, indicar as diferenças reais que separam tanto as estruturas quanto as disposições (os *habitus*) e cujo princípio é preciso procurar, não na singularidade das naturezas – ou das "almas" -, mas nas particularidades de *histórias coletivas* diferentes. (BOURDIEU, 1996, p. 15)

Atrás da tela e do teclado de um computador, os sujeitos podem assumir uma infinidade de identidades que lhes garantem, ao mesmo tempo, preservação de sua identidade real e dão autenticidade à nova identidade que pode vir a assumir. O *habitus* do sujeito transfere-se para o *habitus* virtual proporcionado pela sala, criando um espaço relacional virtual e real em que projetará suas práticas e representações geradoras e organizadoras de sua vivência, sejam elas reais ou imaginárias.

A *masculinidade,* como parte de um sistema simbólico de estruturas estruturantes, torna-se objeto de estudo, pois se constitui instrumento de análise que permite apreender como se manifestam as formas simbólicas de organização social. Torna-se, ainda, instigante, ao ser pensado por meio desse espaço de interação, pois, vista dentro dos padrões heteronormativos, pode ela se estruturar e reestruturar dentro de modelos socialmente desejados e aceitos, ou, pode, ainda, ser recriada dentro de modelos que subvertem toda a ordem estabelecida na e pela condição da masculinidade, o que nos leva a pensar em seu sentido plural - *masculinidades*.

Para se criar um ambiente provocador, em que os sujeitos possam manifestar as suas representações de masculinidades, acrescentou-se nos diálogos com os internautas, como já dito anteriormente, um diálogo baseado no avanço tecnológico médico/fármaco, isto é, o uso dos MDE de maneira recreacional como forma de "apimentar" as relações amorosas/sexuais ou de sustentação da virilidade.

Os medicamentos de disfunção erétil

Desenvolvidos pelas pesquisas de fármacos, os MDE têm como proposta, criada a partir de um discurso médico-normativo, resgatar a masculinidade – dentro de um imaginário – perdida pela disfunção erétil, causada principalmente pelo avanço da idade e estilo de vida. Esse discurso médico-normativo logo será desconstruído pelas diversas formas de uso que se faz desse tipo de medicamento.

Outro grupo social que não se enquadra no discurso médico-normativo, que é o dos jovens, descobriu na droga uma nova forma de suprir e repor suas energias nas práticas sexuais. A revista americana Health, em 21 de março de 2001, apresentou um artigo [5]denunciando o uso abusivo de MDE por jovens universitários. A reportagem revela o uso de medicamentos de MDE combinados com outras drogas, como anfetaminas, ecstasy e cocaína. Jovens estão buscando nesta combinação para potencializar suas emoções, em que as práticas sexuais deixam de ser relações amorosas e passam a fazer parte da ideia de se viver intensamente e perigosamente. O que está em jogo é a possibilidade de rearticulação das masculinidades, não perdendo o foco de sua hegemonia.

A Gazeta On-line, em 17 de julho de 2009, também faz uma denúncia do uso dos MDE associados ao uso de drogas como o ecstasy e a cocaína. Nessa reportagem, o autor chama atenção para os perigos que os medicamentos podem vir a causar, o que corresponde à normatização do discurso médico.

Sob uma perspectiva sociológica e com auxílio de ciências correlatas, como a Antropologia e a Psicologia, serão aqui discutidos aspectos do comportamento de sujeitos – jovens, ou que se sintam jovens, ou que se declaram jovens – que fazem, fizeram ou se propõem a fazer o uso de MDE (ainda dentro de um aspecto hipotético), mas que não apresentam problemas patológicos da mesma ordem e, portanto, não necessitariam do uso do medicamento na forma como ele é prescrito.

Estudar o que poderíamos denominar de comportamento de jovens que fazem uso de medicamentos de disfunção erétil, sem apresentarem problemas de ereção, é mergulhar em uma complexidade que envolve aspectos quanto à própria terminologia utilizada para se referir ao problema de disfunção erétil e

---

5 PETERSON, Karen. **Young men add Viagra to their drug arsenal.** Postado em 21/03/2001 -USA TODAY.

pensar as formas pelas quais esses jovens rompem com esse discurso médico de normatização.[6]

Jovens com faixa etária entre 20 a 30 anos, frequentadores de salas de *bate- papo,* à procura de estabelecer contatos com diversos propósitos: sexo - seja ele real ou virtual - amizade, desabafo, curtição com o outro que está do lado de lá, vender um produto, namorar, como eles mesmos dizem se relacionarem, enfim, uma infinidade de possibilidades que só a Internet pode proporcionar de maneira rápida e com dinâmicas próprias.

Por que trabalhar com a categoria de Disfunção Erétil e não com a de Impotência Sexual? Passando pela ordem das ideias, a invenção e o surgimento no mercado de fármacos do citrato de sildenafila, ou o popular Viagra, vai ser uma forma de (re)colocar a ereção no centro da atividade sexual, o que influencia no desenrolar das relações sexuais.

O tratamento da disfunção erétil foi trabalhado pelos laboratórios farmacêuticos dentro da proposta de construir uma nova atitude para o público, atitudes portadoras de novas normas da qualidade da atividade sexual. Em primeiro lugar, para Bozon (2004), houve uma evolução das definições médicas do problema: o que era tratado como impotência foi redefinido como disfunção erétil, o que altera a concepção etiológica do fenômeno e minimiza os traumas relacionais e sociais.

Fatores que predominavam nas discussões anteriores, como os psicogenéticos, foram substituídos por outros fatores, como orgânicos, ou ligados ao envelhecimento. Em segundo lugar, ocorre uma amplitude no fenômeno, uma vez que todas as panes sexuais foram assimiladas a alguma forma de disfunção erétil. O terceiro elemento é que o tratamento farmacológico foi proposto como o único possível, em detrimento de outras abordagens psicoterapêuticas.

> As campanhas do laboratório que produziu o Viagra visavam médicos, mas foram também orientados de maneira a atingir um público bastante amplo, estimulado a ousar dirigir-se aos médicos (a "romper o silêncio") em caso de problema de ereção (...) tornou-se o elemento motor da "patologização" dos distúrbios eréteis e do sucesso do produto, até mesmo antes que os médicos mudassem de atitude. (BOZON, 2004, p.144)

---

6 Normatização: Foucault desenvolveu a ideia de normatização em sua teoria do "biopoder", que pode ser descrito como um conjunto de práticas e discursos que determinam a normatização do desejo sexual. O biopoder utiliza a família, enquanto instituição privilegiada, para que se trace a linha divisória entre o que seria normal e patológico em relação à sexualidade. Para Foucault, a noção de biopoder corresponde aos interesses da vida nos jogos do poder da sociedade atuando sobre os corpos. O poder passa a dominar a vida de todos nós, um poder preocupado em produzir forças e foi, a partir do século XVII, que essa nova configuração de poder sobre a vida entra no cenário da sociedade ocidental, por meio de dois caminhos: pela tomada do corpo como máquina e pela biopolítica da população, na qual se captura do corpo toda a mecânica do ser vivo e dos processos biológicos que o atravessam.

Os MDE introduzem uma nova molécula social responsável pela estimulação da atividade sexual, na representação da sexualidade, com a tendência de dissociar os diferentes componentes do funcionamento sexual. A qualidade da ereção é colocada no centro das discussões sobre relação sexual, mas sendo encarada como um problema mecânico, isolado do resto do desenrolar sexual, principalmente quando esses medicamentos são usados pelo público jovem que trabalha com o imediatismo e faz de algumas relações algo de prazer momentâneo.

Idealizado como um afrodisíaco e não como um tratamento, o Viagra e seus similares irão despertar em certos homens o sonho de um desejo ilimitado e programável, o que cai como luva, diante do comportamento jovem, contribuindo para manter a visão tradicional da centralidade do desejo masculino.

Em entrevista dada para o sítio do Dr. Dráuzio Varella, o cirurgião vascular Dr. José Mário Reis afirma que 70% dos casos de disfunção erétil são de causas emocionais, o que nos dá alguns elementos para compreendermos o comportamento desses jovens. Os outros 30% são de causas orgânicas. Assim, ao estudar comportamentos que envolvem o uso de medicamentos de disfunção erétil temos que levar em consideração que,

> a disfunção erétil não envolve apenas o pênis. Quando se estuda esse órgão, deve-se pensar sempre nele e na pessoa que o comanda, na vagina que está a sua frente e na pessoa que comanda essa vagina. A relação entre pênis e ereção subentende um envolvimento entre pessoas. Daí, a grande dificuldade para determinar o diagnóstico. Sexualidade não é doença, é disfunção. Se o indivíduo quebra uma perna, o ortopedista avalia a fratura e trata daquela perna independentemente do que o paciente esteja pensando ou sentindo. Na sexualidade, ao contrário, o enfoque tem de ser emocional, porque o pênis faz parte do relacionamento íntimo entre duas pessoas. É de extrema importância estabelecer se ele funciona mal e compromete a relação, ou se funciona mal porque a relação já está comprometida. Como já disse, em 70% dos casos de disfunção erétil, a emoção está envolvida na causa. É impossível, por exemplo, manter a ereção se o casal for surpreendido por ladrões, pois o medo libera substâncias (adrenalina) que bloqueiam o estímulo sexual. Se o indivíduo atravessa um mau momento na vida, não se pode exigir que tenha bom desempenho eretivo. (REIS, Mário J. In: Sítio: Entrevistas com Dráuzio Varella, 01/09/2008)

Jovens que se encontram numa condição de desgaste e esgotamento físico devido a uma noite intensa de dança e consumo de droga e álcool criam um imaginário de que a noite deva ser completada com uma bela e intensa "transa". A depressão causada pelo uso de drogas, em conjunto com o estresse e desgaste físico da "balada", a ansiedade e o medo do fracasso em relação à parceira, podem contribuir para a disfunção erétil momentânea. Manter a potência diante da parceira é uma questão de honra; o controle do pênis em posição ereta é de "responsabilidade" do homem, ficando sua honra à mercê da parceira, o que é marca de uma masculinidade heteronormativa.

Temos que a *Disfunção Erétil*, segundo o I Congresso Brasileiro de Disfunção Erétil, é definida "como a incapacidade permanente em obter e/ou manter ereção rígida suficiente para uma atividade sexual satisfatória" (GRASSI, 2004, p.16) e, ainda, segundo a autora, o termo Disfunção Erétil passa a ser utilizado, a partir de 1992, como termo mais preciso e preferido para a impotência.

É recente a tentativa médica de dissociar a acepção de "impotência" dos portadores de algum tipo de insuficiência erétil. Essa tentativa busca encontrar um modo politicamente correto e menos preconceituoso para se referir sem que o homem carregue um estigma cultural.

> Impotente assinalava, assim, a qualidade de 'fraqueza', inaptidão comumente associada à fragilidade e passividade. Ser rotulado como incapaz, fraco, aparece, com o início dos sintomas, como o principal medo dos homens com DE – abre-se uma ferida identitária. (GRASSI, 2004, 17)

Disfunção Erétil, termo utilizado na prática clínica e médica, é incorporado pelas ciências humanas, como objeto de análise, bem como incorporado pelo marketing das indústrias farmacológicas.

Inicialmente podemos formular uma questão técnica acerca do assunto: Como a ereção se processa? Segue-se um resumo do que acontece quando se está sexualmente excitado.

Quando você vê, escuta ou sente alguma coisa "sexualmente excitante", seu cérebro envia um sinal que faz com que os músculos do seu pênis se relaxem. Quando isso ocorre, dois tubos existentes ao longo de seu pênis (denominados *corpo cavernoso*) enchem-se de sangue. O pênis se expande e torna-se rígido. À medida que os tubos se expandem, eles também fazem pressão contra as veias que transportam o sangue para fora do pênis. O sangue fica então bloqueado nos tubos e o pênis torna-se ereto.

É importante compreender o papel do fluxo de sangue na obtenção e manutenção da ereção. Em muitos casos, a disfunção erétil é causada por outros problemas de saúde que podem restringir o fluxo de sangue por todo o corpo, inclusive no pênis. Assim há causas comuns da disfunção erétil (DE).

Alguns homens acreditam que a disfunção erétil é parte inevitável do envelhecimento. Não é. A disfunção erétil é usualmente provocada por outras condições de saúde, uso de medicamentos ou hábitos que interferem no fluxo de sangue. Alguns desses problemas de saúde ocorrem mais comumente à medida que se envelhece — mas isso *não* causa a disfunção erétil. Alguns fatores como *condições de saúde*, *o uso de medicamentos*, *hábitos e estilo de Vida*, podem levar a ela.

Ao se falar em disfunção erétil, é importante observarmos que, segundo o I Congresso Nacional de Disfunção Erétil, DE não se constitui doença que necessite de um tratamento específico. Para Grassi (2004), a clínica médica considera a modalidade terapêutica desejada pelo paciente, mas nos encontramos frente a uma patologia que poderíamos denominar de ordinária, "no sentido de freqüente, comum, habitual, que não oferece riscos à integridade física do sujeito" (2004, p.51) podendo, assim, ser levado em conta o desejo do paciente no tratamento.

Assim, em relação à dinâmica masculina, o medicamento é algo crucial com relação às falhas eréteis, pois traz a promessa que os homens procuram - a de obter de forma segura, não invasiva e eficaz, uma ereção potente, firme e durável. Os medicamentos de disfunção erétil, como o Viagra e outros, surgem dentro de uma perspectiva médico-normativa, como formas alternativas aos tratamentos de DE, dando uma trégua na ansiedade de desempenho da masculinidade.

Análise estrutural das Salas de *Bate-papo* pesquisada.

Por um lado, veremos que o espaço social será pensado em duas dimensões. A primeira, pensada pelo volume global de capital e a segunda, de acordo com o peso relativo dos diferentes tipos de capital, econômico e cultural.

O que Bourdieu (2001) está propondo é pensar o espaço em duas dimensões, vistas a partir de suas diferenças em que o capital, que o indivíduo traz consigo, será o marcador dessas diferenças. Porém, na dimensão das interações no espaço virtual, essa primeira dimensão toma uma conotação com suas particularidades. O capital global se pulveriza em um imaginário simbólico permitido nesse espaço.

Na primeira dimensão, classificada como a dos detentores de um grande volume de capital global, encontramos uma infinidade de membros possuidores de um capital econômico e cultural e, ao mesmo tempo, um número significativo de membros só possuidores de capital cultural, que opor-se-ão na ocupação desse espaço. Porém, quando da análise da revista percebemos que ela se propõe a trabalhar com um público que é possuidor de um capital cultural e econômico. Mesmo articulando com base em uma linguagem relativamente simples, ela se propõe a delimitação do seu público consumidor, configurando-se campos contrários na compreensão da masculinidade.

Na segunda dimensão, o fundamento de diferenças se dá com base nas posições e disposições do capital cultural relativo. Veremos, por exemplo, que a distinção está no status que as profissões ocupam. O exemplo se dá quando da escolha dos *Nicks* que podem ser reais ou não, mas que se mostram construídos pelas posições e disposições do capital cultural, como representação simbólica; é comum *Nicks* se referindo à "profissão médica", quando o status se refere ao poder/saber/econômico. Ou o *Nick* "bombeiro" quando o status se refere ao fetiche sexual.

Portanto, o espaço social, será o espaço de posições sociais que se "retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*)", ou ainda, ele mostrará que no sistema de separações diferenciais encontraremos um sistema de separações com base nas práticas e nos bens que se possui (BOURDIEU, 2005), mesmo sendo este, como veremos em nossa pesquisa, um espaço virtualmente criado nos dois sentidos.

O *habitus* tem como função dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular, ou de uma classe de agentes que se manifesta nos espaços sociais. Assim, o *habitus* é o princípio gerador e unificador que reproduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição, em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. Como esta pesquisa traz dois campos diferentes, porém não distintos, o real e o virtual, veremos que o *habitus* irá requalificar a sua função de acordo com o universo pesquisado.

Por outro lado, o que encontramos nos espaços sociais construídos na Internet é que o *habitus*, como princípio gerador e unificador, será retrabalhado, a partir de um conjunto de condições nas quais o capital cultural e o capital econômico desaparecem, em certo aspecto, como elementos estruturadores desse espaço, já que ele não revela de fato o pertencimento e posicionamento do indivíduo.

O *habitus,* aqui, enquanto elemento estruturado, se estrutura a partir de outros elementos de capital, o capital de domínio dos meios de comunicação, criado por esse novo espaço, mas que estabelecerá condições para que o poder simbólico permaneça, isto é, um poder que é estruturado por elementos de *habitus* que estão fora desse mundo virtual.

Transferidas as práticas reais para o campo virtual, observam-se a constituição e a tentativa da manutenção de um poder simbólico que, ao mesmo tempo, pode sofrer inversões que são permitidas, a partir da subversão da ordem estabelecida, já que as certezas no campo virtual se pulverizam diante das infinitas possibilidades que são dadas. Esse poder simbólico, seja ele reconstruído ou subvertido, prepara o terreno para entendermos, mais adiante, como são construídas as relações pelas quais um poder simbólico é instituído no processo de dominação reproduzido no espaço virtual.

Os espaços de interação da internet podem ser vistos como parte desse sistema, pois se articulam dentro de uma concepção de linguagem própria e dentro de uma nova concepção – o virtual – que também se modela por um conjunto de estruturas estruturantes.

Ao estabelecermos o diálogo com os internautas, nota-se que eles trazem consigo elementos de uma estrutura estruturada que não é sua, mas do contexto do qual eles fazem parte, portanto, o seu *habitus*, modelado pelo novo *habitus* constituído e estruturado virtualmente. A revista traz esta mesma estrutura estruturante, já que propõe ao "homem" se (re)estabelecer enquanto "macho dominante" sem perder suas características de dominador, mas aberto a novas possibilidades.

Conclusão

Sairmos da percepção com base no senso comum foi, é e será a tarefa mais complicada e complexa em um estudo das Ciências Sociais sobre o tema, pois estávamos entrelaçados numa teia na qual a masculinidade é, aparentemente, vista como algo pertencente ao natural. Isso demonstra todo o envolvimento que a temática tem com o processo de organização social e toda a complexidade da teia de poder que emana dele. Discutir a masculinidade foi nos projetarmos, primeiramente, para fora de todos os elementos que nos constituí enquanto sujeito possuidor de uma identidade de gênero masculina. Assim, o olhar procurou ser projetado de fora, o que não justifica dizermos que estamos isentos de ideologias e pré-conceitos formados sobre o tema.

O que essa pesquisa nos permitiu foi alcançarmos amadurecimento teórico, metodológico, profissional e de pesquisa, para pensarmos a realidade de maneira diferente.

Afirmar que a construção e formação da *masculinidade* vêm sofrendo mudanças na sua concepção é mostrar que os contextos e as relações sociais são os reais provocadores dessa mudança. Achar um único ponto em que essa mudança se faz representativa seria incorrer em erro. O que a pesquisa nos proporcionou foi demonstrar algumas condições, específicas, que nos possibilitaram compreender não só as mudanças em si, mas como os espaços e as condições sociais geridas por eles podem provocar certas mudanças.

Observamos que o indivíduo que assume características de uma masculinidade desejada socialmente às assume dentro de um processo de construção, ao mesmo tempo em que estão sendo bombardeados por uma infinidade de provocações que colocam em jogo e risco a sua condição de ser socialmente determinado dentro de um padrão heteronormativo, o levam a introjetar mudanças que o subvertem e, portanto, subvertem a estrutura socialmente desejada, mesmo que ainda de forma sutil e imperceptível por este indivíduo.

Portanto, ao sugerir um novo campo para o desenvolvimento da pesquisa empírica, com base na temática *masculinidade*, abriu-se a possibilidade de compreendermos e entendermos como, nos novos espaços de interação, estão se criando e recriando os processos de subjetivações desse *ser social masculino*, possibilitando que ele possa vir a assumir identidades múltiplas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. "O corpo na teoria antropológica". In: Revista de Comunicação e Linguagem, 33: 49-66, 2004.

_____. **Senhores de Si:** uma interpretação Antropológica da Masculinidade. 2.ed. Lisboa: PT, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **O Poder Simbólico.** 4ªed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Os usos sociais das ciências:** por uma sociologia clinica do campo. Trad. Denice B. Catani. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. **Razões Práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade.** Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo". In: Cadernos Pagu (11) 1988, PP. 11-42.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da Maternidade:** uma crítica a Freud a partir da

mulher. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

COELHO, Maria C. "Trocas materiais e construção de identidades de gênero". In: MOITA LOPES, Luiz P. da; BASTOS, Liliana C. (orgs). **Identidades:** recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

CONNELL, R. W. "Políticas da Masculinidade". In: Revista Educação e Realidade, 20(2): julho-dezembro de 1985, pp. 185-206.

DUARTE, Luiz F. D. "A Sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções". In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs). **Sexualidades e Saberes:** convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **A ordem do discurso.** 9ª ed.São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. **As palavras e as Coisas.** 8ª ed.São Paulo: Martins Fontes, 2002a

_____. **História da Sexualidade**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

(Volume 1)

_____. **História da Sexualidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. (Volume 2)

_____. **História da Sexualidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002b. (Volume 3)

_____. **Microfísica do Poder**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Vigiar e Punir.** 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002c.

GIAMI, Alain. "A medicalização da sexualidade: Foucault e Lantéri-Laura: História da Medicina ou História da Sexualidade?", In: PHISYS, Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro 15(2): 259-284, 2005.

_____. "Permanência das Representações do Gênero em Sexologia: as Inovações Científicas e Médicas Comprometidas pelos Estereótipos de Gênero". In: PHISYS, Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro 17(2): 301-320, 2007.

GIFFIN, Karen. "A inserção dos homens no estudo de gênero: contribuições de um sujeito histórico". Ciência e Sociedade, 10(1): 47-57, 2005.

GIFFIN, Karen; CAVALCANTI, Cristina. "Homens e reprodução". In: Revista de Estudos Feministas (53), Florianópolis, janeiro-fevereiro/1999, pp. 53-71.

GOMES, Romeu. **Sexualidade Masculina, Gênero e Saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

_____. "Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. In: Revista Ciência e Saúde Coletiva. 8 (3): 825-829, 2003.

GRASSI, Maria V. F. C.; PEREIRA, Mário Eduardo C. "O 'Sujeito-sintoma' impotente na Disfunção Erétil". In: Ágora, v. IV, n.1, jan/jun 2001, p.112.

GRASSI, Maria V. F. C. **Psicopatologia e Disfunção Erétil.** São Paulo: Escuta, 2004**.** Biblioteca de Psicopatologia Fundamental.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MISKOLCI, Richard. "Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência". Revista de Estudos Feministas, 14(3): 681-693, 2006.

_____. "O armário ampliado – notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet". In: Revista Gênero, Niterói – RJ, v.9, n 2, pp 171-190, 1. Sem. 2009.

NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina:** a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PISCITELLI, A.; CORRÊA, M. "Flores do Colonialismo" – Masculinidade numa perspectiva antropológica. In: Cadernos Pagu, (11) 1998: pp. 201-229. Entrevista com Miguel Vale de Almeida.

PISCITELLI, Adriana. "Gênero em Perspectiva". In: Cadernos Pagu (11), Núcleo de Estudos de Gênero/Unicamp, 1998: pp. 141-155.

_____. Resenha: "The gender of the gift"; In: Cadernos Pagu (2)1994: pp.211-219.

_____. "Viagens e sexo online: a Internet na geografia do turismo sexual". In: Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp. 281-326.

REIS, Mário J. In: Sítio: Entrevistas com Dráuzio Varella, 01/09/2008.

ROHDEN, Fabíola. "A construção da diferença sexual na medicina". In: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19 (Sup. 2): S201-S212, 2003.

_____."Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das disfunções sexuais". In: **Revista de Estudos Feministas.** Florianópolis, 17(1): 89 – 109, janeiro-abril/2009.

SCAVONE, Lucila. "Estudos de gênero e feministas: um campo científico". 31º Encontro Anual da Anpocs, 22 a 26 de outubro de 2007, Caxambu – MG.

_____. **Dar a vida e cuidar da vida:** feminismo e ciências sociais. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (orgs.). **O Legado de Foucault.** São Paulo: Editora Unesp, 2006.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Revista Educação e Realidade. V.16, nº2, jul/dez 1990. pp. 5-22.

_____. “'La querelle dês femmes' no final do século XX”. In: Revista de Estudos Feministas, ano 9, 2º semestre de 2001.

_____. “O enigma da igualdade”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005.

SOROMENHA, Ana. “Geração Explosiva: as drogas recreativas invadiram a noite- a nova moda são cocktails bombásticos de ecstasy e Viagra”. Consultado em 26 de setembro de 2009. In: www.expresso.pt.

VEJA ONLINE. “O perigo do Viagra barato: uso indevido”. Por Natalia Cuminale, postado em 21 de junho de 2010.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino:** dominação das mulheres e homofobia. Revista Estudos Feministas, Ano 9, 2º semestre de 2001. pp, 460-482.

_____. “Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo.” In: SCHPUN, Mônica R. (org.). **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLOGIA NA ANÁLISE DA EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Hidelberto de Sousa Ribeiro[7]

Resumo

A Sociologia como disciplina universitária sempre foi e continua sendo importante para a formação de acadêmicos, uma vez que os leva à reflexão crítica de questões sociopolíticas, como também permite à formação de indivíduos conscientes de seus papéis enquanto cidadãos. Este artigo descreve nossa experiência como ministrante dessa Disciplina e os resultados que ela proporcionou aos participantes do Projeto de Extensão "**A Sociologia Rural Frente à Expansão do *Agronegócio***", realizado aos sábados, entre 26/03/2009 e 26/11/2009. Do Projeto participaram alunos do Campus Universitário do Araguaia - CUA/UFMT, das Faculdades Unidas do Vale do Araguaia - UNIVAR, das Faculdades CATHEDRAL, professores ligados ao CEPROTEC – Centro Profissional de Tecnologia, atualmente conhecida por Escola Técnica de Barra do Garças, vinculada à Secretária de Estado de Ciência e Tecnologia – SECITEC-Mt, professores das redes públicas de Ensino de Barra do Garças-Mt e da cidade de Aragarças-Go, assim como da Cooperativa de Ensino do Médio Araguaia – COOPEMA. Os referenciais teóricos fornecidos pela Sociologia Rural e pela Geopolítica foram fundamentais para o entendimento de questões que envolvem atualmente a Amazônica Legal, cuja ênfase girou em torno da problemática do avanço de sua fronteira, da apropriação privada da terra, da renda da terra e do *agronegócio*. Durante o Curso discutiu-se o desenrolar do processo que levou a um busca desenfreada por terras desse imenso território, numa luta em que capitalistas agrários, multinacionais, grileiros e especuladores de terra exercem grande pressão junto às comunidades amazônica, principalmente, as indígenas, de posseiros e de ribeirinhos, visando à formação de novos *fronts* agrícolas, mais próximos dos portos de Santarém-Pa e de Itaqui-Ma, que, por suas localizações, encurtam os espaços dos centros consumidores da soja brasileira, como os EUA e a Europa. Também pelas discussões suscitadas em aula os participantes puderam perceber a importância que a Soberania Nacional, o Estado de Direito e a cidadania têm para a construção de uma nação democrática. A metodologia utilizada durante as aulas se baseou em textos de autores que trabalham com a questão agrária na Amazônia Legal, em artigos e livros que versam sobre Geopolítica e Sociologia Rural, em filmes sobre cultura dos povos dessa região, em dados do INCRA, do IBGE, da Comissão Pastoral da Terra e da FUNAI que tratam da questão fundiária brasileira e em imagens de satélites.

---

7 Doutor em Sociologia pela UNESP. Mestre em Geografia Humana pela USP. Professor de Sociologia do Campus Universitário do Araguaia / UFMT

Palavras-chave: Fronteira. A*gronegócio.* Soberania. Comunidades. Violência.

Introdução

Quando pensamos na realização do Projeto Extensão "**A Sociologia Rural Frente à Expansão do *Agronegócio"***, tínhamos clareza de que o Curso proporcionaria às pessoas da comunidade e das universidades as condições teóricas e científicas necessárias ao entendimento de questões que permeiam à situação agrária na Amazônia brasileira.

A intenção maior era que, por meio das contribuições teóricas fornecidas pela Sociologia Rural e pela Geopolítica, os participantes tivessem condições de entender e desmistificar preconceitos, bem como o senso comum que envolve a problemática da estrutura fundiária brasileira, algo que se tornou histórico. Nesse processo temos, de um lado, o grande proprietário, visto como herói e, de outro, o pequeno produtor e os índios, concebidos como demônios e/ou vilões. Nesse cenário a proposta do era fazer com que quem concluísse o Projeto deveria estar em condições teóricas para debater e, assim, procurar disseminar junto à sociedade o que realmente envolve a problemática da terra no Brasil, em especial, na Amazônia Legal.

O desenvolvimento do Projeto/Curso foi extremante rico e gratificante em termos de experiências. Dele participaram alunos do CUA - Campus Universitário do Araguaia/UFMT, das Faculdades CATHEDRAL e da UNIVAR - Faculdades Unidas do Vale do Araguaia, assim como professores CEPROTEC – Centro Profissional de Tecnologia, conhecida atualmente por Escola Técnica de Barra do Garças, vinculada à Secretária de Estado de Ciência e Tecnologia – SECITEC-Mt, professores das redes públicas de Ensino de Barra do Garças-MT, de Aragarças-GO e da COOPEMA – Cooperativa de Ensino do Médio Araguaia. Contando inicialmente com 37 (trinta e sete) inscritos, o Projeto chegou ao seu final com 25 (vinte e cinco) concluintes: onze do CUA/UFMT, um da CATHEDRAL, cinco da UNIVAR, um da comunidade, três do CEFAPRO, três da Rede Pública de Ensino e o ministrante. Vale ressaltar que, entre os que concluíram o Curso, três entraram no mestrado. O Projeto, em forma de Curso, ocorreu no período 26/03/2009 a 26/11/2009, com aulas aos sábados, ministradas nas dependências do CEPROTEC – Centro Profissional de Tecnologia, como parte de uma parceria envolvendo esse Centro e CUA/UFMT.

Os referenciais teóricos fornecidos pela Sociologia Rural e pela Geopolítica foram fundamentais para o entendimento das questões que envolvem a Amazônica Legal[8] tais como a concepção de fronteira, apropriação privada da terra, renda da fundiária e *agronegócio*, além de questões socioculturais. Assim, pôde-se entender e refletir a respeito os motivos que resultaram na busca desenfreada pelas Terras do Meio[9], um imenso território situado na Amazônia Legal que abrange terras localizadas entre o nordeste do estado de Mato Grosso, Sul do estado do Pará, oeste do estado do Maranhão, sul do Piauí e norte do estado do Tocantins. De acordo com o ISA – Instituto Socioambiental a Terra do Meio localizado no cento do Estado do Pará

> [...] é uma das regiões mais importantes para conservação da sociobiodiversidade da Amazônia, mas também o palco de um dos maiores conflitos fundiários do Brasil. Seu destino pode servir para avaliar a real capacidade do Poder Público para desenvolver e proteger a floresta amazônica.
>
> [...] tem mais de 90% de seu território ainda bem conservados, mas sofre com o avanço da fronteira agrícola e um intenso conflito fundiário que envolve desde as comunidades locais e fazendeiros até poderosos grupos econômicos nacionais. A área é alvo de grileiros, pistoleiros, garimpos e madeireiras ilegais por causa de seus imensos estoques de madeiras-de-lei, minérios, terras públicas e devolutas.[10]

LOCALIZAÇÃO DA TERRA DO MEIO – ESTADO DO PARÁ

8 **. De acordo com IBGE a Amazônia Legal, estabelecida no artigo 2 da lei nº 5.173, de outubro de 1966, abrange os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, parte do Maranhão e cinco municípios de Goiás. Ela representa 59% do território brasileiro, distribuído por 775 municípios, onde viviam em 2000, segundo o Censo Demográfico, 20,3 milhões de pessoas (12,32% da população nacional), sendo que 68,9% desse contingente em zona urbana. Disponível em IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=799*. Acesso em 10/09/2012.***

9. Trata-se de um imenso território; uma enorme área de fronteira ainda não ocupada pelo por agentes do *agronegócio*, por isso passou a ser objeto de cobiça dos grandes capitalistas agrários.

10**. Notícias socioambientais - Socioambiental. Disponível em:**

www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2329.

(Área entre as rodovias Cuiabá-Santarém e Transamazônica e o Rio Xingu)

Fonte: Júnior Felício Pontes et. al. (2004). Terra do Meio: Poder, Violência e Desenvolvimento.

Na busca desenfreada por terras desse território existe uma forte pressão sobre as comunidades que fazem parte do Parque Nacional do Xingu, principalmente, de indígenas, de posseiros e de ribeirinhos, tornando essas terras alvos de assédio de multinacionais, como a ADM (Archer Daniels Midland), CARGIL, BUNGE e GRUPO ANDRÉ MAGGI. Uma dinâmica que envolve a indução de correntes migratórias, especialmente, de migrantes sulistas, violência, grilagem e expulsão de posseiros e índios.

Todo esse processo visava e visa à formação de novos *fronts* agrícolas, mais próximos aos portos de Santarém-PA e de Itaqui-Ma, e ao mesmo tempo mais perto dos centros consumidores da soja brasileira (*comoditty* agrícola mais vendido no mercado internacional), como os EUA e Europa.

Pelas discussões suscitadas em aula, pode-se afirmar que o Projeto, além proporcionar conhecimentos aos participantes, foi uma grande experiência em termos de entendimento sobre Soberania Nacional, Estado de Direito e Cidadania.

Posto isto, refletir a respeito da estrutura fundiária brasileira e os problemas que o avanço da fronteira agropecuária provoca não só nas cidades que fazem parte da chamada Amazônia Legal, como também no imenso território que forma as regiões do Médio e Baixo Araguaia, se tornou um desafio para todos os envolvidos. A aplicação dos conhecimentos sociológicos na análise da realidade dessas regiões, contribuiu para se entender como ocorre o processo de avanço da fronteira e do *agronegócio* sobre as terras de posse, da pequena propriedade rural e das terras indígenas, o que permitiu se perceber o papel que as classes dominantes e a grande mídia jogam na defesa da grande propriedade fundiária, sempre desqualificando os indígenas e a pequena propriedade, consequentemente, o pequeno produtor, principal responsável pela produção de hortifrutigranjeiros necessários ao abastecimento dos centros urbanos. Para isso o Projeto foi desenvolvido em torno de cinco objetivos específicos, a saber:

1) Discussão das concepções geopolíticas que nortearam e norteiam o avanço da fronteira agrícola na Amazônia Legal,

2) Estudo das políticas territoriais e dos projetos governamentais implantados na Amazônia Legal a partir dos anos sessenta,

3) Análise da concepção de expansão da fronteira e de *agronegócio*, tendo como ideia central uma noção de desenvolvimento que tem como marca a contradição, visto que, ao mesmo tempo em que gera enorme avanço técnico-científico e muita riqueza, provoca, em contrapartida, muita pobreza e exclusão para a maioria da população fazendo com que ocorra intensa migração entre cidadãs da Amazônia Legal,

4) Busca de informações que comprovassem que, nas regiões do Médio e Baixo Araguaia, existe uma parcela muito pequena de população rural que produz hortifrutigranjeiros para o abastecimento das cidades localizadas nessas regiões e que a grande parte desses produtos, necessários ao abastecimento de tais cidades, vêm de longe, tornando-as praticamente dependentes de gêneros alimentícios produzidos por pequenos produtores das cidades de São Paulo, do Triângulo Mineiro e de Goiás. Esses produtos ao percorrem longas distâncias para serem distribuídos maior rapidez, o que envolve uma eficiente e grande rede de logística, o que encarece os produtos e ao mesmo tempo coloca em risco a vida de motoristas envolvidos nos transportes desses produtos já que chegam a dirigir por cerca de quatorze horas seguidas. Isso só comprova que, embora o Estado de Mato Grosso tenha se tornado um dos estados mais urbanizados do país, em

decorrência do *agronegócio,* não dá a devida importância para o pequeno produtor, que é aquele que é o grande responsável pelo abastecimento dos centros urbanos e, finalmente,

5) Destaque para os impactos que a globalização econômica provoca no *agronegócio,* e como isso interfere no território que forma as regiões do Médio e Baixo Araguaia.

A metodologia utilizada durante as aulas se baseou em textos de autores que trabalham a questão agrária da Amazônia Legal, em artigos e livros que versam sobre Geopolítica e Sociologia Rural, em dados do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, da Comissão Pastoral da Terra e da FUNAI – Fundação Nacional do Índio, instituições de uma maneira ou de outra estão envolvidas com a questão fundiária e agrária brasileira, além da análise das imagens de Satélites. A carga horária foi de setenta de duas (72) horas o Projeto/Curso o suficiente para se discutir os seguintes conteúdos**:**

- Noções sobre fronteira, expansão de fronteira e fronteira agropecuária.
- Fronteira como espaço da violência, do encontro/desencontro de culturas e da escravidão.
- Fronteira como lugar de grilagem, especulação imobiliária e extração de renda fundiária.
- Processo de modernização da Amazônia Legal: Geopolítica e *agronegócio*.
- *Agronegócio* e processo de integração.
- A Agroindústria e a modernização da Agricultura Brasileira.
- Logística de transporte, armazenamento e de circulação de grãos.
- Estrutura fundiária brasileira,.
- Movimentos sociais e políticos no campo: UDR – União Democrática Ruralista, Instituição que agrega proprietários rurais, MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras entre outros.

DESENVOLVIMENTO

Num primeiro momento do Curso buscou-se discutir o conceito de fronteira, tendo como referência teórica Martins (1997; 1996), Becker (2007, 2003), Cataia (2006) e Machado (1982). A noção de fronteira foi entendida como o momento em que as relações sociais e políticas estão, de certo modo, marcadas pelo movimento de expansão demográfica sobre terras "não ocupadas" ou "insuficientemente" ocupadas.

Para Matins (1997; 1996), a história do recente de deslocamento da fronteira é um processo de violência, no qual os conflitos *interétnicas* e sociais fazem muitas vítimas. Por isso, a fronteira deixa de existir quando os conflitos desaparecem e os diferentes tempos que marcam as vidas das partes conflitantes se fundem num só, momento em que as diversas alteridades são "subsumidas" dando lugar à alteridade política, ou seja, quando o ***outro*** *se tona a parte antagônica do* ***nós****.*

Disso ficou claro que por expansão de fronteira agrícola é o processo de ocupação de espaços ainda não ocupados pelo capital, ou seja, aqueles espaços ainda disponibilizados para o capital. Vale dizer que esse processo de expansão da fronteira amazônica, inicialmente, esteve fundado na implantação de medidas com vistas à modernização da agricultura nas zonas de antiga ocupação em que, de um lado, se incentiva a produção agrícola em grande escala e a a prática da monocultura para o mercado de exportação e, de outro, se visa à sujeição do trabalho ao capital.

Essas medidas formaram alguns dos pilares que nortearam o modelo político e econômico implantado pelos militares, visando o povoamento e desenvolvimento da Amazônia. No entanto, há que se ressaltar que, na intenção de fazer uma reforma agrária, o Regime Militar criou uma situação na qual a terra passou de valor de uso para objeto de troca, portanto, mercadoria, objeto de compra e venda no mercado.

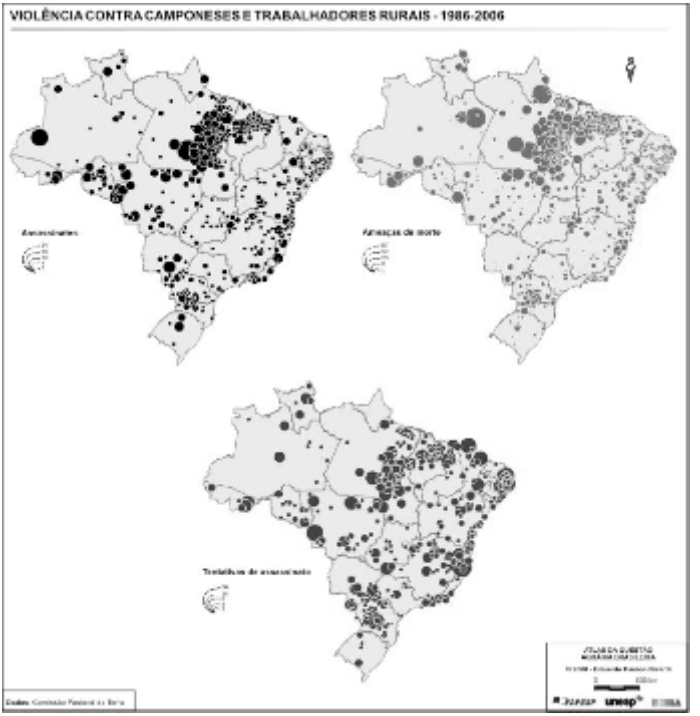
Para que houvesse eficácia nos seus propósitos, o Governo Federal cria, em 1966, a Superintendência para Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, órgão responsável pela liberação e concessão de investimentos e monitoramento de projetos agropecuários no enorme território da Amazônia Legal e, consequentemente, da Região do Médio Araguaia.

Em complemento a essa medida o Governo Militar cria, em 1970, o Programa de Integração Nacional (PIN), um conjunto de ações que envolveram a construção da Rodovia Transamazônica, ligando o nordeste ao Acre, a Rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163) e a Rodovia Belém-Brasília, tudo isso interligando a a Amazônia aos mais longínquos cantos do Brasil. Ações como essas visaram valorizar e povoar a Amazônia e, ao mesmo tempo, torná-la produtiva, inserindo-a na economia de mercado.

Por Amazônia Legal entende-se um enorme território em que abarca os estados do Acre, Rondônia, Roraima, Amapá, Amazonas, Pará, Mato Grosso, "mais a porção ao norte do paralelo 13ºS do estado de Goiás e a porção a oeste do meridiano 44ºW do estado do Maranhão" (OLIVEIRA, 1987, p. 11). Nesse enorme território que, a partir da década de 60, são implantados projetos de colonização para pequenos produtores da região Centro-Sul do País e a concessão de terras e incentivos fiscais para empresários que quisessem investir ali.

Nesse enorme território se desencadeia uma acirrada luta pela posse da terra, marcada por uma lista de violências não só contra a natureza física, mas também humana, aparecendo em forma de desmatamento, intimidação, ameaças e constrangimentos contra populações de posseiros, ribeirinhos, pequenos proprietários e índios. O mais grave de tudo isso é que o próprio Estado ao se omitir em relação a essas questões se torna o grande avalista para que indivíduos e empresas ocupem terras devolutas, consequentemente, ocupando terras pertencentes à União.

Segundo Girardi (2008), a partir de dados a Comissão Pastoral da Terra, mostra que esses trabalhadores sofrem violência direta contra a pessoa, sofrem violência direta contra as ocupações de terra, contra suas posses e seus bens. Nesse conjunto de violências, em 2006 a CPT registrou 1.212 ocorrências que totalizaram 1.809 famílias expulsas da terra, 19.449 despejadas da terra, 12.394 ameaçadas de expulsão, 16.389 ameaçadas de despejo, 5.222 casas destruídas, 2.363 roças destruídas e 4.165 bens destruídos. Esse número de violência é tomado a partir de análise os despejos judiciais, praticados pelo Estado, e de expulsões da terra, praticada por particulares. O **mapa a seguir** mostra as áreas onde mais se concentram as violências contra os trabalhadores rurais.



Fonte: Girardi (2008) Atlas da Questão Agrária Brasileira

Interessante notar que a expansão da fronteira agrícola na Amazônia Legal gerou cidades e municípios para servirem apenas de logística para o *agronegócio*, por isso, são ordenados e administrados em conformidade com interesses das classes hegemônicas, formando verdadeiros bolsões de segregação econômica, étnica e cultural. Nessa perspectiva, aparecem territórios que são verdadeiros enclaves sociais, tendo, de um lado, os ricos e as classes médias e, de outro, os pobres e os desqualificados tecnicamente.

Esses territórios são resultantes de uma proposta de desenvolvimento, cuja finalidade era converter aquilo que os geopolíticos viam como "espaço vazio" em espaços de extração de renda fundiária. É isso que atrai grileiros, empresários de vários ramos de atividades, donos de imobiliárias, cooperativas de colonização, pistoleiros e trabalhadores sem terra, que vão entrar em confronto com populações indígenas e de posseiros residentes na Amazônia Legal. Com o passar dos anos, o avanço da fronteira passou a estar diretamente associado ao *agronegócio,* mostrando um processo em que devastação e pobreza, de um lado, e riqueza, de outro, fazem parte da mesma realidade.

De acordo com Inácio (1995), posseiros e nativos residentes nas terras situadas no Baixo e Médio Araguaia sofreram grave desestruturação ambiental, cultural e social, a partir da chegada dos migrantes e empresários do setor agrícola, os grandes responsáveis pela criação de novos *fronts* agrícolas e de novas cidades.

O momento de violência e devastação ambiental que atravessa o campo brasileiro, em particular a Amazônia Legal, é determinado pelo *agronegócio* e pela insensatez do governo brasileiro, chegando a acoplar expansão da fronteira agrícola ao pagamento da dívida externa. Essa concepção fez com que aquelas terras das regiões Norte e Centro-Oeste passassem a ser objeto de cobiça por parte de grileiros, de especuladores de terras e de fazendeiros internacionais.

Num segundo momento do Curso**,** com base nos estudos do geógrafo Milton Santos (2002), discutiu-se a dinâmica que envolve a expansão da fronteira amazônica e, consequentemente, o avanço do *agronegócio*. Isso levou o grupo a refletir a respeito de dois pontos. O primeiro é que, de um lado, o *agronegócio* força a implementação de toda uma *tecnosfera* voltada para a produção e circulação de riquezas. De outro, essa mesma *tecnosfera*[11] provoca uma *psicosfera social* cuja marca é a pobreza e a exclusão social.

---

11 Tecnosfera deve ser entendida como um processo que associa avanço científico e tecnologia, cujo resultado aparece em novas cidades que, fundadas em lugares muito distantes dos grandes centros urbanos, passam a ser dotadas de redes de telefonia e energia elétrica, estradas, aeroportos etc, de forma a garantir a expansão do agronegócio e a lucratividade do capital em escala mundial. Já *psicosfera* está relacionada aos problemas *psicossociais* como a exclusão econômico-cultural, que essa mesma modernização provoca.

Com base em Milton Santos, pode-se afirmar que essa fronteira carrega a marca de uma agricultura sumamente moderna que, uma vez estando em consonância com a economia globalizada, tem na ciência, na técnica e nos meios informacionais os fatores extremamente importantes para a subordinação da natureza, já que contribuem para a superação das barreiras naturais. Fato que só vem confirmar as palavras de Milton Santos, quando diz que "os novos *fronts* já nascem tecnificados, cientificizados, informacionalizados", isto é, eles encarnam uma situação: a da difusão de inovações em um meio "vazio" (SANTOS, 2002: 119).

Nesse contexto, analisar o processo de avanço da fronteira amazônica requer considerar uma somatória de vetores como: a ciência, a informatização, a inovação mecânica, a pesquisa físico-química e biológica. Tais vetores possibilitam o aumento da velocidade de circulação de capital pelo avanço nos rendimentos médios capitalistas. Paralelamente a isso a ciência gerou várias possibilidades de se utilizarem variedades geneticamente adequadas às condições de cada parcela do cerrado. É também a ciência a grande responsável pelo aparecimento de novos insumos, em termos de fertilizantes e agrotóxicos, bem como o uso de máquinas e implementos modernos que contribuem para ampliar a escala de produção e, consequentemente, os lucros. (BERNARDES, 2005:17).

Essa forma de territorialização do capital, em áreas de fronteira, teve seu marco divisor às décadas de sessenta/setenta, quando o Estado assumiu a responsabilidade pela implantação de obras de infraestrutura, da concessão de subsídios e de financiamentos a juros baixos e da concessão de enormes parcelas de terras públicas a empresários, principalmente, das regiões Centro-Sul do país.

Nesse sentido, o Estado configura-se como o agente catalisador desse processo de acumulação capital, processo que implicou, sobremaneira, na redução da grande maioria da população rural, numa dinâmica jamais vista e que ficou conhecida por "modernização conservadora".

Num terceiro momento do Curso, a atenção se voltou para a dinâmica de modernização da Amazônia Legal a partir da relação Geopolítica e agronegócio e como o essa parceria contribuiu para o processo de integração nacional. Nesse quadro, o objetivo da reforma agrária dos militares objetivou em última instância, criar uma situação na qual a terra deveria ser convertida em simples mercadoria, objeto de compra e venda no mercado. Por trás dessa mercadoria, a intenção era a extração de uma renda fundiária. Nesse contexto é que toda a área da chamada Amazônia Legal vai sendo aberta para os agentes da frente econômica: aventureiros, empresários, fazendeiros, banqueiros, especuladores de terras, grileiros, pistoleiros e cooperativas de colonização, e também de trabalhadores expulsos da terra, em várias regiões do país, inclusive da própria região Centro-Oeste.

Esse processo resulta em acirradas lutas pela permanência no lugar, redundando numa intervenção estatal que deveria ser mediadora entre as partes conflitantes, no entanto acabou desencadeando mecanismos de expropriação/expulsão dos antigos donos, quer por meio de uma legislação, quer através de repressão. No fundo, desencadeou uma dinâmica de acumulação primitiva de capital sob a "égide do Estado".

Num quarto momento do Curso, as discussões giraram em torno dos seguintes temas: 1) A Agroindústria e a modernização da Agricultura Brasileira; 2) Logística de transporte, armazenamento e de circulação de grãos; 3) Estrutura fundiária brasileira; e 4) Movimentos sociais e políticos no campo: UDR, MST, empresários do a*gronegócio* etc. No decorrer das discussões, foram analisadas as conseqüências provocadas pelo processo de expansão da fronteira agropecuária que atualmente se desloca em direção à região nordeste do Estado de Mato Grosso, ao sul do Estado Pará, a oeste dos estados do Maranhão e do Piauí, além do norte do Estado do Tocantins, provocando grandes impactos ao meio ambiente e às populações tradicionais.

O retrato dessa realidade é o aparecimento da grande propriedade monocultora agroexportadora que se prolifera, em decorrência da ganância de determinados agentes que, na tentativa de auferirem renda da terra (lucro) cada vez maior, se envolvem em negociatas, grilagem de terras públicas, mortes, ameaças, expulsões, matanças de animais e constrangimentos. A busca desenfreada por terras da Amazônia Legal, em grande medida, está relacionada à ausência do Estado na região, grilagem que "expropria" as populações locais de suas posses e a ganância.

Em decorrência disso, a grilagem e a especulação de terras públicas avança sobre as populações rurais e indígenas residentes na região nordeste do Estado de Mato Grosso e sul do Pará, especificamente, na região que abrange as cidades de Santa Teresinha, São Félix do Xingu. Segundo informações do IBGE, essa região foi a que mais sofreu com a devastação ambiental e com a violência nos últimos anos.

Assim, a concepção mais moderna de geopolítica para a Amazônia Legal, de acordo com Becker (2003), deve se voltar para o entendimento de como o poder dos capitalistas agrários se territorializam nas novas cidades e em municípios que se formam nessa região. Várias dessas cidades carregam a marca da segregação econômica e de conflitos *interétnicos.*

Essa nova geopolítica envolve toda uma trama sociopolítica e econômica que desconsidera os impactos culturais e sociambientais que a abertura de novos *fronts* agrícolas provoca nas comunidades tradicionais, isto é, em comunidades indígenas, de posseiros e/ou assentados rurais, estabelecidos no enorme território que forma a Amazônia Legal. Dessa forma desencadeia-se uma dinâmica de acumulação primitiva sob a "égide do Estado". Trata-se, segundo Machado:

> [...] de uma verdadeira ação Geopolítica no sentido moderno que deve ser entendida como um conjunto de políticas e ações do Estado que, ao serem concretizadas materialmente num determinado momento, possibilita a manipulação do espaço nacional no sentido de adequá-lo aos interesses dos grupos hegemônicos, incluindo nesses grupos os tecnocratas a serviço do Estado (MACHADO, p. 03, 1982).

Segundo Ianni (1986), o "poder estatal desenvolveu e desenvolve política e economicamente uma participação agressiva e repressiva" contra os indígenas e posseiros. É no desenrolar desse quadro que vai se constituindo a classe dos "investidores" e/ou empresários do agronegócio na Amazônia. Uma classe que se beneficia dos recursos públicos para exercer atividades econômicas fundadas na destruição da natureza. Assim, foram aparecendo os madeireiros e os grandes fazendeiros do setor da pecuária, do setor da sojicultura e do setor da cana-de-açúcar. São empresários que se utilizam, sem qualquer critério, a derrubada e, em seguida, a queimada e/ou do uso de tratores para devastar em curto espaço de tempo centenas de quilômetros de floresta. Um processo que vem acompanhado da grilagem de terras até então usufruto coletivo das populações tradicionais.

Em termos históricos, o aparecimento de empresários do setor madeireiro e da pecuária teve seu marco nas décadas de 1960 e 1970, como mostra o estudo de Oliveira (2004). Para esse autor, no rastro de destruição provocado pelo fogo para a formação de pastagens aparece o crescimento demográfico da Região Norte num crescente: na década de sessenta, era de 1,0 (um) milhão de pessoas; na década de setenta cresceu para 2,2 milhões; subindo para 3,4 milhões na década de 80, chegando em 1991 a cerca de 5 milhões, com um "[...] contingente populacional em relação ao total do país" que não ultrapassava os 6,8%"; conta atualmente 7.321.493 habitantes.

A esse respeito dados do INCRA sobre a estrutura fundiária brasileira, divulgados pela Revista Veja de 16/04/1997, indicam que a concentração fundiária no Brasil é assombrosa. Segundo a Revista, das 35.080 propriedades cadastradas, apenas 1% ocupa 153 milhões de hectares, quase a metade da área de todas as propriedades rurais. "Supondo que cada uma dessas propriedades tenha um dono diferente, o que está longe de ser verdade, é como se apenas 35.080 pessoas ocupassem uma área igual à soma dos territórios da França, Alemanha, Espanha e Áustria" (Revista Veja, 1997, p. 36-37). Isso mostra o processo de fechamento da fronteira aos pequenos proprietários.

Prossegue a reportagem, dizendo que, em nenhum país continental, a estrutura fundiária é tão concentrada como no Brasil. Em números, isso significa que apenas 14% dessa estrutura, produzem 48% daquilo que abastece o mercado interno e que o Brasil exporta; o restante é terra ociosa. Além disso, 79% da

estrutura fundiária da Região Norte são ocupadas por imóveis improdutivos. No Sul, considerada a região mais avançada do país e onde a terra é considerada boa, esse índice é de 42%.

Essa realidade pela qual passa a Amazônia legal, segundo dados do Instituto de Terras do Mato Grosso-INTERMAT,[13] resultou num cenário em que a região Centro-Oeste já perdeu cerca de 70% de sua cobertura vegetal, a qual foi substituída por pastagens e produção de grãos. Como se vê, o empresário do agronegócio que tem propriedades na Amazônia Legal é um sujeito ganancioso e pouco sensível às questões ambientais e socioculturais. Os dados mais a frente vão mostrar isso.

Para Milton e Silveira (2002), a degradação do meio ambiente é decorrente, fundamentalmente, da ganância de algumas pessoas e de poucas empresas, bem como da conivência dos responsáveis pela questão agrária e ambiental. Trata-se de um processo marcado pela derrubada da vegetação, seguido de queimada. Na seqüência vêm as pastagens para a criação de gado.[14] Em função disso, na região Norte, o número de bovinos passou de 1.234.882 cabeças em 1960, para 3.948.406 em 1980, 8.953.650 cabeças em 1985 e 12.319.950 em 1990. Na região "Centro-Oeste o total de bovinos passou de 10.532.835 cabeças em 1960 para 33.199.028 cabeças em 1980, 36.116.293 cabeças em[15] 1985 e 45.945.934 em 1990. Na região Centro-Oeste esse aumento foi facilitado pelas condições naturais favoráveis".[16]

Em termos de distribuição geográfica, a criação de gado[17] de corte no país, de acordo com dados divulgados em 1997 pela Federação Nacional dos Produtores de Gado de Corte, o Brasil é o país que possui o maior rebanho bovino explorado comercialmente,[18] sendo a região Centro-Oeste a principal produtora, correspondendo a 33,3% do rebanho brasileiro (128.029.407 cabeças), seguida pelas regiões Sudeste (22,3%), Sul (17,6%) e Nordeste (17,5%). Os principais estados produtores são: Mato Grosso do Sul (14,5%), Minas Gerais (12,2%), Goiás (12%) e Rio Grande do Sul (9,8%).

---

13 A esse respeito ver o trabalho de Ribeiro. Geopolítica e memória: uma discussão do processo de desenvolvimento. Relatório de Pós-Doutorado. Instituto de Geociências. Departamento de Geografia: Capinas: UNICAMP, 2005.

14 Recentemente muitas áreas de pastagens estão sendo substituídas pela produção de grãos.

15 Somente o Estado de Mato Grosso é responsável por uma produção de 21.643.740 unidades, de acordo com Plano de Governo do candidato à Prefeitura de Barra do Garças, Chaparral, eleição 2004, p. 02.

16 "A predominância de cerrado e campos oferecendo condições propícias à expansão da pecuária, bem como sua localização no cento do espaço nacional, permitiram um intercâmbio com as demais regiões, sobretudo com a região Sudeste, onde se situam os maiores mercados nacionais, de modo que a pecuária ocupava em 1985, 79% de suas terras em produção" (IBGE, 2004).

17 Para maiores informações consultar http://www.mct.gov.br/clima/comunic_old/pecuarol.htm

18 Embora a Índia seja a maior produtora de gado com 270 milhões de cabeças, por motivos culturais e religiosos, não participa do mercado mundial de carne bovina. Dados da Federação Nacional dos Produtores de Gado de Corte (1997).

Na última parte do Curso, as discussões enveredaram, em particular, para questões que diziam respeito à região do Baixo e Médio Araguaia. No Baixo Araguaia a atividade que se destaca é a pecuária. Já no Médio Araguaia a atividade que se destaca é a cultura de soja e de cana-de-açúcar, embora a pecuária também seja praticadas, mas está perdendo espaço para as culturas citadas. O que se nota é que o *agronegócio* é uma atividade praticada em fazenda ou em empresas rurais. No caso da soja, pode-se dizer que essa atividade se faz em área superior a 1.500 hectares e, no caso da pecuária, a área mínima é de 2.500 hectares. O agravante nisso tudo é que o empresário do setor de pecuária, em sua maioria, não mora na região; geralmente reside em cidades da região sudeste, e, dessa forma, deixa todos os prejuízos ambientais para os moradores locais.

De acordo com a (Veja, 1997, pp. 36-37), apenas 14% dessa estrutura produzem 48% daquilo que abastece o mercado interno e que o Brasil exporta, o restante é terra ociosa. Além disso, 79% da estrutura fundiária da região Norte são ocupadas por imóveis improdutivos. No Sul, considerada a região mais avançada do país e onde a terra é considerada boa, esse índice é de 42%.

O estudo de Frederico (2004), sobre a região Centro-Oeste, mostra que, nos últimos anos, houve uma substancial valorização das terras em função do *agronegócio.* Um processo que ganha impulso cada vez maior, em função da especulação e da grilagem de terras e da abertura de novos *fronts* agrícolas. Por isso Frederico diz que:

> O aumento no preço das terras, associado à exigência de grandes propriedades para um cultivo racional, tem promovido uma grande concentração de terras nos novos fronts da soja. De acordo com a Embrapa, os dados comparativos de dois Censos agropecuários (1985 e 1996), indicam que houve uma diminuição de 177.206 estabelecimentos que produziam soja. Naturalmente, a maior parte desses estabelecimentos possuía pequenas áreas. As propriedades com área abaixo de 100 ha diminuíram, nesse período, em 13,50%. As áreas, entre 100 ha e 1000 ha permaneceram no mesmo percentual, em torno de 40%. No entanto, as áreas acima de 1000 ha passaram de 18% para 30% (FREDERICO, 2004, p. 48).

A relação grupos privados e interesses pelas terras da Amazônia Legal é evidente. Nesse sentido, as multinacionais que agem na Amazônia são várias; são aquelas que monopolizam as indústrias de insumos químicos (adubos, agrotóxicos) como a Basf, a Bayer e a Singenta, além do*s tradings* que financiam e comercializam no mercado mundial *commodity* agrícola, em particular, a soja, como é o caso da Bunge, da Cargill, da ADM, da Dreifus, da Ceval e do Grupo MAGGI.

No que se refere ao padrão mecânico, temos as indústrias de máquinas e equipamentos agrícolas como a Massey-Ferguson que vende os mais sofisticados, seguida da New Holland, da CASE IH e da John Deere, tendo como seus principais clientes a Bunge e a Cargill.

Na nova forma de fazer geopolítica, a abertura de novos *fronts* agrícolas e pecuários tem papel fundamental, pois, ao se espraiarem para diversas direções, como a do Baixo Araguaia, à região leste de Mato Grosso, ao sul do Pará, para a chamada Terra do Meio e ao oeste do Maranhão, desenham uma racionalidade cuja intenção é gerar uma estrutura logística.

O interesse pela apropriação da Terra do Meio, no dizer de Aragão Pinto e Silva (2007), é que este território é uma das últimas áreas de floresta amazônica relativamente intacta no Estado do Pará, com cerca de oito milhões de hectares, entre os rios Xingu e Tapajós; faz fronteira com as terras indígenas – Arara, Kararaô e Cachoeira, Serra do Iriri ao norte, com a estrada Cuiabá/Santarém a oeste, com o Xingu a leste, com as terras indígenas Kaiapó ao Sul.

Para se ter uma idéia da dimensão desse processo de apropriação de terras públicas, o trabalho de Aragão Pinto e Silva é ilustrativo por mostrar que, no Pará, dos 124.770.668,33 hectares do total da área do Estado, apenas 40.095.952,00, 32,1%, estão inscritos nos cadastros oficiais do Sistema Nacional de Cadastro Rural (SNCR), enquanto 84.674.316,33 hectares, mais ou menos 67,8%. Os autores acima citados afirmam que essa situação em relação à Terra do Meio se agrava, ainda mais, se considerarmos as estatísticas dos imóveis rurais; isso porque, dos 32,1% (40.095.952,00) das áreas que se encontram cadastradas, cerca de 24 milhões de hectares estão em 26 mil propriedades e 16 milhões, em 84.124 posses, totalizando 111 mil imóveis cadastrados, evidenciando um alto índice de concentração fundiária no Estado. Dados do SNCR –Sistema Nacional de Cadastro Rural.

Aragão Pinto e Silva mostram ainda que, dos 111 mil imóveis rurais cadastrados, cerca de 100 mil (90%) têm áreas de até 500 hectares e detêm, juntos, 7,3 milhões de hectares, correspondentes a 18% da área cadastrada, enquanto 5.414 posses (6%), com área acima de 500 hectares, detêm mais de 10 milhões (2/3) do total dessas áreas, com concentração na classe entre 2.000 e 5.000 hectares.

Esses dados demonstram, por um lado, com muita clareza, a falta de gestão no território em decorrência do desconhecimento socioambiental, e, por outro, o alto índice de concentração fundiária, o que indica conivência da parte do Estado na concessão de posses. *Como a fronteira no Estado do Pará está em vias de se fechar,* pela expansão acelerada da dinâmica econômica, já que os novos agentes do *agronegócio* estão ávidos em se apropriar o mais rápido das terras públicas e de suas riqueza, especialmente, das madeiras de lei, o que desafia o Estado a dar soluções, no que tange à gestão territorial, ou, de outra forma, a evitar que os conflitos aumentem.

Em relação a isso, o Relatório da Comissão Pastoral da Terra sobre a Soja, de junho de 2005, mostra os vários atores interessados em usufruir daquilo que a fronteira pode lhes dar, conforme a seguinte afirmação:

> Motivados pelos incentivos fiscais e pela política de financiamento do agronegócio dos governos federal e estadual, além de contar com o financiamento de grandes empresas como a Cargill e a Bunge alimentos, o lugar onde o plantio da soja mais cresce é o Pará. Milhares de sojicultores têm transferido seu maquinário e os investimentos financeiros para a produção da soja em três pólos do Estado paraense, pólo Nordeste (Paragominas), pólo Sul (Redenção) e pólo Oeste (Santarém).

Cada um desses pólos é ocupado de forma diferenciada e com apoio definido pela territorialização do capital financeiro de grandes investidores, como o Grupo Cargill, Bunge Alimentos e Maggi.

Em função disso, a Bungue Alimentos instala sua sede, em Santana do Araguaia; a CARGILL, no oeste do Pará, com sede em Santarém; o GRUPO MAGGI, mesmo atuando de forma mais intensa em Mato Grosso, procura se instalar em Miritituba-Pa, em Itaituba-Pa e pavimentar a Rodovia Santarém-Cuiabá, por onde escoaria a produção da soja vinda de Mato Grosso, embarcando no Porto de Miritituba, daí seguindo para Macapá e para a Europa.

Em termos de Região do Médio Araguaia, só recentemente vem se desenvolvendo um novo sistema de produção, mudando o perfil do produtor rural. Este, se comparado com o do período que vai dos anos sessenta aos anos noventa, embora em menor número, é um empresário com nível superior, produz grãos, está preocupado no melhoramento de seus produtos, no entanto, o grande número é ainda de produtores de gado. Em recente pesquisa feita pelo Canal Rural, as principais características do produtor Rural da modernidade baseiam-se em dados de relevância para a competitividade atual. Para esse empresário a busca permanente por novas tecnologias faz com que o grau de competição atinja níveis de igualdade entre os produtores, valorizando e utilizando serviços agronômicas e veterinários para garantir a rentabilidade sobre os investimentos feitos em sua propriedade, pois esta é tratada como uma empresa onde deve existir um faturamento contabilizado no final de cada mês.

Um dos diferenciais dessa nova geração é a forma de encarar a agricultura. Os “novos agricultores” têm um perfil gerencial e empresarial, pois sabem quanto foi gasto para o plantio em cada pedaço da propriedade e, com isso, obtêm boa margem para negociação. São gerentes financeiros e isso é fundamental à competitividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos propostos para o Curso foram alcançados, já que a proposta para sua realização era discutir a ***noção de fronteira agropecuária*** que envolve a Amazônia Legal. A concepção de fronteira agropecuária discutida diz respeito ao momento em que as relações sociais e políticas estão, de certo modo, marcadas pelo movimento de expansão demográfica sobre terras "não ocupadas" ou "insuficientemente" ocupadas. A partir desse conceito, o que se discutiu é que a recente história brasileira de deslocamento da fronteira é um processo, sendo uma de suas marcas a violência que envolve, também, além de conflitos *interétnicos* e sociais, fazendo muitas vítimas, muita devastação ambiental. O fim desses problemas só irá acontecer quando a fronteira deixar de existir, momento em que os conflitos desaparecem e os diferentes tempos que marcam as vidas das partes conflitantes se fundem num só, quando as diversas alteridades são "subsumidas" pela política e pelo poder do capital, ou seja, quando o ***outro, o diferente, se torna, ao mesmo tempo, parte antagônica de nós.***

A implementação de um modelo de desenvolvimento agrário fundado na grande empresa voltada ao *agronegócio* vem provocando todo um processo de expulsão de posseiros, extermínio de populações indígenas, migração forçada e degradação socioambiental, cujos reflexos se fazem sentir em quase todos os cantos da Amazônia Legal, em cidades pequena e grandes, tudo isso em decorrência da movimentação sistemática da fronteira por parte do capital.

Nesse movimento de expansão da fronteira agrícola na Amazônia Legal, enormes parcelas de terras são territorializadas por grupos nacionais e estrangeiros que transacionam c*ommodities* agrícolas e pecuários, como a soja e o gado. A apropriação de enormes espaços demonstra que, cada vez mais, a soberania e a segurança nacional vão sendo fragilizadas, deixando claro que quem realmente gerencia essa região não é o Estado brasileiro, mas, sim, o capital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Júlia Adão. Circuitos espaciais da produção na fronteira agrícola moderna; BR-163 mato-grossense. In: BERNARDES, Júlia Adão; FILHO, Osni de Luna Freire (Org.). *Geografias da Soja, BR – 163. Fronteiras em mutação*. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.

BERTA, K. Becker. *Significância contemporânea da fronteira*: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia Brasileira. Disponível em http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/EdicaoNoticiaIntegra.asp?id_artigo=737. Acesso em 26/01/2007.

_____ Amazônia: mudanças estruturais e urbanização. In: GONÇALVES, Maria Flora, BRANDÃO, Carlos Antonio e GALVÃO, Antônio Carlos. *Regiões e cidades nas regiões*. O desafio urbano-regional. São Paulo: UNESP, 2003.

CATAIA, Márcio Antonio. A geopolítica das fronteiras internas na constituição do território: o caso da criação de novos municípios na região Centro-Oeste do Brasil durante o regime militar. In. *Revista Electrónica de Geografia y Ciências Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, V. X, N. 218 (22), 1 de ago. de 2006.

CASTILHO, Ricardo. Transporte e logística de granéis sólidos agrícolas: componentes estruturais do novo sistema de movimentos do território brasileiro. In: *Anais do IX de Geógrafos da América Latina*. Mérida/México, abr. 2003.

CASTRO, Ana Célia. O Plano Brasil em Ação e as oportunidades de investimento para as empresas do agribusiness. In. COSTA, Luiz Flávio Carvalho et. al. *Mundo rural e tempo presente*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

FREDERICO, Samuel. *Sistema de movimentos no território brasileiro*: os novos circuitos espaciais produtivos da soja. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências - Departamento de Geografia, Campinas:UNICAMP, 2004.

FUNDAÇÃO IBGE. *Sinopse preliminar do Censo demográfico*. Mato Grosso-Fundação. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 1980 e 1981.

FUNDAÇÃO IBGE e MINSITÉRIO DO INTERIOR. *Relatório preliminar de desenvolvimento integrado dos Municípios de Aragarças-GO e Barra do Garças,* 1970.

GIRARDI, Eduardo Paulon. *Atlas da Questão Agrária Brasileira***.** São Paulo: FAPESP, UNESP e NERA, 2008.

IANNI, Otavio. *Ditadura e Agricultura*. O Desenvolvimento do Capitalismo na Amazônia, 1964-1978. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.

JORNAL "Folha de São Paulo" de 03/02/2003 - Reportagem, *"Devastação da Amazônia fora de controle*".

JORNAL "O Estado de São Paulo" de 09/05/2004 - Reportagem, "*Ouro branco trilha o caminho da soja*".

JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO. *Só 4% do território da Amazônia Legal é regularizado, revela estudo*. Quinta-feira, 28 fevereiro de 2008.

JUNIOR Pedro Abel Vieira; VIEIRA, Adriana Carvalho Pinto ; BUAINAIN,Antonio Marcio *O Centro-Oeste brasileiro como fronteira agrícola*. Disponível em www.alasru.org/cdalasru2006/07%20GT%20Pedro%20Abel%20Vieira%20Junior,%20Adriana%20Carvalho%20Pinto%20Viei. Acesso em 19/05/2007.

JUNIOR, Felício Pontes et. al.. Terra do Meio: Poder, Violência e Desenvolvimento. In: *Idéias e debates - 7*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Coord. de Pesquisa e Pós-Graduação, 2004.

LIMA, Afonso Albuquerque de. A participação do Ministério do Interior no desenvolvimento da Amazônia. In: *Problemática da Amazônia*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1971.

INÁCIO, Rodolfo Cascão. *Democratização do poder local*: Uma Experiência no Araguaia. Rio de Janeiro: Fase, 1995.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky, PINTO, Jax Nildo Aragão. A questão fundiária na Amazônia. In. *Estudos Avançados*. V. 19, n. 54, São Paulo, ago. 2005.

MACHADO, Lia Osório. Urbanização e imigração na Amazônia Legal: Sugestões para uma abordagem geopolítica. In. *Boletim Carioca de Geografia*. Rio de Janeiro, n. 32, 1982.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira.* A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____ O tempo da Fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da Frente de Expansão e da Frente Pioneira. In: *Tempo Social. Revista de Sociologia*. São Paulo: USP, 8, n 1, maio de 1996. p. 25-70.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *Integrar para não entregar*. Políticas públicas e Amazônia. Campinas: Papirus, 1987.

_____. *Amazônia*: monopólio, expropriação e violência. Campinas: Papirus, 1987.

PERFIL DA LOGÍSTICA DE TRANSPORTE DE SOJA NO BRASIL. Disponível em: http://www.ftp.sp.gov.br/ftpiea/publicaçoes/002_0106. pdf.

RIBEIRO, Hidelberto de Sousa. Abertura de novos *Fronts a*gropecuários e violência na Fronteira Amazônica. *XI – EREGEO – Simpósio Regional de Geografia*. A Geografia no Centro-Oeste: passado, presente e futuro.UFG – Campus de Jataí-Go, 04 a 07 de set. de 2009.

_____. *Expansão da fronteira*: *o agronegócio e a abertura de novos fronts agrícolas.* Relatório Final do Projeto de Pesquisa, apresentado junto a junto a PROPEq, Universidade Federal de Mato Grosso, 2008.

_____ *Geopolítica e memória*: uma discussão do processo de desenvolvimento. Relatório de Pós-Doutoramento. Instituto de Geociências – Departamento de Geografia. Campinas: UNICAMP, 2005.

_____ *Imaginário do Sertão*: histórias de migrantes. Projeto de Pesquisa. ICLMA-UFMT-PIBIC, 2002.

_____. O *Migrante e a cidade:* dilemas e conflitos. 2000. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Sociologia. Araraquara: UNESP, 2000.

_____. *Políticas Territoriais e Colonização numa Área da Amazônia Oriental*. 1993. (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, USP, São Paulo, 1993.

_____. *Políticas Territoriais e Colonização numa Área da Amazônia Oriental*. 1993. (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, USP, São Paulo, 1993.
SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). *O Brasil*: território e sociedade no início do século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVA, Silvana Cristina da. *Geração de Novos Municípios*: uma face da modernização dos macrossistemas técnicos do território. Monografia de Conclusão de Curso, Departamento de Geografia-UNICAMP, jul. de 2004.

DOSSIÊ “SAÚDE”

SÍNDROME DA BRIDA AMNIÓTICA: DIFICULDADES DIAGNÓSTICAS E TRATAMENTOS

Paulo Cesar Segundo de Souza [1]
Paulo Vinícius Rocha Pereira [2]
Poliana Almeida Matos Barcelos [3]

Resumo

O presente artigo descreve a maneira simples e sucinta através de revisão bibliográfica as manifestações clínicas principais e a etiologia da síndrome da brida amniótica, uma patologia rara, de ocorrência ocasional de origem não genética, que causa deformidades anatômicas no feto. Essas deformidades são causadas pelo estrangulamento de segmentos por faixas fibrosas proveniente da ruptura precoce do âmnio. Frequentemente a amputações de dedos ou segmentos, sindactilia, acrossindactilia, deformidades na face, tórax e/ou abdômen tem sido associadas a essa síndrome. O diagnóstico é bastante complicado, sendo possível na maioria dos casos apenas após o nascimento. As técnicas de tratamento são de competência cirúrgica reparativa. O proposito deste trabalho é demonstrar que o diagnóstico precoce desta patologia melhora os resultados obtidos no tratamento. A raridade e importância dessa patologia justificam a motivação dessa pesquisa.

Palavras-chave: Síndrome. Amniótica. Âmnio. Zetaplastia.

1 Introdução

Alguns pesquisadores já se dedicaram a estudar a síndrome da brida amniótica e dissertarão sobre ela como; Streeter em 1930 que propôs a primeira teoria sobre síndrome da brida amniótica, aceita por muito tempo até ser desbancada pela teoria do autor T Torpin trinta anos mais tarde em 1961 aceita até nos dias atuais, também em 1961 Patterson delineou quatro categorias para classificação das bridas amnióticas, as mais usadas para aplicação de tratamento atualmente. Streeter, Torpin e Patterson são considerados até hoje como autores das principais publicações sobre a síndrome da brida amniótica. Vários outros autores seguiram suas linhas de pesquisa para novas publicações, baseadas em suas descobertas e em informações novas adquiridas graças ao avanço tecnológico que presenciamos.

---

[1] Graduado em Biomedicina pela Universidade Mogi das Cruzes, especialização em reprodução humana assistida pelo Instituto Sapientiae – Faculdade Medicina de Jundiaí.
[2] Graduado em Biomedicina pela Faculdade Patos de Minas e especialização em Gestão Pública em Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia.
[3] Graduada em Biomedicina pela Faculdade Patos de Minas e especialização em Citologia Clínica pelo Instituto Superior de Medicina e Dermatologia.

Por ventura a maior dificuldade que ainda persistem é a falta de conhecimento da síndrome da brida amniótica por parte dos neonatologistas e obstetras, dificultando seu diagnóstico, levando a especulações errôneas sobre a natureza das deformidades anatômicas adquiridas pelo portador da síndrome, podendo trazer confusão com outras síndromes com apresentações similares, ou com más formações causadas por deficiências nutricionais e/ou uso de drogas durante a gestação, o que possivelmente levaria à tratamentos desnecessários.

É possível prever respostas afirmativas às hipóteses concretizadas para resolução do problema central apresentado como justificativa para a presente revisão da literatura sobre a síndrome da brida amniótica. Trazendo a questão que com aumento do conhecimento sobre a síndrome da brida amniótica facilitaria o seu diagnóstico, pelo compreendimento de sua sintomatologia específica e das múltiplas características apresentadas.

2 A síndrome da brida amniótica

Considerada uma deformação congênita, a síndrome da brida amniótica é uma alteração anômala presente no nascimento. Essa malformação é consequência de trauma intra-uterino. O comprometimento da vida do individuo portador de tais deformidades varia com o grau de gravidade das lesões anatômicas apresentadas. Na maioria dos casos, não impõem nenhuma restrição à vida normal, e podem ser corrigidas cirurgicamente. Também existem aquelas que impõem serias limitações à vida normal, ou mesmo são incompatíveis com a vida (MATIC; KOMAZEC, 2009; NOGUEIRA et al. 2011; VERMA A.et al. , 2007).

A síndrome da brida amniótica também conhecida como displasia de Streeter, complexo de disruptura das bridas amnióticas, bandas de constrição anular, pseudo-ainhum, anéis de constrição congênita, defeito transverso congênito e bandas de tecido aberrante, consiste em um conjunto de deformidades congênitas no feto, provocadas pela ruptura parcial do âmnio, originando bandas mesodérmicas que se formam no lado coriônico do âmnio podendo se aderir e circundar o corpo fetal, causando deformações associadas a vários graus de severidade (MADI et al., 2003; RABELLO et al.,1990).

O feto se encontra imerso no líquido amniótico, dentro de um compartimento constituído por quatro camadas concêntricas, duas compostas pelo embrião (âmnio e córion), e duas pela mãe (decídua e miométrio). O âmnio é a camada mais interna do compartimento, o que separa o âmnio e o feto é apenas o líquido amniótico. O âmnio completa seu desenvolvimento na idade gestacional de três meses, nesse momento ele apresenta três setores; um que forma a cobertura do cordão umbilical, um revestindo a face interna da placenta, e outro juntamente com o córion liso compondo a membrana âmnio-corionica.

Durante a gestação o âmnio pode se romper, permitindo a formação de tecidos cicatriciais derivados de faixas amnióticas que podem circundar partes fetais, podendo trazer consequências graves ao feto (HIB, 2008).

Estima-se que a incidência da síndrome da brida amniótica seja de 1:15.000 nativivos, índice que aumenta nos casos de aborto espontâneo, sendo assim considerada uma das causas mais comuns de aborto espontâneo em primigestas jovens, classe onde há maior ocorrência na formação de bridas amnióticas. Por outro lado acredita-se que estes dados podem não ser exatos por grande parte dos casos de síndrome da brida amniótica não chegarem a ser diagnosticados, ou que haja erros no seu diagnostico. Levando-se a acreditar que o índice de acometidos seja bem maior (SILVA et al., 2008).

As características da síndrome da brida amniótica representam um conjunto de deformações congênitas nas quais, não existe predisposição genética, com acometimento igual entre sexo, raça e cor. Ocorre ao acaso da natureza, sem recorrência entre irmãos ou filhos de adultos afetados. Porém, existem relatos de recorrência da síndrome da brida amniótica, entre famílias com doenças do colágeno, Médicos teorizam que existem casos de recorrência devido à associação com a síndrome de Ehler-Danlos, uma doença de origem genética, autossômica que se trata de um defeito hereditário de causas distintas. Podendo ser casionado por um defeito na atividade do procolágeno peptidase na remoção das extremidades não-helicoidais do procolágeno, resultando assim na formação de fibrilas colágenas defeituosas como também uma mutação do gene que codifica a enzima lisil-hidroxilase, necessária para a modificação pós-transacional da lisina em hidroxilisina, resultando na diminuição da resistência da molécula de colágeno na síndrome (MATIC; KOMAZEC, 2009; VERMA; MOHAN; KUMAR, 2007).

2.1 Manifestações clínicas

Quando há a ruptura precoce do âmnio, faixas provenientes desse tecido podem se aderir a qualquer segmento fetal, os dígitos das mãos e pés geralmente são os grandes atingidos em mais de 70% dos portadores, com exceção dos polegares que ficam protegidos pelas palmas das mãos (BONET et al. 2002; PARDINI JR. Et al., 2001).

Com o retardo de seu crescimento normal pode ocorrer a fusão desses dígitos levando a uma pseudosindactilia e/ou acrossindactilia (sindactilia fenestrada). Diante do aparecimento dessa alteração anatômica associada à sindactilia é necessária a busca de áreas de constrição compatíveis com anéis, ou áreas de amputação para distinguir a relação da sindactilia a síndromes mais complexas (NOGUEIRA et al., 2011; PARDINI JR., 2001).

2.2 Apresentações diferenciadas da síndrome da brida amniótica

Deformações craniofaciais são mais graves elas podem ser de vários tipos, encefaloceles de tamanhos variados, assimetria facial, deformidade facial de vários graus, como o não fechamento do palato a cavidade única oro-nageo-faringea, fendas faciais, ausência de ossos do crânio, lábio leporino, encefalocele ou anecefalia.Lesões oculares também podem ser observadas, imcluindo microftalmia, analftalmia e coloma de pálpebra. Anomalias viscerais são raras, sendo a mais freqüente gastrocnese. Extrofia genital e genitália ambígua podem ocorrer.

Quando o cordão umbilical é envolvido por bridas amnióticas, é frequentemente comprimido. Se houver uma compressão severa desse cordão, poderão ocorrer transtornos circulatórios no concepto, o que pode levá-lo a morte. É rara a gravidez de termo quando bridas amnióticas envolvem o cordão umbilical, essas gestantes requerem acompanhamento rígido durante toda a gravidez ate o parto (PEDROSO; NOVO, 2005).

A etiologia da síndrome da brida amniótica é desconhecida, alguns autores têm sugerido a associação do aparecimento de bridas amnióticas a vários fatores, uso de contraceptivos orais nos primeiros dez dias de gravidez, dispositivos intra-uterinos, amnioncentese, traumas intra-uterinos, infecções, tumores uterinos, uso de drogas como LSD ou cocaína, agentes teratogênicos e oligohidrâmnio. Alguns autores cogitam uma relação interdependente entre bridas amnióticas e alterações vasculares como coagulação intravascular, embolia placentária e hiper ou hipoplasia arterial. Porém as verdadeiras causas do aparecimento das bridas amnióticas continuam sendo motivo de controvérsias nos últimos 300 anos (MONTEIRO JR.,1995; NOVO, 2003).

Independente das especulações, a patogenia da síndrome da brida amniótica é provocada pelo deslocamento da membrana amniótica do córion e consequente de sua ruptura. A aderências de tecido proveniente desta ruptura prematura se fixam ao feto impossibilitando seu crescimento normal provocando alterações anatômicas leves a graves, dependendo do grau de força com que o tecido aberrante se fixa ao segmento (KOMAZEC, 2009).

Com as variações das lesões causadas pelas bridas amnióticas, o recém nascido pode apresentar sintomas secundários, como inchaço de extremidades distais às constrições, linfedemas e necrose em lesões que chegam aos vasos linfáticos e infecções quando há exposição de tecidos internos causadas pelas lesões.

O prognóstico depende das anomalias associadas. Para crianças que apresentam apenas anéis de contrição e linfedema dos dedos o diagnóstico é muito bom, podendo ter uma vida absolutamente normal. Crianças que apresentam amputações de membros exigem um melhor acompanhamento das lesões podendo exigir cirurgia plástica reconstrutiva e/ou uso de prótese. A síndrome é letal para as formas graves que apresentam anomalias múltiplas envolvendo órgãos nobres (RIVAS-LÓPEZ et al., 2005).

3. Dificuldades diagnósticas da síndrome da brida amniótica

Não existe um exame específico para o seu diagnóstico. A apresentação clínica é variada, o que adiciona maiores dificuldades na obtenção do seu diagnóstico. Diversos erros de diagnóstico têm ocorrido devido à semelhança que a síndrome da brida amniótica apresenta com outras síndromes.

Gestantes que geram filhos portadores da síndrome da brida amniótica não desenvolvem manifestações clínicas no período gestacional, a gestação transcorre com uma evolução normal, sem agravantes para a gestante. Contudo esta condição está ligada a um amplo índice de prematuridade do concepto, e a uma grande porcentagem de abortos prematuros. O que se sabe é que primigestas jovens apresentam maior susceptibilidade à ruptura precoce do âmnio, condição que torna favorável o aparecimento de bandas amnióticas. As bandas são finos cordões de tecido fibrosos que se estendem da superfície externa do córion para cavidade amniótica. Qualquer seguimento fetal pode ser entrelaçado, constrito e imobilizado, levando às deformidades anatômicas presentes na síndrome da brida amniótica.

Existem várias técnicas disponíveis para avaliação das condições do feto, que possibilitam o diagnóstico pré-natal de possíveis deformidades anatômicas. O obstetra e neonatologista podem determinar se o feto possui ou não, malformações congênitas, utilizando a amniocentese e a ultrassonografia. A amniocentese no caso de uma malformação congênita causada pela síndrome da brida amniótica não levaria a um diagnóstico, porque detecta apenas problemas cromossômicos como a síndrome de Down e a trissomia do cromossomo 21, apesar de ser uma doença congênita, a síndrome da brida amniótica não ocorre devido a fatores genéticos, é oriunda de forças mecânicos ocorrendo ao acaso da natureza.

O exame de ultra-sonografia permite a obtenção de diagnósticos precoces de defeitos congênitos, e tem sido utilizado como o principal método diagnóstico para rastreamento da síndrome da brida amniótica. Os achados ultra-sonográficos são inconstantes, ainda que possíveis a partir do segundo trimestre de gestação. A maior utilização da ultra-sonográfia pelos obstetras aumenta a detecção de deformidades anatômicas fetais. Quando numa ecografia são detectados defeitos assimétricos das extremidades, deve colocar-se como hipótese de diagnóstico a síndrome da brida amniótica. Ainda que quadros de diminuição do líquido amniótico possam de alguma maneira interferir na visualização das bridas amnióticas. As faixas fibrosas originadas da ruptura precoce do âmnio são bastante delgadas dificultando sua visualização em exame de ultra-sonografia convencional, se fazendo necessária a aplicação de técnicas mais avançadas como a ultra-sonografia em 3 e 4D., em casos complicados a ressonância magnética fetal pode ser uma saída (NARDOZZA et al., 2012).

O ultrassom em 3-D mostra fotos do bebê em três dimensões, possibilitando a visualização de maiores detalhes do feto. A ultra-sonografia em 4-D mostra essas mesmas imagens, só que em movimento. Do ponto de vista médico, os benefícios dos ultra-sons em 3-D e 4-D parecem ser limitados em relação ao ultra-som comum. Todavia são capazes de demostrar com maior nitidez de detalhes a existência de anomalias e malformações congênitas do feto. Na síndrome da brida amniótica possibilita a visualização das bandas fibróticas difíceis de ser visualizadas através da ultra-sonografia convencional.

Aidentificação de deformidades anatômicas através da ultra-sonografia é claramente operador-dependente, contudo estamos presenciando um grande avanço tecnológico dos aparelhos de diagnóstico por imagem, aumento da difusão de técnicas adequadas de utilização do método, com crescimento de profissionais devidamente treinados e aptos para realização do exame de ultra-sonografia, os limites do Diagnóstico Pré-Natal estão se ampliando.

Se houver evidência de bandas amnióticas, um teste de ultra-som detalhado deve ser feito para avaliar a gravidade e evitar um diagnóstico equivocado. Bandas amnióticas podem ser difíceis de detectar por ultra-som por causa de seu tamanho pequeno. Os fios individuais são muitas vezes difíceis de ser visualisados em um ultra-som e, normalmente, a condição é detectada indiretamente por constrições que causam inchaço nos membros e outras partes da anatomia fetal.

A confirmação do diagnóstico pré-natal da síndrome da brida amniótica é estabelecido perante as características fenotípicas do feto, anéis de constrição nas extremidades, amputações irregulares de dedos ou presença de sindactilia

são mais comuns, deformidades leves dificilmente são visualizadas, essas apresentações acrescidas da presença de ligamentos fibrosos observados num exame detalhado de ultra-sonografia, aderidos ao concepto causando lesões assimétricas especialmente nas extremidades são passiveis a um diagnóstico de síndrome da brida amniótica.

Bridas amnióticas flutuantes no liquido amniótica não definem diagnóstico, uma vez que vários tipos de membranas podem ser visualizadas em gestações normais, e apenas sua presença no liquido amniótico não é capaz de causar danos ao feto, contudo podem se aderir ao concepto a qualquer momento da gestação, de modo a tornarem-se patogênicas apenas se houver o entrelaçamento de partes fetais. Os aparecimentos dessas bridas amnióticas flutuantes requerem um acompanhamento detalhado do desenvolvimento fetal (MATIC; KOMAZEC, 2009).

O diagnóstico pré-natal da síndrome da brida amniótica é difícil, sendo possível em apenas um terço dos casos por isso existe uma grande preocupação na obtenção de um método de diagnostico pré-natal com maior sensibilidade, afim de, aumentar o percentual do diagnostico pré-natal da síndrome da brida amniótica (ANTUNES, 2004).

As providencias tomadas no manejo pré-natal da síndrome da brida amniótica variam de acordo com a gravidade e extensão das deformidades. Quanto menor a gravidade e número de deformidades apresentadas pelo feto, como em casos de constrições isoladas nos dedos, menos provável é a ocorrência de diagnóstico pré-natal. Nesses casos a orientação para o tratamento varia em cada tipo de apresentação, para as apresentações graves da síndrome, existe ainda que pouco utilizada e com alto risco a aplicação de cirurgia intrauterina, que consiste na ressecção das bridas amnióticas para liberação do segmento para desenvolvimento normal. A interrupção da gravidez pode ser indicada em casos extremos de deformidades causadas pela síndrome da brida amniótica nos quais não há chances de sobrevida fetal (MATIC; KOMAZEC 2009).

O diagnóstico precoce da síndrome da brida amniótica, não ocorre ainda com precisão durante a rotina pré-natal porque muitas vezes a síndrome é confundida ao exame ultra-sonografia obstetrica com outras patologias como; separação âmnion-corial, anomalia de fusão intrauterina embrionária, sinequias endometriais, e/ou presenças de resíduos de membranas pós perda de um gemelar.

O diagnostico pós-natal da síndrome da brida amniótica é baseado nos achados clínicos do neonato, e ao exame da placenta que abrigava o feto. A placenta defeituosa apresenta prolongamentos bastante delgados provenientes da ruptura precoce da membrana amniótica, apresentando-se morfologicamente alterada.

O recém-nascido portador da síndrome da brida amniótica apresenta sintomas específicos característicos capazes de confirmar o diagnóstico em caso de duvidas em situações onde a apresentação morfológica presume além da síndrome da brida amniótica outras patologias.

A sintomatologia especifica da síndrome da brida amniótica seria proveniente do entrelaçamento de segmentos fetais pelas bridas amnióticas que impedem o desenvolvimento normal desse segmento, originando áreas de estrangulamento por bandas de constrição, que consequentemente dariam origem no local de atrito à sulcos, ou anéis de contrição, esses anéis são característicos não se apresentando em nenhuma outra patologia, essas constrições anulares podem se apresentar com vários graus de acometimento dos tecidos, variando de anéis de contrição simples a nível de superfície, atingindo apenas os tecidos epitelial e adiposo, a anéis de constrição mais profundos atingindo vasos linfáticos e tecido ósseo.

Nos membros superiores, as regiões distais são mais afetadas, pela proximidade em que se encontram da placenta, que em casos de rompimento precoce do âmnio se torna defeituosa, e emite proeminências de tecido fibroso muito rígido e delgado que permanecem flutuantes e se desenrolam placenta adentro. As movimentações desses membros em direção às bridas amnióticas ao longo da gestação contribuem com o entrelaçamento dos dedos, os mais atingidos são os dedos centrais. Os membros inferiores são igualmente afetados pelas bridas amnióticas, o hálux e segundo artelho são os mais atingidos.

O tempo de gestação em que ocorreram as lesões também é determinante para o grau de gravidade que elas apresentam. Amputações intra-uterinas, sindactilia e anomalidades diversas causadas pela síndrome da brida amniótica podem ser facilmente diagnosticadas erroneamente como provenientes de outros fatores desencadeantes, se não, os fatores mecânicos da síndrome da brida amniótica, associando as anomalidades ao uso de drogas, álcool, tabaco ou deficiência de acido fólico durante a gravidez.

O médico neonatologista deve ser conhecedor da síndrome da brida amniótica para evitar esse tipo de confusão, uma das maneiras de confirmação do diagnostico nesses casos é obtido através do exame morfológico da placenta que se apresenta morfologicamente alterada, com a presença de prolongamentos fibrosos visíveis. Quando não há certeza no diagnostico da síndrome da brida amniótica é recomendado primeiramente a exclusão de outras síndromes de origem genética (SILVA et al., 2008).

O exame da placenta é o melhor método diagnóstico para confirmação da síndrome da brida amniótica. Fragmentos da membrana amniótica se encontram aderidos em volta do cordão umbilical. A visualização pode ser facilitada mergulhando a placenta na água, fazendo com que as faixas amnióticas flutuem livremente na água (BONET et al., 2002).

Em portadores da síndrome da brida amniótica o estudo cromossômico é sempre normal. É importante o estudo familiar detalhado para fazer o diagnóstico diferencial com patologias hereditárias. O diagnóstico correto da síndrome da brida amniótica é indispensável para o aconselhamento familiar.

4 Tratamento da síndrome da brida amniótica

O tratamento administrado ao portador da síndrome da brida amniótica transcorre devido a vários fatores. Em casos onde o diagnóstico é precoce, antes do nascimento pode-se em raríssimas oportunidades haver indicação de cirurgia fetal. O que se tornou possível devido ao avanço da ultra-sonografia e dos procedimentos cirúrgicos. Contudo existe um grande risco para a mãe, para o feto e subsequentes gestações. Por isso esse tipo de cirurgia é realizada exclusivamente em centros com equipes bem treinadas, e apenas em casos onde o risco benefício é favorável, ou quando há necessidade de intervenção cirúrgica para sobrevida fetal (SADLER, 2005).

Após o nascimento o tratamento da síndrome da brida amniótica é indicado perante a gravidade das lesões existentes em cada caso. Essas lesões são classificadas de acordo com os critérios clínicos para diagnóstico propostos por PATTERSON 1961, em quatro categorias; I - anel constritivo simples, II - anel constritivo com deformidade distal associado a linfedema mínimo, III - anel constritivo acompanhado de sindactilia ou acrosindactilia, IV- amputação (A. ANTUNES et al., 2004).

Tipo I de Patterson – É recomendo o tratamento com cirurgia plástica, com o método de Zetaplastia em dois tempos, onde se libera uma parte do anel circular e algum tempo depois libera-se o restante do anel circular, contudo em alguns casos pode-se realiza a cirurgia reparativa em apenas um tempo cirúrgico através de circunferência múltipla e Zetaplastia. Com o advento da microcirurgia podem ser realizadas anastomoses venosas, para facilitar o retorno venoso. Recomenda-se uma Zetaplastia com ângulo de 60% e o mais largo possível. A retirada de anel de constrição em apenas um tempo através de Zetaplastia pode ser aplicada em anéis de constrição mais superficiais. Recomendam ainda separar a gordura do subcutâneo e fazer retalhos que preencherão o sulco.

Figura 1 – *Cirurgia reparativa de bridas amnióticas tipo I de Patterson.*

Fonte: *http://www.sosmaorecife.com.br/page18/page53/page66/page66.html*

Tipo II de Patterson – os princípios cirúrgicos são os mesmos indicados no grupo I, os retalhos no tecido adiposo ajudarão na drenagem linfática, se houver a presença de veias dorsais de bom calibre anastamoses poderão ser feitas para agilizar a melhora do retorno venoso. Pode se fazer necessário uma rotação de retalho para cobertura de elementos nobres. Existe a necessidade de um cuidado especial com os pedículos neuro vasculares.

Tipo III de Patterson – Nesse grupo existe um grande desafio, separar os dedos que geralmente se encontram bastante unidos dificultando a distinção entre eles. A indicação de cirurgia é precoce, a fim de liberar os dedos para um desenvolvimento normal, tratamentos tardios podem levar ao retardo do desenvolvimento normal dos dedos afetados, após a liberação o desenvolvimento é paralelo. Recomenda-se nesses casos a administração de cirurgia reparativa nos primeiros seis meses de idade (FERREIRA; LEITE, on-line, 2008).

Tipo IV de Patterson – Nos casos de amputações não existe muito que fazer. As amputações causadas por bridas amnióticas entretanto distinguem-se das agenesia (a ausência completa de um órgão e seu primórdio embriológico), por terminações rústicas das extremidades amputadas, sem resquício da estrutura subjacente ao local da amputação e estrutura normal do esqueleto subjacente, ocorrendo provavelmente, pela interrupção muito precoce da vascularização da estrutura envolvida (A. ANTUNES et al., 2004).

Após a retirada das bridas amnióticas, em casos onde existe constrição de vasos permite o desenvolvimento dos canais linfáticos promovendo a liberação do sistema venoso, os vasos se enchem e o membro fica cada vez menos congesto, diminuindo linfedema assumindo características normais do segmento.

Figura 2 – *Figura ilustrativa da metodologia de retirada das faixas amnióticas*

Fonte: *http://www.sosmaorecife.com.br/page18/page53/page66/page66.html*

TABELA 1 – Classificação de Patterson

tipo I	Anéis de constrição simples
tipo II	Anéis de constrição acompanhados de deformidades distais, com ou sem linfedema
tipo III	Anéis acompanhados de fusão distal (acrosindactilia) A (tipo I): pontas unidas - B (tipo II): entrelaçamento distal C (tipo III): complexo
tipo IV	Amputação

Fonte: *(BIJOS, et al. 2008)*

O tratamento deve ser efetuado o mais precocemente possível, porque a permanência da brida amniótica a prazo variável conduz a subsequentes alterações de crescimento dos seguimentos distais à compreensão, aparecimento de edemas, doenças cutâneas e gangrena (MONTEIRO JR et al., 1995).

A gangrena ou necrose é um sintoma secundário da síndrome da brida amniótica, podendo ocorrer em fases intrauterinas ou após o nascimento. A morte de tecido causada pela supressão sanguínea quando se mantem progressiva pela piora na obstrução linfaticovenosa e ou arterial é necessária a descompressão imediata do linfedema através de cirurgia para retirada da brida amniótica causadora da compreensão do local e fechamento da perda cutânea com uma Zplastia ou Wplastia. Quando não há uma progressão do linfedema causador da gangrena, esse processo tende a se resolver espontaneamente, levando a formação de uma ferida cicatrizada pelo reparo fetal e regeneração, ou em alguns casos à amputação do segmento distal à gangrena (BIJOS et al., 2008).

5 Considerações finais

A síndrome da brida amniótica é uma doença congênita rara, ocasional, de origem não genética, que provoca deformidades anatômicas no feto, sendo freqüentemente associada a amputações intra-uterinas de dedos ou membros, fusão das extremidades dos dedos, e outras deformidades menos freqüentes. Motivo de várias pesquisas e grandes controvérsias entre estudiosos, a síndrome da brida amniótica é ainda uma grande incógnita da embriologia humana, se fazendo necessária a continuação de pesquisas que levem às reais causas desencadeantes da patologia, a fim de possibilitar a criação de possíveis medidas preventivas e de aconselhamento familiar.

O diagnóstico da síndrome da brida amniótica é complexo devendo o neanatologista conhecer e estar atento a possibilidade da ocorrência desta condição. Visto que um correto diagnóstico é indispensável para a procedência do tratamento, e aconselhamento genético (RABELLO, et al. 1990).

O tratamento é feito por cirurgia reconstrutiva, onde a brida amniótica é retirada e a perda cutânea é reparada por transposição de múltiplos retalhos em Z ou W em um ou dois tempos cirúrgicos dependendo da profundidade das bridas amnióticas. Tratamentos adicionais devem ser aplicados em casos de manifestações diferenciadas da patologia.

O incentivo a novas pesquisas de métodos diagnósticos para síndrome da brida amniótica é indispensável, sua descoberta anteciparia o diagnóstico e a realização de tratamento precoce, uma vez que o tratamento de bridas amnióticas apresenta melhores resultados quanto tratadas na primeira década de vida, melhorando o prognóstico do portador, proporcionando uma melhor qualidade de vida.

AGRADECIMENTOS

Um projeto só é realizado com o envolvimento coletivo. Este artigo contou com a colaboração e inspiração de várias pessoas; agradecemos nossos familiares, amigos e funcionários e colaboradores da Faculdade Patos de Minas – FPM.

Sobretudo a Deus pelo dom da vida, por todas as benções derramadas e pela oportunidade de construir esse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A. ANTUNES et al. Síndrome da Brida Amniótica: A propósito de um caso. **Prog Diag Trat Prenatal**, [S.L], 16(3):150-153, 2004

BIJOS P. et al., Bridas amnióticas ou anéis de constricção: conduta atual. **Revista INTO**. Rio de Janeiro. V. 6, n.1,2 e 3, p.1-48, 2008.

BONET, Hilda Bibas; ATAR, María F.; ECHAZÚ, Mariana Espíndola. Síndrome de bridas amnióticas: **Arch. argent. Pediatr**, n.100(3), p. 241-244, 2002

FERREIRA, Rui; LEITE, Coeli. **Bridas Amnióticas**. Recife,2008.

HIB, Jose. **Embriologia médica:** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2008.

MADI, José Mauro. Complexo de parede abdominal-membros: relato de caso: **Revista AMRIGS**, Porto Alegre, n.47(3), p. 210-213, jul. /set. 2003.

MATIC, Aleksandra; KOMAZEC, Jovan. Amniotic band syndrome. **Acta Medica Medianae**. n. 48(2), p.44-48, 2009.
MONTEIRO JR. Et al., Bridas amnióticas: tratamento cirúrgico. **Pediatria**, São Paulo, n. 17(1), p. 38-4, 1995.

NARDOZZA, L. M. M. Prenatal Diagnoses of Amniotic Band Syndrome in the Trird Trimestes of Pregnancy Uing 3D Ultrasoud. **J Clin Imagings Sei**. Abr. 2012.

NOGUEIRA, F. C. S. et al., Síndrome da Banda Amniótica: relato de caso. **Rev. Brasileira de Ortopedia**, V. 46, Ago. 2011.

PARDINI JR, Arlindo G.; SANTOS, Marcos Antônio; FREITAS, Afrânio D. Bandas de Constrição Congênitas: **Acta Ortop**, Brasil, n. 9(2), abr./jun. 2001. Sem paginação.

PEDROSO, José Victor de Miranda; NOVO, José Luiz Vieira Garcia. Brida Amniótica Envolvendo o Cordão Umbilical na Gravidez de Termo com Sobrevida Fetal. Revisão de Literatura. **Revista Faculdade De Ciencias Médicas de Sorocaba**, Sorocaba, v.7, n.4, p. 10-11, 2005.

RABELO, C. M. et al. Síndrome da Brida Amniótica. **Pediatria (São Paulo)**, São Paulo, 1990. Sem paginação.

RIVAS-LÓPEZ R, Juárez-Azpilcueta A, Islas L, Duran MA, Oviedo I*: Síndrome* de bandas amnióticas asociado a secuencia Potter. Un caso de autopsia. **Rev Mex Pediatr**. n. 72; p. 78-81, 2005.

SADLER, T. W. **Embriologia médica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2005.

SILVA, G. et al. Síndrome de bridas amnióticas: a proposito de 3 casos: **Revista Chil. Pediatria**, n.79(2),p.172-180, 2008.

SOLDADO F. et al. Fetal surgery of extremity amniotic bands: an experimental model of in utero limb salvage in fetal lamb. **V. J Pediatr Orthop**.,n. 29(1), p.98-102, Jan/Fev.2009.

STREETER, G.L. – Focal deficiencies in fetal tissues and theirnrelation to intrauterine amputations. Contrib. Embriol. **Carnegle.nInst**. n. 22:1, 1930.sem paginação.
VERMA A.; MOHAN S.; KUMAR S. Late presentation of amniotic band syndrome: a case report: **Journal of Clinical and Diagnostic Research**, n.1(2), p. 65-68, abr. 2007.

A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E AS POSSÍVEIS INTERFERÊNCIAS NO PROCESSO DE ALIMENTAÇÃO

Irella Borges dos Santos Barbosa[19]

Resumo

O presente artigo discute a relação psíquica entre mãe-bebê-criança e sua importância para o desenvolvimento do indivíduo, utilizando como referencial teórico a psicanálise. Permeando a relação materna, trataremos da questão do alimento, elemento importante para o entendimento do caso a ser aqui discutido. O alimento passa a ser visto não apenas como necessidade fisiológica, mas como via preferencial da criança expressar sua subjetividade e demonstrar seus conflitos internos e também familiares. Tal questão perpassa a simples análise a respeito das formas adequadas de criação de filhos e boas condutas maternas como influências no desenvolvimento infantil, na qual as mulheres tem sido culpabilizadas. Pôde-se verificar que as primeiras interações mãe-bebê são importantes indicadores do tipo de vínculo estabelecido e ajudam a compreender melhor as relações construídas entre mãe e criança e como essas relações bem ou mal sucedidas do ponto de vista Winnicottiano, interferem mutuamente. Um dos possíveis reflexos dessas interações está relacionado com o significante que geralmente mantém a criança em conexão com a mãe, que é o processo de alimentação.

Palavras Chave: Relação mãe-bebê; desenvolvimento; alimentação

1. Introdução

Dentre os vários teóricos e abordagens psicológicas proferidas em atendimentos especializados na atualidade, este trabalho irá abordar a psicanálise como matriz teórica e como referencial teórico o pensamento Winnicottiano e contribuições Kleinianos.

Para Dian (2007), a psicoterapia de orientação psicanalítica procura auxiliar a criança na elaboração dos conflitos dos quais sozinha não conseguiria se desvencilhar, precisando do auxilio especializado para dar sentido as suas angústias e assim conseguir canalizar seus afetos de forma mais produtiva.

O inconsciente do paciente e a contratransferência do psicanalista são os objetos particulares da interpretação psicanalítica por excelência e considerando que a finalidade do tratamento psicanalítico evoluiu, segundo Diatkine em seu artigo "As linguagens da criança e a psicanálise", hoje o que se busca é muito mais propiciar uma mudança nos modos de elaboração dos conflitos do que chegar à sua liquidação.

Neste sentido Winnicott escreve:

---

19 Psicóloga Clinica. E-mail: irellasantos@yahoo.com.br

> Através da psicanálise está sendo obtido o insight sobre as causas daquilo que não é sadio nas pessoas e na sociedade. Ao mesmo tempo, através da psicanálise nós entendemos muito mais o desenvolvimento da consciência do homem, e também o seu potencial construtivo ou sublimatório, considerado como um compromisso entre os impulsos instintivos e as exigências de uma consciência madura e pessoal. (WINNICOTT, 1997, p. 36)

Também, é importante o uso de objetos lúdicos, o brincar tanto exemplificado por Melaine Klein em sua teoria, na busca pela compreensão da criança, podendo observar como os conflitos decorrentes da pulsão reprimida poderão ser revelados. Sem esquecer que cada etapa do desenvolvimento infantil é marcada por tensões próprias e muitas delas refletem em sintomas físicos e/ou psicológicos.

Não obstante, o terapeuta é parte do ambiente que ajuda o outro na busca de alívio de seus sofrimentos. Segundo Winnicott (1997), para se utilizar a experiência mútua, deve-se ter em conta a teoria do desenvolvimento emocional da criança e o relacionamento desta com os fatores ambientais.

De maneira que a relação mãe-bebê-criança fica em evidencia na obra de Winnicott, bem como de Klein, no que se refere à importância desta fase na formação da psique do indivíduo e os reflexos para o desenvolvimento da criança em todas as fases vivenciadas.

Neste trabalho, atribuiu-se especial atenção na díade primária das relações afetivas, relacionamento mãe-bebê, como essência da construção do ser de maneira saudável e completo e também como via de desenvolvimento de uma maternagem satisfatória capaz de influenciar positivamente, criando um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento de ambos.

Buscou-se o material teórico por meio de uma pesquisa bibliográfica em sites científicos e livros. Tais materiais visavam analisar a questão do entendimento da relação mãe-bebê através do referencial teórico psicanalítico e interpretação Winnicottiana principalmente.

1.1. A construção da Maternidade e suas angustias

Na história da humanidade, o papel da mulher em relação a sua maternagem sofreu várias transformações de acordo com as necessidades de adaptações e interesses sociais vigentes em cada época.

Mas foi principalmente no séc XIX, que a maternidade ganhou novos desenhos segundo Araújo e Moura (2004). É neste contexto, que o bebê e a criança ganham mais atenção e privilégios da sociedade. Há então uma mudança de valores sociais justificados pela psicologia, filosofia e pediatria vigente, que preconizava a importância da relação mãe-bebê para o desenvolvimento saudável da criança.

Isto posto, verificou-se uma valorização da mulher-mãe, cuidadora do lar como ideal a ser seguido para o fortalecimento da classe burguesa, que preconizava o individualismo familiar.

É neste momento que se instaurou uma apologia a esta super-mulher-mãe que deveria viver exclusivamente em prol dos filhos e da família. Quem não seguisse tal comportamento estaria fugindo das leis naturais. Então emergiu o sentimento de culpa que as mulheres mães costumam carregar hoje quando precisam trabalhar e deixar seus filhos em creches.

O discurso da amamentação também foi codificado, impondo um regulamento da vida da mulher, aprisionando-a por um longo período à necessidade exclusiva de alimentação do bebê, criando uma espécie de ditadura do aleitamento materno como capacidade essencial à qualquer mãe.

Neste sentido, é fácil entender as angústias vividas pelas mulheres na modernidade que por vários motivos não conseguiram amamentar seus filhos.

Para Araújo e Moura (2004), a psicanálise pós-freudiana, teve grande influência no reforço da manutenção deste papel materno, uma vez que enfocaram a relação mãe-bebê como decisiva no desenvolvimento infantil.

E para a mesma autora, não pode ser esquecido que o discurso psicanalítico foi amplamente absorvido sem muitas críticas pela sociedade contemporânea, pois foi construído principalmente em conformidade com uma perspectiva centrada no indivíduo.

De fato o que pôde ser observado na sociedade pós-moderna atualmente, é que há um conflito muito grande do homem e da mulher a respeito dos seus papeis sociais, uma vez que foram mudando juntamente com as novas formações familiares.

Há necessidade de um forte investimento emocional do casal para se chegar a uma concepção de uma nova constituição familiar: o que é ser mãe e ser pai e concomitantemente conseguir fazer uma junção com os outros papeis no qual cada indivíduo representa. A mulher vai tentar conciliar sua nova função maternal com suas atividades profissionais e de esposa.

Estas experiências podem parecer contraditórias e ambivalentes para a mulher em seu papel de mãe e podem trazer grandes conflitos familiares e intrapsíquicos, para a mulher em especial. Devendo ter a mãe grande atenção quanto aos tipos de sentimentos envolvidos nesta nova função maternal que certamente irá se conflitar com outros papeis e podem gerar consequências às vezes desastrosas para os filhos e a família.

Essa situação pode também ter reflexo inclusive no processo de identificação com o(s) filho(s) e afetar a autoestima da mulher enquanto profissional e esposa.

Para Lordelo e outros (2000), o conjunto de atitudes da mãe em relação à criança sofre forte influência do contexto socioeconômico e cultural da família. Dessa forma, as ideias parentais de como cuidar dos filhos tendem a acompanhar as crenças da sociedade que também estão sujeitas a mudanças históricas.

1.2. A relação mãe-bebê e suas consequências para o desenvolvimento infantil

As interações entre mães e seus bebês e as possíveis relações com o desenvolvimento infantil, tem sido um recorte importante para estudos a respeito dos tipos de possibilidades de intervenções na clinica e muitas reflexões sobre psicoterapia de crianças.

Para Zamberlam (2002), diferentes visões tem fundamentado teoricamente as pesquisas sobre interação mãe-infante, e essa relação tem sido interpretada sob diferentes perspectivas teórico-conceituais.

Para o mesmo autor, a marca fundamental dos primórdios da vida subjetiva para Winnicott está na vulnerabilidade , que é praticamente absoluta do indivíduo ao ambiente no inicio da vida, e que necessita de um manejo adequado para se alcançar um desenvolvimento esperado.

Desta forma, a possibilidade de oferecer um ambiente suficientemente bom é responsável por sustentar o processo de desenvolvimento do bebê. Uma possível falha ambiental pode interferir substancialmente no processo de maturação como ser psicossomático, ou seja, a saúde psíquica do ser está em jogo e falhas nestes momentos iniciais podem interferir no modo de ser do indivíduo na fase adulta.

Todavia existe um parêntese neste pensamento, uma vez que Winnicott fala também da importância da mãe propositalmente falhar em doses homeopáticas com o bebê para favorecer seu desenvolvimento. Já que é através destes episódios que a criança vai começar a se frustrar e entender melhor que é um ser separado de sua mãe.

Como citado anteriormente, Winnicott procurou separar o externo do interno em sua obra, as interferências do ambiente externo com as forças internas que regem a psique humana.

Neste contexto, a relação mãe-bebê tem um papel de suma importância, segundo Ortega e Bezerra Jr (2007) pois a mãe em sua ação tanto responde às necessidades imediatas do recém-nascido, quanto se oferece como primeiro objeto de representação simbólica por meio do qual se inicia na experiência de um mundo compartilhado. E esta estruturação das relações precoces entre o bebê e sua mãe, possibilita o indivíduo a ser apto a viver junto com outros seres.

Segundo estes autores, outro aspecto importante também na teoria de Winnicott é a formação do *Self* que se define mais como uma experiência. Tem a ver com o sentimento de continuidade no tempo que é possibilitado pela mãe que é responsável por sustentar as experiências ilusórias iniciais sem prejudicar a experiência real.

Assim, vai proporcionar a aquisição de uma existência própria e uma confiança experimentada pelo Self, capaz de acumular vivencias pessoais e possibilitar uma existência que consiga conectar o presente, passado e futuro, através de uma busca criativa de um sentido para a experiência do viver.

Segundo Nasio (1995), apresentando a teoria de Winnicott, destaca que a fase de dependência relativa da mãe e dos substitutos parentais, acontece aproximadamente dos 6 meses aos 2 anos e as possíveis falhas de adaptação da mãe são melhor toleradas pela criança neste período. Pode ser tirado proveito delas para o desenvolvimento. A criança percebe melhor a realidade externa e a mãe separada de si.

Todavia, a criança vivencia algumas questões que vão precisar da ajuda da mãe, que Nasio (1995), vai explicar como a percepção que a criança tem da existência de duas mães simultâneas (boa e a má). A boa dos momentos de calma e tranquilidade, representada pelos cuidados iniciais, e a outra que repreende, presente nos momentos de agressividade (Exemplo: hora das refeições). Que acarreta na criança um vazio provocado pela fantasia que a satisfação de sua fome acarreta uma deterioração do corpo da mãe.

Para este autor, é importante que a mãe dos momentos tranquilos continue a cuidar da criança com a mesma atenção e a mesma ternura dos primeiros encontros. E que esta mãe não se ausente por um tempo que ultrapasse a capacidade da criança de manter uma representação viva dela, não podendo duvidar de sua existência.

Ainda segundo Nasio (1995), o sentimento de falta de sobrevivência da mãe pelo filho nesta fase, pode ser agrupado sob o termo "doenças da pulsão agressiva", como a tendência antissocial, à hipocondria, paranoia, depressão e a psicose maníaco-depressiva.

Para Pontes e outros (2007), os conceitos básicos da teoria do apego permitem pensar os vínculos afetivos do ser humano ao longo do ciclo de vida e tem ajudado a psicologia contemporânea a entender as variáveis do contexto no qual o sujeito está inserido e quais as influências no comportamento, influenciado pela temática gerada pelo modo de vida moderno, diferentemente do constructo inicial proposto por Bowlby que tinha enfoques nos aspectos individuais apenas.

Segundo Zamberlan (2002), a qualidade da interação inicial entre a mãe e seu bebê é considerada um importante fator medidor para o desenvolvimento futuro da criança, particularmente no que se refere à comunicação, socialização e cognição.

Por fim, uma investigação sobre as condições estabelecidas na díade mãe-bebê, em seu processo de interação inicial é importante enquanto prática de intervenção clínica, dada à sua relevância social. "A habilidade materna em perceber, interpretar e responder às necessidades comunicativas da criança adquire posição central na construção de uma relação de mutualidade". (SCHAFFER, 1996 apud ZAMBERLAM, 2002 p. 401)

1.3. O processo de Amamentação e as influências na formação do comportamento alimentar

A amamentação é descrita tanto na literatura médica quanto na psicologia como um dos mecanismos de suma importância e fundamental para a sobrevivência e saúde do bebê e vai ser decisivo para um bom desenvolvimento emocional, uma vez que seus reflexos poderão ser sentidos por toda a vida.

Assim, proporcionar que a mãe amamente seu filho indica estabelecer um vínculo entre ambos, pois segundo Ferraz (2006), na perspectiva do pensamento Winnicottiano, a amamentação no seio, se for bem sucedida, constitui uma excelente base para a vida da criança, bem como para os sentimentos maternos implicados no ato de alimentar.

Também importante é o processo de desmame. Para Winnicott (1997), vai depender da forma como será conduzido, podendo ter interferência na relação do indivíduo com sua alimentação na fase adulta. Desta forma, problemas enfrentados nesta fase podem indicar certas dificuldades da mãe e da criança em lidar com o processo de separação.

Para a mesma autora, caso ocorram falhas desta origem que impliquem desajustes no manejo com o bebê, poderão surgir variados problemas futuros, pois implicam na construção do self, em que é tirada do bebê a chance de ser o criador do objeto (seio) que precisa ser encontrado para estabelecer o prazer no ato de sugar.

Segundo Ferraz (2006), a alimentação é capaz de unir a experiência de satisfação da fome com a experiência de segurança, carinho e intimidade no seu relacionamento com seu cuidador, que geralmente é a mãe. Tal experiência proporciona a liga entre o prazer físico ao emocional. Uma vez que, tudo que a mãe faz ao bebê em virtude da sua dedicação são absorvidas por ele tal como um alimento.

Para Winnicott (1997), os sintomas alimentares durante a infância podem variar conforme o relacionamento da criança com outras pessoas pertencentes ao seu meio ambiente imediato e "Quando o resultado de experiências arcaicas do desenvolvimento é desfavorável, há um aumento dos riscos para o desenvolvimento psíquico saudável, e um deles é a baixa autoestima e os transtornos alimentares" (Gorgati, Holcberg & Oliveira, 2002 apud Sopezki e Vaz, 2008, p. 271)

Segundo Ferraz (2006), alguns autores descrevem que conflitos intrafamiliares no que se refere ao âmbito alimentar, estão relacionados com as dificuldades apresentadas pelos responsáveis em formar hábitos sadios na vida da criança, que também se relacionam com dificuldades com problemas disciplinares e de educação.

Complementando, Ferraz (2006), explica que a alimentação é uma das vias preferenciais da criança em expressar sua subjetividade e através dela se expressam os vínculos afetivos bem como os conflitos emocionais como ansiedade, insegurança, controle do ambiente e limites.

Outro aspecto também importante citado por este autor, é a questão da recusa alimentar nas crianças, em que condiz com as preferências individuais de cada criança e tem relação direta com as características de quem a alimenta.

Portanto, para esta autora, o sintoma alimentar pode ser entendido como uma mensagem que a criança tenta direcionar à sua mãe a fim de obter seu amor e sua dedicação. Nestas situações, a criança torna-se o centro de afetos muitas vezes inapropriados dos pais, tais como angustia pela ameaça de punição e a impulsividade do gesto de forçá-la a comer, tendo um gesto de agressividade.

1.4. A importância das interações mãe-bebê-criança no processo de alimentação

Para Silva (2005), os transtornos alimentares possuem uma etiologia multifatorial, composta de predisposições genéticas, socioculturais e vulnerabilidades biológicas e psicológicas. Aparecem em diferentes configurações clinicas, além da neurose, são encontrados em casos de psicose e sintomas psicossomáticos.

Ainda segundo este autor, existem fatores predisponentes familiares que merecem ser destacados, já que indicam padrões desfavoráveis e precoces na relação mãe/filho e também de forma semelhante, a postura dos pais quanto aos valores, educação e controle alimentar dos filhos influencia também na origem dos sintomas alimentares.

Ainda, para Silva (2005), da mesma forma alguns episódios estressantes como mudança de casa ou de escola e separações costumam ser antecedentes freqüentes dos transtornos alimentares e a dimensão desses fatores estressores sobre a origem desses transtornos tem relação com recursos prévios decorrentes do suporte familiar e social do indivíduo

Ainda neste contexto, os fatores psicológicos presentes na dinâmica familiar podem dificultar a melhora do transtorno alimentar quando existem, por exemplo, ganhos secundários como atenção, afeto ou ainda vantagens materiais.

Segundo Gusmão (2002), a quarta edição do DSM-IV, 1994, foi realizada uma diferenciação na classificação dos transtornos alimentares, tendo como uma das novidades uma nova categoria diagnóstica, o transtorno da alimentação em bebês ou na primeira infância.

Para esta autora, a psiquiatra Chatoor classificou os transtornos alimentares (eating disorders) como perturbações no ato de comer, e os transtornos da alimentação (feeding disorders) como perturbações no ato de dar de comer.

Neste sentido, para Gusmão (2002), como as crianças são totalmente dependentes de seus cuidadores no início da vida, quanto ao ser alimentado, algumas dificuldades podem surgir neste período que envolve a díade alimentador-alimentado e geralmente as mães são figuras centrais neste processo.

Vale destacar sobre a importância do papel materno nas diferentes etapas do desenvolvimento infantil e suas contribuições para a promoção de um desenvolvimento saudável do indivíduo. Sendo como função primordial da mãe neste contexto, a capacidade de adaptar-se às necessidades da criança ou bebê e ser sensível a possíveis alterações, possibilitando que a criança possa superar as dificuldades enfrentadas na fase vivenciada e passar para a fase subseqüente.

Portanto, a alimentação sem dúvida ocupa um importante lugar no desenvolvimento infantil, uma vez que desde o nascimento, são valorizadas as interações mãe-bebê como responsáveis, em diferentes graus é claro, pelo favorecimento positivo ou negativo da relação do indivíduo com o alimento.

1.5. Considerações Finais

Neste trabalho, foi fundamental entender melhor a temática mãe-bebê-alimento, passando por aspectos relacionáveis como alimento e vínculo e maternagem, como partes de um complexo sistema inter-relacionáveis que influenciam no desenvolvimento da criança.

Conclui-se neste trabalho, que a ocorrência de possíveis falhas ambientais, dentro de uma perspectiva Winnicotiana, relativas ao manejo da alimentação infantil em vários períodos do desenvolvimento, bem como a relação parental, subsidia em grande parte, o modo pelo qual o processo de alimentação é internalizado.

E ao analisar tais processos, pôde-se constatar que são vários os conflitos familiares relacionados ao âmbito alimentar que tramitam ao que tudo indica de geração para geração. Portanto, é comum que conflitos familiares tragam reflexos na alimentação, já que existem indicadores que podem comprometer o vínculo mãe-filho e trazer reflexos negativos para ambos.

Também deve ser destacado, que como o alimento vem repleto de significado de conteúdo psíquico, distúrbios neste âmbito, geralmente ocorrem como tentativas de compensar frustrações, sinal de afeto e outras manifestações emocionais.

Deste modo, os conflitos estabelecidos em torno da alimentação, são de certa forma caminhos que a criança encontra para manter sua onipotência e controlar seu ambiente e as pessoas, em especial a mãe.

Destarte, a psicologia e a psicanálise vêm contribuir substancialmente através de estudos sobre as interações que ocorrem entre mãe e infante desde seus primeiros contatos e as conseqüências dessas relações para o desenvolvimento do indivíduo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉDARD ,N. **Como interpretar os desenhos das crianças**. 2.ed. São Paulo,1998

DOLTO, F. **Dialogando sobre crianças e adolescentes**. Com a colaboração de Jean-Françoise de Sauverzac; Tradução de Maria Nurymar Brandão Benetti; Revisão: Josiane de Fátima Pio Romera; Beatriz Marchesini e Niuza Maria Gonçalves, Campinas,SP, Papirus, 1989, 261 p. Título original: Dialogues Québécois.

OLIVEIRA DIAS, E. **O caráter temporal e os sentidos de trauma em Winnicott**. Disponível em <http://www.sociedadewinnicott.com.br> acessos em 20 out. 2011.

FERRAZ, O. **E quando o paciente não quer comer ? Um estudo sobre as queixas alimentares de crianças com distúrbios de apetite.** 2006. Disponível em < http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/quando-paciente-n%C3%A3o-quer-comer-um-estudo-as-queixas-alimentares/id/6882742.html> Acessos em 21 Out 2011

GUSMÃO, MARTHA H. **Os transtornos e as dificuldades da alimentação**. 2002 Disponível em < http://
www.fundamentalpsychopathology.org/art/mar2/3.pdf> *Acessos em 20 Out 2011.*

BEZERRA JR; ORTEGA, (Org). **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: editora Relume Dumará, 2007.

KLEIN ,M. **A Psicanálise de Crianças**. Tradução de Liana Pinto Chaves; revisão técnica de José A. Pedro Ferreira, Rio de Janeiro: editora imago,1997, 352 p. Título original: The Psycho-Analysis of Children.

LORDELO, E. da R; FONSECA, A. L; ARAUJO, M. L. V.B. de. **Responsividade do ambiente de desenvolvimento**: **crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2000, vol.13, n.1, pp. 73-80. ISSN 0102-7972. Disponível em < http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722000000100009> acessos em 20 out. 2011.

MOURA, S. M. S. R. de; ARAUJO, M. DE F. **A maternidade na história e a história dos cuidados maternos**. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 1, mar. 2004 . Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14149893200400010006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 out. 2011.

PONTES, R et al. **Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana**. Aletheia, n.26, p. 67-79, jul/dez. 2007. Disponível em http://www.ufpa.br/led/documentos/Teoriadoapegoelementosparaumaconcepcaosistemica.pdf.> acessos em 20 out. 2011

DIATKINE. R. **As linguagens da criança e a psicanalise**. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01013106200700020007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 jun. 2011.

GARCIA-ROZA, L.A. **Freud e o inconsciente**. 22.ed. Rio de Janeiro: editora Jorge Zahar, 2007. P. 230

NASIO, J.D. **Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.** Tradução de Vera Ribeiro, revisão de Marcos Comaru, contribuições de A. M. Arcangioli, M. H. Ledoux, L. Le Vaguerèse, G. Taillandier, B. This e M. C. Thomas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. 301 p. Título original: Introduction aux oeuvres de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.

SILVA, ANA BEATRIZ. **Mentes e Manias:** entendendo melhor o mundo das pessoas sistemáticas, obsessivas e compulsivas. São Paulo: editora gente, 2004. 175 p.

SILVA, ANA BEATRIZ. **Mentes inquietas**: São Paulo: editora gente, 2005 p. 225

DIAN, S.V. **Psicoterapia Psicanalítica com crianças**.2007. Disponível em <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/20/TDE-2007-06-05T170504Z-656/Publico/390043_novo.pdf>acessos em 15 jun. 2011.

PINHA, T. DE J. M.. **O Desenvolvimento Infantil e a Escolha da Neurose**. Disponível em: <http://www.nucleodepesquisas.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=157&Itemid=169>acessos em 15 jun. 2011.

VAZ, E; SOPEZKI, D. **O impacto da relação mãe-filha no desenvolvimento da autoestima e nos transtornos alimentares**. Interação em Psicologia, 2008, 12(2), p. 267-275. Disponível em: < http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewArticle/7831> acesso em 20 out. 2011

WINNICOTT, W. **Pensando sobre Crianças**: Organizado por Ray Shepherd, Jennifer Johns e Helen Taylor Robinson; Tradução por Maria Adriana Verríssimo Veronese, Porto Alegre: editora Artes Medicas, 1997. Título original: Thinking about children.

ZAMBERLAN, T. **Interação mãe-criança: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos**. Estudos de psicologia 2002, 7(2), 399-406. Disponível em < http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v7n2/a21v07n2.pdf> acessos em 21 out. 2011

CÂNCER DO COLO UTERINO E FATORES ASSOCIADOS

Estanislau Gonçalves Jovtei [20]
Eva Mendes Monteiro [21]

Resumo

A infecção genital causada por Papilomavírus Humano (HPV) é uma das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) mais frequentes, apontada como a principal causa de câncer da cérvice uterina. Fator que está fortemente relacionado ao câncer cervical é a presença do Papilomavírus Humano (HPV), principalmente os tipos 16 e 18 que são considerados do grupo de alto risco. O câncer do colo uterino é o segundo maior causador de morte entre mulheres. O rastreamento através da citologia pelo método de Papanicolaou permite a detecção de lesões pré-invasivas contribuindo para reduzir a incidência desta neoplasia. Esse estudo teve por objetivo relacionar os vírus HPV tipos 16 e 18 com o câncer cervical através de levantamento bibliográfico. Assim, ficou evidente que há uma forte ligação entre a presença do vírus HPV no colo cervical com o desenvolvimento do câncer uterino. Isso demonstra a necessidade de medidas preventivas como orientação e realização do exame Papanicolaou.

Palavras-chaves: Neoplasias Uterinas. HPV. DSTs.

1- introdução

Neoplasias Uterinas são uma das principais causas de morte, atingindo grande número de mulheres em idade social e economicamente ativa. Representa a segunda causa de morte por câncer em mulheres no mundo, ocupando o primeiro lugar em vários países em desenvolvimento (PEDROSA, 2003).

Diante disso, o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2011), estima por ano 4.800 vítimas fatais e apresenta 18.430 novos casos. Essa pesquisa comprova que o país avançou na sua capacidade de realizar diagnóstico precoce, já que na década de 1990, 70% dos casos diagnosticados eram da doença invasiva, com estágio mais agressivo da doença. No entanto, atualmente 44% dos casos são de lesão localizada (in situ), ou seja, mulheres diagnosticadas precocemente, tratadas adequadamente, têm chance de praticamente 100% de cura (INCA, 2011).

---

20 Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especializações na área e mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina.
21 Graduada em Biomedicina e discente da Pós- Graduação em Análises Clínicas pela Faculdade Patos de Minas.

Na maioria dos casos, as neoplasias cervicais são curáveis em sua fase pré-invasiva (BLAKE et al, 1988 apud PEDROSA, 2003). Dessa forma, o Carcinoma escamoso invasor, normalmente tem um curso lento de cerca de 10 a 12 anos. Esse fato possibilita o rastreamento baseado na análise das células obtidas do colo do útero e da vagina, conforme proposto por George Nikolas Papanicolaou (PEDROSA, 2003).

Segundo Colatino (2010), os principais fatores envolvidos na causa do câncer do colo do útero, são: início precoce das relações sexuais, multiplicidade de parceiros, uso prolongado de anticoncepcionais de via oral, baixa condição socioeconômica, tabagismo, higiene inadequada da genitália.

Para Bosch apud Salvia (2004), o fator de risco mais preocupante comprovado através de estudos consistentes, confirma que o Papilomavírus Humano (HPV), principalmente os tipos 16 e 18, está associado diretamente ao câncer cervical.

2 - ÚTERO

O útero é um órgão do aparelho reprodutor feminino que está situado no abdome, por trás da bexiga e frente do reto, varia de forma, tamanho, localização e estrutura, de acordo com a idade, estimulação hormonal, paridade, estado gravídico. Durante o menacme, na nulípara, as dimensões do útero são menores e, nas multíparas, podem ser maiores. Após a menopausa ocorre redução de dimensões, principalmente do corpo do útero (UNIFESP, 2011).

2.1 - Anatomia

O útero é um órgão muscular, piriforme, de paredes espessas, ímpar, oco, achatado dorso ventralmente e alongado, com eixo paralelo ao plano mediano, curvado para corresponder ao eixo da pelve. Mede cerca de 7,5 cm de comprimento, 5 cm de largura na sua parte cranial, aproximadamente 2,75 cm de espessura e pesa de 30 a 40 g. (GOSS, 1988). Ainda, dividi-se em duas regiões supravaginal e intravaginal, denominadas ectocérvice e endocérvice, onde ocorre grande parte das neoplasias (MELO, 2011).

De acordo com Melo (2011), o útero está situado no abdome, por trás da bexiga e frente ao reto, no plano sagital mediano da cavidade pélvica. Dessa forma, apresenta a seguinte divisão: parte superior das tubas uterinas (fundo do útero), região central delgada (corpo do útero) e uma parte mais estreita que possui abertura para a vagina (Colo do útero).

O útero faz um ângulo de cerca de 90°, a sua estrutura apresenta três camadas: a) interna ou endométrio, que consiste em um revestimento epitelial e um tecido conjuntivo, chamado estroma endometrial. O estroma é o que suporta as glândulas epiteliais tubulares que se abrem na luz uterina. São dois tipos de artérias que fornecem sangue ao endométrio, as artérias retas irrigam a camada mais profunda e o tipo espiralado a camada superficial, sofrem modificações progressivas durante o ciclo menstrual; b) média ou miométrio, camada espessa, que consiste em feixes entrelaçados de fibras musculares lisas embebidas em tecido conjuntivo; c) externa ou perimétrio, é o revestimento epitelial do órgão, contínua de cada lado com o peritônio do ligamento largo (DANGELO, 1988).

Jacob (1990) enfatiza que o útero é recoberto por uma camada de peritônio e ligado a ambos os lados da cavidade pélvica, através de uma camada dupla de peritônio, ou ligamentos largos nos quais passam as artérias uterinas. Os suportes principais do útero são os ligamentos cardinais, localizados na base dos ligamentos largos, há também dois ligamentos redondos, conectados de cada lado e perto das tubas uterinas, mantendo o útero na sua posição. Os dois ligamentos uterossacrais são feixes fibrosos curvados ao longo do assoalho da pelve, a partir da junção da cérvix com o corpo até o sacro, auxiliam no suporte e na manutenção da posição do útero.

2.2 - Histologia e citologia do colo uterino normal

Estruturas principais que se relacionam diretamente com o colo do útero são a endocérvice, relacionada ao canal endocervical e, ectocérvice estrutura vaginal do colo (SCHIAVON, 2009).

A ectocérvice é revestida por epitélio pavimentoso estratificado do tipo não queratinizado, o qual reveste tanto a ectocérvice quanto a parede da vagina. A endocérvice, correspondente ao canal endocervical, que é revestido por epitélio colunar simples ou cilíndrico, predominantemente mucíparo, forma saliências e reentrâncias, formações glandulares, armazenam em seu interior grande quantidade de muco, produzido pelas células secretoras (LIRA NETO, 2000 apud PLEWKA, 2007).

Histologicamente, o corte da ectocérvice exibe três extratos de células escamosas, membrana basal ou tecido conjuntivo de sustentação para a luz vaginal, são denominados de camada profunda, composta por uma camada de células basais e parabasais. Já o extrato intermediário, é composto por várias camadas de células intermediárias e, o extrato superficial é composto por camadas de células superficiais (LIRA NETO, 2000 apud PLEWKA, 2007).

O processo de maturação e diferenciação do epitélio é diretamente dependente de ação hormonal do estrogênio e progesterona, interferindo no predomínio de células de determinado grau de diferenciação celular, de acordo com a fase do ciclo menstrual em que a mulher se encontra e a faixa etária. (STEVEN; LOWE, 2001apud PLEWKA, 2007).

O epitélio que recobre a cavidade endocervical é composto por uma única camada de células cilíndricas endocervicais, com função secretora e locomotora, as células medem de 8 a 20 µm, são alongadas, citoplasma claro. O núcleo é excêntrico e vesicular, possui cromatina finamente granular e regularmente distribuída, podendo ser observados um ou dois nucléolos pequenos (KOSS, 1992 apud PLEWKA, 2007). Dependendo do ângulo sob a qual são observados os esfregaços citológicos, aparecem alongadas ou arredondadas (GOMPEL; KOSS, 1997 apud PLEWKA, 2007).

3 - CÂNCER DE COLO UTERINO

O câncer não se constitui em uma única doença, e sim uma grande variedade de doenças, pode desenvolver por diversos estímulos e de historia natural. Progressivamente as neoplásicas desenvolvem-se, a partir de qualquer tecido no interior de qualquer órgão, quando células normais perdem a sua capacidade funcional, produzindo uma massa de tecido cancerosa dividindo-se descontroladamente. (De Vita, 1984 apud GAMARRA, 2009).

Desse modo observa-se que:

> Geneticamente o câncer acontece na formação de células, estas formadas por três partes: a membrana celular que é a parte externa da célula; o citoplasma, que constitui o corpo da célula; e o núcleo, que contém os cromossomos que por sua vez são compostos de genes. Os genes são arquivos que guardam e fornecem instruções para a organização das estruturas, formas e atividades das células no organismo. Toda a informação genética encontra-se inscrita no gene através de uma "memória química" – o ácido desoxirribonucléico (DNA). Através do DNA que os cromossomos passam as informações para o funcionamento da célula, o que chamamos de mutação genética (FIDÉLIS, 2007 p.13).

Através do DNA os cromossomos passam as informações sobre o funcionamento das células, ocorrendo mutação genética. As células cancerígenas dividem rapidamente, tendem a multiplicarem descontroláveis e de forma agressiva, ocorrendo acúmulo de células cancerosas que determina a formação de tumores ou neoplasias malignas. Já os tumores benignos, são aqueles que formam uma massa localizada de células que multiplicam lentamente se assemelham ao seu tecido original, raramente constituindo um risco de vida (FIDÉLIS, 2007).

O câncer de colo uterino é uma neoplasia maligna, que ocorre no epitélio da cérvice uterina, proveniente de alterações celulares que vão evoluindo de forma insignificante, terminando no carcinoma cervical invasor (BARROS; MARIN; ABRÃO, 2002 apud COLATINO, 2010).

Existem dois tipos de histológicos básicos do câncer de colo uterino: Epidermóide e o adenocarcinoma. O epidermóide possui uma incidência maior e surge predominantemente na junção escamo-colunar, o adenocarcinoma tem seu desenvolvimento no epitélio glandular da endocérvice. Portanto, vários são os fatores envolvidos na causa do câncer do colo do útero, tais como: baixa condição sócio-econômica, início precoce das relações sexuais, multiplicidade de parceiros, tabagismo, higiene inadequada da genitália e uso prolongado de anticoncepcionais de via oral e o fator de risco preocupante são as infecções pelo Papilomavírus Humano – HPV (COLATINO, 2010).

O Papilomavírus Humano penetra na camada basal do epitélio cervical das células, podendo seguir alguns percursos: (a) Infecção latente pela manutenção do DNA viral, que replica sincronicamente com a célula hospedeira. Essa infecção pode ser transiente ou seguir um dos dois caminhos descritos; (b) conversão da infecção latente em infecção ativa, com a produção de vírions pela célula hospedeira; (c) integração do DNA viral ao genoma da célula hospedeira, fenômeno associado à transformação neoplásica (CHEAH & LOOI, 1998 apud PEDROSA, 2003).

As células pré-neoplásicas e neoplásicas surgem através da integração do DNA do HPV ao genoma da célula hospedeira, que passa a expressar os oncogenes virais E6 e E7, que inibem a produção de interferon limitando a reposta imune. Os vírus oncogenes inativa as proteínas p53 e Rb105, proteínas responsáveis pelo controle do crescimento celular (PEDROSA, 2003).

3.1 - Diagnóstico

A palavra Câncer é assustadora mediante o recebimento do diagnóstico, algumas pessoas, ainda hoje, mal mencionam o seu nome, referem-se ao câncer

como: “aquela doença” “não quero nem falar o nome”. Mesmo para alguns médicos, diante de seus pacientes, é difícil lidar com o diagnóstico. A primeira reação é o desespero, visto como sinônimo da morte, motivo para esconder o diagnóstico, pois, em um país capitalista, onde a produtividade é o que impera, pode significar não ser produtivo no contexto social e familiar, nesse sentido, encarar a rejeição, às vezes, com o despreparo familiar para lidar com os aspectos inerentes a doença, como o tratamento prolongado ou mesmo com a morte (FIDÉLIS, 2007).

Estudos comprovam que mulheres diagnosticadas precocemente, tratadas adequadamente, têm chance de praticamente 100% de cura (INCA, 2011).

Quando é diagnosticado câncer cervical invasivo, o estadiamento clínico estima a extensão da doença, de modo que, o tratamento pode ser planejado de maneira mais específica e, o prognóstico previsto de forma razoável (INCA, 2011).

Segundo estudos do INCA (2011), os diagnósticos podem ser obtidos, através de: a anamnese deve ser dirigida, principalmente, aos sintomas e fatores de riscos; o exame físico utiliza o método de palpação do fígado, regiões supraclaviculares e inguinais para excluir metástases; o exame especular que examina o conteúdo vaginal, aspecto no que refere a quantidade, cor, odor e presença de lesão; a citologia oncótica é principal método de rastreamento do câncer cervical, tecido, necrosado, sangramento e células inflamatórias que prejudica a visualização de células neoplásicas; a colposcopia e a biopsia são fundamentais na confirmação do carcinoma invasor, tendo a primeira finalidade de limitar a extensão da doença no epitélio de cérvice.

O INCA (2011) ainda enfatiza que, quando o exame citológico confirma lesões invasivas, a biópsia torna-se relevante, porém, necessitará complementação toda vez que a profundidade de invasão for menor do que 5 mm e a extensão inferior a 7 mm (microinvasão). Nesses casos, estará indicada a biópsia alargada, a conização ou a exérese da zona de transformação (ZT), na dependência do aspecto macroscópico e/ou colposcópico.

A Pesquisa de transcritos E6 e E7, conforme estudos, afirmam que os principais eventos envolvidos na transformação maligna da mucosa cervical se iniciam pela expressão desregulada dos oncogenes E6 e E7 do HPV, durante a divisão celular nas camadas basal e parabasal do epitélio escamoso (COUDRY, 2011). Os testes de biologia molecular, dentre os quais a Reação em Cadeia da Polimerase (PCR), que é o método mais sensível que se utiliza da síntese enzimática de DNA, determinando amplificação específica e exponencial de um determinado fragmento desse ácido nucleico (KANESHIMA et al. 2001;BIGIO et al.2002 apud ALMEIDA, 2006).

Captura Híbrida essa técnica não fornece a tipagem viral específica e sim por grupos alto e baixo risco e Hibridização In Situ técnica que permite a localização de ácidos nucleicos dentro das células, estejam estas nas células ou em preparados citológicos representativos (SILVA, 2011).

A ressonância magnética está sendo cada vez mais utilizada para diagnosticar, pois apresenta excelente resolução para diversas densidades das estruturas pélvicas, não utiliza radiação ionizante, confortável, entretanto, essa forma de abordagem não expressa a real extensão da doença e não inclui importantes fatores como volume tumoral e acometimento linfonodal (CAMISÃO, 2007).

3.2 - Exame Papanicolau

Em 1917, George Nikolas Papanicolaou propôs pesquisar o uso sistemático do esfregaço cérvico-vaginal. Já em 1923, revelou o ciclo sexual em mulheres, através de estudos em esfregaço vaginal. Descobriu em 1924, que era possível a observação das células cancerosas derivadas da cérvice uterina em esfregaços vaginais. Em 1942, Papanicolaou demonstrou que poderia ser realizado através dos caracteres morfológicos anormais das células esfoliadas do epitélio uterino, o diagnóstico do câncer em sua fase inicial (MACHADO 2007 apud PLEWKA, 2007).

O exame papanicolaou é realizado por um profissional da área de saúde capacitado. A paciente é colocada numa maca, em posição ginecológica. A seguir, coloca-se o espéculo vaginal (semelhante a um bico de pato), afasta-se as paredes vaginais, e com uma espátula (1), é coletado amostras de células do colo do útero e do canal vaginal, utiliza-se uma escova para fazer um raspado do epitélio do colo uterino (2). Esse material será conservado em fixadores, posteriormente será encaminhado a um laboratório (INCA, 2011).

Os quatros principais classificatórios nos últimos 60 ano, nos dias atuais usa-se a Nomenclatura do Sistema Bethesda (PEDROSA, 2003).

Quadro 1: Nomenclaturas.

<table>
<tr><th>Papanicolaou</th><th>OMS</th><th>Richart</th><th>Bethesda</th></tr>
<tr><td>Classe I</td><td>Normal</td><td>Normal</td><td>Dentro dos limites normais</td></tr>
<tr><td>Classe II</td><td>Atipias</td><td>Atipias</td><td>Atipias escamosas / glandulares de significado indeterminado (ASCUS / AGUS)

Alterações epiteliais benignas</td></tr>
<tr><td rowspan="3">Classe III</td><td rowspan="2">Displasia leve</td><td>Infecção pelo HPV (condiloma)</td><td rowspan="2">LIS de baixo grau</td></tr>
<tr><td>NIC I</td></tr>
<tr><td>Displasia moderada</td><td>NIC II</td><td rowspan="4">LIS de alto grau</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Classe IV</td><td>Displasia acentuada</td><td rowspan="2">NIC III</td></tr>
<tr><td>Carcinoma in situ</td></tr>
<tr><td>Classe V</td><td>Carcinoma</td><td>Carcinoma</td><td>Carcinoma invasor de células</td></tr>
</table>

***Fonte**: (PEDROSA, 2003).*

OMS = Organização Mundial de Saúde;
LIS = lesão intra-epitelial escamosa;
NIC = neoplasia intra-epitelial cervical.

3.2 - Tratamento

O médico responsável pelo paciente analisa e orientada em busca do melhor resultado. Entre os tratamentos mais comuns para o câncer do colo do útero estão a cirurgia e a radioterapia. O tipo de tratamento dependerá do estadiamento da doença, tamanho do tumor e fatores pessoais, como idade e desejo de ter filhos. Em casos cirúrgicos será analisada invasão e extensão, será indicadas radioterapia e a quimioterapia em caso de contraindicação absoluta de tratamento cirúrgico, esses tratamentos desafiam a mulher a suportar diversas consequências físicas e emocionais (INCA, 2006).

De acordo com Barboza (2006), a radioterapia usa radiação ionizante, o objetivo é eliminar as células do tumor, através de radiação e ao mesmo tempo procura preservar as células vizinhas saudáveis.

No entanto, a quimioterapia é um método que utiliza compostos quimioterápicos. O primeiro quimioterápico antineoplásico foi desenvolvido a partir do gás mostarda, usado nas duas Guerras Mundiais como arma química. Os agentes antineoplásicos empregados no tratamento incluem os alquilantes polifuncionais, os antimetabólitos, os antibióticos antitumorais, os inibidores mitóticos entres outros. Novos estudos quimioterápicos estão sendo permanentemente isolados e aplicados experimentalmente em modelos animais, antes de serem usadas no homem (INCA, 2011).

3.3 - Profilaxia

A prevenção primária é quando se evita o aparecimento da doença por meio da intervenção no meio ambiente e seus fatores de riscos, como por exemplo, o estimulo ao sexo seguro que é uma das formas de evitar o contágio com o vírus HPV, correção das deficiências nutricionais e diminuição da exposição ao tabaco e, a prevenção secundária que é realizada por meio do exame preventivo do câncer do útero (exame Papanicolaou) e já está disponível a vacina, no Brasil (NOVAES, 2008).

O exame de Papanicolau é o método mais eficaz na prevenção, pois, ele pode detectar as lesões pré-cancerosas causadas pelo HPV, que tratadas, detêm o problema antes que assuma a forma invasiva, pode ser realizado nos postos ou unidades de saúde que tenham profissionais capacitados para realizá-los, toda mulher com vida sexual ativa deve submeter-se periodicamente. Mulheres grávidas podem fazer o exame, mas, nesse caso, são coletadas amostras da ectocérvice, e não da endocérvice, para não estimular contrações uterinas. Contudo, é extremamente importante que os serviços de saúde orientem os pacientes sobre a importância do exame e como essa medida permite reduzir em 70% a mortalidade por câncer do colo uterino na população (FAPESP, 2008 apud FREITAS FILHO, 2011).

Normalmente, esse exame é coletado durante consulta ginecológica e, consiste na análise microscópica de células do colo do útero obtidas através de uma raspagem da ectocérvice e da endocervice. Todas as mulheres a partir da primeira relação sexual, sem precedentes de câncer, devem realizar o exame Papanicolau anualmente. Mulheres portadoras de HIV ou com sistema imunológico comprometido devem fazer o exame semestralmente (SILVEIRA; PESSINI, 1994, apud COLATINO, 2010). A Rede do Sistema Único de Saúde oferece o exame Papanicolau gratuitamente (SAÚDE, 2011).

As vacinas quadrivalentes se constituem em tecnologias de extrema importância para a saúde da população. A Vacina não tem resultados positivos para quem já contraiu o vírus HPV, está disponível no mercado, mas o custo é muito alto, não atendendo as classes de risco. Sua eficácia é contra os tipos 16 e 18 do vírus, que respondem em até 70% dos casos de câncer de útero, e as variedades 6 e 11, responsáveis por 90% dos casos de condiloma (verrugas genitais) (NOVAES,2008 ; COLATINO,2010).

4 - ASSOCIAÇÃO DO HPV COM O CÂNCER DO COLO UTERINO

A nomenclatura HPV é utilizada para identificar o Papilomavírus humano, causador do condiloma acuminado (do grego kondilus = tumor redondo, e do latim acuminare = tornar pontudo), conhecido também como crista de galo ou verruga venérea. Trata-se de um DNA-vírus de 55nm de diâmetro, contendo 7900 pares de base, pertencente à família Papovaviridae, não envelopado. O papilomavírus (HPV) é transmitido sexualmente e exerce um papel central na carcinogênese do colo uterino (CASTRO, 2004; INCA, 2011).

Revisões desde a década de 90, afirma associação do HPV com câncer do colo uterino. (HO et al., 1998; GU et al., 1997 apud SALVIA, 2004). Após os estudos de novos "primers" que são segmentos de DNA iniciadores da reação para a detecção do DNA do HPV por meio da reação em cadeia da polimerase (PCR), ficou claro que, o Papilomavírus Humano tem papel de extrema importância na carcinogênese, porque se provou que quase todas as amostras desta neoplasia contêm DNA do HPV (BOSCH et al., 1995; ROLON et al., 2000 apud SALVIA, 2004).

Na literatura, já foram descritos mais de 200 tipos de HPV (NOVAES, 2008). Foram identificados cerca de 100 tipos de HPV, isolados e completamente sequenciados (BUOSI et al, 2007 ;CASTRO et al, 2004; BERNARD, 2005 apud NOVAES, 2008). O período de incubação é extremamente variável, de 2 semanas até 3 meses, podendo chegar a 8 meses, em alguns casos, o período de latência pode chegar a anos ou nem se manifestar (NAUD et al., 2000 apud ALMEIDA, 2006).

De acordo com o potencial de oncogenicidade os tipos de HPV estão divididos em dois grupos. Relacionados á lesão benigna são denominados de baixo risco, lesões intraepiteliais de baixo grau, tais como: tipos 6, 11, 40, 42, 43, 44, 54, 61, 70, 72, 81. Aqueles considerados de alto risco, lesões intraepiteliais de alto risco, carcinomas, são os tipos 16, 18, 31, 33, 35, 39, 45, 51, 52, 56, 58, 59, 68, 73, 82. Afirmam que pelo menos 90% dos casos contem HPV-DNA tipos 16 e 18, considerados de alto risco (BUOSI et al, 2007; Durst & Gissmann 1983; GOMES, 1999 apud NOVAES, 2008).

5 - CONCLUSÃO

Através desse estudo conclui-se que, o câncer do colo de útero é o segundo causador de morte entre mulheres, o que torna um grande problema de saúde.

Sabe-se que existem vários fatores de risco que podem desencadear o câncer de colo útero, principalmente infecção do HPV 16 e 18. Diante disso, o governo deve empregar medidas educacionais de saúde, pois o homem tem papel importante na disseminação do HPV.

O Câncer do Colo Uterino apresenta elevadas chances de cura, pois hápossibilidade de prevenção e detecção precoce. Sendo assim, torna-se importante a orientação da população quanto à realização periódica dos exames preventivos e hábitos do uso de preservativos, para evitar a contração do HPV.

Fica em evidência, a necessidade de testes moleculares para real diagnóstico, quando se refere ao HPV. Ainda, é devido à prevenção, principalmente do vírus, que é de total importância para a sociedade, sua disponibilização nos serviços públicos, apesar de ser uma realidade distante, devido ao seu alto custo.

A vacina quadrivalente pode ser o melhor meio de prevenção contra o HPV, no entanto, pela carência de conhecimento ou pela falta de recursos financeiros, impossibilita aquisição, ou seja, nos dias atuais a vacina é inacessível para população, principalmente a de baixa renda.

AGRADECIMENTO

Agradecemos a Deus, pelo cuidado constante, o amor imenso e a fidelidade eterna que nos deu forças para construção desse trabalho!

A VIDA...

"Os dias mais esplêndidos da vida não são os chamados dias de êxito, mas sim aqueles em que, saindo do desânimo e do desespero, sentimos erguer-se dentro de nós um desafio: a vida e a promessa de futuras realizações".

Gustavo Flaubert

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Aline Campos Gonçalves. **A Correlação do Câncer do Colo Uterino com o Papilomavirus Humano.** 2006. 15 f. Artigo (Curso de Especialização em Assistência Multiprofissional A Pacientes Com Agravos) - Centro Universitário Filadélfia, Londrina, 2006. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/correlacao.pdf>. Acesso em: 25 out. 2011

BARBOZA, Cecília Bollini; OLIVEIRA, Aurelio Ribeiro Leite de. Planejamento do tratamento por radioterapia através de métodos de pontos interiores. **Sociedade Brasileira de Pesquisa Operacional**, São Carlos, n. , p.01-01, 01 jan. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-74382006000100001>. Acesso em: 26 out. 2011.

CAMISÃO, Cláudia. C. et al. Ressonância magnética no estadiamento dos tumores de colo uterino. **Revista de Radiologia Brasileira**, Brasil, v. 40, n. 3, p.207-215, jun. 2007. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=458044&indexSearch=ID>. Acesso em: 27 ago. 2011.

CASTRO, Therezita M.P.G et al. Manifestações orais associada ao papilomavírus humano (hpv) conceitos atuais: revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Otorrinolaringologia**, São Paulo, n. , p.01-01, 01 jan. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72992004000400017&lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2011.

CITOCAMP. **Citologia - Orientação para Coleta.** Disponível em: <http://www.citocamp.com.br/citologia/coleta.html>. Acesso em: 26 out. 2011

COLATINO, Patrícia Lucena. **HPV 16 E 18 e o desenvolvimento do câncer do colo uterino.** 2010. 31 f. Monografia (Curso de Pós-graduação) - Universidade Paulista e Centro de Consultoria Educacional, Recife, 2010.

COUDRY, Dra. Renata de Almeida; MACIEL, Dr. Gustavo Arantes Rosa; STIEPCICH, Dra. Monica. **Pesquisa de transcritos E6 e E7 permite melhor abordagem das pacientes com lesões de baixo grau pelo HPV.** Disponível em:<http://www.fleury.com.br/Medicos/SaudeEmDia/RevistaMedicinaESaude/pag.aspx>. Acesso em: 24 out. 2011.

DANGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. **Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar.** 2° São Paulo: Atheneu, 1988. 686 p.

FIDÉLIS, Valéria Cristina. **Câncer do Colo do Útero:** A importância do ampliar a consciência para o resgate da criatividade na mulher. 2011. 45 f. Monografia (Especialista) - Facis/ibehe, São Paulo, 2007.

FREITAS FILHO, Lindolfo De Almeida. **Oexame papanicolau e o dagnostico das lesões invasoras do colo utero.** 2011. 46 f. Monografia (Pós Graduação) - Universidade Paulista, Recife, 2011. Disponível em: <http://www.ccecursos.com.br/biblioteca/citologia/16.pdf>. Acesso em: 26 out. 2011

GAMARRA, Carmen Justina. **Magnitude da mortalidade por câncer do colo do útero no Brasil, 1996-2005.** 2009. 140 f. Tese (Título de Doutor) - Departamento de Centro Biomédico, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:
<http://www.tesesims.uerj.br/lildbi/docsonline/pdf/gamarra_carmen.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2011.

GOSS, Charles Mayo. **Gray Anatomia.** 29° São Paulo: Guanabara, 1988. 1147 p.

INCA, Instituto Nacional de CÂNCER. **Colo do Útero.** Disponível em: <http://www.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/colo_utero>. Acesso em: 12 out. 2011
INCA, Instituto Nacional de Câncer. **Colo do Útero:** Tratamento. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/colo_utero/tratamento1>. Acesso em: 25 out. 2011.

INCA, Instituto Nacional de. Câncer **HPV - Perguntas e respostas mais frequentes.** Disponível em:
<http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?id=327>. Acesso em: 11 out. 2011.

INCA, Instituto Nacional do CÂNCER. **Quimioterapia.** Disponível em: <http://www.inca.gov.br/conteudo_view.asp?ID=101>. Acesso em: 26 out. 2011.

JACOB, Stanley W.; FRANCONE, Clarice Ashworth; LOSSOW, Walter J.. **Anatomia e Fisiologia Humana.** 5° São Paulo: Guanabara, 1990.

MELO, Yuri Kelsen Pimentel. **Fatores prédisponentes e alterações citológicas no câncer do colo do útero.** 2011. 41 f. Monografia (Especialista em Citologia Clínica) - Centro de Consultoria Educacional / Universidade Paulista, Recife/pe, 2011.

NOVAES, Hillegonda Maria Dutilh. A vacina contra HPV e o câncer de colo de útero: desafios para a sua incorporação em sistemas de saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, n. , p.01-01, 01 set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2008000300022&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 out. 2011.

PEDROSA, Michele Lopes. P**erfil epidemiológico de mulheres portadoras de atipias escamosas de significado indeterminado atendidas pelo programa de controle do câncer de colo uterino no município do Rio de Janeiro.** 2003. 109 f. Tese (Mestrado Em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz Escola Nacional De Saúde Pública Departamento De Epidemiologia, Rio De Janeiro, 2003. Disponível em: <http://teses.icict.fiocruz.br/pdf/pedrosamlm.pdf>. Acesso em: 13 out. 2011.

PLEWKA, Jacqueline. **Estudo sobre variações no método de citologia em meio liquido.** 2007. 110 f. Dissertação (Mestre em Ciências) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.farmaceuticas.ufpr.br/pdf/teses_resumos/Jacqueline%20Plewka%20Machado_dis.pdf>. Acesso em: 25 out. 2011.

SALVIA, Paulo Newton Danzi. **Correlação entre critérios morfológicos, citológicos e histológicos e presença do dna do papilomavírus humano em biópsias cervicais uterinas detectado por meio da técnica de reação em cadeia da polimerase.** 2004. 144 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.citocamp.com.br/empresa/docs/tesePauloSalvia.pdf>. Acesso em: 12 out. 2011.

SAÚDE, Ministério da. **Doença provocada por vírus pode evoluir para o câncer de colo de útero, causa da morte de milhares de mulheres. Sistema Único de Saúde oferece diagnóstico gratuito.** Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=22444>. Acesso em: 25 out. 2011.

SCHIAVON, Priscila. **Avaliação da Educação em Saúde x Exame Preventivo do Colo do Útero.** 2009. 14 f. Monografia (Pós Graduação) - Faculdade de Medicina de Campos, Campos Dos Goytacazes, 2009. Disponível em: <http://www.fmc.br/cursos/posGraduacao/pdf/tcc18.pdf>. Acesso em: 26 out. 2011.

SILVA, Ismael Dale Cotrim Guerreiro da. **Diagnóstico Molecular do HPV.** Disponível em: <http://www.centrodegenomas.com.br/materia.asp?IdMateria=175>. Acesso em: 28 out. 2011.

UNIFESP. **Anatomia.** Disponível em: http://www.unifesp.br/dmorfo/histologia/ensino/utero/anatomia.htm>. Acesso em: 17 out. 2011.

USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS *VERSUS* AUTOMEDICAÇÃO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NO CONTEXTO MULTIPROFISSIONAL

Aline Ribeiro Araújo Rêgo[22]
Margareth Costa e Peixoto[23]

Resumo

O uso da terapia medicamentosa como alternativa de tratamento merece um cuidado especial quando o objetivo é a preservação ou restauração do estado de saúde. Atitudes e condutas errôneas de utilização de medicamentos têm oferecido sérios riscos á saúde. A automedicação é um hábito de grande parte da população brasileira principalmente diante do fácil acesso da aquisição do medicamento embora sejam diversas as causas que levam ao uso inadequado do mesmo. O desenvolvimento e crescimento da indústria farmacêutica destacaram-se pela intensa busca por novas substâncias. Fato este determinante no aumento da utilização de medicamentos por oferecer facilidade no entendimento aos possíveis efeitos do medicamento. O farmacêutico, diante da necessidade de se recolocar no sistema de saúde, tem a responsabilidade de assumir as atividades relacionadas desde a elaboração do fármaco até as orientação e o acompanhamento quanto seu uso. O sistema de saúde de qualidade necessita de uma atividade multiprofissional com objetivo primordial de promover a saúde e qualidade de vida.

Palavras-chave:. Automedicação. Farmacêutico. Medicamentos.

1. Introdução

A prática da automedicação é uma conduta utilizada há muito tempo dentro da história das civilizações. Esta, primeiro se fez pela necessidade de encontrar recursos de tratamentos buscados em meio à natureza, como plantas e minerais, para atender a carência de substâncias medicamentosas não existentes na época. A partir do momento que se iniciou a industrialização de medicamentos, o ato de se automedicar ficou mais intenso e mais perigoso. O fato do medicamento trazer consigo a bula com informações "ditas necessárias" para o entendimento do paciente quanto a indicações, dose e tempo de tratamento, deu ao usuário de medicamento certa liberdade no uso dos fármacos ofertados.

---

22 Pós-graduado em Atenção Farmacêutica com ênfase em Farmacologia Clínica - e-mail: alineribeirofarma@hotmail.com
23 Especialista em "Docência do Ensino Superior" e "Homeopatia" - e-mail: costaepeixoto@hotmail.com

Historicamente, na época em que houve a grande inserção de novas drogas no mercado, houve também a marcante ausência dos profissionais farmacêuticos nos seus postos de trabalho. As farmácias que eram um ponto de apoio ao prescritor e aos pacientes mais necessitados se transformou em "drogarias", locais especializados em vendas de medicamentos industrializados geradores de grandes lucros. Neste contexto, o farmacêutico perdeu sua identidade profissional e por muitas vezes foi confundido com um balconista "vendedor de remédios".

Apontamentos da OPAS – Organização Pan Americana de Saúde indicam que, com o desenvolvimento de medicamentos sintéticos específicos e potentes, a ênfase na responsabilidade do farmacêutico deslocou-se, substancialmente, para a utilização de conhecimento científico acerca do uso apropriado de medicamentos modernos e a proteção do público contra os perigos inerentes ao uso desses medicamentos.

> Segundo a Organização Mundial de Saúde e o Ministério da Saúde, o mercado brasileiro dispõe de mais de 32 mil medicamentos. Diversos medicamentos que deveriam ser utilizados apenas com prescrição médica são vendidos de forma indiscriminada pelo estabelecimento farmacêutico, pelo fato de que, no Brasil, a farmácia não é reconhecida com uma unidade de saúde e, sim, um ponto comercial de vendas de medicamento e produtos correlatos. Estes medicamentos, vendidos sem receita médica, possibilitam a automedicação, onde o indivíduo, motivado por fatores socioeconômicos - culturais, por si só, reconhece os sintomas da sua doença e os trata (Souza, H. W. O. et al. 2008, apud CERQUEIRA et al., 2005)

Para a indústria o interesse em aumentar o arsenal terapêutico como forma de oferecer alternativas para o cuidado à saúde teve seu interesse comercial mais evidente do que o objetivo de promover atitudes saudáveis. Por bastante tempo a indústria promoveu propagandas vinculadas a ídolos do meio artístico, divulgações entre a classe prescritora com incentivos e agrado, bem como apelo maciço de grande destaque em Farmácias/Drogarias. Questões estas que já foram e continua sendo, revistas e regulamentadas pelos órgãos competentes.

> Pessoas com problemas de saúde mais sérios, em que o lado emocional seria afetado, são influenciadas tanto pelos benefícios funcionais quanto pelos emocionais. O medicamento representaria mais do que a solução de um problema. Sentimentos como alegria de ter a possibilidade de cura ou a aceitação da necessidade do remédio influenciariam a atitude do consumidor sobre medicamentos. (Huertas e Urdan, 2006)

O papel da atividade farmacêutica frente ao uso racional de medicamentos é evidente nos dias atuais diante da demanda cada vez maior por um estado de boa saúde e qualidade de vida da população. O ato de se automedicar, muitas vezes, é visto como uma atitude de auto cuidado. Esta conduta mesmo resolvendo o sintoma apresentado no momento, pode colocar a saúde do indivíduo em risco.

> A automedicação é um procedimento caracterizado fundamentalmente pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em obter ou produzir e utilizar um produto que acredita lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas. (ARRAIS, 1997 apud Paulo e Zanine 1988)

É justo que certo nível de automedicação seja aceitável uma vez que contribui para redução da utilização desnecessária dos serviços de saúde. Nestes casos a farmácia como estabelecimento de saúde, é um local que atenderá esta demanda.

A automedicação orientada pelo farmacêutico é vista atualmente como uma realidade irreversível e já é considerada como parte integrante dos sistemas de saúde. Ela permite uma maior autonomia por parte da população nos cuidados com sua própria saúde e colabora com os governos na medida em que evita um número insustentável de consultas médicas (Souza, H. W. O. et al. 2008, apud CIM, 2007).

> O uso racional de medicamentos parte do princípio que o paciente recebe o medicamento apropriado para suas necessidades clínicas, nas doses individualmente requeridas para um adequado período de tempo e a um baixo custo para ele e sua comunidade. O uso irracional de medicamentos por prescritores e consumidores é um problema muito complexo, o qual necessita da implementação de muitas diferentes formas de intervenções ao mesmo tempo. O enfoque para promoção racional de medicamentos também inclui a medicina herbária e tradicional (OPAS, 2007).

Hoefler e Salgues (2010, pag 57) afirmam que, o tratamento farmacológico pode ser considerado uma das intervenções com melhor relação custo benefício no sistema de cuidados a saúde, em termos de alivio de dores, de sofrimento e ate prevenção da morte. Entretanto o mesmo tratamento farmacológico deve ser orientado e também acompanhado para evitar intoxicações e evidenciar o reconhecimento de reações adversas, evitando assim o agravamento da situação atual do paciente.

De acordo com a Política Nacional de Medicamentos (Brasil, 2001), o processo indutor do uso irracional e desnecessário de medicamentos e o estímulo à automedicação, presentes na sociedade brasileira, são fatores que promovem um aumento na demanda por medicamentos, requerendo, necessariamente, a promoção do seu uso racional mediante a reorientação destas práticas e o desenvolvimento de um processo educativo, tanto para a equipe de saúde quanto para o usuário. São prioridades da Política Nacional de Medicamentos a revisão permanente da relação nacional de medicamentos essenciais (RENAME), a assistência farmacêutica, a promoção do uso racional de medicamentos e a organização das atividades de vigilância sanitária de medicamentos.

Diante do exposto, o presente artigo busca ressaltar a necessidade dos cuidados com a automedicação, o uso correto de medicamentos e a participação do farmacêutico na orientação para melhoria no tratamento medicamentoso juntamente prevenção de riscos e promoção da saúde.

2. USO DE MEDICAMENTOS: Riscos e Benefícios

De acordo com o SINITOX - Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas, no Brasil, os medicamentos fazem parte dos principais agentes responsáveis por graves intoxicações. O país é um dos dez maiores mercados consumidores de medicamentos (Silva, L.R. *et al*., 2010 apud Menon *et al*., 2005). Os medicamentos são responsáveis por 30,9% das intoxicações ocorridas em diversas situações, tais como: acidente individual, coletivo e ambiental, uso terapêutico, prescrição médica inadequada, erros de administração, automedicação, tentativas de suicídio, entre outros (Silva,L.R. et al., 2010 apud SINITOX, 2007a). O Brasil assume a quinta posição na listagem mundial de consumo de medicamentos, estando em primeiro lugar em consumo na América Latina e ocupando o nono lugar no mercado mundial em volume financeiro. Tal fato pode está relacionado às 24 mil mortes anuais no Brasil por intoxicação medicamentosa (SOUZA apud MORAIS, 2001).

> O medicamento como nova tecnologia em expansão e instrumento de lucro, torna-se excelente objeto de estudo, pois congrega , como instrumento terapêutico, duas possibilidades de desfecho mediante seu emprego: de benefício ou de risco, usualmente simultâneos, na dependência de múltiplas variáveis. São necessários, portanto, novos meios de estudar sua utilização e vigiar as decorrências do seu uso. (CASTRO, 2000, pag. 19)

Segundo a *Joint Commission on Acreditation of Helath Care Organizations* (JCHCO), um sistema de utilização de medicamentos é um conjunto de processos inter-relacionados que possuem como objetivo comum a utilização dos medicamentos de forma segura, efetiva, apropriada e eficiente (ROSSATO, A.E. *et al*.,2009 apud NADZAM, 1998).

A responsabilidade de utilizar o medicamento enfatizando, o ato em si de tomar o produto, é associada apenas ao usuário. A escolha final sempre será dele, entretanto os profissionais relacionados neste processo, como agentes promotores de saúde, devem se preocupar se está pratica está sendo feita corretamente. A orientação quanto ao uso de medicamentos e o acompanhamento desta conduta é fator marcante na prevenção de doenças e proteção a saúde.

Não importando à cultura, a história, a posição econômica ou social do indivíduo, a demanda por medicamento permeia os conceitos associados à saúde e à doença (CASTRO, 2000, pag 27). O fato de adquirir o medicamento reflete na perspectiva do paciente como parte do seu processo de cura. Fatores como orientações não farmacológicas, cuidados alimentares, atividade física e correta adesão ao tratamento podem ficar entendidos como fatores secundários ao tratamento.

O vinculo de confiança estabelecido entre o profissional de saúde e o paciente é fator determinante nos passos iniciais para utilização do medicamento. Não somente entre o prescritor, mas também com aquele que irá dispensar o medicamento e dar as orientações essenciais para um tratamento adequado. Uma vez abalada este vínculo, o paciente estará buscando outros recursos terapêuticos como uma indicação de amigos e parentes, ou de outros profissionais inaptos a avaliação adequada do estado de saúde e necessidades deste indivíduo.

> A automedicação inadequada, tal como a prescrição errônea, pode ter como conseqüência efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e mascaramento de doenças evolutivas, representando, portanto, problema a ser prevenido. Certamente a qualidade da oferta de medicamentos e a eficiência do trabalho das várias instâncias que controlam este mercado também exercem papel de grande relevância nos riscos implícitos na automedicação (ARRAIS, 1997).

Por não existir uma segurança total de especificidade de ação do fármaco, a apresentação de RAM – Reações Adversas Medicamentosas são esperadas, porém não como um efeito desejado. Uma vez que, pode estes ser mais uma razão para a utilização de uma nova droga em busca do alívio da sensação indesejada.

Considerando os pacientes especiais (crianças, gestantes e idosos) estas reações adversas são potencializadas apontando para as condições fisiológicas de cada um desses grupos de pacientes. Uma atenção especial deve ser dada, sempre avaliando a relação risco/benefício. Nas gestantes, os fármacos podem trazer prejuízo ao bebê e ainda acarretar em comprometimento da gestação. Nos idosos o cuidado ainda se estende porque a maioria já faz utilização de alguns medicamentos, aumentando assim riscos de aparecimento de interações medicamentosas.

> O medicamento presente no ambiente doméstico é um fator de risco em potencial para a intoxicação infantil, o que confirma a necessidade de incentivo a práticas de cuidados domiciliares para a prevenção desses acidentes tóxicos e esclarecimento para as famílias sobre o uso da medicação infantil, incluindo o devido zelo com o armazenamento e o descarte. (SILVA, 2010)

Além da assistência vinda dos serviços de saúde e o acesso ao medicamento, outros fatores influenciam no sucesso terapêutico. Silva (2010, pag214) enfatiza que os medicamentos devem ser armazenados ao abrigo da luz, calor e em ambiente seco, preferencialmente em armário próprio. Além disso, não devem ser estocados junto a outros produtos químicos ou em locais quentes e com incidência de luz solar direta.

O respeito aos intervalos posológicos, a obediência da dose recomendada e a persistência ao tratamento conforme proposto são fatores fundamentais para uma excelente resposta terapêutica.

As observações diante da suspensão dos sintomas ou o aparecimento de reações adversas também determinam pontos especiais a serem analisados diante o risco-benefício em continuar utilizando esta medicação. No entanto, é importante enfatizar que esta conduta de suspender o remédio é de responsabilidade do prescritor ou em abordagens especiais o farmacêutico poderá intervir. Além disso, diante de situações diferentes das relatadas em literaturas técnicas, a comunicação entre prescritor, farmacêutico e autoridade sanitária é fundamental para evitar problemas graves e repetitivos relacionados ao medicamento.

Um bom exemplo relacionado ao uso irracional de medicamentos que está evidente no cenário mundial é a precaução quanto ao uso de antibióticos.Para conter a resistência bacteriana causada pelo seu uso abusivo, as organizações de saúde tem sugerido novas normas para prescrição e dispensação desta classe medicamentosa.

Segundo Wannmacher (2004) , antibiótico é considerado como a panacéia universal. A falsa impressão de eficácia é reforçada nas infecções autolimitadas, como virais. O prescritor tem o desejo de satisfazer o paciente e sofre a pressão exercida pelos fabricantes que induzem o uso do que é mais novo e mais caro, acompanhado de publicidade pouco judiciosa, acentuando o uso abusivo. É comum a repetição automática de prescrições, fazendo com que a duração de um curso de antibiótico se prolongue além do racional.

3. Farmacêutico como agente de cura

No Brasil a atividade farmacêutica formalizou-se profissionalmente em 1931 com a aprovação do exercício do trabalho farmacêutico e suas atribuições ditadas naquele contexto da época. Porém somente em 1960 foi constituído o Conselho Federal de Farmácia que veio para fortalecer a prática farmacêutica e fundamentar as competências deste profissional. Desde então o farmacêutico tem resgatado seu espaço inserindo no sistema multiprofissional com objetivo de garantir uma saúde de qualidade para a população, quando o tema é o medicamento e seus propósitos terapêuticos.

Para Cezar et al. (2009) a nova identidade e movimento mundial que se desenha na busca de uma efetiva promoção da saúde, o Farmacêutico é chamado a sair de seus "balcões", voltando a trabalhar com os usuários dos medicamentos e dos serviços farmacêuticos. Isto os reaproxima da comunidade, como os profissionais mais acessíveis a população, sendo responsáveis não apenas pela dispensação de medicamentos, mas também de informações e cuidados com a saúde.

De acordo com o "Preâmbulo" da Resolução nº417 de 29 de setembro de 2004:

> O Farmacêutico é um profissional da saúde, cumprindo-lhe executar todas as atividades inerentes ao âmbito profissional farmacêutico, de modo a contribuir para a salvaguarda da saúde publica e, ainda, todas as ações de educação dirigidas a comunidade na promoção da saúde. (CFF, Código de ética da profissão farmacêutica, 2004).

Além de farmácias e drogarias, os hospitais e laboratórios clínicos, analisando, gerenciando e oferecendo resultados seguros e confiáveis. Quando se fala em medicamentos, logo se destaca o farmacêutico presente desde a pesquisa de novas drogas, produção de medicamentos, controle e garantia de qualidade, cosméticos, alimentos etc. O profissional farmacêutico pode e deve atuar na orientação quanto ao uso correto de medicamentos garantindo a proteção e promoção da saúde.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), publicou um documento titulado "O papel do farmacêutico no sistema de atenção a saúde", que destaca sete qualidades necessárias ao farmacêutico. O chamado "Farmacêutico Sete Estrelas" e este deverá apresentar qualificações de 'Prestador de serviços farmacêuticos em uma equipe de saúde', 'Capaz de tomar decisões', 'Comunicador', 'Líder', 'Gerente', 'Atualizado permanentemente' e 'Educador'. Ainda neste documento é descrito que "só é possível organizar os serviços de apoio necessários, com imprescindível profissionalismo, quando o farmacêutico é aceito como membro vital da equipe de atenção a saúde".

4. Considerações finais

A atividade do profissional farmacêutico, independente de qual campo de atuação este esteja presente, deverá ser comprometida, participativa e embasada nas propostas legais e éticas.

Na abordagem para verificar se um medicamento terá seu efeito esperado diante do tratamento terapêutico, muitos fatores deverão ser avaliados para obter dados necessários e responder adequadamente este questionamento. É necessário avaliar todo o processo envolvendo o medicamento (produção, distribuição, dispensação etc), bem como seus mecanismos de utilização.

Fica evidente que o profissional farmacêutico é o profissional do medicamento, comprovando esta afirmação pela formação acadêmica exigente e direcionada para todos os processos que o fármaco está envolvido, somada as suas atribuições sugeridas pelo conselho regulamentador.

Sendo assim pode ser destacado como o profissional apto a desenvolver atividades ligadas à conscientização do uso racional de medicamentos, possíveis riscos da automedicação, campanhas de atenção a saúde, bem como atuação como um educador em muitos níveis mesmo dentro dos estabelecimentos comerciais, para a garantia da salvaguarda da saúde.

Contudo o farmacêutico precisa lutar para a adoção de conceito de medicamentos essenciais como padrão na saúde pública e participar ativamente de comissões de saúde dentro de instituições prestadoras de serviços. Este profissional precisa participar ativamente das decisões que diz respeito a saúde da população. Agindo efetivamente como profissional da saúde e cidadão.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARRAIS, P.S.D., Perfil da Automedicação no Brasil. Revista de Saúde Pública,USP, vol. 31, nº1, 1997 [on line] http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v31n1/2212 Acesso em 18 set 2009.

2. BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Medicamentos. 2001/Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

3. CASTRO, C.G.S.O. (coord.) Estudos de Utilização de Medicamentos: noções básicas. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz,2000.

4. CEZAR, C.M.O. *et al.* Relação entre Educação, Farmacêutico e Saúde: A Dimensão Educativa da Prática Farmacêutica. INFARMA, v.21, nº 1/2, 2009. Revista Pharmacia Brasileira. Conselho Federal de Farmácia. Brasília.2009.

5. CODIGO DE ÉTICA DA PROFISSÃO FARMACÊUTICA. Resoluções do CFF nº 417,418/2004 e 431/2005. Conselho Federal de Farmácia. Brasília. 2005.

6. HOEFLER, R. e SLAGUES, E.J.. Condutas que Fundamentadas em Evidências e a Atuação do Farmacêutico. Farmacoterapêutica. CEBRIM - CFF (Centro Brasileiro de Informações sobre medicamentos – Conselho Federal de Farmácia). Ano XV. Nº 2 mar-abr/2010

7. HUERTAS, M.K.Z. ; URDAN, A.T. Atitude do Consumidor sobre Medicamentos: Cognitiva ou afetiva? FACES R. Adm. Belo Horizonte. v. 5 . nº 3 . p. 11-26 . set./dez. 2006. www.fumec.br/revistas/index.php/facesp/article/view/113/107 Acesso em 22 abr 2009

8. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) . O papel do farmacêutico no sistema de atenção à saúde: Boas práticas em farmácia (BPF) em ambientes comunitários e hospitalares / Organização Mundial da Saúde; Adriana Mituse Ivama (org); José Luis Miranda Maldonato (org). – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde: Conselho Federal de Farmácia, 2004

9. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Medicamentos e Tecnologias. Disponível em:
http://www.opas.org.br/medicamentos/temas Acesso em: em 10 de dez. 2010.

10. ROSSATO, A.E. *et al.* Erros de Medicação: Aspectos Conceituais e Teóricos. INFARMA, v.21, nº11/12. Revista Pharmacia Brasileira. Conselho Federal de Farmácia. Brasília. 2009.

11. SILVA, L.R. *et al*. Medicamento como Risco no Ambiente Domestico. Caderno de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. [versão on line] http://www.iesc.ufrj.br/csc/2010_2/artigos/CSC_v18n2_pg209-216.pdf Acesso em 23de Jan 2011.

12. SOUZA, H.W.O. *et al.* A importância do profissional farmacêutico no combate a automedicação no Brasil. Revista Eletrônica de Farmácia. vol V (1). 2008. [versão on line]
http://www.revistas.ufg.br/index.php/REF/article/viewFile/4616B3938 Acesso em 23 de Jan 2011.

13. WANNMACHER, L. Uso indiscriminado de antibióticos e resistência microbiana : Uma guerra perdida? OPAS V01. N04. [versão on line] Disponível em :

http://www.opas.org.br/medicamentos/site/UploadArq/HSE_URM_ATB_0304.pdf Acesso em 19 fev 2011.

HEPATOTOXICIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE OS ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO-HORMONAIS

Erika Gontijo Medeiros[24]
Bernardo Augusto de Freitas Dornelas[25]

Resumo

Todos os medicamentos possuem uma ação benéfica, no entanto, podem igualmente originar vários efeitos secundários adversos principalmente a nível hepático. Este trabalho se propõe a fazer uma revisão de literatura sobre os anti-inflamatórios não-hormonais que possam contribuir para a intoxicação hepática. Foram utilizados artigos eletrônicos, consulta em livros e textos recentes considerados relevantes para realização dessa revisão. Este artigo se encontra dividido em 3 (três) parte: o fígado, enfocando sua importância orgânica e a patogenia das doenças hepáticas; uma segunda caracterizando os AINEs, suas principais reações adversas e importância histórica; e finalmente a terceira parte, mesclando os principais AINEs e toxicidade à nível hepático. Não existe nenhum AINE melhor para todos os pacientes, mas sim mais apropriado para determinado indivíduo.

Palavras-Chave: AINEs. Problema hepático. Intoxicação.

Abstract

All products have a beneficial action, however, can also cause various adverse side effects primarily in the liver. This work intends to do a literature review on the anti-inflammatory non-steroidal which may contribute to liver toxicity. We used electronic items, books and consultation in recent tests considered relevant for this review. This article is divided into three (3) part: the liver, focusing on its importance and organic pathogenesis of liver disease and; a second characterizing AINEs, their main adverse reactions and historical importance; and finally the third part, by merging the main AINEs and the liver. There is no AINEs best for all patients, but most appropriate for a particular individual.

Keywords: AINEs. Liver problem. Intoxication.

---

24 Farmacêutica graduada em 2011 pela Faculdade Patos de Minas – FPM.
25 Farmacêutico graduado em 2009 pelo Centro Universitário de Patos de Minas -UNIPAM, mestrando em Aspectos Bioéticos e Jurídicos da Saúde pela Universidad del Museo Social Argentino – UMSA, docente da Faculdade Patos de Minas – FPM e palestrante.

Introdução

São inúmeros os fármacos utilizados na prática clínica que têm sido implicados na etiopatogenia de lesões hepáticas (DELGADO et al, 1999)

Os efeitos benéficos esperados de muitos medicamentos empregados rotineiramente na clínica podem ser limitados devido às reações colaterais indesejáveis (BERTOLAMI, 2005), especialmente a agressão ao fígado.

A lesão hepática induzida por droga pode parecer relativamente rara no contexto das doenças hepáticas. Todavia, são frequentes nos centros de referência para doenças do fígado. Além disso, contribui significativamente para a morbimortalidade por doença hepática, sendo também a causa principal de remoção de drogas do mercado, após as fases clínica e pós-clínica (PARANÁ & WAKSMAN, 2011).

O dano hepático induzido por medicamentos normalmente se reflete em alterações bioquímicas, transitórias ou persistentes (DELGADO et al, 1999), podendo ter característica hepatocelular, o que se traduzirá por aumento das transaminases oxaloacética e pirúvica (TGO e TGP), ou colestático, o que levará ao aumento de bilirrubinas (particularmente da direta, da fosfatase alcalina e da gama-glutariltransferase (G-GT) (BERTOLAMI, 2005).

Entre os medicamentos mais amplamente utilizados por adultos e crianças, estão os analgésicos, antitérmicos e antiinflamatórios não hormonais, com ou sem prescrição médica (BRICKS, 1998).

A maioria dos indivíduos saudáveis, quando ingere doses habituais de analgésicos antitérmicos e antiinflamatórios por um período de tempo não muito prolongado, raramente apresenta reações anormais a esses fármacos e, por serem considerados seguros, muitos destes medicamentos são comercializados sem necessidade de receita médica (BRICKS, 1998).

Devido ao fato da não exigência da receita médica, esses medicamentos são constantemente empregados na automedicação.

A automedicação que é tida como especialmente preocupante no Brasil, é bastante discutida na cultura médico-farmacêutica. Arrais et al (1997) refere-se a automedicação como "uma necessidade, e inclusive de função complementar aos sistemas de saúde, particularmente em países pobres". De acordo com o citado acima, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou diretrizes para a avaliação dos medicamentos que poderiam ser empregados em automedicação. Segundo esse informe, tais medicamentos devem ser eficazes, confiáveis, seguros e de emprego fácil e cômodo (ARRAIS et al, 1997).

A automedicação inadequada, tal como a prescrição errônea, pode ter como consequência efeitos indesejáveis, enfermidades iatrogênicas e mascaramento de doenças evolutivas, representando, portanto, problema a ser prevenido. É evidente que o risco dessa prática está correlacionado com o grau de instrução e informação dos usuários sobre medicamentos, bem como com a acessibilidade dos mesmos ao sistema de saúde. Certamente a qualidade da oferta de medicamentos e a eficiência do trabalho das várias instâncias que controlam este mercado, também exercem papel de grande relevância nos riscos implícitos na automedicação (ARRAIS et al, 1997).

Em países desenvolvidos, o número de medicamentos de venda livre tem crescido nos últimos tempos, assim como a disponibilidade desses medicamentos em estabelecimentos não farmacêuticos, o que favorece a automedicação. Nesses países, no entanto, os nítidos controles estabelecidos pelas agências que regulam, e o envolvimento crescente dos farmacêuticos com a orientação dos usuários de medicamentos, tornam menos problemática a prática da automedicação. Já no Brasil onde, cerca de 80 milhões de pessoas são adeptas da automedicação, a má qualidade da oferta de medicamentos, o não-cumprimento da obrigatoriedade da apresentação da receita médica, quando necessária e a carência de informação e instrução na população em geral justificam a preocupação com a qualidade da automedicação praticada no País (ARRAIS et al, 1997).

Apesar da relativa segurança e do amplo uso de analgésicos, antitérmicos e antiinflamatórios, Bricks (1998) cita, "não se pode esquecer que qualquer medicamento pode causar efeitos indesejáveis, e que as crianças assim como as pessoas idosas são mais sensíveis que os adultos aos efeitos tóxicos dos medicamentos".

A ingestão acidental de doses excessivas de analgésicos antitérmicos e antiinflamatórios pode causar eventos adversos com significativa morbidade e, algumas vezes, com risco potencial de morte. Eventualmente, mesmo nas doses habitualmente recomendadas, podem ocorrer reações anafiláticas ou anafilactóides, e o uso crônico destes fármacos também pode acarretar diversas manifestações indesejáveis (BRICKS, 1998).

Os antibióticos assim como os analgésicos, antitérmicos e antiinflamatórios são os principais grupos de medicamentos associados a reações adversas a drogas, entretanto, quando se considera a gravidade das reações, o segundo grupo em muitos estudos, constituem a primeira causa de hospitalização por reação adversa grave a medicamentos. As taxas de internação hospitalar atribuídas à toxicidade destes fármacos variam entre 2,5% e 38% (BRICKS, 1998).

Infelizmente, existe uma falta de consciência generalizada sobre os riscos dos medicamentos, sendo considerados inofensivos muitas vezes (BRICKS, 1998).

As hepatites medicamentosas consistem numa reação inflamatória do fígado, desencadeada pela ingestão de certos tóxicos ou de fármacos diversos. Diante deste fato, este trabalho tem por objetivo apresentar uma revisão de literatura sobre os analgésicos, antitérmicos e antiinflamatórios não hormonais (AINEs) que possam causar efeitos tóxicos ao fígado, além de conhecer os principais aspectos do alto índice de intoxicação destes fármacos; obtenção de informações sobre o aspecto fisiológico e patológico da intoxicação hepática medicamentosa, instrumentalizando os profissionais e acadêmicos de saúde, em especial o farmacêutico, para que possa ter conhecimento de rápido alcance e de confiança em relação às principais classes de medicamentos que causam intoxicação hoje no Brasil.

Materiais e métodos

A revisão da literatura consiste num resumo crítico de pesquisa sobre tópico de interesse, geralmente preparado para colocar um problema de pesquisa num contexto, ou para identificar as falhas em estudos anteriores, de modo a justificar uma nova investigação (TOBAS; GESTEIRA & TAKAHASHI, 2007).

Na operacionalização desta revisão, foram abordadas as etapas de seleção da questão temática, estabelecendo os critérios para esta seleção, representação das características da pesquisa, análise dos dados coletados na revisão e apresentação da revisão.

Foi realizada uma revisão de literatura do tema proposto no banco de dados via internet compreendido pelo Google Acadêmico, Medline e Scielo e referência de livros-textos considerados como base para a compreensão do assunto.

Logo, se buscou o refinamento da pesquisa, com a finalidade de tornar a busca mais específica e voltada ao objetivo deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Fígado

Este se localiza bem protegido pelas costelas inferiores, no quadrante superior direito do abdome (GABOARDI, 2011). De importância vital para o organismo humano, está envolvido em diversas tarefas orgânicas, entre elas, o metabolismo de fármacos.

Ao nível dos mamilos aproximadamente, situa-se sua borda superior. Ele entra em contato direto com o diafragma. Apresenta dois lóbulos, sendo o direito com aproximadamente 6 vezes as dimensões do esquerdo, e 8 segmentos possuindo suprimento sanguíneo e canais biliares independentes (GABOARDI, 2011).

O fígado tem duplo suprimento sanguíneo: a veia porta recebe sangue venoso procedente dos intestinos responsável por 80% do suprimento hepático, e a artéria hepática que recebe sangue arterial do baço. A drenagem venosa é feita pelas veias hepáticas direita e esquerda (GABOARDI, 2011).

Está organizado em estruturas tridimensionais chamadas lóbulos hepáticos. O fígado humano contém milhares de lóbulos, compreendido entre 50.000 a 100.000 (GABOARDI, 2011).

Em microscopia eletrônica, pode visualizar a unidade funcional do fígado, denominada de hepatócitos, representando cerca de 60% deste, irradiado e entrelaçado de forma ordenada.

Segundo Gaboardi (2011), cerca de 1.000mL de sangue por minuto fluem da veia porta através dos sinusóides hepáticos e 400 mL flui da artéria hepática para os sinusóides, o que o torna um órgão vital e indispensável ao organismo.

A função hepática pode ser descrita pela somatória de ações que o órgão desempenha no metabolismo. O fígado é responsável por mais de 500 funções mantenedoras da vida, compreendidas entre as principais:

> - metabolismo de aminoácidos: no interior do fígado são oxidados os aminoácidos da dieta e o nitrogênio removido desses aminoácidos são excretados na urina sob a forma de uréia;
>
> - metabolismo de proteínas: a síntese protéica é realizada predominantemente no fígado. Cerca de 50g/dia são produzidas: albumina, fibrinogênio, transferrina ceruloplasmina, haptoglobina, lipoproteínas, alfa e beta-globulinas;
>
> - metabolismo dos carboidratos: conversão da galactose e frutose em glicose, armazenamento do glicogênio e gliconeogênese;
>
> - metabolismo das gorduras: degradação de ácidos graxos para compostos menores que podem ser utilizados na produção de energia; síntese de triglicérides; síntese de outros lipídeos, especialmente colesterol e fosfolipídeos;
>
> - armazenamento de vitaminas: a vitamina estocada em maior quantidade é a vitamina A, mas grandes quantidades de vitamina D e B12 também são normalmente armazenadas;

- armazenamento de ferro: com exceção do ferro da hemoglobina, a maior parte do ferro no corpo é armazenado no fígado sob a forma de ferritina;

- síntese de fatores de sistema da hemostasia: fibrinogênio, protombina, fatores V, VII, IX e X, proteína C e S e plasminogênio;

- depuração de fatores ativados do sistema da hemostasia;

- metabolismo de drogas: numerosas drogas e outros compostos são metabolizados no fígado podendo ser excretado pela urina ou pela bile;

- síntese de sais biliares: importante na síntese do colesterol. Também tem ação detergente na formação de micelas, agindo na absorção intestinal de gorduras;

- metabolismo de bilirrubinas: essencial na regulação na síntese da heme, constituintes dos citocromos e da hemoglobina (GABOARDI, 2011).

No processo de depuração e biotransformação de substâncias xenobióticas (compostos estranhos ao organismo), o fígado fica exposto a uma grande variedade de agentes químicos e metabólicos potencialmente tóxicos: alcalóides vegetais e micotoxinas de ocorrência natural, substâncias químicas industriais e, mais comumente, agentes farmacológicos usados no tratamento das doenças (*GOLDMANA; AUSIELLO & KEMPER*, 2005). As manifestações de doença hepática tóxica e medicamentosa constituem também um amplo espectro de alterações clínicas, laboratoriais e histopatológicas e de prognósticos praticamente tão extensos quanto a gama inteira de distúrbios hepatobiliares agudos e crônicos. A gravidade pode variar, tendo num extremo as anormalidades assintomáticas nas provas de função hepática e, no outro, a necrose hepática.

Patogenia da Doença Hepática

A ocorrência de hepatopatia medicamentosa e tóxica, raramente provém de uma substância química original. Mais comumente, um ou mais metabólitos tóxicos formados pelas enzimas metabolizadoras do sistema hepático, denominadas de citocromo P-450, constituem os agentes causais imediatos. Segundo *Wyngaarden; Smith Junior e Bennett* (2006) a biotransformação dos medicamentos constituir uma exigência comum na patogenia de muitos tipos diferentes de lesão hepática medicamentosa. "A suscetibilidade individual à lesão produzida por alguns medicamentos é bastante variável". No entanto de acordo com *Goldmana; Ausiello e Kemper* (2005), os agentes potencialmente hepatotóxicos são divididos convencionalmente em duas categorias com base na previsibilidade com que provocam doença hepática:

hepatotoxinas intrínsecas e hepatotoxinas idiossincráticas.

As hepatotoxinas intrínsecas produzem tipicamente lesão hepática aguda após um período latente relativamente curto (em geral de alguns dias) de uma forma previsível e dose-dependente que é bastante independente dos fatores de suscetibilidade do hospedeiro (*GOLDMANA; AUSIELLO & KEMPER*, 2005). Muitas drogas intrínsecas hepatotóxicas foram excluídas do arsenal clínico, porém alguns agentes continuam sendo usados na prática clínica como é o caso do paracetamol/acetaminofeno.

Na maioria dos casos os metabólitos tóxicos formados a partir do composto original pelas enzimas metabolizadoras citocromo P-450, produzem lesão hepática por modificação covalente das macromoléculas hepáticas, ou através da geração de espécies reativas de oxigênio e da subsequente peroxidação dos lipídios da membrana celular (*GOLDMANA; AUSIELLO & KEMPER*, 2005).

Em outro extremo, as hepatotoxinas idiossincráticas produzem doenças hepáticas de um modo infrequente e imprevisível após um período latente variável, muitas vezes após vários meses de administração do fármaco. Um grande número de agentes terapêuticos consegue produzir reações hepatotóxicas idiossincráticas numa pequena proporção dos pacientes que os recebem, como por exemplo a fenitoína e clorpromazina. Em determinado indivíduo, o polimorfismo genético nas enzimas metabolizadoras aumenta a atividade das vias subsidiárias que formam metabólitos tóxicos e, desta forma, aumenta o risco de intoxicação grave pelos fármacos que são processados em parte através dessas vias. Na doença hepática medicamentosa idiossincrática, febre, artralgia, erupção e eosinofilia costumam ser proeminentes, indicativas de um mecanismo baseado na hipersensibilidade (*GOLDMANA; AUSIELLO & KEMPER*, 2005).

Medicamentos e toxinas produzem uma grande variedade de lesões patológicas no fígado. Alguns agentes podem lesar o fígado por várias maneiras, como no exemplo mencionado por *Goldmana; Ausiello e Kemper* (2005), ao qual a isoniazida pode produzir hepatite focal inespecífica, lesão semelhante à hepatite viral aguda ou hepatite ativa crônica, enquanto os anticoncepcionais orais podem causar colestase ou adenoma de células hepáticas, além de implicar em trombose da veia hepática.

Anti-inflamatórios não-esteróides - AINES

Uma das necessidades mais antigas da humanidade se deve ao fato do uso de substâncias químicas para melhorar a dor e a inflamação. Com o

isolamento da salicilina e a demonstração de seus efeitos antipiréticos em 1829 por Leraux (MONTEIRO et al, 2008), um longo caminho de pesquisa veio sendo trilhado.

O salicilato de sódio, um dos primeiros fármacos analgésico, foi usado para tratar a febre reumática como agente antipirético (antitérmicos) e no tratamento da gota. O enorme sucesso do fármaco levou à produção do ácido acetilsalicílico (AAS) anos mais tarde. Como cita Viegas Junior; Bolzani e Barreiro (2006), as propriedades terapêuticas do AAS levaram os laboratórios de pesquisa da Bayer a elegerem o AAS como um novo produto a ser lançado no mercado para competir com outros salicilatos, o que ocorreu a partir de 1897 sob o nome de Aspirina®. Após mais de 100 anos de sua descoberta, o AAS ainda é um importante fármaco e continua sendo alvo de inúmeras pesquisas sobre sua aplicação terapêutica.

Os antiinflamatórios, analgésicos e antipiréticos formam um grupo heterogêneo de compostos que frequentemente não estão relacionados do ponto de vista químico (apesar de a maioria consistir em ácidos orgânicos), mas que, entretanto, compartilham a capacidade de suprimir os sinais e sintomas da inflamação (GOODMAN, 2003). Contudo repartem também alguns efeitos colaterais. O protótipo é o ácido acetilsalicílico, e por esse motivo, esses compostos muitas vezes são designados como agentes semelhantes ao ácido acetilsalicílico, sendo também frequentemente denominados antiinflamatórios não-esteróides ou AINE (KATZUNG, 2006), abreviatura que será utilizado no decorrer deste artigo para referenciarmos a esses fármacos.

Os AINEs são responsáveis por numerosas reações adversas no mundo inteiro e estão incluídos nos relados de mortes causadas por fármacos. RANG et al (2004) nos comenta que, embora isso possa ser devido, em parte, ao uso extenso dos AINEs por indivíduos idosos, a toxicidade inerente desses fármacos constitui, claramente, um fator contribuinte.

Quando se utilizam AINEs clássicos em doenças articulares que, em geral, necessitam de doses mais elevadas e por um período de tempo contínuo e prolongado, pode-se verificar uma alta incidência de efeitos colaterais, particularmente no trato gastrointestinal, mas também no fígado, rim, baço, sangue e medula óssea. Segundo Katzung (2006), pode-se verificar a ocorrência de hepatotoxicidade com qualquer AINE.

Como o ácido acetilsalicílico, que é o AINE original, apresenta diversos efeitos adversos, foram desenvolvidos muitos outros AINEs na tentativa de melhorar a eficácia deste e diminuir a sua toxicidade (KATZUNG, 2006).

Os AINEs são, em sua maioria, altamente metabolizados, alguns nos mecanismos de fase I e de fase II, e outros por glicuronidação direta (fase II) apenas. O metabolismo da maioria dos AINEs ocorre, em parte, através das famílias CYP3A ou CYP2C das enzimas P-450 no fígado. Embora a excreção renal seja a via mais importante de eliminação final, quase todos os AINEs sofrem graus

variáveis de excreção e reabsorção linear (circulação êntero-hepática) (KATZUNG, 2006).

AINES E INTOXICAÇÃO HEPÁTICA

As intoxicações e as reações adversas por medicamento ocupam os primeiros lugares nos levantamentos dos centros de controle de toxicologia e farmacovigilância de todo o país.

Elevações de transaminases são comumente associadas com o uso de AINEs, entretanto, insuficiência hepática é muito rara. Pacientes com artrite reumatóide quando comparados com pacientes com osteoartrite, ambos em uso de AINEs, têm um risco dez vezes maior de injúria hepática aguda segundo Monteiro et al (2008). Exposição concomitante com outras medicações hepatotóxicas provavelmente aumentam o risco de dano hepático.

Os Salicilatos

Apesar da síntese e introdução de muitos fármacos novos, o ácido acetilsalicílico continua sendo o analgésico, antipirético e antiinflamatório mais amplamente prescrito mundialmente, constituindo o padrão para a comparação e avaliação dos outros. Segundo Goodman (2003), nos EUA, são consumidas quantidades enormes desse medicamento e algumas estimativas calculam que a quantidade alcance 30 toneladas por ano. Derivados menos irritantes têm sido obtidos por alterações químicas diversas em sua molécula.

Os salicilatos têm muitas aplicações sistêmicas e poucas indicações locais. Várias dessas aplicações baseiam-se na tradição e nos resultados empíricos, mais que numa clara compreensão dos mecanismos do benefício terapêutico. Os salicilatos são comumente utilizados no tratamento da inflamação numa ampla variedade de contextos, incluindo artrite reumatóide e outros tipos de artrite, lesão muscoesquelética e febre reumática aguda (GOODMAN, 2003). Com frequência, o tratamento é sintomático para aliviar a febre, a dor e outros sinais de inflamação.

O ácido acetilsalicílico é facilmente disponível em farmácias e drogarias por não necessitar de apresentação de receituário na maioria das vezes, e a possibilidade de mau uso deste fármaco e consequente intoxicação podem estar subestimadas, podendo constituir uma causa comum de envenenamento em crianças, que pode ser fatal. Este envenenamento ou a hepatotoxicidade reversível é frequentemente observados em crianças com doenças reumáticas e em adultos com lúpus eritematoso ou artrite reumatóide. Esses fármacos não deveriam ser considerados como remédios caseiros inofensivos, por estarem implicados em diversas reações adversas.

Os salicilatos, devido ao seu uso crônico, podem com frequência causar elevação das enzimas hepáticas e causar lesão ao tecido do fígado. Em geral segundo Goodman (2003), a lesão hepática é observada em pacientes tratados com altas doses de salicilatos, que resultam em concentrações plasmáticas superiores a 150 µg/mL. Tripathi (2006) nos comenta a constatação da elevação dos níveis séricos de transaminases, indicando lesão hepática em crianças com artrite reumatóide sob tratamento com o AAS. A lesão não é um efeito agudo, tipicamente, o início é observado depois de vários meses de tratamento. No entanto não há sintomas, porém, alguns pacientes queixam-se de desconforto abdominal no quadrante superior direito e hipersensibilidade; os níveis séricos das enzimas hepatocelulares estão elevados e em cerca de 5% dos pacientes podendo-se observar hepatomegalia, anorexia e náusea, mas é rara a ocorrência de icterícia franca (GOODMAN, 2003). Em comum, a lesão é reversível com a supressão do salicilato. Por esse e por outros motivos, a restrição de salicilatos tem sido recomendada para pacientes com hepatopatia crônica e pacientes etilistas. Evidências epidemiológicas referenciam o uso de salicilatos como importante fator potencializador na patogênese da lesão hepática grave.

Derivados do *Para*-Aminofenol: Paracetamol

O paracetamol, denominado também como acetominofeno ou *N*-acetil-*p*-aminofenol, se constitui em um analgésico e antitérmico semelhante aos outros antiinflamatórios não esteroidais, constituindo uma alternativa eficaz para o ácido acetilsalicílico devido as suas clássicas reações adversas, como intolerância gastrointestinal. Esta condição destaca o paracetamol como importante analgésico caseiro. No entanto sua atividade antiinflamatória é fraca não sendo utilizado para está indicação clínica. Contudo muitos prescritores parecem desconhecer a fraca atividade antiinflamatória do paracetamol.

Segundo Goodman (2003), a dosagem excessiva aguda provoca lesão hepática fatal e o número de auto-envenamento e suicídios com paracetamol vem aumentando de forma alarmante nos últimos anos, apesar de no Brasil não existirem dados precisos das intoxicações por este fármaco e de suas consequências.

Quando administrado em doses terapêuticas causam poucos efeitos colaterais (SILVA, 2002), porém, pode-se verificar algumas vezes um discreto aumento das enzimas hepáticas (KATZUNG, 2006), sendo este aumento muitas vezes reversível com a suspensão da droga.

Ocorre quadro de intoxicação grave quando há a ingestão de superdosagem de paracetamol particularmente importante em crianças de pouca idade que apresentam baixa capacidade de conjugação hepática com o glicuronídeio, segundo Tripathi (2006). No entanto Goodman (2003) comenta

que “o uso crônico de menos de 2g/dia não se associa tipicamente a disfunção hepática”.

Em adultos, pode ocorrer hepatotoxicidade após a ingestão de uma dose única de 10-15g (150-250mg/Kg) de paracetamol, enquanto doses de 20-25g ou mais são potencialmente fatais (GOODMAN, 2003). Em contrapartida, relatado por Katzung (2006), a ingestão de apenas 15g de paracetamol já pode ser potencialmente fatal, sendo a morte causada por hepatotoxicidade grave com necrose centrolobular, algumas vezes associada à necrose tubular renal aguda.

Os alcoólatras podem apresentar hepatotoxicidade com doses muito menores, até mesmo na faixa terapêutica, devido à capacidade de indução das enzimas metabolizados, aumentando a formação de intermediários tóxicos do paracetamol.

> Os sintomas que surgem durante os primeiros 2 dias de envenenamento agudo por paracetamol refletem a agressão gástrica (náuseas, dor abdominal e anorexia) e denunciam a potencial seriedade da intoxicação. As transaminases plasmáticas se elevam, às vezes de forma bastante notável, aproximadamente 12 a 36 h após a ingestão. Os sinais clínicos de lesão hepática manifestam-se em 2 a 4 dias após a ingestão de doses tóxicas, como dor subcostal direita, hepatomegalia dolorosa, icterícia e coagulopatia[...]. as anormalidades das enzimas hepáticas chegam tipicamente ao máximo decorridos 72 a 96 h da ingestão (GOODMAN, 2003, p. 620).

Cerca de 10% dos pacientes intoxicados que não recebem tratamento específico desenvolvem lesão hepática grave, desses, 10-20% acabam morrendo de insuficiência hepática. A insuficiência hepática fulminante é uma indicação para o transplante de fígado. Pode ocorrer também insuficiência renal aguda em alguns pacientes.

A biopsia do fígado e estudo *post-mortem* revela extensiva necrose centrolobular com reação inflamatória e preservação da área periporta. Nos casos não-fatais, as lesões hepáticas são reversíveis no decorrer de um período de semanas ou meses (GOODMAN, 2003).

Ocorre lesão hepática grave (com níveis de atividade da aspartato aminotransferase acima de 1.000 UI/L de plasma) em 90% dos pacientes com concentrações plasmáticas de paracetamol superiores a 300 µg/mL no decorrer de 4h ou a 45 µg/mL no espaço de 15h após a ingestão do fármaco. Pode-se prever a ocorrência de lesão hepática mínima quando a concentração de paracetamol for inferior a 120 µg/mL no transcorrer de 4h ou a 30µg/mL 12h após a sua ingestão. A gravidade potencial da necrose hepática também pode ser prevista pela meia-vida do paracetamol determinada no paciente, sendo os valores de mais de 4h,

indicam a ocorrência de necrose, enquanto os valores de mais de12h sugerem a probabilidade de coma hepático (GOODMAN, 2003; TRIPATHI, 2006).

O diagnóstico precoce é fundamental no tratamento da dosagem excessiva de paracetamol e existem métodos disponíveis para a rápida determinação das concentrações plasmáticas do fármaco. Entretanto, por mais rápido que possa ser estes métodos, não se deve adiar o tratamento se a história do paciente sugerir uma dose excessiva significativa.

A terapia de suporte vigorosa é essencial quando a intoxicação é grave. O tratamento inicial do intoxicado visa primordialmente a evitar a contínua absorção da droga, seja através de indução dos vômitos por manobra mecânica ou por lavagem gástrica, seguida da aplicação de suspensão de carvão ativado, de preferência no decorrer de 4h após a ingestão do fármaco.

A utilização de hemoperfusão e hemodiálise segundo Silva (2002), no tratamento de intoxicados por paracetamol, são desapontadores em relação aos resultados obtidos.

O principal antídoto consiste na administração de compostos sulfidrílicos, que provavelmente atuam em parte pela reposição das reservas hepáticas de glutationa (GOODMAN, 2003). A *N-acetilcisteína* é considerada a droga preferida para o tratamento de intoxicações pelo paracetamol (SILVA, 2002; TRIPATHI, 2006) mostrando-se eficaz quando administrada por via oral ou intravenosa. Dispõe-se de forma intravenosa na Europa, onde é considerada como tratamento de escolha. Quando administrada por via oral, a solução de *N*-acetilcisteína (que tem odor e sabor desagradável) é diluída em água ou refrigerante para se obter uma solução a 5% que deve ser consumida até 1h após sua preparação (GOODMAN, 2003). Esse fármaco é recomendado se tiverem decorrido menos de 36h desde a ingestão do paracetamol, administrando uma dose de ataque oral de 140mg/Kg, seguida de 70mg/Kg a cada 4h, até completar 17 doses (GOODMAN, 2003; KATZUNG, 2006). O tratamento com *N*-acetilcisteína é mais eficaz quando iniciado menos de 10h após a ingestão do fármaco (GOODMAN, 2003). O tratamento pode ser interrompido se as dosagens do nível plasmático de paracetamol indicar que o risco de hepatotoxicidade é pequeno.

Indometacina e Sulindaco

A indometacina foi o resultado de uma pesquisa laboratorial para o desenvolvimento de fármacos com propriedades antiinflamatórias. Foi introduzida em 1963 para o tratamento da artrite reumatóide e de doenças relacionadas. Apesar de ser amplamente utilizada e eficaz, de acordo com Fries et al (2003), sua toxicidade frequentemente limita seu uso.

A indometacina tem propriedades antiinflamatórias e analgésico-antipiréticas proeminentes, semelhantes às dos salicilatos.

Numa percentagem muito alta (35-50%) dos pacientes que tomam doses terapêuticas convencionais de indometacina, verifica-se o aparecimento de sintomas indesejáveis, e cerca de 20% devem interromper o tratamento. Os efeitos adversos estão, em sua maioria, relacionados com a dose.

Com a indometacina, as anormalidades hepáticas são raras (GOODMAN, 2003; KATZUNG, 2006), embora tenha sido relatados alguns casos fatais de hepatite e de icterícia.

O sulindaco é essencialmente um pró-fármaco. Pouca ou nenhuma da atividade antiinflamatória se deve ao composto original, o sulfóxido de sulindaco, e a maior parte de sua atividade farmacológica residem no seu metabólito sulfeto.

Exibe as atividades clássicas dos AINEs. Em todos os testes, a potência desse fármaco equivale a menos da metade da potência da indometacina.

Com o sulindaco, a incidência de toxicidade seja menor do que a da indometacina, as reações adversas ao sulindaco são comuns, porém, as elevações transitórias das enzimas hepáticas no plasma são menos comuns (GOODMAN, 2003). Além disso, está algumas vezes associado com lesão hepática colestática, que desaparece ou torna-se branda com a interrupção do fármaco (KATZUNG, 2006).

Diclofenaco

O diclofenaco é um antiinflamatório aprovado para várias indicações nos EUA. Exerce atividades analgésicas, antipiréticas e antiinflamatórias. Trata-se de um inibidor da ciclooxigenase cuja potência é significativamente maior do que a da indometacina, do naproxeno ou de vários outros agentes.

Exerce efeitos colaterais em cerca de 20% dos pacientes e aproximadamente 2% interrompem a terapia por esse motivo. Em cerca de 15% dos casos, ocorrem elevações da atividade das aminotransferases hepáticas no plasma (GOODMAN, 2003; SILVA, 2002; KATZUNG, 2006; TRIPATHI, 2006) mais comumente com este fármaco do que com outros AINEs. Embora sejam habitualmente moderados, esses valores podem aumentar mais de 3 vezes numa pequena percentagem de pacientes – frequentemente os que estão sendo tratados para a osteoartrite. Em gera, as elevações das aminotransferases são reversíveis (TRIPATHI, 2006), mas segundo Silva (2002), pode evoluir mais raramente para a hepatite tóxica com ou sem icterícia. De acordo com o mesmo autor, como precaução, deve-se avaliar a atividade das transaminases durante as oito semanas iniciais do tratamento, interrompendo-o nos casos de persistência de valores enzimáticos anormais ou de surgimento de sintomas.

Outro membro dessa família do ácido fenilacético de AINE, o bronfenaco, foi retirado do mercado em virtude de sua associação a lesões

hepáticas graves e irreversíveis em alguns pacientes. Por conseguinte, as atividades das aminotransferases devem ser determinadas durante as primeiras 8 semanas de terapia e o diclofenaco deve ser interrompido se os valores anormais persistirem ou se surgirem outros sinais ou sintomas.

Já com o NAPROXENO, segundo Goodman (2003) e Silva (2002) foram relatados alguns casos de icterícia.

Derivados do Oxicam

O piroxicam e o tenoxicam pertencem a uma série de N-carboxamidas heterocíclicas que recentemente foi designada pelo Committe of United States Approved Names - USAN como Oxicam (SILVA, 2002).

Os efeitos gastrointestinais são os mais frequentes, atingindo 16% dos pacientes tratados, entretanto, elevações de transaminases têm sido também constatadas com esses fármacos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os AINEs possuem eficácia aproximadamente igual, com poucas exceções. Por conseguinte, os AINEs tendem a ser diferenciados com base na sua toxicidade e no custo. Alguns autores, utilizando um índice de toxicidade, estimaram que a indometacina, a tolmetina e o meclofenamato estão associados a maior toxicidade, enquanto o salsalato, a aspirina e o ibuprofeno são menos tóxicos de maneira geral. Nesta análise os inibidores seletivos da COX-2 não foram incluídos. Isso sugere a falta de dados científicos disponíveis no que tange os AINEs.

O diclofenaco e o sulindaco estão associados a mais anormalidades das provas de função hepática do que outros AINEs.

Deste modo recomenda-se a dosagem das enzimas e testes de função hepáticas oito semanas após o início da terapia crônica com AINE. A monitorização sintomática não é suficiente já que sintomas hepáticos são raros. Os AINEs devem ser suspensos nas seguintes situações: aumento das aminotransferases maior que três vezes o valor de normalidade, queda sérica da albumina (sugestivo de defeito de síntese induzido pela droga) ou se o tempo de protrombina estiver prolongado.

No entanto, a escolha de um AINE requer uma consideração de sua eficácia, custo, segurança e numerosos fatores pessoais, de modo que não existe nenhum AINE “melhor” para todos os pacientes. Entretanto, pode haver um ou dois AINEs mais apropriados para determinado indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, Paulo Sérgio D.; COELHO, Helena Lutéscia L.; BATISTA, Maria do Carmo D. S.; CARVALHO, Marisa L.; RIGHI, Roberto E.; ARNAU, Josep Maria. Perfil da automedicação no Brasil. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 1, fev. 1997.

BERTOLAMI, Marcelo Chiara. Mecanismos de hepatotoxicidade. **Arquivo Brasileiro de Cardiologia.** São Paulo, v. 85. supl. 5, p. 09 – 14, out. 2005.

BRICKS, Lucia Ferro. Analgésicos, antitérmicos e antiinflamatórios não hormonais: Toxicidade – Parte I. **Revista de Pediatria,** São Paulo, v. 20, n. 2, p. 126-136, 1998.

DELGADO, Cláudia; COELHO, Margarida; DOMINGOS, Manuel; COLAÇO, Isabel; VELOSO, Barros. Hepatite tóxica medicamentosa. **Medicina Interna.** Lisboa, v. 6, n. 2. 1999.

FRIES et al. **The relative toxicity of disease-modifying antirheumatic drugs.** 36 ed. Estados Unidos. 1993. 297 p.

GABOARDI, Marília. Aparelho Digestivo (Sistema Digestório) Fígado. Disponível em: <http:// www.portaldahepatite.com/index2.php>*. Acesso em: 9 mai. 2011.*

GOLDMANA, Lall; AUSIELLO, Dennis; KEMPER, Ana. ***Cecil Tratado de Medicina Interna.*** *22 ed. Rio de Janeiro: Elsenier, v. 1, 2005, 1280 p.*

GOODMAN, Alfred. **As bases farmacológicas da terapêutica.** 10 ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2003. 1647 p.

KATZUNG, Bertram G. **Farmacologia Básica e Clínica.** 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 991 p.

MONTEIRO, Elaine Cristina Almeida; TRINDADE, Juliana Maria de Freitas; DUARTE, Ângela Luiza Branco Pinto; CHAHADE, Wiliam Habib. Os antiinflamatórios não esteroidais (AINES). **Temas de Reumatologia clínica**, v. 9, n. 2, mai. 2008.

PARANÁ, Raymundo; WAKSMAN, Javier C. Mecanismo de hepatotoxicidade medicamentosa: o exemplo do acetaminofen/paracetamol. **Revista GED Gastroenterologia Endocospia Digestiva**, v. 30, sup. 1, p. 06-47, fev. 2011.

RANG, H. P et al. **Farmacologia**. 5.ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2004.

SILVA, Penildon. **Farmacologia.** 6 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 1374 p.

TRIPATHI, K.D. **Farmacologia Médica.** 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 774 p.

TOBASE, Lucia; GESTEIRA, Elaine Cristina Rodrigues; TAKAHASHI, Regina Toshie. Revisão de literatura: a utilização da dramatização no ensino de enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 9, n. 1, p. 214-228, 2007. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n1/v9n1a17.htm>. Acesso em: 25 mai. 2011.

VIEGAS JUNIOR, Cláudio; BOLZANI, Vanderlan da Silva; BARREIRO, Eliezer J. Os produtos naturais e a química medicinal moderna. **Revista Química Nova.** Rio de Janeiro, v 29, n. 2, 2006, p. 326-337.

WYNGAARDEN, James B.; SMITH JUNIOR, Lloyd H.; BENNETT, J. Claude. ***Tratado de Medicina Interna****. 19 ed. Rio de Janeiro:* Guanabara Koogan, 2006. p. 721.

DOSSIÊ “EDUCAÇÃO”

UM OLHAR SOBRE A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE MATEMÁTICA NA CIDADE DE UBERLÂNDIA[26]

Fabiana Fiorezi de Marco[27]
Maria Teresa Menezes Freitas[28]

Resumo

O artigo relata alguns resultados do desenvolvimento de um projeto de pesquisa na perspectiva de Extensão em Interface com a Pesquisa, financiado pela FAPEMIG e iniciado no segundo semestre de 2010. Foram estabelecidas parcerias entre professores universitários, professores de escolas estaduais da cidade de Uberlândia e graduandos das disciplinas de Estágio Supervisionado, além de alunos que participavam do PIBID. A escolha do tema deu-se devido ao interesse em investigar e analisar se e como são utilizados os laboratórios de informática das escolas estaduais de Uberlândia por professores de matemática. As informações obtidas demonstraram que a disseminação e a utilização de computadores nas escolas pesquisadas estão muito aquém do desejado apontando a necessidade de uma proposição de ações que visem discutir a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação na formação inicial e continuada de professores.

Palavras-chave: Tecnologia computacional; formação de professores; ensino de matemática.

Abstract

This article presents some results of a research project with the perspective of Extension with Interface with Research, sponsored by FAPEMIG, which started in the second semester of 2010. Some partnerships have been established between university professors, teachers of public state schools in the city of Uberlândia and some graduating students that were enrolled on some subjects of pre-service teacher's course dealing with supervised practice in school, and students that were participants in a project called PIBID. The choice of the data collected is due to the interest in investigating and analyzing if and how the computer labs have been used in public schools in Uberlândia, specially by the math teachers. The information gathered showed that the spread and use of computers in schools are far from what is desired, and it shows that it is necessary to propose actions that aim to discuss the use of Information Technologies and Communication in initial and continuing teacher's education courses.

Key words: Computer technology, teacher education, math teaching.

---

26 As autoras agradecem ao apoio financeiro recebido da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.
27 Professoras Doutoras da Faculdade de Matemática da Universidade Federal de Uberlândia.
28 Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Introdução

Ao observar crianças e adolescentes muitas cenas se revelam: ouvem músicas, comem doces, pipocas e outras guloseimas, jogam *videogames*, baixam músicas via *internet*, participam de bate-papos em redes sociais, falam ao telefone, navegam por *sites,* exploram *Ipads, Iphones e Ipods.* Neste cenário percebe-se que muitas destas atividades são realizadas simultaneamente...

Grande parte das ações destes jovens se relaciona a equipamentos desenvolvidos graças aos avanços tecnológicos.

Parece impossível não admitir que com o avanço das tecnologias e da informática seja cada vez mais necessário preparar indivíduos que sejam capazes de lidar com ambientes informatizados, especialmente, os profissionais da Educação.

Embora a informática esteja disseminada pelos espaços escolares e outros ambientes por onde circulamos a sensação que nos fica parece ser a de que ainda não nos sentimos preparados suficientemente para lidar com esse trâmite de informações e dinamicidade dos *softwares* existentes no mercado. Não há como negar que

> vivemos hoje num mundo cada vez mais dinâmico e de rápidas mudanças sociais e culturais. Isso se deve, em grande parte, à evolução das tecnologias de informação e comunicação. Em consequência dessas transformações, a humanidade atualmente protagoniza mudanças que produzem reflexos em diversos setores e, em especial, na educação. (FREITAS, 2006, p.25).

A introdução de computadores no contexto educacional e na formação de professores se apresenta como um recurso importante por possibilitar despertar e desenvolver nos atuais professores e nos alunos/futuros professores um envolvimento pessoal e significativo que possa levá-lo a construção de seu próprio conhecimento. (MARCO, 2009). Lanner de Moura et al. (2000) apontam que a

> educação deveria proporcionar o conhecimento da dimensão do desenvolvimento tecnológico que perpassa as relações sociais e de se apropriar da nova relação homem-máquina no sentido de uma gradativa liberação para a capacidade de pensar e (re)criar as relações sociais que possam advir desta nova relação. (p.146).

Diante deste contexto, foi realizada uma pesquisa de Extensão em Interface com a Pesquisa, financiada pela FAPEMIG, iniciada no segundo semestre de 2010. Foram estabelecidas parcerias com professores universitários, escolas estaduais e graduandos que cursavam as disciplinas de Estágio Supervisionado I, II, III e IV, além de alunos que participavam do PIBID. (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), com o intuito não só de garantir o auxilio na pesquisa de campo, como também, instigar o interesse pelo trabalho de pesquisa.

A escolha deste tema se deu devido ao interesse em investigar e analisar *se* e *como* são utilizados os laboratórios de informática das escolas estaduais da cidade de Uberlândia por professores de matemática, sendo este nosso objetivo maior. A proposta pretendeu também identificar as facilidades e as dificuldades dos professores de matemática ao utilizar os laboratórios de informática.

Para atingir o objetivo proposto questões de pesquisa surgem clamando por repostas: *Os laboratórios de informática das escolas estaduais da cidade de Uberlândia têm sido utilizados pelos professores de matemática? Como a mediação acontece nestes espaços?*

Como desdobramentos destas questões outras secundárias aparecem naturalmente: Como são utilizados os laboratórios de informática? Quais os recursos mais utilizados pelos professores de matemática nos ambientes computacionais? Caso os laboratórios de informática não sejam utilizados, quais razões fazem com que os profissionais não o utilizem? Como as tecnologias da Informação e Comunicação são vistas pelos teóricos para que se possa fazer um comparativo entre esta visão e a dos professores entrevistados? Como é (ou seria) a participação dos alunos em uma aula no ambiente computacional não apenas aos olhos dos teóricos, mas também dos professores da rede estadual de ensino da cidade de Uberlândia?

Em seguida serão brevemente apresentadas algumas discussões sobre a questão das tecnologias da informação e comunicação (TICs) no ensino de matemática.

Um breve panorama das tecnologias da informação e comunicação (TICS) no ensino de matemática

A matemática pode ter como uma de suas ferramentas auxiliadoras a informática educativa, de forma que este recurso seja utilizado como uma possibilidade de romper o formalismo tradicional encontrado atualmente no ensino. No entanto, seria necessário que o educador utilizasse este recurso como *um dos meios,* e não apenas o único, para o aprendizado de seus alunos.

Para que isto ocorra, Borba e Penteado (2003, p.56) alertam para que os professores deixem a

> zona de conforto, onde quase tudo é conhecido e previsível e migrem para uma região de descobertas denominada zona de risco onde o aluno e o professor passam a estabelecer em meio a diversidade de opções e métodos um modo de não apenas resolver problemas, mas também aprender a lidar com o desconhecido.

Trabalhar em meio a este "desconhecido" mundo digital pede preparo do professor para enfrentar dúvidas que possa eventualmente não saber responder de imediato. É preciso que o profissional busque e conheça modos de sanar tais questionamentos para que seu aluno não tenha um aprendizado deficitário em nenhum aspecto. Vale ressaltar que a excelência do ensino pode ser alcançada não no momento em que a dúvida for lançada, mas em momentos futuros advindos de mediações perspicazes do educador.

Existe uma grande quantidade de recursos tecnológicos disponíveis para a utilização do professor. Contudo, existe a necessidade de uma escolha sábia pelo professor para optar pela mediação mais adequada para o conteúdo a ser ministrado que possa eventualmente ser fundamentada por um dos argumentos listados por Valente (1997) quando se refere à escolha do recurso tecnológico a ser utilizado no processo de ensino aprendizagem:

- que instigue a capacidade tanto criativa quanto pensante do aluno;
- lúdico que desperte a atenção do mesmo;
- fomente a construção do conhecimento e desenvolvimento do raciocínio;
- explore situações problemas;
- propicie a interatividade;
- auxilie a compreensão.

Acreditando que estes critérios não são suficientes para denotar se o recurso computacional é de utilização proveitosa ou ainda para minimizar possíveis problemas, merece também elencar como importantes na escolha do recurso a ser utilizado:

- Viabilidade;
- Acessibilidade;
- Produtividade;
- Clareza gráfica do recurso dos meios que conduzem o estudante a elaborar idéias matemáticas.

Ao escolher um recurso, considera-se importante que o professor tenha preocupação com o tempo necessário, o público alvo, o custo/benefício em relação a outras metodologias de ensino uma vez que não faz sentido escolher um recurso acreditando que, com apenas a utilização deste, todos os problemas educacionais estarão resolvidos.

Vale assim a ressalva de que a existência de recursos pedagógicos não elimina os problemas na educação. Muito pelo contrário, caso não haja uma rede

de apoio na escola para a inserção de softwares no ensino, tais como profissionais preparados, proposição de políticas de formação do professor, muito do que já foi conquistado, em termos de melhora no ensino, pode se perder em vista de que uma modernização "fictícia" ocorra, fazendo com que o conhecimento do aluno não seja a finalidade do ensino, mas sim o próprio uso da ferramenta.

Canavarro (1993) defende a utilização das TICs listando alguns itens que considera importante:

- Elemento motivacional para o aluno;
- Elemento de modernização do processo de aprendizado;
- Elemento de mudança para criação e novas dinâmicas educativas, e
- Elemento auxiliar no processo de aprendizado.

Sem dúvida, o uso de metodologias diferenciadas para o aluno como um computador ou até mesmo um jogo, pode atrair o interesse do aluno alterando talvez a visão que estes muitas vezes têm de que matemática está associada a elementos negativos como monótona e não desafiadora.

A modernização se faz necessária, pois é papel do professor e da escola preparar os estudantes para viverem além dos muros das escolas (SALLES, 2001). É ingênuo pensar que alguém sobreviverá no competitivo mundo de amanhã sem ter conhecimento de como é um computador, quais suas finalidades e potencialidades. Como evidência desta concepção, referenciamos Santaló (apud SALLES, 2001, p.125) que afirma que "a escola atravessa uma crise e tem pela frente um grande desafio. Um desafio que consiste em realizar um trabalho relevante à formação do homem nos novos tempos."

Lessard e Tardif (2008) julgam que os docentes devem aprender a utilizar as TIC para fins pedagógicos, pois as tecnologias de informação e comunicação "podem transformar o papel docente, deslocando o seu centro, da transmissão dos conhecimentos para a assimilação e a incorporação destes pelos alunos, cada vez mais competentes para realizar de maneira autônoma tarefas e aprendizagens complexas" (p.268).

O computador, enquanto elemento auxiliador do professor pode ser utilizado não apenas para o ganho de tempo, mas também para o de aprendizado dos alunos uma vez que, o computador pode ser manipulado propiciando criar situações que seriam impossíveis muitas vezes sem este equipamento. Além disso, as ações mecânicas podem ser executadas pelas máquinas e o ser humano ficar livre para realizar atividades que envolvam o saber-pensar. (MARCO, 2009).

O dinamismo do computador pode superar, em muitas vezes, a estaticidade do quadro negro dando, não apenas movimento a conceitos e definições para uma maior exploração do aluno, como também oportunidades, testes de hipóteses, experimentações, argumentação, estabelecimento de estratégias, deduções e conclusões. (MARCO, 2009).

O dinamismo do computador pode superar, em muitas vezes, a estaticidade do quadro negro dando, não apenas movimento a conceitos e definições para uma maior exploração do aluno, como também oportunidades, testes de hipóteses, experimentações, argumentação, estabelecimento de estratégias, deduções e conclusões. (MARCO, 2009).

Importante salientar que o computador é responsável por uma percepção do espaço, uma vez que no ambiente computacional o lúdico se mistura com o real, pois no mesmo equipamento que se trabalha, o homem também joga, brinca, se comunica e viaja, conhece novos espaços e expande seu conhecimento.

Enquanto elemento de interação social, o computador cria uma nova "condição" em que a sensibilidade e percepção da realidade estudam o mundo de uma perspectiva distinta. Mas, este estudo muitas vezes involuntário por ser prazeroso, faz com que a preferência seja a imagem do objeto ao objeto em si. Por vezes somos surpreendidos ao preferir a cópia do original ao original, e ainda preferir o simulacro (a reprodução) ao real.

Marco (2009), já evidenciava a significativa importância da tecnologia no contexto educacional como função social e socializadora deste recurso disseminando a acessibilidade aos saberes e às formas culturais inerentes ao contexto social a que pertencem promovendo, segundo a autora, o desenvolvimento e aprendizagem.

Paradoxalmente, à questão anteriormente colocada, expõe uma escolha única entre aproximar a realidade vivida pelo aluno ou aprimoramento de técnicas de ensino. Ora, é fato que o mundo vive em uma *era digital* em que a necessidade de evolução faz com que qualquer meio, seja social ou econômico, tenha a busca constante de melhoria como o foco principal.

No âmbito da educação não deve ser diferente, contudo aprimorar as técnicas de ensino visando aproximar a realidade vivida pelo aluno aos conceitos e técnicas matemáticas podem ser realizadas com uso de um ambiente virtual.

O professor de matemática e a sua atuação frente à utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICS)

A carreira de professor não é fácil! Esta é uma percepção da maioria das pessoas.

Segundo Veeman (1988), problemas como indisciplina, motivação e tratamento das diferenças individuais são os problemas gerados por alunos e mais frequentes em sala de aula.

No âmbito da academia, o ainda estudante e futuro jovem professor pode não se deparar com essa realidade, quando muitas vezes opta por fazer os estágios supervisionados em determinadas escolas em detrimento a outras. Enquanto aluno e enquanto professor, o olhar sobre o ambiente da escola é

diferente no que tange a organização e percepção de relações e problemas de uma sala de aula. O jovem profissional pode passar a enfrentar uma série de obstáculos no período de transição entre a vida de estudante e professor. Aos dilemas e adversidades encontradas no período de transição, Veenman (1988) denomina *choque de realidade.*

Veenman (1988), ainda afirma que a esses obstáculos soma-se o da *comparação,* no qual o profissional coloca sua vivência acadêmica pessoal lado a lado com os métodos que utilizará para lecionar, ignorando fatos como contextos históricos e a individualidade de cada pessoa e recursos educacionais.

> O professor ensina algo inquestionável, aluno aprende e reproduz exatamente como aprendeu e todos são felizes para sempre, como nos contos de fada. Mas esse conto continua e depois do "final feliz", tem início um período sombrio, recheado de incertezas, novos paradigmas e impulsionado pela mudança cada vez mais intensa e frequente. (SANTOS, 2006, p.1).

É notório o fato de que a vivência acadêmica pessoal descrita faz com que alguns professores ainda reproduzam o que lhes foi ensinado durante sua trajetória escolar, como evidenciado por Santos (2006).

Outro obstáculo apontado por Veenmam (1998) é o da *falta,* gerado pela carência de recursos que o professor, muitas vezes, quer utilizar e não consegue ou pode, por entraves burocráticos ou por falta de recursos. A este obstáculo o jovem profissional deve atribuir uma busca constante por métodos aplicáveis e não transformar a carência em desânimo ou empecilho.

No contexto educacional, segundo Silva e Neves (2006), as TICs pressupõem novas relações entre professores e alunos, e essas relações precisam ser repensadas e redimensionadas, uma vez que estes protagonistas se mostram parceiros no processo de construção do conhecimento.

No entanto, o período entre o final da graduação e o início da carreira de professor é considerado muito difícil, pois ao sair da academia, muitos jovens professores tendem a reproduzir os "bons" professores, aos olhos desses, o que gera uma política denominada de reprodução (PONTE, 2000).

Esse ato de reproduzir, ainda que possa ser de grande utilidade em determinados momentos e classes, se torna um retrocesso ao progresso da Educação enquanto ciência.

Na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), conforme as ementas das disciplinas do Curso de Licenciatura em Matemática existem disciplinas que trabalham o uso de computadores e outros recursos tecnológicos em sala de aula. Dentre estas, podemos citar Informática e Ensino, Metodologia do Ensino de Matemática, Oficina de Prática Pedagógica e as disciplinas de Estágio Supervisionado I, II, III e IV.

Trabalhos acadêmicos sobre o Slogo, Cabri Geométri e Geogebra são frequentes em universidades de todo o país. Mas estariam estes *softwares* sendo utilizados pelos professores do Ensino Básico em suas práticas pedagógicas?

No Curso de Licenciatura em Matemática da UFU, conforme afirmado anteriormente, podemos destacar algumas disciplinas que, por meio de atividades inseridas no Projeto Integrado de Prática Educativa (PIPE), procuram preparar os jovens profissionais para superarem o medo de enfrentar o desafio de modernizarem suas aulas. Mas, ao entrar em uma sala de aula, com o entusiasmo de lecionar pela primeira vez, como é mostrado no texto de Salles (2001), e encontrar realidades adversas àquelas sonhadas nos tempos de graduação, podem ocorrer um descontentamento e falta de motivação.

Mas seria essa diferença entre aquilo que nos é esperado e a diferença com a realidade encontrada o que torna difícil o ato de lecionar?

Conforme Miskulin (2003), as TICs pressupõem novas relações entre professores, alunos, devendo os profissionais que atuam na educação compreender o trabalho do aluno para que possam sanar suas dúvidas e sugerir tarefas compartilhadas e colaborativas.

Construindo o caminhar...

Conforme citado anteriormente, este estudo buscou investigar e analisar *se* e *como* são utilizados os laboratórios de informática das escolas estaduais da cidade de Uberlândia por professores de matemática e identificar as facilidades e as dificuldades dos professores de matemática ao utilizar os laboratórios de informática.

A coleta de dados se deu em diferentes formas ao longo do projeto. Iniciado, via um projeto piloto, no qual foi realizada uma entrevista semi-estruturada, pelo aluno bolsista, com diretores e/ou professores de escolas da rede estadual de Uberlândia, para propiciar a compreensão da condição dos laboratórios de ensino das escolas estaduais da cidade.

O projeto piloto foi realizado por meio de ligações telefônicas e localizou cinquenta e oito escolas, da rede estadual de Uberlândia, possuidoras de computadores e Laboratórios de Informática. No entanto, foi detectado que a grande parte das máquinas destas escolas estava em desuso devido a problemas como quebras, professores que não estão preparados para ministrar suas aulas com este recurso e ainda problemas de ordem elétrica como fiação.

Por meio desses dados inicias foi estruturado um questionário contendo 10 questões, entregue em quatorze escolas. Desta iniciativa resultou o retorno de questionários com questões respondidas por 36 professores. Este questionário foi levado até as escolas, via estudantes das disciplinas de Estágio Supervisionado 1, Estágio Supervisionado 2, Estágio Supervisionado 3, Estágio Supervisionado 4, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e, principalmente, pelo aluno bolsista.

O critério de seleção das escolas para a proposição dos questionários foi o de que a escola tivesse declarado não menos de 5 dos computadores existentes no laboratório em desuso e que tivessem, ao menos, 15 computadores em uso. Assim, foi obtido um total de (14) quatorze escolas selecionadas, que por precaução não será divulgado os nomes, formando assim, o conjunto amostral de todo o trabalho.

Sobre o estudo amostral recorremos a Fiorentini & Lorenzato (2006), que nos assinala que um "estudo baseado na amostra permite ao pesquisador obter informações e resultados sobre o conjunto da população da qual a amostra é apenas uma parte representativa".

Organização do material de campo: um olhar sobre a utilização da tecnologia de informação e comunicação em escolas estaduais de Uberlândia

Sobre a frequência da utilização do laboratório de informática em suas escolas, verificou-se que muitos profissionais fazem um pequeno uso deste espaço, como esboçado no seguinte gráfico (Figura 1):

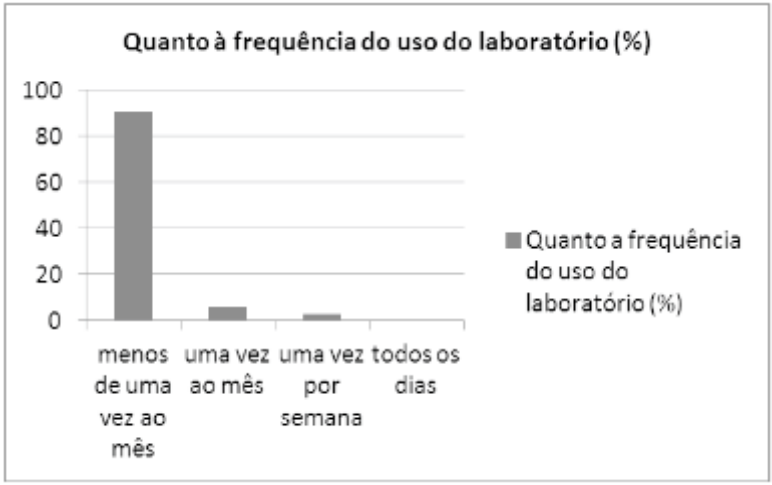


Fig. 1 - Frequência da utilização do laboratório de informática

Grande parte dos professores da rede estadual de ensino da cidade de Uberlândia, como evidenciado no gráfico acima, fazem uso do laboratório de informática menos de uma vez ao mês e isso se dá por diversas razões. Entre as razões apresentadas os professores citaram: falta de tempo para vencer o programa anual; falta de formação específica, falta de técnicos responsáveis pelos laboratórios, entre outras.

Quanto ao questionamento sobre a participação dos professores em algum curso que o auxiliasse a trabalhar os conteúdos matemáticos em ambientes virtuais, obtivemos respostas ilustradas no gráfico a seguir:

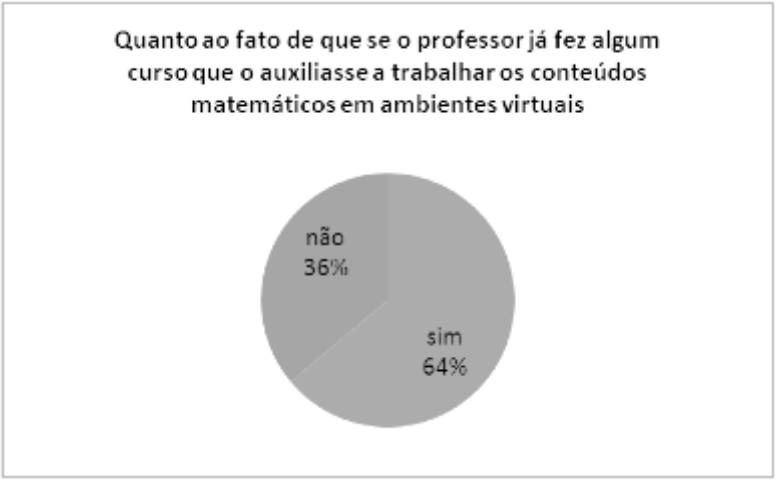


Fig. 2 – Participação em cursos que o auxiliasse a trabalhar os conteúdos matemáticos em ambientes virtuais

Talvez por desconhecimento dos cursos oferecidos ou por falta da socialização do conhecimento veiculado nos cursos oferecidos pela secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais, 64% dos professores entrevistados na pesquisa realizada neste trabalho apontaram este como sendo um dos grandes causadores da dificuldade em se utilizar os laboratórios de informática nas escolas estaduais da cidade de Uberlândia.

Vale salientar que cada escola indicou entre dois e três professores para fazerem os cursos oferecidos pela secretatia de Educação e, segundo a própria secretaria de Educação, estes iriam atuar como multiplicadores, ministrando-os a outros servidores da escola e aos alunos.

Cursos e discussões são necessários, pois os ambientes informatizados, na forma que se apresentam hoje, por si só, não garantem a aquisição de conhecimentos. Para que haja avanço no conhecimento matemático, merece ser evidenciada a importância de se garantir que o professor tenha condições de planejar atividades a serem desenvolvidas e um objetivo a ser atingido. Não basta colocar à disposição do aluno um programa em que este possa fazer vários cálculos automaticamente, mas sim colocar à sua disposição uma atividade em que o professor atue sistematicamente mediando o processo de aprendizagem. Cabe ao professor assim encontrar um caminho para utilizá-los e torná-los "partes do processo educativo, criando novos contextos formativos, nos quais os alunos possam transformar informações, conteúdos e experiências compartilhadas em conhecimento" (MISKULIN et at., 2007).

O ambiente computacional, assim como qualquer outro instrumento didático, por mais rico e construtivo que possa ser por si só não se mostra suficiente para promover contextos propícios para a construção do conhecimento. Miskulin (2003) defende que a mediação do professor

> desempenha um papel determinante, na medida em que ele cria situações desafiantes, recortando-as em vários problemas intermediários que possibilitam aos alunos deslocarem-se muitas vezes do problema principal, olhando-o e percebendo-o, de outra perspectiva, possibilitando-lhes a busca de novos caminhos, a constante reavaliação de suas estratégias e de seus objetivos, enfim, o seu envolvimento cada vez maior no processo de construção do conhecimento (p.246).

O papel de mediador exercido pelo professor em todo o processo de ensino e aprendizagem é de fundamental importância para que as idéias matemáticas se tornem significativas para os alunos e estes possam atribuir sentidos às informações oferecidas pela máquina e, mediante interações com colegas, encontrar conexões com outros conhecimentos, responder a questões que possam surgir e, ainda, construir novos conhecimentos.

Para a questão que indagava sobre o conhecimento pelos professores de *softwares* para o ensino de matemática, obtivemos as respostas ilustradas abaixo:

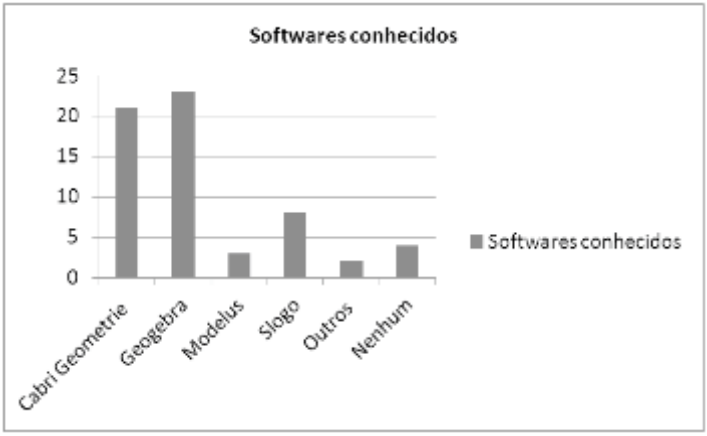


Fig. 3 - Softwares conhecidos pelos professores pesquisados para o ensino de matemática

Ainda que os professores não façam uso com frequência, *softwares* como Geogebra e Cabri Geometre II se mostraram conhecidos pela maioria esmagadora dos profissionais (ao menos 20% conhece um destes dois *softwares*) de ensino de matemática como sendo programas que podem auxiliar no ensino desta disciplina. O que condiz com ações da universidade como as realizadas por meio de parceria com o Centro Municipal de Estudos e Projeto Educacionais "Julieta Diniz" (CEMEPE), onde são apresentados trabalhos dos alunos do Curso de

Matemática da Universidade Federal de Uberlândia para professores da rede municipal da cidade de Uberlândia o que articula momentos de socialização de experiências e troca de saberes. Nessas apresentações, alguns dos trabalhos desenvolvidos durante o Projeto Integrado de Prática Educativa (PIPE) são apresentados e, alguns desses, fazem uso de recursos computacionais.

Em contraposição a quantidade de vezes que é realizado o uso do laboratório pelos professores de matemática, a qualidade dos respectivos laboratórios de suas escolas, é reconhecida por esses profissionais que ainda assim não o utilizam.

Diante deste dado, podemos afirmar que na formação do futuro professor é importante que se tenha uma maior preocupação em relação às discussões teóricas e atividades práticas para que os mesmos possam atuar frente às novas tecnologias da informação e comunicação com segurança e criatividade (MARCO, 2009), buscando a formação de indivíduos aptos a viverem além dos muros das escolas como afirma Salles (2001).

As respostas dos professores apontam que a maioria dos alunos apresenta ótima participação em atividade propostas em ambientes computacionais. Este dado vai ao encontro das idéias de Aquino (1996), de que os meios de comunicação são mais interessantes que a reprodução do conhecimento acumulado em campos do saberes aos olhos do aluno, o que gera um desinteresse. Por isso, seria interessante um posicionamento dos professores como aqueles que guiam os alunos a essa "viagem" rumo ao desconhecido, via indagações.

Ao sair do ambiente de sala de aula e deixar a “monotonia”, apresentada em várias escolas, por vezes rejeitada pelos alunos em todo o Brasil em diferentes formas, como o baixo aprendizado, entendimento precário e indisciplina, as respostas obtidas neste estudo mostraram que a possibilidade de um interesse do aluno sobre este recurso pedagógico é tão fascinante que é apresentada pelos professores como sendo uma demonstração de participação em aula.

Parece evidente que nada impede o professor de fazer com que conteúdos e contextualizações sejam realizados fazendo uso de em um ambiente computacional.

Uma das hipóteses para que os professores vejam dificuldades no uso do ambiente computacional é a crença equivocada de que o uso do computador irá substituir o professor, como apontado por Simão & Ribas (2007), e ao acreditar nesta conjectura os professores tendem a ter aversão não apenas a um sistema operacional como a todos os *softwares* educacionais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apesar de vivenciarmos uma crescente utilização das TIC nos mais diversos campos do conhecimento e de haver um documento oficial nacional do Ministério da Educação — os PCN, que apresentam a idéia de utilização de computadores no ensino de matemática —, não é essa a realidade que

encontramos em muitas escolas estaduais da cidade de Uberlândia. A disseminação e a utilização de computadores nas escolas estão muito aquém do desejado, pois não estão consolidadas no sistema educacional. Muitas vezes o que se encontra se caracteriza por pequenas salas com poucas máquinas e sem profissionais, técnicos e professores com formação adequada para utilizá-las como recursos auxiliares para a construção de conhecimento (CAMPOS, 2007), ficando estes equipamentos relegados à ação da poeira e à má conservação.

Cláudio e Cunha (2001) defendem que a

> informatização dos currículos é, hoje, uma realidade em países desenvolvidos e em desenvolvimento. Ela busca um acesso mais rápido ao conhecimento, moeda de transação no próximo milênio. Em breve, o grau de analfabetismo de um povo terá também esta variável como um de seus componentes (p.167).

Diante deste contexto, os resultados obtidos mostram ser necessário o oferecimento de possibilidades aos professores que tratem da questão pedagógica e tecnológica, no sentido de abandonar a forma tradicional de expor sequencialmente os conteúdos, de maneira desvinculada da prática, sem espaço para a reflexão e a interdisciplinaridade. Ressalta-se, ainda, a importância da preocupação com abordagens didático-pedagógicas que discutam a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação na formação de futuros professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Gropa. **A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1996.

BORBA, M. C. & PENTEADO, M. G. **Informática e Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CAMPOS, Patrícia Klinkerfus. **A formação docente integrada ao ambiente computacional e sua (re)significação na prática pedagógica em matemática:** análise de um caso. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade São Francisco, Itatiba, 2007. 141 p.

CANAVARRO, Ana P. **Concepções e práticas de professores de matemática: três estudos de caso**. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 1993.

CLÁUDIO, Dalcídio Moraes; CUNHA, Márcia Loureiro As novas tecnologias na formação de professores de matemática. In: CURY, Helena Noronha (Org.). **Formação de professores de matemática:** uma visão multifacetada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sergio. **Investigação em educação matemática:** percursos teóricos e metodológicos. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FREITAS, Maria Teresa Menezes. **A Escrita no Processo de Formação Contínua do Professor de Matemática**. Tese (Doutorado em Educação: Educação Matemática) — Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006. 300p.

LANNER DE MOURA, Anna Regina; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra; MELO, Gilberto Francisco Alves de. A tecnologia computacional como potencializadora da aprendizagem compartilhada do conceito matemático. In: MATOS, João Filipe; FERNANDES, Elsa. (Org.). **Investigação em educação matemática: perspectivas e problemas**. Lisboa: Associação de Professores de Matemática, 2000. pp.145-152.

LESSARD, Claude; TARDIF, Maurice. As transformações atuais do ensino: três cenários possíveis na evolução da profissão professor? In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Org). **O ofício de professor:** história, perspectivas e desafios internacionais. Tradução Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARCO, Fabiana Fiorezi de. **Atividades computacionais de ensino na**

formação inicial do professor de matemática. Tese (Doutorado em Educação: Educação Matemática) — Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009. 227p.

MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra; ESCHER, Marco Antonio; SILVA, Carla Regina Mariano. A prática docente do professor de matemática no contexto das TICs: uma experiência com a utilização do MAPLE em cálculo diferencial. **Revista de Educação Matemática**, v. 10, p. 29-37, 2007.

_____. As possibilidades didático-pedagógicas de ambientes computacionais na formação colaborativa de professores de matemática. In: FIORENTINI, D. (Org.). ***Formação de professores de matemática:*** **explorando novos caminhos com outros olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

PONTE, João Pedro da. **Tecnologia de informação e comunicação na formação de professores: que desafio?** Revista Ibero-Americana de Educação, n. 24. 2000. Disponível em: http://www.rieoei.org/rie24a03.htm. Acesso em 15/12/2011.

SALLES, Tânia Barbosa & MENEZES, Crediné Silva de. Moonline: Um Ambiente de Aprendizagem Cooperativa baseado na Web para Apoio às Atividade Extraclasse. In: **Anais...** SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO. 12., 2001, Vitória.

SANTOS, César Furtado dos**. O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa.** 2006. Disponível em:

http://www.famema.br/capacitacao/papelprofessorpromocaoaprendizagemsignificativa.pdf. Acesso em 15/12/2011.

SILVA, Maria Preciosa; NEVES, Isabel Pestana. Compreender a (in)disciplina na sala de aula: uma análise das relações de controle e de poder. In: **Revista Portuguesa de Educação**, 2006, 19(1), pp.5-41.

SIMÃO, Cristine Isabel; RIBAS, Mariná Holzmann. **Informática na Educação:** Vantágens e Impecílios. Revista Olhar de Professor, ano 01. vol. 10: 2007.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Fernando José. Visão analítica da informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor. **Revista Brasileira de Informática na Educação** — Sociedade Brasileira de Informática na Educação, n.1, pp.45-60, 1997.

VEENMAN, S. El proceso de llegar a ser profesor: un análisis de la formación inicial. In: VILLA, A. (coord.) **Perspectivas y problemas de la función docente**. Espanha: Narcea, 1988, p. 39-69.

O ENSINO-APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS NO ENSINO MÉDIO: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA FINANCEIRA

Sérgio Luis Silva[30]
Andresa Maria Justulin[31]

Resumo
Este artigo visa a discutir o ensino da Matemática via Resolução de Problemas. Através desta Metodologia de Ensino, busca-se compreensão ao que se ensina em sala de aula. A proposta aqui apresentada, é fazer com que a resolução de problemas seja desenvolvida pelos alunos, com a orientação do professor, que servirá como mediador desse processo. Apresentamos também uma aplicação realizada numa turma de 1º ano de Ensino Médio, na qual destacamos essa metodologia vista como inovadora, e que busca motivação tanto para alunos quanto para professores na construção do conhecimento. A Matemática Financeira foi o tema desenvolvido em uma escola pública selecionada para a realização do trabalho.

Palavras chave: Educação Matemática. Resolução de problemas. Ensino médio. Matemática Financeira.

Abstract
This article aims to discuss the teaching of Mathematics through Problem Solving. With this Teaching Methodology, we seek to understand what is taught in the classroom. The proposal presented here is to make the problems resolution is developed by students, with the guidance of the teacher, who will serve as the mediator of this process. We also present an application made in a class of 1st year of high school, in which we highlight this methodology seen as innovative, and seeking motivation for both students and teachers for the construction of knowledge. The Financial Mathematics was the theme developed in a public school selected to perform the work.

1 Introdução

O ensino de Matemática através da Resolução de Problemas (RP) vem sendo discutido e trabalhado em diversos estudos e pesquisas na área da Educação Matemática. A partir da década de 1980, quando a Resolução de Problemas foi colocada como o foco da matemática escolar nos Estados Unidos,

30 Aluno da Especialização em Matemática-UFSJ
Aluno de especialização em Matemática, Universidade São João Del Rei – UFSJ
Polo Presencial – Patos de Minas
Rua Olegário Maciel, 113, Centro, CEP: 38 700-126 – Patos de Minas – MG – Brasil
profsergioluisilva@hotmail.com

31 Orientadora da pesquisa
Doutoranda em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista – UNESP
Avenida 24-A, 1515, Bela Vista, CEP: 13506-700 – Rio Claro – SP – Brasil
andresa_justulin@yahoo.com.br

várias pesquisas se desenvolveram (e ainda se desenvolvem) na busca da melhoria do ensino. Mesmo assim, ensinar matemática através da Resolução de Problemas vem se tornando muito usual no discurso de matemática, mas deixa a desejar quando analisamos a prática escolar (ANDRADE, 1998).

Hoje, temos como foco de pesquisa a Resolução de Problemas como veículo do ensino de matemática, ou seja, o ensino de um determinado conteúdo é apresentado por diversas situações-problema fazendo com que o conhecimento vá se desenvolvendo através de um processo. Nesse sentido, a Resolução de Problemas vem para integrar a prática que se encontra, no dia a dia, possibilitando a construção do conhecimento pelo aluno.

Para que esta Metodologia de Ensino-Aprendizagem dê bons resultados seria necessária uma conscientização por parte dos professores, no sentido de ser um professor pesquisador. Nesse sentido, o educador deveria refletir sobre o perfil de um professor bem sucedido e que se sente realizado como profissional da educação; isso será tratado nesse artigo na seção 6, quando será proposta uma aplicação da Metodologia de Ensino de Matemática através da Resolução de Problemas.

Nesse trabalho, inicialmente, são apresentadas algumas concepções históricas sobre o ensino da Resolução de Problemas no Brasil e no mundo. Em seguida, é abordado o Ensino da Matemática através da Resolução de Problemas no ensino médio. Por fim, a Resolução de Problemas é apresentada como uma Metodologia de Ensino-Aprendizagem, e o conteúdo de Matemática Financeira é trabalhado com alunos do 1º Ano do Ensino Médio.

2 Diferentes modos de se trabalhar a Resolução de Problemas

De acordo com Stanic e Kilpatrick (1989), o estudo sobre resolução de problemas matemáticos ganhou consistência com Descartes (1596-1650), que propôs uma técnica de resolução de problemas que buscava abranger todo problema, e afirmou que quem usasse a técnica proposta por ele seria capaz de solucionar qualquer problema. Entretanto, como nem todo problema se reduz a um tipo de resolução, aos poucos, foram observando uma ineficácia na teoria de Descartes. Ainda, segundo Stanic e Kilpatrick, além de Descartes, outros se interessaram pelo assunto. Graham Wallas (1858-1932), pisicólogo e cientista político inglês, Skinner (1904-1990), psicólogo americano, e George Polya (1897-1985), que foi um dos matemáticos mais importantes do século XX, Polya foi o primeiro matemático a apresentar uma heurística de resolução de problema específica para a Matemática, e passou a ser referência para muitos por ter ideias inovadoras sobre Resolução de Problemas. Muitas de suas ideias, até os dias atuais, são razoáveis e servem de alicerce para trabalhos de outros pesquisadores.

Na década de 1980, no campo da Educação Matemática, várias discussões foram feitas sobre o uso da resolução de problemas no ensino de Matemática. Nos Estados Unidos, o NCTM – National Council of teachers of Mathematics[32] – através do documento *An Agenda for Action*[33], manifesta-se a preocupação no que diz respeito ao ensino de Matemática em sala de aula e elabora-se uma série de recomendações entre elas a primeira diz: "O ensino através da resolução de problema deve ser o foco da matemática escolar para os anos 80" (NCTM apud HUAMAN, 2006, p. 20). No início dos anos 80, havia um grande número de educadores matemáticos querendo que a resolução de problemas fosse o foco do currículo de matemática. Mas, com a falta de concordância, entre os diversos grupos, sobre o significado de Resolução de Problemas e suas aplicações, não se chegou a um resultado positivo esperado, e, a partir da década de 80, o NCTM produziu uma série de orientações para melhor se trabalhar a Resolução de Problemas. Além disso, em 1989, Schroeder e Lester indicaram diferentes formas de trabalho com Resolução de Problemas encontrada nas aulas de Matemática: *Ensinar para a Resolução de Problemas, Ensinar sobre Resolução de Problemas e Ensinar via Resolução de Problemas.*

No Brasil, os PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – consideram que:

> A resolução de problemas, na perspectiva indicada pelos educadores matemáticos, possibilita aos alunos mobilizar conhecimentos e desenvolver a capacidade para gerenciar as informações que estão ao seu alcance. Assim, os alunos terão oportunidade de ampliar seus conhecimentos acerca de conceitos e procedimentos matemáticos bem como de ampliar a visão que têm dos problemas, da Matemática, do mundo em geral e desenvolver sua autoconfiança. (BRASIL, 1998, p. 40)

Dante (1999) relaciona a solução de um problema ao ato de pensar e, por conseqüência, a resolução de um problema matemático ao pensar matematicamente. Como já visto, desde a década de 80, devido à proposta da Resolução de Problemas ser o foco da Matemática escolar, várias pesquisas se desenvolveram e ainda se desenvolvem, mas muito se deixa a desejar quando analisamos a prática escolar (ANDRADE, 1998).

3 A resolução de problemas matemáticos no Ensino Médio

O Ensino Médio, última etapa da Educação Básica, tem características específicas como: a contribuição para a cidadania e a preparação para o trabalho. O ensino de Matemática deve estar integrado a esses objetivos. De acordo com os PCN:

---

32 Conselho Nacional de Professores de Matemática
33 Uma agenda para a ação

> A Matemática no Ensino Médio tem um valor formativo, que ajuda a estruturar o pensamento e o raciocínio dedutivo, porém também desempenha um papel instrumental, pois é uma ferramenta que serve para a vida cotidiana e para muitas tarefas específicas em quase todas as atividades humanas. (BRASIL, 1999, p. 251)

Além disso, como apontam os PCN, muitos professores consideram o Ensino Médio uma continuação do Ensino Fundamental:

> A essas concepções da Matemática no Ensino Médio se junta a ideia de que, no Ensino Fundamental, os alunos devem ter se aproximado de vários campos do conhecimento matemático e que agora estão em condições de utilizá-los e ampliá-los. Estariam aptos a desenvolver, de modo mais amplo, capacidades tão importantes quanto as de abstração, raciocínio em todas as suas vertentes, resolução de problemas de qualquer tipo, investigação, análise e compreensão de fatos matemáticos e de interpretação da própria realidade (PCN, p 41).

Nesse sentido, buscando analisar diversos comportamentos de nossos alunos, no que diz respeito à aprendizagem em Matemática apresenta-se, nesse trabalho, uma aplicação da Metodologia de Ensino-Aprendizagem de Matemática através da Resolução de Problemas.

4 A Metodologia de Ensino-Aprendizagem através da Resolução de Problemas

Segundo Onuchic (1999), a Metodologia de Ensino-Aprendizagem de Matemática através da Resolução de Problemas, consiste em apresentar e trabalhar com alunos, no início do tratamento dos conceitos matemáticos, uma ou mais situações-problema que possam levá-los a raciocinar sobre a necessidade de construir esses conceitos e, também, para que tenham familiaridade com os entes matemáticos envolvidos na resolução. Assim, essa maneira de resolução proposta requer um amplo repertório de conhecimento, não se restringindo às particularidades técnicas e aos conceitos, mas estendendo-se às relações entre ele e os princípios fundamentais que os unificam. "A situação-problema não deve ser tratada como um caso isolado, mas como um passo para alcançar a natureza interna da Matemática, assim como seus usos e aplicações" (ONUCHIC, 1999, p. 218). O roteiro das atividades, proposto para o professor de Matemática, consiste em: formação de grupos, discussão dos resultados, a explanação final do professor. O papel do docente não é ensinar um conteúdo ou e ensinar a resolver problemas, e sim mediar, estimular, incentivar os alunos a usarem o problema para construir matemática.

5 Metodologia da pesquisa

Este artigo foi construído através do levantamento de dados encontrados em literatura pertinente. Foram realizadas pesquisas bibliográficas por meio dos livros dispostos em acervos de diversas bibliotecas e também foram feitas consultas sobre o tema em artigos de revistas e internet.

Foram participantes da pesquisa 30 alunos de uma Escola Pública da cidade de Patos de Minas/MG. Foi introduzido o conteúdo de Matemática Financeira para alunos do 1º ano do Ensino Médio, fazendo o uso da Metodologia de Ensino-Aprendizagem através da Resolução de Problemas. Em seguida, realizou-se uma análise dos pontos positivos e negativos notados pelo professor – pesquisador.

6 Uma proposta de trabalho com alunos do 1º Ano do Ensino Médio

O que se propõe aqui é trabalhar o conteúdo de Matemática Financeira e suas aplicações, usando a Metodologia de Ensino-Aprendizagem através da Resolução de Problemas. O que se defende com esse trabalho, é fazer com que o aluno chegue a uma descoberta através de discussões e reflexões criadas em sala de aula.

Polya (1978), em seu livro "A arte de resolver problemas" afirma:

> Uma grande descoberta resolve um grande problema, mas há sempre uma pitada de descoberta na resolução de qualquer problema. O problema pode ser modesto, mas se ele desafiar a curiosidade e puser em jogo as faculdades inventivas, quem o resolve, pelos seus próprios meios, experimentará a tensão e gozará o triunfo da descoberta. Experiências tais numa idade susceptível poderão gerar o gosto pelo trabalho mental e deixar, por toda a vida, a sua marca na mente e no caráter. (1995, p. 05)

Um ponto que merece ser destacado é o cuidado na escolha do tipo de problema a ser trabalhado em sala de aula, e também se o problema condiz com o perfil de aluno aprendiz com quem se está trabalhando. Pode ser que, em uma mesma série, diferentes turmas tenham diferentes conhecimentos prévios, e o professor tenha que preparar por turma a aula a ser dada. Para esta pesquisa, escolhemos uma turma de primeiro ano, que quando analisada apresentou diferentes perfis de alunos, o que foi muito útil na elaboração das atividades e na análise final do resultado. O trabalho foi desenvolvido em três aulas, e os alunos participantes, foram convidados a experimentarem pela primeira vez, o ensino de matemática através da Resolução de Problemas.

Antes de iniciar o trabalho com os alunos, foi feita uma pesquisa através de conversas, com alguns professores de Matemática sobre o perfil de um professor bem sucedido, que acredita realmente na construção da aprendizagem

do aluno. Chegou-se então à conclusão que naquela escola, a maioria do corpo docente considera que o professor deve ser carismático, amigo, companheiro, que saiba dialogar com os alunos e que respeite também suas diferenças em sala de aula. Com base nessa pesquisa, concluí que realmente esse perfil de professor agrada os alunos, e também constatei que estou no caminho certo, gosto dos alunos, me dou bem com eles e gosto do ambiente de sala de aula. Nas próximas linhas, relatarei um pouco da minha experiência em sala de aula.

6.1 Minha experiência, em sala de aula, como professor de Matemática

Meu trabalho, nessa escola é de extrema satisfação, gosto muito de conversar com os alunos, principalmente antes de começar a aula, o que chamo de preparação da mente para obter conhecimentos: você prende a atenção do aluno com assuntos variados, que ele gosta de ouvir, e depois vai intercalando os assuntos a serem discutidos durante a aula. Outro procedimento agora adotado por mim, após começar minha segunda especialização em Matemática, foi a forma de repassar os conteúdos propostos para os alunos, percebi que a maioria dos alunos não gostam que o professor exponha todo conteúdo de uma só vez, e sim que trabalhe um item de cada. Por exemplo, se a aula é composta de resoluções de cinco exercícios, passe um, analise em conjunto, resolva-o, e então passe para o segundo exercício, e assim, até que complete os cinco. Os resultados têm sido melhores. Percebe-se uma maior eficácia em deixar que os alunos resolvam um problema de cada vez, do que resolver vários problemas sem uma discussão em grupo. Com isso, outra combinação que fizemos, em sala de aula, foi andar junto; mesmo com tantas diferenças, estou conseguindo fazer com que alunos mais lentos, e com baixo índice de aprendizado, acompanhe a proposta de trabalho. Nesse sentido, irei trabalhar o ensino de Matemática através da Resolução de Problemas, em três aulas, e observar os pontos positivos e negativos que irão aparecer nessas aulas. Desejamos atingir o objetivo esperado e tirar conclusões que possam servir para uma possível mudança de postura nas aulas de Matemática dessa escola.

6. 2 Aplicação e Análise dos resultados

Essa pesquisa foi realizada na Escola Pública Estadual “Dona Guiomar de Melo”, de Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Patos de Minas, no estado de Minas Gerais.

Para a realização desse trabalho foi escolhida uma turma de 1º série do Ensino Médio composta por 30 alunos. Quanto à metodologia utilizada, buscando sair do tradicionalismo, das aulas expositivas, e passamos para um trabalho mútuo, onde todos podem participar, dar suas opiniões e construírem juntos, uma forma de chegar ao resultado de uma situação problema.

No primeiro contato com os alunos, foi exposto um problema simples ligado ao cálculo de porcentagem e reajustes sucessivos.

Dia 03/10/2012 – Trabalhando com porcentagem

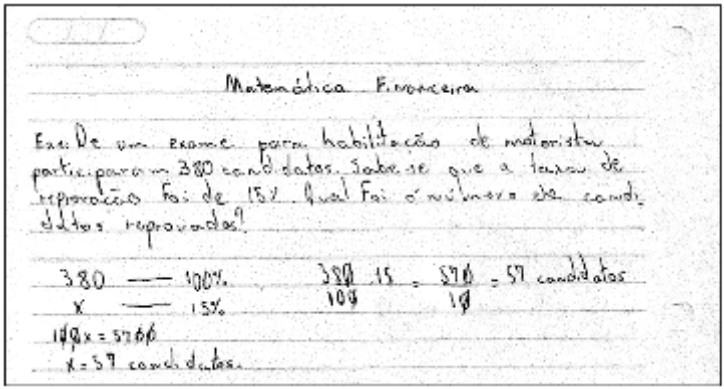
01. De um exame para habilitação de motoristas participaram 380 candidatos. Sabe-se que a taxa de reprovação foi de 15%. Qual foi o número de reprovados?

Comentários:

A maioria achou o problema fácil. Durante e depois da resolução, pedi que comentassem a respeito da questão e que opinassem sobre o problema, para montar um grupo de discussão. A aluna Ana Karolina achou a questão fácil e disse que os conceitos básicos apresentados sobre porcentagem no Ensino Fundamental ajudaram na resolução do problema. O aluno Tiago disse que o problema é útil e prático, e que a maneira como foi exposto auxiliou na resolução. O aluno Alexandre comentou logo após o comentário do aluno Tiago, que o perfil do professor é de extrema importância para o ensino e a aprendizagem, "Um professor amigo que chega com uma cara boa e deixa os alunos expressarem e discutirem sobre a matéria, faz a diferença.".

Após esses comentários, pedi que falassem sobre as suas resoluções. Dei oportunidade a todos, mesmo que a resolução estivesse errada. Ouvimos os depoimentos de cinco ou seis alunos; ao final, todos chegaram e opinaram sobre a melhor forma de resolução. Observei que poucos alunos não conseguiram começar a resolução da questão, mas prestaram atenção nas discussões dos colegas e entenderam a resolução dos que conseguiram. A maioria optou por usar, daqui pra frente, a regra de três para esse tipo de questão, e poucos decidiram usar o conceito de razão para resolver essa questão.

Abaixo segue a resolução do aluno Tiago Mendes, que solucionou de duas maneiras.


Matemática Financeira

Ex: De um exame para habilitação de motoristas participaram 380 candidatos. Sabe-se que a taxa de reprovação foi de 15%. Qual foi o número de candidatos reprovados?

380 —— 100%
x —— 15%

$\frac{380 \cdot 15}{100} = \frac{5700}{100} = 57$ candidatos

100x = 5700
x = 57 candidatos.

02. Em um lote de 50 lâmpadas, 13 apresentaram defeito. Qual é a razão entre o número de lâmpadas defeituosas e o total de lâmpadas?

Comentários:

Após alguns minutos da exposição desse problema, foi aberta outra discussão. O aluno Tiago Mendes relatou que resolveu novamente a questão de duas formas, usando razão e usando regra de três, e chegou ao resultado de 26%. O aluno Welisson se expressou pela primeira vez, e disse que fez somente por razão, mais quis tirar a prova realizando a operação 26% de 50, e chegou ao resultado esperado. A aluna Laura usou a regra de três, mas não obteve o resultado pois, segundo ela, o variável estava no local errado, e percebeu seu erro. A aluna Tânia disse que não sabia porcentagem, que no Ensino Fundamental não consegui aprender muita coisa, mas que agora com essa discussão ela aprendeu muito. Alguns alunos disseram que não sabiam que porcentagem era uma razão. Depois desse comentário, passamos a para última questão da aula.

<u>*Resolução preferida:*</u>

50 ---------- 100%
13 ---------- x%

$$\frac{50}{13} = \frac{100}{x}$$

$$150x = 1300$$

$$x = \frac{1300}{50}$$

$$x = 26\%$$

Resposta: A razão entre o o número de lâmpadas defeituosas e o total de lâmpadas é $\frac{26}{100}$ ou 26%.

03. Um produto sofreu dois reajustes mensais e consecutivos de 5% e 10%, respectivamente. Qual será seu preço após os aumentos, se antes custava R$ 400,00?

Comentários:

De imediato um aluno perguntou se poderia somar as taxas percentuais. Automaticamente, o aluno Tiago disse que não seria correto, pois as taxas incidiam em valores diferentes. A aluna Letícia disse que iria calcular separadamente os aumentos e ao final somar tudo. Já o aluno Igor, chegou à solução correta de maneira rápida e objetiva e quis expor para o grupo; como o horário estava terminando, ele apresentou no quadro sua resolução de maneira bem objetiva e correta.

Resolução do aluno Igor:

1º aumento) $5\%.400 = \frac{5}{100}.400 = 20$

Valor após o primeiro reajuste: R$ 400,00 + R$ 20,00 = R$ 420,00

2º aumento) $10\%.420 = \frac{10}{100}.420 = 42$

Valor após o segundo reajuste: R$ 420,00 + R$ 42,00 = R$ 462,00

Resposta: O preço desse produto após os aumentos é de R$ 462,00.

No segundo contato com os alunos, foi apresentado para turma problemas envolvendo juros simples e juros compostos.

Dia 04/10/2012 – Trabalhando com juros simples e juros compostos

04. João emprestou R$ 500,00 para Maria, em regime de juros simples. A taxa de juros combinada foi de 4% ao mês e Maria comprometeu-se a pagar a dívida em 3 meses. Ao final desse período, que valor Maria deverá devolver a João?

Comentários:

Novamente, um grande número de alunos resolveu a questão através da regra de três. A aluna Ana Karoline quis se expressar primeiro dizendo que, usou os critérios da questão anterior, calculando os juros sucessivamentes, e acumulando ao novo capital. Passados alguns minutos, o aluno Tiago disse que se tratava de juros simples, e que então o juro deveria ser calculado sobre o capital inicial e depois ser multiplicado pela quantidade de meses, ou seja, 3 meses. Assim, Maria devolverá a João o montante de R$ 500,00 +R$ 60,00 = R$ 560,00.

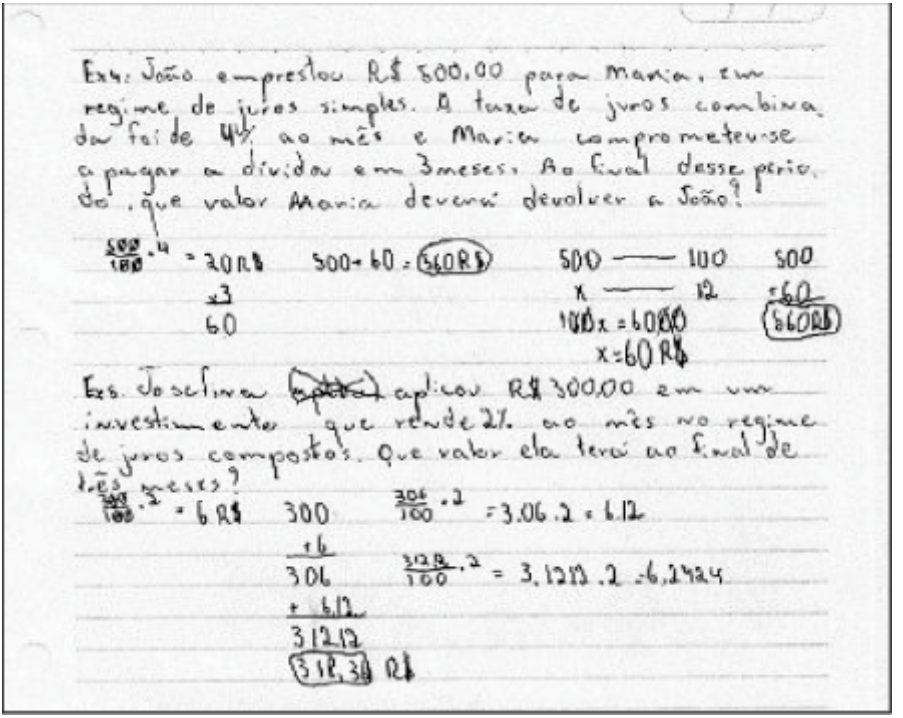
05. Rose aplicou R$ 300,00 em um investimento que rende 2% ao mês no regime de juros compostos. Que valor ela terá ao final de três meses?

Comentários:

Nesse dia, pedi para que trouxessem uma calculadora simples. Poucos alunos não conseguiram começar a resolução da questão e pediram opiniões a seus colegas e/ ou professor. Depois de alguns minutos começaram a expor seus resultados que dessa vez, foram diversos: R$ 318,00; R$ 324,00; R$ 318,36 e R$ 318,24. O aluno Tiago, quase no final do horário, pediu ao professor para resolver a questão no quadro explicando para seus colegas por que sua resposta estava correta, R$ 318,24. Seus colegas o ajudaram fazendo o uso da calculadora.

Segue as resoluções das duas últimas questões, também feitas pelo aluno Tiago.

No dia 04/10/2012, fizemos uma dinâmica sobre a avaliação das duas aulas anteriores e sobre o aprendizado em sala de aula. Todos os alunos aprovaram o método de ensino e discutiram sobre seus objetivos e anseios para o futuro; essa dinâmica visava a interação dos alunos e conclusão do trabalho.


Ex: João emprestou R$ 500,00 para Maria, em regime de juros simples. A taxa de juros combinada foi de 4% ao mês e Maria comprometeu-se a pagar a dívida em 3 meses. Ao final desse período, que valor Maria deverá devolver a João?

$\frac{500}{100} \cdot 4 = 20$ R$ $\quad$ $500 + 60 = 560$ R$

$\times 3$

60

500 —— 100 $\quad$ 500

x —— 12 $\quad$ $\times 60$

$100x = 6000$ $\quad$ 560 R$

$x = 60$ R$

Ex. Josefina ~~aplicou~~ aplicou R$ 300,00 em um investimento que rende 2% ao mês no regime de juros compostos. Que valor ela terá ao final de ~~1 mês~~ 3 meses?

$\frac{300}{100} \cdot 2 = 6$ R$ $\quad$ 300 $\quad$ $\frac{306}{100} \cdot 2 = 3.06 \cdot 2 = 6.12$

$+6$

306 $\quad$ $\frac{312,12}{100} \cdot 2 = 3,1212 \cdot 2 = 6,2424$

$+ 6,12$

$312,12$

$312,36$ R$

7 Considerações finais

A Resolução de Problemas é essencial no desenvolvimento da Matemática e tem um papel muito importante no ensino, em todos os níveis. Resolver problemas se torna mais fácil, em todos os aspectos, quando se tem uma visão ampla dos componentes de um problema: analisar, interpretar, deixar que discutam e expressem seus resultados, faz-se necessário nessa metodologia de trabalho. Por parte dos alunos, houve uma aceitação muito grande pelo ensino da Matemática através da Resolução de Problemas, e pude observar um grande número de alunos motivados e interessados pelo assunto desenvolvido em sala de aula. Devido ao fato de ter aplicado essa dinâmica de maneira desafiadora, os alunos puderam falar, argumentar, questionar, e tirar conclusões por si próprio de maneira geral, atingindo a totalidade dos estudantes. Assim como nos indicam osPCN, "a matemática precisa estar ao alcance de todos e a democratização do seu ensino deve ser meta prioritária do trabalho docente" (BRASIL, 1999, p.19).

Observamos também, que o papel do professor, nesse caso, foi apenas de mediador e condutor de todo processo, e não mais o centro da aula, onde os alunos ouviam passivamente. Tratando-se do ensino de Matemática através da Resolução de Problemas, constatamos que o relacionamento aluno-professor precisa ser mais interativo, pois exige um envolvimento muito grande de ambas as partes. Além disso, observa-se que nossos alunos esperam algo de nós professores. Adotando metodologias diferentes e tendo segurança em nosso trabalho, chegaremos a uma maior eficácia em busca de uma educação por excelência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Silvanio de. Ensino-aprendizagem de matemática via resolução, exploração, codificação e descodificação de problemas e a multicontextualidade da sala de aula. 1997. Rio Claro: IGCE, UNESP, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio Matemática. Brasília: MEC/SEMT, 1998.

DANTE, Luiz Roberto. Didática da Resolução de Problemas de Matemática, 1ª a 5ª séries: para estudantes do curso de magistério e professores do 1º grau. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.

HUAMAN, R. R. H. A Resolução de Problemas no processo de Ensino-Aprendizagem-Avaliação de Matemática na e além da sala de aula. 2006. 247 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

IEZZI, Gelson,...[et al.]. Matemática – Ciências e Aplicações. 6ª ed. São Paulo: Editora: Saraiva, 2010.

ONUCHIC, L. R. Ensino-Aprendizagem de Matemática através da Resolução de Problemas. In: BICUDO, M. A. V.(org.). Pesquisa em Educação Matemática. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

POLYA, George. A arte de resolver problemas. Tradução e adaptação de Heitor Lisboa de Araújo. Rio de Janeiro: Interciências, 1945.

PEREIRA, Antônio Luiz. Problemas matemáticos: caracterização, importância e estratégias de resolução MAT 450 – Seminários de Resolução de Problemas. São Paulo, IME-USP, março de 2002, 21p.

SANTOS, Cícero dos. O estudo do gráfico da função afim com o software wimplot através da resolução de problemas [manuscrito]. Paraíba, 2011, 67p.

Sites na Internet

1. MAT 450 – Seminários de Resolução de Problemas
http://pt.scribd.com/doc/63882363/Mat450-2001242-Seminario-8-Resolucao-Problemas (Acesso em 07/10/2012)

2. GTERP – Grupo de Trabalho e Estudos em Resolução de Problemas
http://www2.rc.unesp.br/gterp/?q=pesquisa (Acesso em 08/10/2012)

DOSSIÊ “LÍNGA E LINGUAGEM”

ASPECTOS HISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Eduardo Penhavel[34]

Resumo

Este trabalho apresenta um quadro geral das condições históricas em meio às quais ocorreu o processo de formação do português brasileiro, destacando, em particular, o papel do contato entre diferentes línguas nesse processo.

Palavras Chave: português brasileiro, contato linguístico, mudança linguística.

Historical aspects of the emergence of Brazilian Portuguese

Abstract: This paper presents a picture of the historical conditions within which Brazilian Portuguese has emerged. Particularly, it is addressed the role of linguistic contact in this process.

KEYWORDS – Brazilian Portuguese, linguistic contact, linguistic change.

1. Considerações iniciais

Na área de Linguística Histórica, o estudo da mudança linguística normalmente envolve a análise de fatores internos e externos condicionadores da mudança. No primeiro caso, uma questão central, segundo Kroch (2001), é se as línguas são estáveis ou instáveis por natureza, isto é, se, deixando de lado efeitos de contato linguístico e outras formas de mudança social, as línguas devem manifestar mudança ou estabilidade – uma questão, contudo, sobre a qual não se verifica um maior consenso. Por outro lado, a influência de fatores externos (sobretudo, o contato entre línguas) no desencadeamento da mudança linguística parece ser mais evidente e contundente, reunindo atenção especial principalmente no quadro teórico da Gramática Gerativa, que concebe a mudança linguística como estando ligada ao processo de aquisição da linguagem.

Os efeitos do contato linguístico ocupam um lugar central no estudo das línguas crioulas, línguas naturais resultantes exatamente do contato entre línguas. Mas tais efeitos certamente devem apresentar resultados interessantes também na análise de línguas (ou dialetos) como o português brasileiro (cuja natureza crioula constitui, inclusive, hipótese de trabalho), dada a forte interação das mais diversas línguas e culturas que marcou o processo de colonização/povoamento do Brasil.

[34] Universidade Federal de Viçosa, *campus* de Rio Paranaíba,
Rodovia MG 230, Km 7, Rio Paranaíba, MG, CEP 38810-000, sala 311

Nesse contexto, o objetivo do presente trabalho é reunir as considerações de alguns autores e apresentar um quadro geral das condições históricas (em particular do contato entre diferentes línguas/culturas) em meio às quais o português brasileiro foi se formando ao longo dos séculos. Inserido no tema mais amplo da "emergência de uma gramática do português brasileiro" (que envolve também os aspectos gramaticais que distinguem o português brasileiro do europeu), este trabalho está organizado da seguinte forma: a seção 2 apresenta sumariamente a concepção gerativista de mudança linguística, associada à aquisição e ao contato linguístico, com base em Kroch (2001) e Lightfoot (1999), e a tipologia do contato linguístico de Kaufman & Thomason (1988); a seção 3, com base principalmente em Mattos e Silva (1988), Castilho (2004) e Leite & Callou (2002), reúne alguns fatores históricos significativos que permearam a implantação do português brasileiro; a seção 4 apresenta as considerações finais.

2. Contato, aquisição e mudança linguística

No quadro teórico da Gramática Gerativa, considera-se que a mudança linguística ocorre essencialmente no processo de aquisição da linguagem. Como uma comunidade pode usar certas construções de modo um pouco diferente do que prevê sua gramática internalizada (devido, por exemplo, ao processo de escolarização e devido, como veremos, ao próprio convívio de diferentes línguas e dialetos na comunidade de fala), os dados a que uma geração de crianças em aquisição de linguagem é exposta (o seu *input*) pode diferir do *input* a que estiveram expostas gerações anteriores, e isso pode levar essa geração em aquisição a fixar uma gramática internalizada diferente da gramática internalizada das gerações anteriores.

Referindo-se à noção, desenvolvida por alguns autores, de mudança sintática endógena (quando a evidência disponível ao aprendiz é alterada por fatores internos à língua), Kroch (2001) destaca que uma criança em processo de aquisição pode hipotetizar uma gramática diferente daquela dos falantes dos quais provém seu *input*. Assim, se essa nova gramática difere, em seu *output*, da gramática original apenas levemente, a criança pode não perceber a diferença e, assim, não corrigir o seu erro. Kroch também destaca a proposta de Lightfoot (1991, 1999), que, embora privilegie os fatores externos da mudança, considera que as línguas podem mudar a partir de desvios nas frequências de uso dos vários tipos de sentenças; eventualmente, essa distorção de frequências se torna tão marcada, que os aprendizes não são expostos a dados cruciais e, dessa forma, adquirem uma gramática diferente daquela de gerações anteriores.

Já a mudança linguística induzida por contato é abordada por Kroch (2001) como uma força atuante cuja existência não pode ser questionada. Kaufman & Thomason (1988) propõem uma tipologia do contato linguístico em

que distinguem basicamente dois tipos diferentes de contato: a *manutenção de línguas* e a *troca de línguas*.

No primeiro caso, a língua de uma população pode sofrer interferências de outra língua com a qual mantém algum tipo de contato, mas sem chegar a adotar essa outra língua. O tipo de interferência que se verifica nessa situação são empréstimos linguísticos (*borrowing*) da língua influente para a língua influenciada, ou seja, observam-se aspectos da língua influente na língua influenciada. O tipo de empréstimo característico nessa situação de contato é o empréstimo lexical; empréstimos estruturais de uma língua para outra na situação de manutenção de línguas em contato, embora sejam possíveis, são pouco recorrentes, quase não sendo atestados. Já o empréstimo lexical é um fenômeno facilmente observável nas línguas do mundo: no português brasileiro, por exemplo, são vários os itens lexicais emprestados de línguas indígenas, africanas e européias, dentre outras, ocasionados pelo processo de colonização/povoamento, e os atuais empréstimos do inglês.

No caso da *troca de línguas*, observa-se um outro tipo de interferência. Uma população, por razões históricas, adota o idioma de outra população com a qual está em contato. E nesse processo de aprendizado, a população pode levar para a nova língua a ser aprendida aspectos de sua língua original. Nessa situação, portanto, observam-se aspectos da língua abandonada na língua adotada. Isso pode ocorrer, em termos básicos, porque a população em aprendizado pode simplesmente adotar todo o léxico da língua alvo (já que o léxico parece o aspecto primeiro e mais evidente a se adquirir na aprendizagem de uma segunda língua) e manter a estrutura gramatical de sua língua original (ou parte dessa estrutura); é como se a população continuasse a falar sua língua, mas com o léxico da outra. Na verdade, a população em aprendizado processa *reinterpretações* de estruturas gramaticais da língua alvo com base nas estruturas de sua língua original.

Nas duas situações, o que se observa é uma mudança linguística na fala de toda uma comunidade, incluindo a língua de falantes adultos. Mas é interessante observar, em particular na situação de *troca de línguas*, que a língua aprendida e reestruturada será o *input* e, basicamente, a língua materna das gerações de crianças em aquisição de linguagem nessa comunidade, o que definirá, efetivamente, a mudança linguística.

Pode-se notar que a tipologia de contatos linguísticos formulada por Kaufman & Thomason (1988) fundamenta-se em fatores históricos, isto é, em fatores externos, e não internos. Ou seja, a tipologia assenta-se sobre as diferentes possibilidades de interação histórica entre comunidades de falantes, e não propriamente sobre as diferentes características de cada língua em contato. Nesse sentido, torna-se fundamental a análise da situação sócio-histórica das línguas quando se estuda a mudança linguística, para que seja efetivamente possível identificar as motivações das mudanças, assim como a possibilidade de

sua difusão nas comunidades de falantes.

Em outros termos, pode-se dizer que a pesquisa, em Linguística Histórica, deve voltar-se não para as línguas em si, mas para os falantes das línguas. Uma concepção assim é que parece a mais adequada para desenvolver estudos em Linguística Histórica. E é o que chama a atenção para os aspectos históricos, sobretudo relacionados às dinâmicas populacionais, que permearam o nascimento do português brasileiro, o que passamos a ver sinteticamente na próxima seção, partindo das condições sociolinguísticas do português de Portugal quando veio para o Brasil.

3. A formação do português brasileiro

Mattos e Silva (1988) observa que a cidade de Lisboa, por volta do final do século XV e início do século XVI, seria certamente um paraíso para o trabalho de campo de um sociolinguista dos fins do século XX. De uma população avaliada em um milhão de habitantes, cem mil se concentravam na capital, para onde se deslocavam atraídos pela possibilidade de viver, negociar ou tentar partir para as aventuras marítimas. Vinham para a cidade pessoas de todo o reino, sobretudo das Beiras e do norte. Eram conhecidos, jocosamente, como os *ratinho*s. Com eles vinham os seus modos de falar e seus costumes.

Segundo a autora, nos arredores de Lisboa vivam também os *saloios,* população ainda descendente dos árabes. Aos ratinhos e saloios juntaram-se, a partir de 1443, os negros que vinham escravizados da África e que no reino de D. Manuel constituíam 10% da população de Lisboa. De acordo com a autora, informação histórica documenta, por exemplo, que, entre 1486 e 1493, chegaram 3.589 negros e, entre 1511 e 1513, chegaram mais 2.996, seguidos de índios da Índia e do Brasil, dentre outros.

Para Mattos e Silva (1988), trata-se de uma situação que evidencia como deveria ser a estratificação social e a consequente diversidade linguística em Lisboa: variantes diatópicas, variantes diastráticas, multilinguismo e certamente dialetos de transição, veiculares, necessários à intercomunicação entre as etnias em contato. Como observa a autora, foi em meio a essa diversidade linguística que os portugueses partiram para o mundo, inclusive para o Brasil. Ou seja, o português que posteriormente iria se desenvolver no Brasil já chaga ao país fortemente envolvido por outros idiomas.

Castilho (2004) afirma que a ocupação efetiva do Brasil ocorreu a partir de 1532, com a distribuição de quinze capitanias hereditárias. Entre os séculos XVI e XVII, a colonização ocorreu exclusivamente por portugueses, mas a partir do século XVIII os bandeirantes paulistas desempenharam um papel decisivo na ocupação de Minas Gerais e Mato Grosso e de terras ao Sul. Em 1808, a população de Portugal e a do Brasil se equilibram. Segundo o autor, quando os portugueses

chegaram, a população era em torno de um milhão de indígenas, distribuídos por cerca de 300 línguas diferentes (embora alguns autores mencionem uma população de dois milhões de indígenas, falantes de aproximadamente 1.200 línguas). Até o século XVIII, dada a superioridade numérica dos indígenas, os portugueses tiveram de aprender o tupinambá, ocorrendo uma situação de bilinguismo.

Ainda de acordo como Castilho (2004), duas línguas foram descritas durante o Brasil-Colônia: o tupinambá, ou tupi antigo (documentado na gramática do Padre Anchieta, falado no litoral, de São Paulo ao Maranhão), e o kariri, do tronco Macro-Jê, falado em Sergipe e em partes da Bahia e de Pernambuco. A maior parte das contribuições lexicais indígenas provém do tupi-guarani, do qual o português brasileiro herdou cerca de 10 mil vocábulos, em sua maioria repartidos pela toponímia e pela onomástica, a que se somam nomes de vegetais e de animais.

Além da influência indígena, o português foi extensivamente exposto à influência das línguas africanas, pois, de 1538 a 1855, foram trazidos 18 milhões de escravos negros, sujeitos a um contato intenso com a população branca. Os negros brasileiros integravam duas cultuas: a Cultura Banto e a Cultura Sudanesa. Estima-se que aproximadamente 300 palavras africanas foram incorporadas ao léxico do português brasileiro. De um modo geral, pode-se dizer que são ainda escassos os estudos sobre as influências das línguas africanas. Os primeiros textos atribuem aos africanos simplificações da morfologia nominal e verbal portuguesa que outros tantos textos atribuem igualmente aos indígenas. Em sua maior parte, os primeiros estudos procuravam identificar as origens do vocabulário negro difundido no Brasil (CASTILHO, 2004).

Mas, segundo Mattos e Silva (1988), o destino do português no Brasil seria mesmo definido em meados do século XVIII, quando Marquês de Pombal, por lei de 3 de maio de 1757, primeiro aplicada ao Pará e Maranhão e depois estendida a todo o Brasil, dá início a uma nova política linguística e cultural, criando a primeira rede leiga de ensino, expulsando os jesuítas, e estabelecendo um ordenamento jurídico e administrativo segundo o qual a língua portuguesa passa a ser obrigatória, proscrevendo-se o uso de quaisquer outras línguas. Como salienta a autora, esse fato histórico marcou definitivamente o fim de um processo que poderia ter definido outro destino linguístico para o Brasil.

Pode-se admitir que, durante os dois primeiros séculos de colonização, o português não se impôs como língua majoritária. No século XVI, na extensão ocupada do litoral brasileiro, viviam aproximadamente trinta mil brancos e mestiços integrados, um ou dois milhões de indígenas (em rápido processo de decréscimo populacional) e cerca de trinta mil negros (desde a África, já na viagem desarticulados de seus grupos de origem, como se sabe, e por isso sem condições de manter efetivamente vivas as suas línguas originais). Já no século

seguinte, a penetração interiorana avançava, a população branca e mestiça subia para duzentos mil, a indígena ainda era significativa – um milhão e meio de habitantes – e a negra crescia para quatrocentos mil. O instrumento de intercomunicação verbal principal nesse período histórico não era a língua portuguesa, mas a chamada "língua geral", uma língua de base indígena, derivada do tupinambá, certamente marcada pela versão dos jesuítas missionários (MATTOS E SILVA, 1988).

Até a primeira metade do século XVIII, a língua geral era predominante. O historiador Sérgio Buarque de Holanda informa, com base em relatório escrito por volta de 1692 pelo então governador do Rio de Janeiro, que os filhos de paulistas primeiro aprendiam a língua indígena e só depois a língua portuguesa. Em alguns pontos, até 1755, a língua portuguesa era minoritária, embora tivesse acabado por se impor na Corte, segundo informações de historiadores (LEITE & CALLOU, 2002).

Mattos e Silva (1988) salienta que não era o português a língua das reduções e missões jesuíticas. Segundo a autora, nas fazendas e no ambiente rural em geral, na casa dos senhores e dos outros, a *língua geral* era a utilizada, língua de base indígena e com marcas africanas, aceita pelo poder leigo e pela igreja, esta que foi a legitimadora da língua geral para a catequese e domínio dos indígenas nos primeiros tempos coloniais. Considerando, assim, a disseminação e a importância da língua geral, pode-se imaginar o seu potencial de influência sobre o português.

Para Mattos e Silva (1988), no século XVIII, fatores demográficos significativos – como o avanço da população branca e mestiça (cerca de quinhentos mil) e o avanço da população escrava negra (que chegava a um milhão) – associados à nova política colonial pombalina acabaram levando o português ao posto de língua dominante; a partir daí, a escolarização em português, o processo de urbanização crescente, a vinda da corte para o Brasil no início do século XIX, entre outros fatores, definiram a língua portuguesa como língua nacional e oficial. De todo modo, a essa altura, certamente já era grande o impacto de outras línguas sobre o português, especialmente da língua geral e de línguas africanas.

Castilho (2004) destaca que, consideradas as condições de implantação do português no Brasil, três fases assinalam sua história: (i) de 1533 a 1654 ocorre uma situação de bilinguismo, com a maior parte da população concentrada na Bahia e em Pernambuco, falando predominantemente a língua geral; (ii) de 1654 a 1808 a língua geral perde terreno, limitando-se às povoações do interior e aos aldeamentos dos jesuítas, o português dissemina-se pela costa e são praticados falares crioulos no interior; (iii) a partir de 1808, com a intensa relusitanização do Rio de Janeiro provocada pela vinda de cerca de 18 mil portugueses que fugiam à invasão francesa e que dobravam a população da nova

capital, o português difunde-se pelo interior, distinguindo-se os falares rurais dos urbanos.

A partir do século XIX, finalmente, passa também a ser significativa, na história da implantação do português no Brasil, a influência da imigração de povos de diferentes nações do mundo, particularmente de europeus. Conforme observa Barros (2007), as maiores ondas imigratórias para o Brasil foram patrocinadas pelo governo a partir da segunda metade do século XIX. Segundo o autor, o objetivo do governo era trazer trabalhadores aptos a substituir os escravos na agricultura e a executar tarefas necessárias à industrialização e ao desenvolvimento econômico; o movimento cresce a partir das décadas de 1870 e 1880 e se estende até meados do século XX. Estima-se que o movimento imigratório iniciado no século XIX trouxe para o Brasil cerca de quatro milhões de trabalhadores.

Por exemplo, a imigração italiana foi uma das maiores. De acordo com dados da Embaixada Italiana no Brasil, aproximadamente 25 milhões de brasileiros são descendentes de imigrantes italianos. O período de imigração mais intensa ocorreu entre os anos de 1870 e 1920. A maior parte dos imigrantes italianos concentrou-se na região Sudeste, principalmente para trabalhar nas lavouras de café em São Paulo. Calcula-se que mais de um milhão de italianos chegaram ao país até o final do século XIX.

A tabela abaixo apresenta um panorama da imigração no Brasil nos fins do século XIX e início do século XX.

TABELA 1: Imigração para o Brasil, por nacionalidade[35]

Imigração no Brasil, por nacionalidade - períodos decenais 1884-1893 a 1924-1933					
Nacionalidade	**Efetivos decenais**				
	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22.778	6.698	33.859	29.339	61.723
Espanhóis	113.116	102.142	224.672	94.779	52.405
Italianos	510.533	537.784	196.521	86.320	70.177
Japoneses	-	-	11.868	20.398	110.191
Portugueses	170.621	155.542	384.672	201.252	233.650
Sírios e turcos	96	7.124	45.803	20.400	20.400
Outros	66.524	42.820	109.222	51.493	164.586
Total	**883.668**	**852.110**	**1.006.617**	**503.981**	**717.223**

35 Dados extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponíveis em <http://www.ibge.gov.br/brasil500/tabelas/imigracao_nacionalidade_84a33.htm>.

Dados quantitativos como os da Tabela acima propiciam uma ideia da influência potencial das línguas dos imigrantes sobre o português que foi se constituindo no Brasil ao longo dos séculos. Trata-se de um conjunto de línguas que ampliou e tornou ainda mais complexo o espectro de interferência potencial sobre o português brasileiro anteriormente iniciado principalmente pelas línguas indígenas e africanas.

4. Considerações finais

Tarallo (1993, p. 71) defende que há diferença gramatical entre o português brasileiro e o europeu suficiente para se falar, senão em uma língua brasileira (já que isso envolve questões de natureza ideológica), certamente em uma gramática do português brasileiro. Nas palavras do autor, "a variedade portuguesa falada no Brasil já desenvolveu um número de traços sintáticos discerníveis o suficiente para possibilitar uma descrição de seu sistema no sentido de uma gramática brasileira". Segundo ele (p. 99), fica claro, a partir da análise de fenômenos sintáticos (particularmente (i) a manifestação de objetos nulos e sujeitos gramaticais, (ii) as estratégias de relativização, (iii) o padrão (não)pro-drop, e (iv) o padrão de ordem de palavras em perguntas diretas), que "um novo sistema gramatical [...] emergiu ao final do século XIX, estabelecendo uma nova gramática radicalmente diferente da modalidade lusitana [...]. Sem vias de dúvida [...], pode ser afirmado que o cidadão brasileiro já estava de posse, ao final dos éculo XIX, de sua própria língua/gramática".

Considerando o impacto do contato linguístico sobre a aquisição, e, por isso, sobre a mudança linguística, e considerando quão intenso e dinâmico foi o contato linguístico/cultural que marcou e ainda marca a história do português brasileiro, o estudo das línguas faladas no Brasil, em particular do português aqui falado (com sua gramática própria), não pode deixar de considerar detalhadamente a interferência dos diferentes tipos de contato que aqui se verificaram e de demais aspectos históricos.

Os estudos da influência de outras línguas sobre o português brasileiro, em particular das línguas indígenas e africanas, normalmente se voltam para os empréstimos lexicais provenientes dessas línguas. Mas a análise da interferência gramatical dessas línguas no português brasileiro certamente deve apresentar resultados muito significativos. Tal tipo de análise, se não revelar a presença de estruturas sintáticas de línguas indígenas e outras na gramática do português brasileiro, pelo menos deve mostrar como a interação das gramáticas dessas línguas com a gramática do português brasileiro pode ter desestabilizado esta última e a afastado gradativamente do português que foi se desenvolvendo em Portugal e em outras partes do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, T. Z. *Imigração estrangeira no jornal "A Província do Espírito Santo (1882/1889)"*. 2007. 130f. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

CASTILHO, A. T. O português do Brasil. In: ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992, p. 237-269.

KAUFMAN, T.; THOMASON, S. G. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Los Angeles: University of California Press, 1988.

KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M. & COLLINS, C. (Orgs.). *Handbook of syntax*. New York: Blachewell, 2001.

LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LIGHTFFOT, D. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden: Blackwell/Maryland lectures in language and cognition, 1999.

MATTOS E SILVA, R. V. Diversidade e unidade: a aventura linguística do português. *Revista ICALP*, vol.11, Março de 1988, p. 60-72; *Revista ICALP*, vol.12/13, Junho-Setembro de 1988, 13-28.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 69-105.

ANÁLISE DISCURSIVA DAS HISTÓRIAS DE VIDA DE PESSOAS IDOSAS QUE VIVEM EM SITUAÇÃO DE ASILO

Sílvia Mara de Melo[35]

Resumo
Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise de relatos de idosos que vivem em situação de asilo em uma cidade do interior de Goiás, localizado na cidade de Aragarças, região de fronteira com o Mato Grosso. A pesquisa fora desenvolvida em um lar, onde vários moradores foram entrevistados, porém, apenas três relatos constituirão o *corpus* desse artigo. Nossa proposta é examinar as histórias de vida de idosos a partir da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Pretendemos, com base nas entrevistas, constituir uma coletânea, e, a partir dela, examinar como se dão os processos de individualização do sujeito idoso, mais especificamente, aqueles que vivem longe dos familiares, em situação de abandono. Estamos partindo da hipótese de que através das histórias de vida, poderemos extrair informações inerentes ao tratamento que a sociedade dispensa ao idoso.

Palavras-chave: Relatos, Sujeito, Idoso.

DISCURSIVE ANALYSIS OF LIFE STORIES FROM ELDERLY PEOPLE LIVING IN REST HOMES

ABSTRACT: This paper aims to present an analysis of reports from elderly people living in a rest home in a place in the interior of Goias State. The home is located in the city of Aragarças on the border region with Mato Grosso State. The research was carried out in the aforementioned rest home, where several residents were interviewed. Nonetheless, only three reports constitute the *corpus* of analysis for this article. Our proposal is to examine the life stories of the elderly from the perspective of the French Discourse Analysis. Taking into account the interviews, we intend to constitute a collection of reports in order to examine how the processes of individualization of the old person happen specifically for those who live far from their relatives in an abandonment situation. Our assumption is that through those life stories we will be able to extract information regarding the inherent treatment that the society renders the elderly people.

Keywords: Reports, People, Elderly.

---

[35] Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Rosineia da Silva Ferreira (UFMT)
Universidade Federal de Mato Grosso

Introdução

Em 2010 iniciamos uma pesquisa envolvendo um asilo na cidade de Aragarças – GO, região de fronteira com o Mato Grosso. O lar mantido principalmente pela iniciativa filantrópica, portanto, sem fins lucrativos, nos mostrou como as histórias de vida de pessoas que vivem em situação de asilo são muito interessantes e que os relatos de pessoas idosas podem se constituir em um arquivo profícuo para análise. Iniciamos um trabalho de campo, realizando entrevistas com vários idosos, e as histórias, muito peculiares, nos levaram a buscar estudos que já haviam tratado de questões inerentes à velhice. Foi então que tivemos contato com a obra de Eclea Bose (1994) "Memória e Sociedade: lembranças de velhos". Bose fala com propriedade do assunto a partir da psicologia social.Tendo em vista que nosso interesse recai, principalmente pela teoria do Discurso, trataremos deste assunto com um novo olhar. Conceber o sujeito a partir da teoria discursiva, neste texto, se dá porque a Análise do Discurso (AD) redefine a concepção de sujeito, enquanto em outras ciências, ele é visto como sujeito empírico, senhor de suas intenções, na AD, o sujeito sofre um descentramento, perdendo o lugar de origem do que diz, pois é determinado pelo outro, pelas formações discursivas nas quais se inscreve para produzir seu discurso.

Sempre nos sensibilizou a situação em que vive o idoso com parcos recursos na sociedade brasileira, e pensar discursivamente como vive o idoso e como ocorre a subjetivação desse sujeito, leva-nos a propor um estudo que abrange o idoso nas condições de moradia, o asilo. O asilo não foi o local por onde circulou o idoso em sua infância, juventude e vida adulta, muitos provavelmente tiveram residência, constituíram uma família, no entanto, eles são deslocados do ambiente familiar por algum motivo. Descrever esses motivos a partir dos relatos dos idosos pode nos levar a entender como se dão as relações no ambiente familiar e social deste sujeito que está à margem da sociedade produtiva. Refletir de que modo a sociedade contribui para os processos de subjetivação do idoso é propósito deste trabalho.

Ao pensarmos a sociedade, tomaremos principalmente os enunciados da família e dos amigos que ecoarão nos relatos dos senhores e das senhoras.

Neste artigo realizamos alguns recortes para viabilizar a análise. Desse modo, fazem parte do corpus, os relatos de idosos que pretendemos constituir a partir de entrevistas. Com esse recorte, a partir da materialidade discursiva, temos em vista examinar como se dão os processos de individualização do sujeito idoso no Brasil, mais especificamente, aqueles que vivem em Aragarças (GO). Estamos partindo da hipótese de que através dos relatos, das histórias de vida, poderemos extrair informações inerentes ao tratamento que a sociedade dispensa ao idoso.

Trabalhar com um tema desta natureza é relevante pela própria originalidade da questão, tendo em vista que na área da Lingüística, principalmente, no domínio da Análise do Discurso, teoria com a qual pretendemos dialogar, não se tem notícia de pesquisa nesse âmbito.

Estamos cientes de que já é bastante conhecido o trabalho da professora Ecléa Bosi, sua pesquisa no âmbito da psicologia social teve como resultado seu livro "Memória e Sociedade: lembranças de velhos", no entanto, a preocupação da pesquisadora não recai em questões discursivas, como é nosso interesse, sua pesquisa focou as lembranças de velhos em relação direta com a cidade de São Paulo. Embora tomemos seus dizeres em alguns momentos, nosso interesse diverge da pesquisa já realizada, tendo em vista que nossa preocupação é compreender as relações que promovem a constituição identitária de sujeitos em condição de asilo. O lugar de onde propomos analisar os relatos de idosos não é o mesmo que o da autora Eclea Bosi, pois estamos no domínio da Análise do Discurso francesa.

A análise do discurso de linha francesa, pelo seu modo de constituição, sugere procedimentos de análise que podem ser aplicados nos mais variados campos discursivos, e, como nosso objeto de pesquisa constitui-se de relatos, propomos enfatizar apenas as questões concernentes ao sujeito.

O Sujeito Idoso na perspectiva da psicologia social

Segundo Bosi (1994, p. 77)

> A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. Se a posse e a propriedade constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor.

Para a autora, se as pessoas assumem tal posicionamento, estão agindo como "loucas", porque estão delineando o seu futuro. E o pior de tudo isso, é que nos asilos ou casas de repouso, muitos idosos imaginam que lá estão provisoriamente, tal é o cerceamento que a família exerce sobre o velho. É muito comum encontrarmos nesses lugares velhinhos submissos, que acreditam estar em um hospital para fazer um tratamento, quando, na verdade, algum filho ou parente o abandona porque ele não oferece mais benefícios. Ouvimos em uma de nossas visitas ao asilo em Goiás o relato de que uma pessoa deixou um idoso lá

porque estava em estado terminal, e uma das freiras nos deu o depoimento de que aquele idoso ainda viveu três meses, imaginemos o quão sofrido foi para uma pessoa estar longe dos entes queridos ainda mais em situação de doença em que normalmente ficamos tão fragilizados. Outro dado bastante recorrente nos relatos de idosos quando questionados acerca de perspectivas, projetos de vida é o fato de responderem que estão esperando a morte. Pelo o menos foi essa resposta que ouvimos de muitos idosos moradores no lar investigado. E isso nos leva novamente às constatações de Bosi (1994, p. 88)

> A civilização burguesa expulsou de si a morte, não se visitam moribundos, a pessoa que vai morrer é apartada, os defuntos já não são contemplados. O leito de morte se transformava em um trono de onde o moribundo ditava seus últimos desejos ante os familiares e vizinhos que entravam pelas portas escancaradas para assistir ao ato solene. Era natural dormir em uma cama onde dormiram os avós, onde morreram rodeados pelos seus. Era natural visitar um defunto, acompanhá-lo ao ouvir os sinos plangerem. E guardar o crucifixo onde imprimiu o último beijo. A morte vem sendo progressivamente expulsa da percepção dos vivos.

A distância dos familiares, a nítida sensação de inutilidade, a falta de objetivos ou de projetos, tudo isso, aliada ainda ao descaso de toda a sociedade e do Estado é que promovem no idoso a tão lamentável expectativa de vida. Deslocado do ambiente de onde viveu toda sua vida, o idoso espera apenas a morte chegar.

A noção que temos da velhice, segundo Bosi (1994, p. 81)

> [...] decorre mais da luta de classes do que do conflito de gerações. É preciso recriar a vida, mudar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher e o negro combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por eles.

Esta afirmação de Bosi: "nós é que temos que lutar por eles", justifica nosso interesse pelo estudo de pessoas que vivem em asilos, pois são os jovens, familiares que precisam mudar o seu modo de olhar a velhice, e adentrarmos neste universo nos permite contribuir com reflexões nesse âmbito.

O objetivo deste texto é analisar discursivamente as histórias orais de pessoas idosas que vivem em asilo e ao mesmo tempo depreender de que modo os laços familiares ou as relações constituem a identidade do sujeito que vive em asilo, bem como elencar as formas de individualização/subjetivação do sujeito que está afastado do convívio familiar, no nosso caso, o idoso em convívio com outros idosos.

O Sujeito na perspectiva da Análise do Discurso

Os conceitos aqui emergentes levam em consideração a Análise do Discurso francesa, que aparece por volta dos anos 60, no momento em que a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise marcam um rompimento com o século XIX. A Análise do Discurso (AD) e a Linguística apresentam características que lhes são próprias, sendo que esta tem como objeto a língua e aquela, o legado do materialismo histórico; na busca pela produção de sentidos, faz-se necessária uma junção dos aspectos linguístico e histórico.

Nesse contexto discursivo, a Psicanálise contribui quando desloca a noção de homem para a de sujeito, que se constitui, por sua vez, numa relação com o simbólico na história. Essas fontes de conhecimento, como a Linguística, a Psicanálise e o Marxismo contribuem com a AD, de modo a formar um novo objeto de estudo, o Discurso. Tais áreas são encaradas como um suporte de conhecimento e nenhuma delas exerce papel principal na constituição dessa nova teoria da linguagem.

Será útil introduzir, a esta altura, algumas considerações do que Pêcheux propõe para a construção da Análise do Discurso de linha francesa, pois sabemos que construir uma teoria do discurso era seu propósito. Segundo Pêcheux (1997), o discurso é um instrumento a serviço de uma prática política e submetido a uma ideologia, e esta, por sua vez, é responsável por manter a divisão da sociedade em classes e as diferenças necessárias para o funcionamento das relações sociais. Desse modo, entende que a linguagem vai muito além da simples função de comunicação. O autor considera a teoria do sujeito de fundamental importância para sustentar a AD.

Quanto à modalidade ideológica, Pêcheux (1997) convencionou chamar interpelação ou assujeitamento do sujeito o sujeito ideológico. Acredita que o sujeito não se dá conta de que o lugar que ocupa nas relações de classe não foi escolhido por ele, mas pré-determinado por uma "existência de realidades complexas", que toma forma nos Aparelhos Ideológicos de Estado, AIE, (de Althusser).

Concebendo que toda ideologia precisa se materializar de alguma forma, o discurso será o instrumento para que isso ocorra, de tal maneira que as "formações ideológicas" comportam "formações discursivas" que irão

determinar o que poderia ou deveria ser dito, considerando a relação de alguns no interior de um Aparelho Ideológico de Estado.

Para a Análise do Discurso, o sujeito não é concebido como fonte do sentido e não é senhor de suas escolhas, ora é encarado como sujeito afetado ideologicamente, ora é encarado como sujeito que fala em nome de uma posição que ocupa.

Em relação ao sujeito do enunciado, Foucault (2002, p.109) considera que ele não é idêntico ao autor de uma formulação. É na verdade,

> [...] um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes, e esse lugar [...] é variável o bastante para poder continuar, idêntico a si mesmo, através de várias fases, bem como para se modificar a cada uma. Esse lugar é uma dimensão que caracteriza toda formulação enquanto enunciado, constituindo um dos traços que pertencem exclusivamente à função enunciativa e permitem descrevê-la [...]
>
> [...] descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse, mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.

A concepção de sujeito em Foucault está diretamente vinculada à idéia de que o sujeito não fala de qualquer lugar, ele está sempre em algum lugar e considerando as diferentes posições que ele pode ocupar, há certos enunciados que são possíveis e requeridos, outros, ao contrário, excluídos; existe toda uma hierarquia de relações. O sujeito deve estar vinculado às modalidades enunciativas, as quais, ao invés de remeterem à função unificante de um sujeito, manifestam a sua dispersão, tendo em vista que falam a partir de uma posição.

Essa concepção de sujeito em Foucault é criticada por Pêcheux (1997), que o acusa de retroceder à sociologia porque, em Arqueologia do Saber, Foucault aborda a questão das instituições e dos papéis e ele não reconhece a existência da luta (ideológica) de classes. Pêcheux, ao se referir ao sujeito, toma-o como um ser interpelado pela ideologia. Em suas palavras,

> [...] sob a evidência de que 'eu sou realmente eu' há o processo da interpelação-identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio [...] É a ideologia que fornece as evidências pelas quais 'todo mundo sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve. (PÊCHEUX, 1988, p. 160)

Ao tomarmos contato com os textos de Foucault, certificamo-nos que apresentam uma definição de sujeito, de enunciado e de formação discursiva, no entanto, Foucault não fala de ideologia. A inserção da ideologia para definir tanto sujeito quanto discurso parte de Pêcheux, o qual, por sua vez, dialoga com Althusser, que irá contribuir com suas reflexões no que diz respeito à formação de uma teoria do discurso.

Ao falar de sujeito, Pêcheux traz à tona a expressão forma-sujeito (que vem de Althusser, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais). Ao examinar as práticas discursivas do que denomina forma-sujeito, Pêcheux (1988, p. 163) afirma que,

> [...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginário) do sujeito apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (pré-construído) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.

O interdiscurso fornece a matéria-prima para que o sujeito se constitua como sujeito falante, com a formação discursiva que o assujeita. Pêcheux parte do princípio de que a forma-sujeito tende a absolver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, assim a forma-sujeito estaria realizando a incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso.

O indivíduo é interpelado em sujeito responsável no complexo das formações ideológicas e, em particular, nas formações discursivas. Essa noção de interpelação bastante criticada atualmente deve ser esclarecida para evitarmos possíveis incompreensões. Nos limites do que Pêcheux denomina interpelação, devemos compreender que não é o sujeito que é interpelado, mas o indivíduo, o sujeito empírico, que de um lugar específico é interpelado a assumir aquela posição e a organizar seu discurso nesse espaço de enunciação. Nas palavras de Pêcheux (1988, p. 214),

> Os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes [...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina.

Parafraseando o que entendemos das proposições do filósofo, não devemos interpretar a noção de assujeitamento ou interpelação como sinônimo de alienação. Essa seria uma compreensão reducionista e falaciosa do que propõe o mestre precursor da Análise do Discurso.

Pensando em compreender melhor a questão da subjetividade (interpelação) proposta por Pêcheux, avancemos um pouco mais em suas reflexões. Para ele, a interpelação supõe um desdobramento em *locutor* (aquele que se habituou a chamar sujeito da enunciação, é o sujeito que toma posição, a quem é atribuído o encargo pelos conteúdos colocados) e em *sujeito universal* (é o sujeito da ciência). Esse desdobramento em "sujeito da enunciação" e "sujeito universal" assume duas diferentes modalidades.

A primeira modalidade, segundo Pêcheux (1988), consiste em uma superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal. É o que denomina 'bom-sujeito', o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, identifica-se.

A segunda modalidade diz respeito ao 'mau-sujeito' e ocorre quando o 'sujeito da enunciação' não se identifica com o 'sujeito universal', ele se põe contra o sujeito universal por meio de uma revolta, de uma dúvida, de um questionamento. O que Pêcheux (1988, p. 215-216) denomina 'mau-sujeito', 'mau-espírito' "se contra-identifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo interdiscurso como determinação exterior de sua interioridade subjetiva, o que produz as formas filosóficas e políticas do contradiscurso". A negatividade manifesta-se no interior da forma sujeito. E é o interdiscurso que irá determinar a identificação e a contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida para que ele a aceite ou a rejeite.

Tendo em vista a complexidade em relação às noções de subjetividade principalmente em Foucault e Pêcheux, consultamos Gregolin (2004, p.131), que propõe discutir a polêmica em torno desses dois teóricos. Para ela, "se não há em Foucault as ideias de ideologia e de luta de classes é porque ele pensa uma análise do poder pela lente de uma microfísica" e ainda considera que,

> [...] se não há em Foucault a noção althusseriana de 'aparelhos ideológicos' há toda uma teoria e análise do poder que, certamente envolve lutas, nas quais os sujeitos se digladiam cotidianamente. São micro-lutas, já que não há um centro único do poder, pois ele se espalha por toda a topografia social- e, sendo micro-lutas, elas transcendem a clássica noção de luta de classe. (GREGOLIN, 2004, p. 133)

Tanto na concepção de Pêcheux quanto na de Foucault em relação ao sujeito, o que se questiona é o papel da resistência. Se o sujeito é interpelado pela ideologia ou se está submerso em técnicas de poder, como ver e encarar os

processos de ruptura, de resistência ? Gregolin (2004, p. 136) responde a essa questão ao refletir sobre os dizeres de Foucault e de Pêcheux,

> [...] o fato de haver uma disciplinarização, de ter sido necessário desenvolver mecanismos de controle e de vigilância demonstra que os sujeitos lutam. Dessa luta deriva, como conseqüência, o fato de que nenhum poder é absoluto ou permanente; ele é, pelo contrário, transitório e circular, o que permite a aparição das fissuras onde é possível a constituição da docilidade pela meta contínua e infindável da libertação dos corpos. O exercício do poder não é um fato bruto, um dado institucional nem uma estrutura que se mantém ou se quebra; ao contrário, ele se elabora, transforma-se, organiza-se, dota-se de procedimentos mais ou menos ajustados.

Com base nas leituras de Foucault, Gregolin (2004, p. 145) afirma que "não é possível haver relação de poder sem pontos de insubmissão". Isso significa que pode haver rupturas, pontos de fuga e que o sujeito não é totalmente submisso a uma conjuntura. Isso dialoga, de algum modo, com o que Pêcheux afirma sobre o *mau-sujeito* e sobre o *contra-discurso*.

Relatos, memórias e histórias de vida

Os relatos ora apresentados foram elaborados a partir das entrevistas com os idosos residentes no lar onde realizamos a pesquisa. Os nomes dos entrevistados foram preservados, por isso os denominaremos de Fulano, Beltrano e Sicrano.

Relato 1 - Fulano

Sou Fulano, tenho 65 anos. Nasci em Iguapó, cidade próxima à Goiânia. Morei nessa cidade até os seis anos de idade. Eu vim parar aqui em Aragarças, no lar, porque me acidentei e quebrei as pernas, os braços e a cabeça. Eu tenho família, mas foi melhor vir morar aqui. As irmãs que cuidam do lar que me trouxeram pra cá, porque eu estava morando na rua. Eu tenho um irmão que tem uma casa de 22 cômodos, moram na casa somente ele e a mulher. Eu tenho um filho que mora em Iporá, mas eu não tenho contato com ele, eu e a mãe dele somos separados, somos brigados. Ele nem sabe que estou aqui no lar, só sabe que estou na cidade, morando em Aragarças. Tenho mais duas filhas e um rapaz, com eles me dou bem, devo ter também uns oito netos. Tenho mais um irmão vivo, porque nós éramos seis, mas quatro morreram. Eu era carpinteiro, fazia madeiramento de casas, ainda faço se for preciso, mas bem devagar. Eu recebo visitas das minhas

amigas, da minha sobrinha e do meu irmão, hoje mesmo ele esteve aqui. Eu gosto de brincar de dominó, jogar dama. Meu problema de saúde são as pernas e manchas pelo corpo. Eu saí da minha região para vir ganhar dinheiro, porque aqui era melhor. Eu vim para essa região em 1972. Eu não estudei, meu pai não fez a gente ir pra escola, eu só sei assinar o nome. Eu queria ter estudado, porque com estudo a gente evolui. Minha mãe faleceu quando eu tinha sete anos, meu pai vendeu tudo o que tinha e foi morar na cidade, ele saía de casa e trancava a gente para que nós não saíssemos para rua. Eu fugi com sete anos de idade, de carona, de caminhão para a casa de um tio em Rio Verde. Eu saí de casa só com a roupa do corpo e o sapatinho. Aqui no lar a gente é muito bem tratado, mas a liberdade é melhor, aqui a gente tem comidinha na hora, mas os funcionários não gostam que a gente sai, daí a gente vive num cativeiro. Eu sinto falta do apoio da minha família. Se eu não estivesse aqui, queria estar no céu, mas como estou aqui, estou satisfeito. Sinto saudades dos meus filhos, do meu pai não sinto porque ele batia demais na gente. Tenho saudades de trabalhar, de movimentar com as coisas, mas esse tempo já passou, já acabou.

A noção de utilidade, como fala Eclea Bose (1994) é relevante quando tomamos o relato desse idoso, considerando que, após o momento em que se acidentou, não se sente mais útil, ele não é produtivo, e, mesmo tendo assumido que tem família, foi viver no lar. Ele relata que tem irmão, filho, filhas, netos, enfim, tem laços sanguíneos, no entanto, vivia na rua antes de ir morar no lar. Percebe-se pelo seu passado que, o falecimento da mãe e a falta de preparo do pai para educar os filhos fizeram com que ele se rebelasse, não aceitando a condição imposta pelo pai, a de ficar trancado em casa, daí ele foge de carona. Nota-se que o relato de Fulano encarna o que Pêcheux denomina "mau sujeito", no sentido do que Pêcheux atribui ao termo, pois ele se revolta mesmo ainda criança com a forma de repressão imposta pelo pai, no entanto a condição de criança o leva para a casa do tio, desse período não temos notícia de como foi sua vida.

Quando Fulano relata que no lar é "bem tratado", mas em seguida afirma que a liberdade é melhor, está silenciada a condição de que, a partir do momento em que se está sob o domínio das irmãs, ou seja, sob os cuidados das freiras, perde-se a liberdade. Em seu enunciado "aqui a gente tem comidinha na hora, mas os funcionários não gostam que a gente sai", está nítida a condição imposta pela instituição, pois, para que o sujeito tenha certo conforto, precisa ser obediente às regras impostas por ela. Ele precisa ser dócil e obediente ao sistema. Não há como o sujeito ser encarado como livre, ele não tem muita escolha. Nesse sentido, as condições físicas, o fato de ter perdido a força de trabalho, não ser mais produtivo e ainda, não ter laços afetivos com a família, o torna submisso, portanto, um "bom-sujeito", já que o fato de não poder caminhar com as próprias pernas nem poder

contar com os familiares, o faz aceitar a condição imposta pelo lar. Esse "bom-sujeito", apesar de questionar a falta de liberdade, aceita passivamente a condição que lhe é imposta pela instituição.

Em sua memória, Fulano sente saudades do tempo em que trabalhava, pois se sentia útil, tem saudades do tempo em que se movimentava, mas ele tem consciência de que esse tempo acabou e não lhe resta muito que esperar da vida.

Relato 2 - Sicrano

Sou Sicrano, tenho 66 anos, nasci em Monte Negro, no Rio Grande do Sul, antes de vir para o lar, eu morava em Nova Xavantina, no Mato Grosso. Eu não escolhi vir morar aqui, eu estava doente, minha comadre disse que aqui era muito bom, que tinha médico. Ela me convenceu, cheguei aqui e agora não me deixam ir embora. Quando cheguei aqui, as irmãs não queriam me aceitar porque já tinha 56 idosos, daí me colocaram num quarto lá no fundo sozinho e eu sou doente. Eu sofro do coração, tenho diabetes e convulsão. Eu vim pra cá pra fazer um tratamento com um cardiologista e um urologista. Minha comadre mandou a filha dela me trazer pra cá, disse que aqui tinha médicos, remédios, mas eu cheguei aqui e fui apenas um dia ao médico. Eu quero ir embora, fico nervoso, sozinho aqui. A irmã não quer deixar eu ir embora, porque tem que esperar minha comadre vir me buscar, mas ela não vem me buscar porque ela está morando na minha casa e cuidando do bar que eu deixei pra ela tocar, deixei o bar para ela porque ela não tinha condições financeiras. Minha comadre entregou para irmã meu cartão do banco e nunca mais voltou aqui pra me visitar. Eu não tenho netos, filhos, eu nunca quis me casar. Meu pai era empresário, eu não gostava de pobres e nem de negros, escolhi muito, fui ficando velho, agora, nem pobres e nem negras. Tenho um irmão que foi para os Estados Unidos em 1968, mas nunca mais tive notícias dele, nem sei se está vivo ou morto. Tenho uma irmã também e tive contato com ela ano passado. Eu tinha o telefone dela, mas perdi. Antes de vir pra cá, eu vendia picolé, mas meu pai foi rico, mas perdeu tudo e morreu pobre. Eu quero ir embora daqui, minha casa tem oito quartos e eu alugava os quartos, tinha três quartos alugados, eu cobrava cinquenta reais de aluguel por cada quarto. Na casa eu nunca ficava sozinho porque sempre eu alugava os quartos. Eu tinha liberdade, tomava meu chimarrão. Eu não estou precisando de dinheiro, eu quero é ir embora. É muito ruim a gente ficar longe das pessoas que a gente conhece. Eu saí do sul porque meu pai foi trabalhar naquela BR Belém-Brasília, meu pai tinha hotel, churrascaria e restaurante, mas colocou as coisas no nome de uma mulherzinha. Minha mãe eu nem conheci, a mulher vendeu tudo. Antes de ter a churrascaria meu pai trabalhava de pedreiro, mestre de obras, meu pai construiu muitos prédios em Porto Alegre e na cidade onde morávamos. Eu fui para Barra do Garças com meu pai, porque falavam que estava sendo construída uma nova

Brasília aqui e meu pai foi trazido por um engenheiro para trabalhar na CCBE (Companhia Construtora Brasileira de Estado), nós compramos uma casa, mas meu pai morreu em 1993 e eu fiquei sozinho. Eu sei ler, fiz o primário e dois anos do ginásio; eu gosto de ler, mas estou perdendo a visão e às vezes, eu escuto pouco também. Eu estou louco para ir embora daqui, mas elas não me deixam sair, se eu estivesse em casa, eu estaria tomando chimarrão com os amigos. Eu queria estar na minha casa agora. Tenho saudades dos amigos, do dono da sorveteria. O que eu espero da vida é poder voltar para a minha casa.

No relato de Sicrano há várias passagens em que ele se mostra descontente por morar no lar dos idosos. Ele demonstra o seu desejo de ir embora sempre que tem oportunidade de falar nesse assunto. Desde o início de seus relatos, Sicrano revela que estar morando no lar não foi uma condição escolhida por ele, mas imposta pela pessoa que ele chama de "comadre". Segundo sua história, ele foi enganado, pois lhe disseram que havia cardiologista e urologista no lar, mas isso é realmente uma inverdade porque trabalham no lar apenas as freiras, sendo que uma delas tem apenas formação técnica em enfermagem e eventualmente um médico, clínico geral, faz trabalho voluntário na instituição.

Sicrano sente solidão, tem consciência de que foi ludibriado pela suposta "comadre" e apresenta uma vontade explícita de estar em outro lugar, mas suas condições de saúde e outros motivos não permitem sua saída, sua "liberdade".

No relato desse personagem fica claro que o sujeito não tem liberdade, pois a condição de velho, doente e sem laços afetivos o colocam em uma condição que não gostaria de estar. Em suas memórias, ele lembra de que não gostava de pobres nem de negros, explicita seu preconceito sem parcimônia, mas é consciente de que no momento atual de sua vida não tem alguém com quem possa contar.

Percebe-se em suas memórias o desapego com os laços familiares, como não se casou e não teve filhos, lembra-se de seus irmãos, com quem também não teve contato durante a vida adulta.

Sicrano também sente falta da liberdade; não é mais senhor de suas ações, ele é um sujeito interpelado pelas escolhas que fez ao longo de sua existência. Suas lembranças mais felizes dizem respeito ao tempo em que o pai era vivo e tinha posses e provavelmente levavam uma vida confortável. Depois que o pai faleceu, ele ficou sozinho, como relata.

Como Sicrano não chegou a constituir uma família, sente saudades dos amigos e até do dono da sorveteria, o que demonstra o desapego que teve ao longo de sua história com os laços familiares; o sujeito se encontra à mercê da vontade de estranhos.

Relato 3 - Beltrano

Eu tenho 84 anos. Eu nasci na Bahia em uma cidade chamada Santa Maria da Vitória, antes de vir para o lar, eu morei em Rondonópolis, eu vim morar aqui porque fiquei doente e então um amigo que morava comigo me trouxe para o asilo. Eu não tenho filhos, tenho irmão, mas acho que está morando na Bahia. Nós éramos em 12 irmãos, mas muitos morreram e sobraram apenas cinco. Eu era garimpeiro e vim pra cá para trabalhar no garimpo. Eu não tenho parentes aqui perto e também não recebo visitas. Eu tive derrame há aproximadamente um ano e dois meses. Aqui não faço tratamento, apenas fisioterapia. Eu consigo ler, mas com o problema que tenho em uma das mãos, não consigo escrever. Aqui no lar não é ruim, mas eu queria ter saúde para viver em liberdade. O garimpo dava dinheiro para alguns, para mim não deu muito não. O que eu mais sinto falta aqui no lar é da liberdade. Hoje eu sinto saudades de "gente minha", de família. Eu sou católico, e espero da vida "o que vier". Eu queria ter tido filho para zelar de mim.

O relato de Beltrano apresenta uma situação interessante que o difere dos dois relatos anteriores, ele era garimpeiro e saiu da Bahia em direção ao Mato Grosso em busca de fortuna, pois se sabe que a cidade onde se encontra o lar já fora uma área em que havia ouro, portanto o trabalho no garimpo. A busca pela fortuna o afastou definitivamente dos únicos laços que tinha na Bahia, seus irmãos.

Tal como os outros dois idosos dos relatos anteriores, ele também sente falta da liberdade. Pode-se então depreender que esse sujeito também não é livre; suas condições físicas e financeiras o restringem, e estar no lar não é uma escolha, é uma condição imposta pelo seu estado físico e material.

Beltrano explicita "hoje sinto saudades de gente minha", ou seja, quando saiu da Bahia para trabalhar nos garimpos, movido pela ambição de enriquecer com o ouro do garimpo não se preocupou em manter os laços; agora, velho, doente e sem dinheiro percebe que não valeu a pena não manter os laços afetivos. Ele sente, inclusive, um certo arrependimento de não ter tido filhos.

Não há como negar o fato de que os sujeitos desses relatos sem laços afetivos familiares, sem dinheiro e ainda doentes não sejam interpelados. Eles são assujeitados pelas condições que a vida lhes impôs, essas condições cheias de limitações obviamente os fazem manterem-se em um ambiente que não gostam, mas, por falta de opção e de escolha vão ficando ali até o dia de sua morte. Pois nas ruas certamente seria muito pior.

Considerações Finais

As histórias de vida dos idosos que propusemos examinar devem ser refletidas a partir do lugar que ocupam na sociedade, pois são pessoas que vivem confinadas em um local onde estão privadas da liberdade de saírem para a rua. Os sujeitos, os idosos, não seguiram os rituais de constituição de uma família modelo tal como a sociedade em que vivemos apresenta, em que é comum a formação da família constituída por pai, mãe e filhos, que, por sua vez, deveriam cuidar um do outro, ao menos, esse modelo prototípico ainda é encarado por muitos como o modelo de perfeição, embora saibamos que essa concepção de sociedade tem passado por várias modificações, que não convém abordar nesse momento. Esses sujeitos (idosos) podem ser compreendidos como "maus-sujeitos" no sentido de que não aceitaram a condição de manterem os laços afetivos, de seguirem um modelo, eles foram em busca daquilo que acreditaram, e acabaram perdendo a referência de família, mas a condição de sujeitos idosos, doentes e vivendo em asilo os fazem sujeitos interpelados, "bons-sujeitos", pois, mesmo que questionem as condições de moradia, eles não conseguem mudar o rumo de suas histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, P. *et al*. *Papel de Memória.* Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

BOSI, E. *Memória e Sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória*: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. 25.ed. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. GREGOLIN, M. do R. Os vértices (as) simétricos de um triângulo Pêcheux, Althusser, Foucault. In: _____.(Org.). *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso*: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 111-150

INDURSKY, F.; CRISTINA, M.; FERREIRA, L. (Orgs.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.
INDUSKY, F.; FERREIRA, M.C. L.(Orgs). *Michel Pêcheux e a análise do discurso:* uma relação do nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.

ORLANDI. *A Linguagem e seu Funcionamento:* as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. Do Sujeito na História e no Simbólico. In: *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001. p.99-108

_____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 4.ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos Sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. *O Sujeito Discursivo Contemporâneo: um exemplo*. Texto apresentado no II SIAD no Rio Grande do Sul (2005) e em João Pessoa.

PÊCHEUX, M. III Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F ; HAK, T (Orgs.). Tradução Bethânia Mariani. et al. *Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997

_____. *Semântica e Discurso:* uma Crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. [et. al]. *Papel da Memória*. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p 49-56

SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P.(Orgs.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.

DOSSIÊ “COMUNICAÇÃO”

EDUCOMUNICAÇÃO NA TEORIA E NA PRÁTICA: ESTUDO SOBRE A INTERFACE E RELATO DO PROJETO JOGO LIMPO

Felipe Gustavo Guimarães Saldanha[36]
Marcelo Marques Araújo[37]
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, apresenta um breve histórico da inter-relação entre comunicação e educação, que tem por contexto a crescente importância da mídia na sociedade. O texto aponta teorias e práticas de ambos os campos que contribuíram para promover a interface, o que culminou em uma nova área de intervenção social denominada "Educomunicação". Na segunda parte, explica o que é o Projeto Jogo Limpo, experiência de Educação Socioambiental desenvolvida pela Organização para a Proteção Ambiental (OPA) com foco em escolas públicas de Ensino Fundamental, e relaciona suas características com as especificidades da Educomunicação, visualizando sua aproximação com a nova área.

Palavras-chave: comunicação e educação; Educação Socioambiental; educomunicação; Projeto Jogo Limpo.

Introdução

A aproximação entre a comunicação e a educação pode ser observada em diversos momentos da história de ambas as áreas. Porém, só mais recentemente houve pesquisas que percebessem e comprovassem que essa interface deu origem a um campo interdisciplinar, mas com autonomia: a **educomunicação**. Esse é o foco, desde o início da década de 1990, das pesquisas e projetos do *Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CCA/ECA/USP)*, tais como: cursos de pós-graduação, aperfeiçoamento e extensão; projetos de consultoria a governos; curso de Licenciatura em Educomunicação; e publicação de revista sobre o tema (DEPARTAMENTO..., 2012).

---

36 Graduando do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Faculdade da Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atuou na área de Educomunicação como bolsista de projeto de extensão e monitor de disciplina. Atualmente, pesquisa o conceito para elaborar trabalho de conclusão de curso.
37 Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (UNITRI), Letras (UFU) e Publicidade (MACKENZIE). Mestre em Linguística (UFU) e Doutor em Comunicação e Letras (UPM). Professor Adjunto no Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
As palavras em negrito são retomadas no glossário, ao final do artigo.

Nesse período, várias iniciativas autônomas em todo o Brasil, boa parte delas ligada ao terceiro setor, colocaram a educomunicação em prática. Algumas foram apoiadas ou realizadas pelo CCA; outras não estabeleceram parceria formal, mas se inspiraram na literatura e nas experiências produzidas pelo Departamento; outras ainda trilharam um caminho independente que chegou a resultados ou conceitos muito próximos. Neste artigo, será destacado e brevemente analisado um destes projetos autônomos, sem vínculo formal com a USP: o *Projeto Jogo Limpo*, com o intuito de encontrar elementos que demonstrem sua aproximação com a epistemologia da educomunicação. Antes, porém, será apresentado um resumo histórico dos precursores deste novo campo e das principais conclusões dos estudos do Departamento de Comunicações e Artes.

INTERFACES ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

O surgimento de um novo campo do conhecimento fortemente marcado pela comunicação reflete a importância que os meios possuem na sociedade atual, consequência de seu desenvolvimento e consolidação no mundo e no Brasil. É uma história que começa com a chegada da imprensa ao país em 1808 – três séculos depois de sua invenção na Europa – seguida pelo aparecimento do cinema, em 1896, do rádio, em 1919, da televisão, em 1950, e das telecomunicações e da cibercomunicação, com a integração ao sistema mundial de satélites, na segunda metade do século (MELO; TOSTA, 2008).

Hoje, televisão e rádio são os meios com maior alcance na sociedade brasileira (utilizados por 96,6% e 80,3% da população, respectivamente). Os impressos têm menor impacto: revistas são lidas por 34,9% da população e jornais, por 46,1%. A hegemonia do audiovisual, porém, é ameaçada pela internet. Embora também utilizada por 46,1% da população, empatando com o jornal, a rede mundial de computadores é a preferida dos públicos de escolaridade e renda mais alta, da classe C e mais jovem (INSTITUTO DE PESQUISA META, 2010). Convém observar que este segmento tende a crescer.

Os efeitos da onipresença e da velocidade da mídia já eram visualizados pelo canadense Marshall McLuhan, professor de literatura e teórico da comunicação, na década de 1960. Citando os meios elétricos – à época, o rádio e a televisão –, ele apontava que o homem ocidental não estava preparado para o desarraigamento e a "inundação provocada pelas novas informações e pelas novas e infindáveis estruturas informacionais" (MCLUHAN, 2000, p. 17). A internet, hoje, devido à sua instantaneidade e penetração, intensificaria ainda mais esses efeitos.

Esse autor afirmou ainda que, com a união promovida pelos meios de comunicação de todo o mundo em uma rede ("aldeia global"), surge a necessidade

de uma nova forma de educação. Ao invés de um foco excessivo na especialização – desnecessário, visto que as máquinas estão substituindo os humanos nos processos mecânicos –, teremos um maior engajamento dos indivíduos nos acontecimentos. O estudante poderá aprender mais e mais rápido fora da escola. E o educador terá, então, o desafio de atrair o interesse dos seus alunos (MCLUHAN, 1969 apud GADOTTI, 2006, p. 293). Algumas décadas mais tarde, as observações de McLuhan continuam atuais e vão ao encontro do pensamento sistematizado pelo CCA e do contexto visualizado pelo Departamento, especialmente no tocante ao educomunicador e sua relação com o aluno, colocados em "pé de igualdade" (JACQUINOT, 1998, p. 11).

Ideias como a do pensador canadense, ligadas às teorias da comunicação, influenciaram fortemente as experiências educomunicativas e suas precursoras. Neste sentido, uma das principais contribuições das teorias da comunicação está ligada à noção de *recepção*. Nos anos 1980, a preocupação com este processo estava no centro dos estudos culturais ingleses, que nesta época trabalhavam com uma noção de audiência ativa, engajada na produção de sentidos (ESCOSTEGUY, 2001, p. 166).

No mesmo período, na América Latina, a atenção estava voltada menos para o impacto das mensagens sobre a audiência do que para "o modo como as audiências reagiam e se articulavam ao receber e ressignificar os conteúdos midiáticos" (SOARES, 2011, p. 34). No caso específico da TV, o filósofo Jesus Martín-Barbero defenderia, neste sentido, um deslocamento das pesquisas, partindo não da análise das lógicas de produção e recepção, mas das *mediações*, "isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão" (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 304).

A partir de 1970, surgiram iniciativas que buscavam "compreender os processos de recepção das mensagens da mídia para desenvolver intervenções no sentido da leitura crítica e educativa" (MELO; TOSTA, 2008, p. 23). Estas ações, que podem ser chamadas de ***media education*** (ou *educação para a comunicação*), alimentaram-se dos estudos de recepção, voltaram-se para programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios e estiveram tradicionalmente vinculadas às propostas de comunicação alternativa e aos projetos de resistência cultural (SOARES, 2002, p. 21). A *media education*, como será explicado mais à frente, se tornaria uma das áreas de intervenção da educomunicação, de acordo com o conceito proposto pelo CCA.

O uso de tecnologias – seja entre educadores, seja entre comunicadores – também contribuiu fortemente para consolidar a educomunicação. Do lado da comunicação, há o que se convencionou chamar de TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação). Essa sigla sintetiza, mais precisamente, as formas digitais destas tecnologias, sendo utilizada em referência aos fenômenos da

difusão mundial da microinformática e da internet (AFONSO, 2002).

Por parte da educação, destaca-se a influência do psicólogo Burrhus Frederick Skinner e suas técnicas psicológicas do condicionamento humano (GADOTTI, 2006, p. 147). Por meio da utilização de processos e recursos tecnológicos observáveis e controláveis em suas experiências de ensino, Skinner influenciou os educadores a fazer uso das tecnologias da informação (SOARES, 1999, p. 22).

Outra aproximação entre comunicação e educação, promovida pelas tecnologias, é constatada na Educação à Distância (EaD), que pode ser definida como "um processo de ensino e aprendizagem no qual os professores e alunos estão distantes espacialmente, mas podem estar próximos por meio da mediação de alguma tecnologia de comunicação e informação, seja ela o texto impresso, o CD-ROM, DVD-ROM, rádio, televisão ou internet" (ARRUDA; MOURÃO, 2012, p. 41).

Dois educadores que se destacam como precursores da interface são Célestin Freinet e, sobretudo, Paulo Freire. O primeiro é um educador francês que defendeu o trabalho como metodologia e a educação como sinônimo de expressão. Diante da crescente importância da imprensa e com as técnicas tradicionais de educação se tornando ultrapassadas, esse pedagogo – que buscou despertar em seus alunos uma visão crítica dos meios de comunicação e se interessava pelo uso do jornal em sala de aula (MELO; TOSTA, 2008) – elaborou um método denominado "jornal escolar", em que as produções criadas livremente pelas crianças são impressas, encadernadas e distribuídas (FREINET, 1974).

O segundo é um filósofo "conhecido internacionalmente como um autor que melhor transita entre o campo da educação e da comunicação" (SOARES, 2011, p. 64). Freire assessorou governos de diversos países em programas de educação popular, inclusive no Brasil. Sua obra é "sustentada por uma concepção dialética em que educador e educando aprendem junto numa relação dinâmica na qual a prática, orientada pela teoria, reorienta essa teoria, num processo de constante aperfeiçoamento" (GADOTTI, 2006, p. 253).

Paulo Freire critica a visão *bancária* da educação, de caráter narrador, na qual os educandos são "enchidos" de conteúdos pelo educador e a realidade é vista como algo estático ou alheio à experiência dos alunos. No lugar, propõe uma educação dialógica, problematizadora e libertadora, não de A *sobre* B ou A *para* B, mas de A *com* B (FREIRE, 1987). Este autor abordou também a comunicação, afirmando que esta não pode existir quando um sujeito transforma o outro em mero "paciente" dos seus comunicados, na mesma lógica da concepção bancária. A relação apontada por ele entre educação e comunicação é forte: "A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados"

(FREIRE, 1983, p. 45).

Se educação e comunicação tanto se aproximam, então seria o caso de estarem se confundindo? De fato, é inevitável pensar em uma sem a outra, "não somente porque vivemos em uma sociedade midiática, mas porque a educação depende da comunicação para se concretizar. Da comunicação, ainda, é possível extrair recursos para a educação" (TONUS, 2008, p. 229). O educomunicador Ismar Soares, do Departamento de Comunicações e Artes, aprofunda essa relação com as seguintes afirmações: "A educação só é possível enquanto 'ação comunicativa', uma vez que a comunicação configura-se, por si mesma, como um fenômeno presente em todos os modos de formação de ser humano" (SOARES, 2011, p. 17) e "toda comunicação – enquanto produção simbólica de sentidos – é, em si, uma 'ação educativa'" (SOARES, 2011, p. 17).

Mesmo com a dificuldade em definir onde começa e onde termina a educação e a comunicação, a autonomia de um novo campo foi constatada ao longo das últimas duas décadas, na prática, em diversas experiências que têm em comum ações comunicativas no espaço educativo – ou, mais recentemente, a consultoria e assessoria de projetos educativos em empresas e instituições voltadas à área da mídia –, desenvolvidas por um profissional de articulações que possui um perfil próprio. Esta constatação foi consolidada pelos trabalhos do CCA, mais especificamente do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), vinculado ao Departamento, como se verá seguir.

UM NOVO CAMPO DE INTERVENÇÃO SOCIAL: A EDUCOMUNICAÇÃO

De 1997 a 1999, o NCE realizou a pesquisa "A inter-relação comunicação e educação no âmbito da cultura latino-americana (o perfil dos pesquisadores e especialistas na área)"[39], em parceria com a Universidade das Faculdades Salvador (UNIFACS). O projeto, que ficou conhecido como "Pesquisa Perfil", analisou questionários preenchidos por 178 especialistas das áreas de "Comunicação Educativa" e "Educação para os Meios de Comunicação", de 14 países, bem como entrevistas e informações obtidas em *workshops* e eventos realizados pelo NCE. O objetivo foi identificar como se estabelecem espaços transdisciplinares que aproximam os campos da educação e da comunicação.

A pesquisa confirmou a hipótese de que efetivamente havia se formado e estava se consolidando um novo campo de intervenção social denominada de "Inter-relação Comunicação/Educação", ou, simplesmente, *educomunicação* (SOARES, 1999, p. 65). Esse é um termo complexo, devido à sua amplitude, e que possui diversas acepções. Nos anos 1980, o neologismo *Educommunication* foi utilizado pela UNESCO como sinônimo de *media education*. Com a Pesquisa Perfil,

39 Nome com o qual o projeto foi registrado na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

o NCE identificou uma prática mais abrangente sendo desenvolvida pela sociedade civil e, a partir de então, passou a defini-lo como

> o conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES, 2003 *apud* SOARES, 2011, p. 36).

Os **ecossistemas comunicativos** a que se referem esse conceito são uma das concepções centrais da educomunicação. Jesús Martín-Barbero (1996, p. 11) definiu o termo como sendo "experiência cultural, entorno informacional e espaço educacional difuso e descentralizado". Para o filósofo, esse ecossistema se manifesta na relação das novas tecnologias com sensibilidades novas, especialmente as dos mais jovens, e no surgimento de um ambiente marcado por um saber disperso e fragmentado, que, devido à dinâmica da comunicação, circula por outros canais que não a escola (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 55).

Na visão do NCE, o conceito é utilizado com o sentido de "ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias" (SOARES, 2011, p. 44).

O núcleo identificou, ainda, as *áreas de intervenção* que constituem a educomunicação e constituem porta de entrada para o ecossistema comunicativo. São grupos de ações que estão relacionados, cada um, com uma vertente da educomunicação. Tais grupos são considerados "'pontes' lançadas entre os sujeitos sociais e o mundo da mídia, do terceiro setor, da escola, oferecendo um diálogo sobre determinado âmbito da ação socioeducativa" (SOARES, 2011, p. 49).

As áreas de intervenção identificadas pelo NCE (revisadas e ampliadas após a pesquisa) e apresentadas por Ismar Soares (1999; 2011) são:

> *Educação para a comunicação*, a mais antiga das áreas, constituída pelas reflexões sobre os estudos de recepção e pelos programas de leitura crítica de mídia (prática internacionalmente conhecida como *media education*);
>
> *Expressão comunicativa através das artes*, que se aproxima das práticas voltadas para o potencial comunicativo da expressão artística;
>
> *Mediação tecnológica na educação*, relacionada com o uso das

TICs na comunidade educativa e as formas democráticas de sua gestão;

Pedagogia da comunicação, relacionada com a educação formal, seja no âmbito disciplinar ("comunicação" como conteúdo ou estratégia) ou transdisciplinar, por meio de projetos;

Gestão comunicativa, ligada ao planejamento, execução e avaliação de planos, programas e projetos de educomunicação, tendo em vista a criação de ecossistemas comunicativos;

Reflexão epistemológica, dedicada à sistematização das experiências e ao estudo da educomunicação.

A Pesquisa Perfil identificou, ainda, a figura do *educomunicador*, profissional com múltiplas habilidades relacionadas às áreas de intervenção do novo campo. A professora Geneviève Jacquinot (1998), ligada ao NCE e à Universidade de Paris 8, relacionou o termo ao professor que integra os diferentes meios nas suas práticas pedagógicas, reconhecendo que não há monopólio da transmissão de conhecimento. Contudo, além do magistério, o educomunicador pode atuar ainda na pesquisa (por meio do acompanhamento, análise e avaliação da gestão comunicativa e na reflexão epistemológica) e na consultoria (especialmente no terceiro setor e no sistema midiático) (SOARES, 2011).

EDUCOMUNICAÇÃO PARA O MEIO AMBIENTE: UM EXEMPLO LOCAL

A natureza transdisciplinar da educomunicação é percebida também no tratamento dos "temas transversais" na educação formal. Estes temas foram estabelecidos pelo Ministério da Educação (MEC) nos Parâmetros Curriculares Nacionais da 1ª à 4ª série e da 5ª à 8ª série, correspondendo "a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas, na vida cotidiana" (BRASIL, 1997, p. 15). São eles: *Ética*, *Pluralidade Cultural*, *Meio Ambiente*, *Saúde*, *Orientação Sexual* e *Trabalho e Consumo* (este último para 5ª à 8ª série).

Em relação ao eixo "Meio Ambiente", a educomunicação vem sendo aplicada como ferramenta para colocar em discussão temas socioambientais e incentivada como política pública, por meio de iniciativas como a linha de ação "Comunicação para a Educação Ambiental" do Programa Nacional de Educação Ambiental, do Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2008). Possui, assim, o potencial de "transformar cada habitante do País em defensor ativo da natureza, em um sujeito capaz de empregar, de modo adequado, todos os recursos de informação disponíveis em seu espaço para mobilizar sua comunidade na defesa do ambiente e em sua revitalização" (SOARES; ROMANINI, 2008, p. A12).

As organizações não governamentais (ONGs) tiveram um papel fundamental no desenvolvimento e consolidação da educomunicação, inclusive

no aspecto socioambiental, especialmente a partir dos anos 1990. Na década seguinte, ações destas ONGs se ampliaram por todo o Brasil. Enquanto várias delas passaram a reconhecer formalmente o conceito proposta pelo NCE,[40] outras promoveram iniciativas na interface comunicação-educação mesmo sem o conhecimento ou apropriação do termo "educomunicação". Enquadra-se nesta última situação o *Projeto Jogo Limpo*,[41] desenvolvido pela Organização para a Proteção Ambiental (OPA), que desde 2003 desenvolve iniciativas socioambientais, culturais e educacionais com foco no Cerrado.

O Jogo Limpo é focado nos alunos do quarto e quinto anos do Ensino Fundamental de escolas públicas em Uberlândia (MG) e região. Tem a proposta de permitir que as crianças entrem em contato com a Educação Socioambiental, através da capacitação de seus professores, utilização de materiais educativos e lúdicos, produções culturais e comunicativas, realização de eventos com a temática da sustentabilidade e acompanhamento de todas as ações.

A história do projeto surge com o livro-gibi *A Turma dos 5 Jovens: Temos que Fazer Algo!*, lançado em 2006, que apresenta histórias em quadrinhos, textos, curiosidades e sites sobre cinco temas ambientais: "Os animais", "As plantas", "A água", "O ar" e "O lixo". A publicação, realizada com o apoio da OPA, motivou a realização de um trabalho mais amplo, com o intuito de preparar os educadores para o trabalho com esta publicação, sensibilizar os alunos com noções de preservação da natureza, buscar impacto positivo na sociedade e mensurar os resultados.

Com a participação de empresas da região e do poder público, um projeto-piloto foi desenvolvido em parceria com a Escola Estadual Sete de Setembro, em Uberlândia. O movimento teve ações de resultado concreto, proporcionando, na percepção dos envolvidos, uma melhora significativa na convivência harmônica entre os alunos e o espaço escolar. A repercussão motivou um convite da Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia, ligada ao governo de Minas Gerais, para apresentação do Jogo Limpo às escolas estaduais da região como uma experiência bem-sucedida. À época, cerca de cinquenta escolas foram atendidas com a entrega de kits que incluíam o livro-gibi e um DVD com desenho animado, o que possibilitou envolver aproximadamente 4.500 estudantes.

Em 2007, o prefeito de Uberlândia convidou a OPA para implantar o projeto nas escolas municipais, o que foi efetivado no ano seguinte. Novos materiais foram criados e o kit do projeto passou a ser constituído por quatro livros-gibis: *Temos que Fazer Algo!*; *Aventuras em Uberlândia*, também com a Turma dos 5 Jovens, que apresenta uma história que se passa no Cerrado uberlandense;

---

40 Em 2004, organizações que adotaram o termo "educomunicação" para designar suas práticas – entre elas, o NCE – formaram a Rede de Experiências em Comunicação, Educação e Participação (Rede CEP). (SOARES, 2011; ROSSETTI-FERREIRA, 2005).

41 http://www.opa.org.br/jogolimpo

Matemática com os 5 Jovens, que facilita a abordagem do eixo transversal "Meio Ambiente" nessa disciplina; e *Conte a sua história*, um livro-gibi quase todo em branco que incentiva o aluno a elaborar sua própria produção. Um caderno para criação de histórias em quadrinhos também constitui o kit, que é distribuído gratuitamente aos alunos. Os professores recebem ainda um DVD com dois vídeos educativos e um institucional sobre o Jogo Limpo. Com o patrocínio da Caixa Econômica Federal e o apoio das secretarias municipais de Meio Ambiente e Educação, 60 mil exemplares dos livros-gibis foram distribuídos e um curso de capacitação para professores e diretores reuniu mais de 200 participantes.

Também em 2007, foi criado o Blog do Jogo Limpo[42], inicialmente destinado a divulgar as notícias do projeto e estreitar o contato com o público envolvido. Com o passar do tempo, o blog passou a ter como proposta principal a divulgação de notícias, informações e curiosidades sobre meio ambiente e sustentabilidade, possibilitando colocar em debate assuntos atuais para um público amplo e difuso, graças às possibilidades da rede mundial. O reconhecimento público se deu no Prêmio Top Blog 2009, quando foi conquistado o primeiro lugar do Júri Acadêmico, na categoria Sustentabilidade, entre os blogs pessoais (SALDANHA; SANTOS, 2009).

As incursões do Jogo Limpo na área educomunicativa se tornaram mais fortes em 2009. No primeiro semestre, o programa "Sintonia Alternativa", dirigido pela jornalista Rosane Viola e veiculado em emissora comunitária local, apresentou o quadro Sintonia Ecologia, realizado em parceria com o projeto, exibindo dicas e informações sobre sustentabilidade. No mesmo ano, surgiu o *Programa de Extensão Meios – Educomunicação e Meio Ambiente*. A proposta, de realização da UFU, surgiu no curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Educação, com os seguintes objetivos: dar continuidade ao Projeto Jogo Limpo, iniciar um trabalho de conscientização da sociedade em geral por meio de um curso e de eventos com a temática ambiental e realizar um programa televisivo mensal direcionado à comunidade de Uberlândia e região (SALDANHA; NOGUEIRA, 2012).

A parceria entre a Universidade e a OPA rendeu atividades como o plantio de mudas de espécies do Cerrado; "blitz ecológica", em parceria com a Prefeitura de Uberlândia, que distribuiu 500 kits com sementes de ipê amarelo e panfletos aos motoristas que trafegavam próximo ao Parque Linear do Rio Uberabinha, mobilizando de 30 alunos de uma escola municipal; e o 1º Fórum de Educomunicação, Meio Ambiente e Cidadania, em Uberlândia.

Em 2011, o Jogo Limpo deu início a uma nova edição e selecionou seis escolas públicas municipais, sendo duas delas rurais. Ao longo do ano, foram promovidos módulos presenciais e à distância de formação continuada para

42 http://projetojogolimpo.blogspot.com.br

professoras, diretoras e funcionárias, com o intuito de estimular o protagonismo de alunos e professores e colaborar para sua sensibilização e senso crítico. Este curso, realizado com o apoio da UFU, que ofereceu o espaço, a certificação e a supervisão acadêmica, deu continuidade ao curso de formação de multiplicadores iniciado em 2009 pela FACED e aprovado no Programa de Extensão Universitária do Ministério da Educação.[43] O material e a formatação do curso foram desenvolvidos pela OPA em parceria com o coletivo "Grupo Autônomo de Intervenções Ambientais" (GAIA).[44]

ASPECTOS EDUCOMUNICACIONAIS NO PROJETO JOGO LIMPO

Diversos elementos do Projeto Jogo Limpo, quando confrontados com as teorias e reflexões sistematizadas pelo CCA, permitem identificar aspectos e práticas que se aproximam do ideal de "educomunicação", mesmo que não houvesse, por parte dos organizadores, um conhecimento profundo das pesquisas desenvolvidas por este Departamento.

Durante os módulos presenciais de formação continuada, em 2011, foram realizadas vivências de sensibilização que incluíram "brincadeiras cantadas" (jogos com cantigas populares) e outras atividades de integração entre os participantes. Estas dinâmicas, somadas ao trabalho dos professores com seus alunos a partir do kit do projeto, tendo como resultado a produção de histórias em quadrinhos e outros trabalhos artísticos e literários, se relacionam com a área de intervenção "Expressão comunicativa através das artes".

Os módulos a distância foram baseados em uma plataforma digital acessível pela internet (utilizando, como canais de comunicação, blog, e-mail e questionários interativos), de forma a facilitar a participação dos cursistas. Tanto on-line quanto fisicamente, os módulos disponibilizaram também vídeos e textos de conteúdos relacionados às temáticas abordadas: ecologia, cultura, arte e comunicação. Com isso, nota-se uma aproximação da área "Mediação tecnológica na educação".

Os participantes registraram as experiências que foram desenvolvidas em suas instituições, na forma de "subprojetos", em formulários que constituíram um "Banco de Boas Práticas". Estas atividades foram apresentadas em uma Feira de Exposições realizada em novembro, evento de encerramento do Jogo Limpo

---

43 A parceria com a UFU não teria sido viabilizada sem o apoio e a dedicação da Profa. Dra. Adriana Cristina Omena dos Santos, Profa. Dra. Mirna Tonus e Prof. Dr. Gerson de Sousa, ligados ao curso de Comunicação Social, bem como de vários outros professores vinculados à Faculdade de Educação (FACED), à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX) e à Reitoria.

44 Constituído pelas educadoras Franciele Diniz, Iara Diniz e Poliana Diniz, que atuam em instituições de ensino e projetos artísticos e pedagógicos de Uberlândia e outras cidades de Minas Gerais.

2011, realizado no Campus Santa Mônica da UFU e aberto ao público. As práticas realizadas nas escolas, apoiadas *in loco* por voluntários da OPA, foram autogeridas e tiveram, entre os resultados, diversas produções realizadas pela comunidade escolar, em texto, foto, vídeo, desenho, arte plástica e teatro.

A organização em subprojetos vai ao encontro do conceito educomunicacional da "pedagogia de projetos", que prepara o estudante para ler criticamente os meios de comunicação e promover as próprias formas de expressão (SOARES, 2011, p. 37). No caso mais específico do Jogo Limpo, embora não tenham sido identificadas ações de leitura crítica de mídia, constata-se o último tipo de atividade, ou seja, a produção midiática voltada para temas transversais – no caso, o tema socioambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos aspectos identificados, considera-se que a abordagem educomunicativa no Projeto Jogo Limpo se faz presente tanto pelo uso de recursos comunicacionais e tecnológicos na formação dos multiplicadores e no ambiente escolar – seja consumindo, seja produzindo comunicação e arte – quanto na proposta de visualizar a ação educativa de forma abrangente, utilizando a metodologia de projetos e envolvendo os alunos na realização das práticas e elaboração dos produtos resultantes.

Percebeu-se, ainda, o empenho para construir ou consolidar, dentro das escolas, um ideal correspondente ao dos "ecossistemas comunicativos". Isto foi demonstrado pelo esforço, durante todo o processo e por parte de todos os envolvidos, para se manter uma comunicação dialógica e participativa, resultando no aumento da motivação por parte dos estudantes e ampliando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e de mobilização para a ação (SOARES, 2011, p. 17).

Porém, também se reconhecem as limitações e a necessidade de aprimorar o Jogo Limpo em vários fatores, especialmente os de duração, envolvimento dos alunos (crianças e jovens) nos cursos de formação e acompanhamento continuado nas escolas, com o intuito de propiciar melhores condições para a formação de uma "herança cultural" (SOARES, 2011, p. 58) que permita a continuidade de práticas educomunicativas ao longo dos anos.

GLOSSÁRIO

Educomunicação: termo complexo que, tendo sido inicialmente utilizado como sinônimo de media education, passou a ser descrito pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), da USP, após pesquisa realizada junto à sociedade civil, como o "conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas

destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos" (SOARES, 2003 *apud* SOARES, 2011, p. 36).

***Media education*:** nome pelo qual ficaram conhecidos internacionalmente os programas de leitura crítica de mídia, tendo influência dos estudos de recepção e buscando formar indivíduos autônomos e críticos frente aos meios de comunicação (SOARES, 2002). É identificada como uma das áreas de intervenção da educomunicação: a *educação para a comunicação* (SOARES, 2011).

Ecossistema comunicativo: definido pelo filósofo Jesús Martín-Barbero (1996, p. 11) como "experiência cultural, entorno informacional e espaço educacional difuso e descentralizado". Para o NCE, é um "ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias" (SOARES, 2011, p. 44).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Carlos A. Internet no Brasil - alguns dos desafios a enfrentar. **Informática Pública**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p.169-184, 2002.

ARRUDA, Eucídio Pimenta; MOURÃO, Marisa Pinheiro (orgs.). **Curso de Formação de Professores Autores para atuar na Educação a Distância.** Uberlândia: UFU/UAB/CEaD, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental. **Educomunicação socioambiental:** comunicação popular e educação. Organização: Francisco de Assis Morais da Costa. Brasília: MMA, 2008.

DEPARTAMENTO de Comunicações e Artes. Disponível em: <http://www.cca.eca.usp.br/>. Acesso em: 15 dez. 2012.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da comunicação:** conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar.** Lisboa: Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas.** 8ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

INSTITUTO DE PESQUISA META. **Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira:** Relatório Consolidado. Mar. 2010. Disponível em: <http://monitorando.files.wordpress.com/2010/07/relatorio-pesquisa-quantitativa-habitos-de-informacao-e-formacao-de-opiniao.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2012.

JACQUINOT, Geneviève. **O que é um educomunicador?** O papel da comunicação na formação dos professores. I Congresso Internacional de Comunicação e Educação São Paulo (maio 1998). Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos>. Acesso em: 15 nov. 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51-61, maio/ago. 2000.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

ROSSETTI-FERREIRA, Fernando. **Mídia e Escola:** Perspectivas para políticas públicas. São Paulo: Jogo de Amarelinha, 2005.

SALDANHA, Felipe Gustavo Guimarães; NOGUEIRA, Dayane. **Meios:** Educação e Comunicação a Serviço da Sociedade e do Meio Ambiente. XIV Encontro Nacional de Professores de Jornalismo. Disponível em:
<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/
viewabstract.php?id=832&cf=24>. Acesso em: 15 dez. 2012.

SALDANHA, Felipe Gustavo Guimarães; SANTOS, Adriana Cristina Omena dos. Blog do Jogo Limpo e o Uso da Internet a Serviço da Sustentabilidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato**, Brasília, n. 2, p. 19-74, jan./mar. 1999.

_____. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 23, p.16-25, jan./abr. 2002.

_____. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação – Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Educomunicação.)

_____; ROMANINI, Vinícius. A Educomunicação na luta pelo meio ambiente. **O Estado de São Paulo,** São Paulo, 27 out. 2008. Vida, p. A12.

TONUS, Mirna. Interação do processo de aprendizagem em comunicação social. In: PRIMO, Alex et al. **Comunicação e interações.** Livro da COMPÓS 2008. Porto Alegre: Sulina, 2008.

CIÊNCIA E MÍDIA: AS PESQUISAS DA UFU NO JORNALISMO IMPRESSO UBERLANDENSE[45]

Melina Paixão FRANCO[46]
Adriana Cristina Omena dos SANTOS[47]
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG

Resumo

Este artigo propõe discutir a relação entre a produção científica da Universidade Federal de Uberlândia e sua divulgação no jornal Correio de Uberlândia. Pretende-se, a partir dessa discussão, observar se a instituição de ensino exerce a Comunicação Pública de suas pesquisas. Além disso, o estudo traz a questão da divulgação científica feita pela mídia impressa uberlandense, analisando quantitativamente o material divulgado e a abordagem adotada pelo jornal no tratamento de assuntos científicos.

Palavras-chave: Comunicação pública, divulgação científica, jornalismo científico, Universidade Federal de Uberlândia

1 Introdução

O final do século XIX apontava para grande parte da população que a obscuridade ficava para trás, uma vez que a ciência começava a entrar de vez na vida cotidiana do homem. Graças ao progresso, intrinsecamente ligado aos desenvolvimentos científicos, a luz elétrica, a locomotiva a vapor, a sociedade começava a sentir os benefícios para o conforto, a segurança e o bem-estar da vida humana. O fato de a ciência existir e apresentar aplicabilidade parecia libertar o homem, pois significava a

> Vitória da "sciencia", derrota do obscurantismo. Desaparecem as nuvens, e quem lidera a cena, para sempre, é o progresso (...). Conhecido como a "era da ciência", o final do século XIX representa o momento do triunfo de uma certa modernidade que não podia esperar. (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 9)

Devido à ascensão da ciência e a inserção na vida das pessoas, saber sobre o seu andamento, sobre o que estaria por vir, começou a ser uma demanda. Dessa

---

45 Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
46 Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, email: me_paixao@hotmail.com
47 Orientadora do trabalho. Coordenadora e Professora Doutora do Curso Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo de da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: omena@faced.ufu.br

forma, algumas ações que visavam divulgar os acontecimentos científicos para a sociedade, começaram a ser intensificadas. Com a primeira guerra mundial e o desenvolvimento de produtos bélicos, a imprensa, que igualmente passava por inovações tecnológicas, atentou-se mais à necessidade de também reportar as novidades da ciência, repassando informações do meio científico para a comunidade leiga e efetivando o jornalismo científico.

Se no final do século XIX, a ciência já era uma preocupação, hoje, ela é inerente à nossa vida, pois nascemos imergidos no seu contexto e estamos acostumados a ela, apesar de quase sempre nos surpreender. Por isso, mais do que nunca, a ciência deve ser pauta da agenda pública e alvo de reflexões. Se antes utilizar tecnologias da ciência era algo libertador, hoje temos a possibilidade de compreendê-la e decidir sobre o seu uso.

Mesmo estando lado a lado, o relacionamento do homem comum com a ciência é decorrente apenas de seu uso. Convivemos com tecnologias desenvolvidas cientificamente e quase sempre apenas as usufruímos. Mais do que consumi-las, mais do que sentirmo-nos livres por utilizá-las - como nos séculos passados – precisa-se saber o que cientistas e pesquisadores estão desenvolvendo, ter conhecimento sobre suas implicações, reais benefícios e possíveis danos. É importante ter as informações necessárias para escolher uma ou outra tecnologia, saber se o que há de novo no mundo científico tem serventia ou não, se colabora para a vida cotidiana, enfim, para exercermos nossa cidadania.

Neste contexto cabe afirmar que a ponte entre ciência e comunidade frequentemente é construída pela mídia, em especial a jornalística, que deve estar apta a traduzir, neste caso, a linguagem científica em popular. Em Uberlândia, Minas Gerais, é a partir da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que surge boa parte de pesquisas, conhecimento científico da cidade e notícias sobre Ciência e Tecnologia (C&T).

A UFU, por ser uma instituição pública, recebe verba do governo para, entre outras coisas, executar pesquisas científicas. Sendo assim, é possível afirmar que é a "própria sociedade que financia, indiretamente, por meio de impostos, os estudos científicos" (IVANISSEVICH, 2005, p. 20). Esse é o motivo inicial para que haja a comunicação do que é realizado dentro da universidade. Divulgar ciência é, nesse sentido, uma forma de prestar contas a sociedade, principalmente uberlandense, e manter a transparência política quanto aos gastos com o ensino superior.

Além disso, a ciência é por si só pauta para debate em esfera pública, pois decorrente de sua importância no mundo contemporâneo, ela é uma ferramenta que garante o pleno exercício da cidadania. No entanto, a informação científica pura é dificilmente compreensível pelo público leigo e até mesmo o iniciado. A mídia, apesar do viés cada vez mais comercial, deveria ter como principal função atender ao interesse público, mediando os espaços de discussão.

Por essas questões e pelo fator proximidade, a mídia de Uberlândia deveria listar como prioridades na sua agenda a cobertura da ciência produzida pela UFU. Nesse sentido, surgiu a ideia de analisar a incidência dessas matérias no jornal impresso de maior circulação e tradição da cidade, o Jornal Correio de Uberlândia. Essa análise, colabora para identificar se a função comunicativa descrita acima é exercida pelo meio impresso uberlandense, com qual intensidade isso é feito e qual o enfoque adotado pelo veículo.

Apesar do que está posto, questiona-se se os conhecimentos científicos produzidos na UFU ultrapassam os muros da universidade e chegam até a população em geral, principalmente através da mídia, uma das principais responsáveis pela divulgação científica.

3 Diferentes conceitos, um mesmo objeto

Há, dentro da área da comunicação, o conceito ainda em desenvolvimento de comunicação pública (CP). Não raro, o termo induz a pensar que se trata apenas da comunicação feita por órgãos do governo, quando, na verdade, vários autores defendem que se trata de um conceito que, apesar de ainda estar em consolidação, de acordo com Brandão (2009), pode ser aplicado a vários conhecimentos e atividades, como comunicação organizacional, científica, governamental, política e como estratégias de comunicação da sociedade civil organizada, tornadas públicas e atendendo ao interesse público.

Com a possibilidade de ser aplicada em todas essas circunstâncias, comunicação pública poderia se resumir concordando com o posicionamento das Américas do Sul e Central e EUA, que prevê "a utilização do termo comunicação pública significando um processo de informação voltado para esfera pública" (BRANDÃO, 2009, p.2), desde que vise ao interesse público (e não simplesmente do público), promova a cidadania e viabilize o funcionamento da democracia. Por essa razão, pode ser praticada tanto pelo Estado e Governo, quanto por demais setores da sociedade.

Quando exercida, a comunicação pública faz com que, de um lado, haja a divulgação de informações de interesse público e de outro, com que o receptor exerça seu direito de receber essas informações, tendo oportunidade de participar do debate na esfera pública e ter sua opinião assegurada neste espaço.

Entre os conteúdos considerados de interesse público, a ciência, devido a sua incidência na contemporaneidade, é um tema a ser retratado. Segundo Elizabeth Pazito Brandão "é justamente esta identidade pública e o espaço público em que atua que identificam a comunicação científica com a comunicação pública" (BRANDÃO, 2000, p.4). Tal comunicação científica é abordada no jornalismo por meio do jornalismo científico, que é uma das formas utilizadas

para divulgar ciência.

Com isso em vista, a divulgação e o jornalismo científicos, localizam-se no discurso da comunicação pública e atuam como mecanismo para tal, pois são práticas que ampliam o diálogo entre o público em geral e as informações, não raro, restritas ao espaço em que são produzidas. A cobertura de ciência nos meios jornalísticos favorece a divulgação para a sociedade, expandindo o exercício cidadão.

Temos que divulgação científica, de acordo com o divulgador pioneiro, José Reis, pode ser definida como sendo

> a veiculação em termos simples da ciência como processo, dos princípios estabelecidos, das metodologias que emprega. Durante muito tempo, a divulgação científica se limitou a contar ao público os encantos e os aspectos interessantes e revolucionários da ciência. Aos poucos, passou a refletir também a intensidade dos problemas sociais implícitos nessa atividade (REIS, 2002 apud SANTA ROSA 2006, p. 27)

Aqui, destacamos o jornalismo científico como uma das formas de divulgação, que se configura como um

> processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna), entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividade (públicos/receptores) através de canais de difusão (jornal/revista/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) e de natureza científica e tecnológica em função de interesses e expectativas (universos culturais e ideológicos) (BUENO, 1998 apud SANTA ROSA 2006, p.30)

Temos ainda que, para Marques de Melo (2006) o jornalismo científico não precisa ser necessariamente desenvolvido por um profissional especializado, "visto que o jornalista deve estar apto a codificar qualquer informação para o grande público". Pensando na colocação do autor, o Jornal Correio de Uberlândia, mesmo sendo um diário de generalidades, não está impossibilitado de retratar as pesquisas da UFU. Considerando a proximidade geográfica com a universidade e submetendo os acontecimentos científicos sob outros critérios de noticiabilidade, as pesquisas científicas têm potencial para tornarem-se pública por meio da mídia em questão.

Nesse sentido e a fim de esclarecer tais critérios, cabe apresentar as considerações de Wolf (1985) para as quais, a noticiabilidade tem a ver com a possibilidade de um acontecimento tornar-se notícia. Para o autor, existem alguns critérios que norteiam essa escolha:

> os valores/notícia derivam de pressupostos implícitos ou de

> considerações relativas: a) às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; b) à disponibilidade do material e aos critérios ao produto informativo; c) ao público; d) à concorrência (WOLF, 1985, p.200)

Entre os pressupostos relacionados por Wolf (1985), observa-se um impasse comum a temática da ciência no que diz respeito ao critério da disponibilidade de material. O relacionamento entre as fontes científicas e os jornalistas enfrenta uma dissonância e apresenta-se como um empecilho na divulgação científica. Ivanissevich (2005) explica essa relação a partir do choque cultural entre as duas realidades profissionais. Segundo a autora,

> a mídia é movida pela notícia – uma nova informação a cada dia, hora, minuto. Já a ciência costuma ser apresentada como um sistema que proporciona respostas claras e definitivas, como se avançasse lógica e linearmente (IVANISSEVICH, 2005, p.17)

Isso, evidentemente, atrapalha a negociação entre cientista e jornalista, mas tanto um quanto outro profissional precisa ter em mente a sua função pública. De um lado, a mídia tem seu papel de informar, de outro, a academia científica deve entender que também precisa ser divulgadora de suas pesquisas para o público.

Neste contexto, vê-se a importância da colaboração do pesquisador na disponibilização de seus experimentos e da própria universidade para que aquilo que é produzido em suas dependências chegue à população externa e leiga. A comunicação da ciência depende não somente da mídia ou da instituição de pesquisa e sim do diálogo entre esses dois pólos. Assim, deve ser também preocupação da UFU, seja por meio de sua diretoria de comunicação, seja instruindo seus pesquisadores a receber o jornalista, organizar-se visando fomentar a publicação de conteúdos científicos na mídia e empenhando-se em concretizar a comunicação pública.

Considera-se ainda nesta situação, a afirmação de José Marques de Melo sobre jornalismo científico que, "da posição marginal hoje ocupada, deve conquistar maior espaço e tempo nos meios de comunicação, convertendo-se em atividade dominante" (MARQUES DE MELO, 2006, p. 118). Compreende-se que a divulgação científica, por meio do jornalismo, deve ser uma prática crescente, já que, entre outras qualidades, trabalha no sentido da educação científica, atende ao interesse público, favorece a prática da cidadania e, por ter essas características, deve caminhar junto à comunicação pública.

4 Descrevendo a pesquisa e os resultados

Para o desenvolvimento do trabalho, partiu-se da hipótese de que apesar do grande volume de material científico produzido pela UFU e da importância de grande parte dele para a vida do cidadão comum, o Jornal Correio de Uberlândia não contempla em quantidade e qualidade, do ponto de vista comunicacional, a cobertura científica sobre a produção de conhecimento na universidade.

A pesquisa, de viés descritivo documental, teve como foco a interação entre a produção científica da UFU e sua divulgação no Jornal Correio de Uberlândia. Por isso, contou com a coleta de matérias jornalísticas do ano de 2011 deste veículo, que dizem respeito à universidade, além de tratar os dados, dispondo-nos em categorias e analisando os resultados, com a técnica de análise de conteúdo.

A escolha metodológica utilizou como embasamento o fato de que a pesquisa descritiva (GIL, 1999) revela-se como mecanismo de observação, análise e interpretação dos fatos considerados importantes. Por sua vez, a pesquisa documental, para Godoy (1995), deve ser entendida numa maneira ampla, incluindo documento, livros, fotografias, vídeos, atas, jornais, revistas, entre outras formas de registro a realidade.

A fim de contemplar a proposta de compreender a relação entre UFU e Jornal Correio, no que tange conteúdos sobre ciência, a coleta de dados foi realizada a partir do *clipping* impresso, organizado pela assessoria de imprensa da Diretoria de Comunicação da UFU (DIRCO), uma vez que esta arquiva as notícias e reportagens do Jornal Correio que trazem o nome da universidade. Para isso, foram realizadas visitas a diretoria, local onde se passou parte da pesquisa.

Cabe retratar ainda que a análise de conteúdo (BARDIN 1977 apud FONSECA JÚNIOR, 2005) consiste em um instrumento metodológico que pode ser aplicado a discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza de seu suporte, visando enriquecer a pesquisa, ao proporcionar tratamento dos dados brutos. Nesta pesquisa, esta metodologia se desenvolveu a partir do estabelecimento de categorias de análise, em busca de validade da prova para hipótese apresentada.

A comunicação da UFU no Jornal Correio de Uberlândia

As matérias sobre a produção de ciência da UFU referentes ao ano de 2011, categorizadas a partir do clipping impresso da DIRCO, apontaram que das 263 matérias publicadas, apenas quatro (1,52%) eram sobre pesquisas científicas. Ao todo, o nome da UFU apareceu 499 vezes no jornal ao longo do ano, mas, dessas indicações, 236 (47,3%) diziam respeito a editais e notificações da insituição.

Para categorizar os tipos de matérias, num primeiro momento de análise quantitativa, as incidências do nome UFU foram subdivididas em oito categorias, sendo elas: a) Divulgação Institucional/ Prestação de Serviço; b) Editais; c)

Pesquisa de C&T; d) Divulgação de Eventos de Pesquisas de C&T; e) Professores e Institutos como fontes de C&T; f) Divulgação de conhecimento científico, g) Eventos que visam divulgar ciência e h) Outras matérias.

Ressalta-se que o intuito desse estudo é analisar exclusivamente as reportagens ou notícias sobre as pesquisas científicas da UFU, que relatam resultados ou andamentos de alguma pesquisa desenvolvida na universidade, não abrindo para outros aspectos da ciência. Nesse sentido, para analisar o conteúdo das matérias, pensou-se nas categorias: tema (área da ciência), tamanho (em centímetros), abordagem, contextualização, linguagem e elementos gráficos que subsidiaram uma análise mais aprofundada, cujos resultados são apontados a seguir.

Assim sendo, das quatro matérias publicadas, temos que duas referem-se à saúde, uma a agronegócio e uma à economia. A primeira sobre saúde, datada em 21 de junho de 2011, leva o título: "Novo antibiótico pós-cirurgia pode reduzir risco de infecção". Numa dimensão de 20 x 30 cm (largura x altura), o texto da matéria divide espaço com uma imagem em preto e branco de 14,5 x 16 cm. Com isso temos que o conteúdo textual é pequeno se comparado com a imagem, esta que não especificamente acrescenta uma informação extra ao texto. Algo curioso é que a fotografia traz os dois pesquisadores responsáveis caracterizados de forma estereotipada. Foram explorados olhares misteriosos e duros, remetendo a imagem criada pelo universo simbólico que envolve o cientista, fato que não colabora para a desmistificação da ciência.

A linguagem utilizada, por sua vez, é bem próxima ao coloquialismo, o que favorece a compreensão do público leigo. A abordagem eleva o lado positivo e discorre mais sobre a aplicabilidade do produto do que a metodologia despendida para seu desenvolvimento. Isso faz com que haja uma aproximação com a realidade cotidiana, porém ainda mantém distante a relação do público com o processo. Não há uma ambientação aprofundada, mas existe certa contextualização que permite entender o funcionamento do produto resultante da pesquisa.

A matéria "Dispositivo faz paciente voltar a se comunicar" é a segunda sobre saúde, publicada em 10 de julho de 2011. Tem 30 x 15 cm de tamanho, sendo que conta com uma imagem em preto e branco de 9,5 x 6,5 cm. Trata-se de uma matéria breve, com texto curto e direto e uma imagem também pequena do paciente que utilizou da tecnologia.

Igualmente a anterior, apresenta linguagem acessível, porém a abordagem é bastante rasa se pensada a complexidade e importância da aplicação da tecnologia na vida do homem. Apesar de explicar basicamente como o dispositivo funciona, a pesquisa foi muito pouco explorada e o tratamento pouco humanizado, tanto do personagem retratado, quanto da própria tecnologia

que envolve um processo extremamente delicado de reabilitação de pessoas que perderam a capacidade de comunicação.

No dia 12 de abril de 2011, foi publicada a notícia sobre agronegócio, intitulada "UFU desenvolve nova linhagem de café". Trata-se de uma matéria de tamanho médio, com 31 x 15 cm, abrangendo também uma imagem de 14,5 x 10 cm, do pesquisador tocando na folhagem do café, afastando a imagem mítica do cientista. A linguagem utilizada é bastante próxima do cotidiano e os termos mais específicos são rapidamente explicados, não comprometendo o entendimento. O foco da abordagem também está mais no resultado final do que no processo e busca exaltar os diferenciais da nova linhagem do café.

Por fim, a matéria da pesquisa da Faculdade de Gestão e Negócios (Fagen), do dia 20 de novembro de 2011, "Endividados têm hábito de beber, fumar e presentear", destoou das outras. Trata-se da única reportagem sobre pesquisa da UFU ocupando praticamente uma página, com medida 20 x 48 cm, três imagens e um teste em forma de gráfico. A fotografia maior é de 9,5 x 8 cm e traz a imagem do pesquisador, na forma de retrato, porém tirada mais espontaneamente. As duas outras imagens são de 4 x 3,5 cm e ilustram dois entrevistados que deram sua opinião sobre a constatação da pesquisa.

Percebe-se que essa matéria recebeu mais atenção, pois, apesar de ser uma pesquisa acadêmica, está intimamente ligada a comportamento, algo que costuma despertar o interesse dos leitores, já que se configura também como entretenimento. A linguagem por sua vez, vai ao encontro dessa proposta. Procurou-se, na abordagem, inclusive mostrar uma interação com o povo, através de entrevistas com pessoas do cotidiano e um teste para o leitor verificar seus riscos de créditos.

Além disso, uma retranca aponta uma repercussão da pesquisa, na qual se questiona a ética, embasado no posicionamento de um profissional de psicologia, confirmando ainda mais o tom comportamental, mas apresentando não apenas o lado positivo da pesquisa, algo que contribui para maior interpretação e menos aceitação sem questionamento. Apesar de ser mais completa, a reportagem não visa tanto à ciência empregada e sim na repercussão gerada e na questão do interesse do público e não exatamente público.

6 Considerações Finais

Os resultados obtidos fazem parte de uma pesquisa ainda em andamento, podendo apresentar outros dados futuros, mas pelas observações e informações já adquiridas pode-se detectar que as pesquisas científicas da UFU aparecem

minimamente no Jornal Correio de Uberlândia, o que mostra um abismo quantitativo se comparado com outros temas que envolvem a universidade. A abordagem feita pelo jornal, apesar de conseguir oferecer a informação ao público, não zela pelo aprofundamento científico, no sentido de dar a pesquisa um entendimento amplo dos processos que resultam em sua aplicabilidade, da mesma forma que não parece haver uma preocupação em instigar o leitor a interpretar a informação ou então fazer com que desperte o interesse pelo tema, ou seja, ainda não alcança o nível de educar para a ciência. A única matéria mais aprofundada caminha mais para uma reportagem de comportamento do que científica e também não visa trazer o leitor para o mundo da ciência.

Percebe-se, portanto, que a divulgação científica por meio do jornalismo impresso não ocorre efetivamente, o que significa, no sentido dessa pesquisa, que a comunicação pública da ciência da UFU é falha. Conclui-se até aqui que, apesar da enorme quantidade de pesquisas realizadas na UFU, da importância de boa parte delas na vida do ser humano comum e do interesse público envolvido, a análise dos dados dá um indicativo que, ao menos pela mídia impressa, o conhecimento científico muito ainda fica encastelado dentro da universidade.

Vê-se a necessidade de compreender se a comunicação entre a universidade, no que diz respeito aos conteúdos de ciência, e a mídia ocorre satisfatoriamente, se ambas dialogam de forma eficiente e se há algum processual específico para lidar com os temas de ciência, tendo em vista as possíveis dificuldades encontradas entre jornalistas e cientistas, notícia e conhecimento científico. Faz-se necessário entender de onde surge o problema da (in) comunicação, para chegar às possíveis soluções e melhorias que resultariam numa maior divulgação da ciência pelo jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. **Conceito de Comunicação Pública**. In: DUARTE, Jorge (org.). Comunicação Pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público. ed. 2. São Paulo: Atlas, 2009

COSTA, Angela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914**: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FONSECA JUNIOR, W.C. Análise do conteúdo. In: Duarte, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Ed. Atlas, 2005.

FRANÇA, M. N.; PINHEIRO, M. S. F.; SILVA, A. M.; **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos:** projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. 5. ed. rev. ampl. Uberlândia, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. ed.4. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa**: tipos fundamentais. *In*: Revista de administração de empresas. São Paulo, v.35, n.2, 1995. P.57-63.

IVANISSEVICH, Alicia. **A mídia como intérprete**: como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. In: VILAS BOAS, Sergio (org.). Formação e Informação Científica - Jornalismo para iniciados. São Paulo: Summus, 2005.

MARQUE DE MELO, José. **Teoria do Jornalismo**: Identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

SANTA ROSA, Sérgio Henrique. **A presença da produção científica da UNESP de Botucatu na imprensa local:** o caso "Diário da Serra". Disponível em: http://www.faac.unesp.br/posgraduacao/Pos_Comunicacao/pdfs/sergiorosa.pdf. Acesso em 02 de abril de 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Milano: Presença, 1985.

Anexos

1 Notícia divulgada em 12 de abril de 2011

PESQUISA PROCESSO DE MULTIPLICAÇÃO DE GRÃOS COMEÇA EM JUNHO

UFU desenvolve nova linhagem de café

VARIEDADE REQUER MENOS APLICAÇÃO DE FUNGICIDAS

ANDRÉIA CANDIDO

Uma linhagem de café resistente à ferrugem e tolerante à seca é a mais recente novidade divulgada por pesquisadores do Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A nova variedade do café deve entrar em processo de multiplicação por produtores da região de Uberlândia a partir de junho. As primeiras sementes [illegible] multiplicadas, [illegible] no das qualidades [illegible] e colhida, serão cultivadas e entregues aos interessados previamente cadastrados e [illegible] cadastro.

De acordo com o professor e pesquisador Fernando Juliatti, o avanço deve [illegible] na redução da aplicação de fungicidas e contribuir para que, em períodos de estiagem, [illegible] se planta nos pés "Sobreviverão plantas e depois de 13 anos. Daquelas [illegible] essas linhagens estabilizadas [illegible] a regular não vai precisar se preocupar tanto com a irrigação em condições extremas de variação climática".

O sistema adequado de plantio e outra característica positiva nesse descobrir. Segundo o coordenador do curso Informática [illegible] que há três anos acompanha o desenvolvimento da pesquisa, a nova variedade vai permitir plantar até 17 mil plantas por hectare, quantidade quase três vezes maior que a [illegible] atualmente pelos produtores. "O ganho em relação à quantidade é um importante atributo. Além de ganhar mais em função do baixo gasto com polinização e manejo de mais resistência em [illegible] para o meio ambiente [illegible] produtor vai aumentar consideravelmente a produtividade". Já adepto como os pesquisadores a qualidade da bebida e o sabor do café não sendo modificados.

Marcelo Juliatti: disse que chegou às linhagens estabilizadas após 13 anos de seleção

2 Notícia divulgada em 21 de junho de 2011

SAÚDE PRODUTO É DILUÍDO EM GEL

Novo antibiótico pós-cirurgia pode reduzir risco de infecções

PESQUISADORES DA UFU LEVARAM 15 ANOS PARA CRIAR PRODUTO

GUSTAVO STIVALI | REPÓRTER

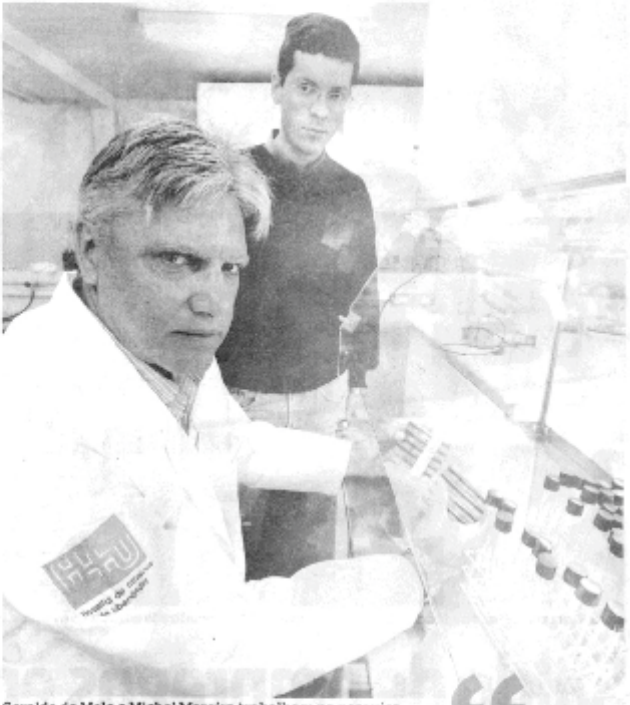
Dois pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) desenvolveram um antibiótico que pode reforçar a indústria farmacêutica e as áreas da odontologia, medicina humana e veterinária. Trata-se de um antimicrobiano aplicado diretamente na área onde ocorreu uma cirurgia, capaz de diminuir a chance de o paciente ter infecções no local operado.

O produto, ainda sem nome, é fruto de 15 anos de pesquisa do professor do Instituto de Ciências Biomédicas da UFU Geraldo Batista de Melo, com o pesquisador antimicrobiano Michel Rodrigues Moreira. O antibiótico é diluído em gel e, segundo Melo, não há produto parecido no mercado. De acordo com ele, caso seja comercializado, o antimicrobiano pode reduzir os gastos pós-operatórios com remédios. "Em uma cirurgia odontológica são gastos de R$ 30 a R$ 120 em medicamentos. Com este produto, penso que as despesas do paciente cairiam para R$ 10, valor que seria cobrado por este antibiótico nas farmácias", disse.

Segundo Melo, a redução do preço seria possível por conta da pequena dosagem de composto antimicrobiano utilizada para fazer o produto, que também atuaria por mais tempo na região aplicada, se comparado com medicamentos comuns. "A dosagem total do medicamento é de 1/20 de uma dose via oral. O antibiótico é aplicado apenas uma vez e pode durar até dez dias", afirmou.

De acordo com Moreira outra vantagem do medicamento desenvolvido na UFU é a redução dos efeitos colaterais. "Como focamos no tratamento tópico, o produto vai se concentrar na região desejada. Isto ajuda também a reduzir as taxas de resistência bacterianas", disse.

O antibiótico aguarda aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para que possa ter a licença concedida à uma empresa.



Geraldo de Melo e Michel Moreira trabalham na pesquisa

Despesas do paciente cairiam para R$ 10

GERALDO DE MELO

NO SITE

Entrevista com professor do Instituto de Ciências Biomédicas da UFU, Geraldo Batista de Melo, em duas partes, sobre o seu trabalho e o desenvolvimento de novo antibiótico

www.correiodeuberlandia.com.br

3 Notícia divulgada em 10 de julho de 2011

UFU PESQUISADORES DA INSTITUIÇÃO DESENVOLVERAM O RECURSO

Dispositivo faz paciente voltar a se comunicar

MANOEL JOSÉ DA SILVA ESTÁ INTERNADO NO HC HÁ SEIS ANOS

LUIZ OTAVIO PETRI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Tecnologia desenvolvida pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) permitiu ao paciente Manoel José da Silva voltar a se comunicar após seis anos sem ter esta possibilidade. Ele foi acometido por uma doença rara, conhecida como Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), estava internado no Hospital de Clínicas da UFU (HC/UFU) há seis anos e foi beneficiado com o uso desde a última quinta-feira (7), de um recurso inédito no Brasil, criado a partir de uma pesquisa realizada por pesquisadores do laboratório de Engenharia Biomédica da Faculdade de Engenharia Elétrica da UFU. Isto com o objetivo de permitir que pacientes que perderam o movimento do corpo possam se comunicar e exponenciado fisicamente como.

Os pesquisadores da UFU desenvolveram a tecnologia que funciona como um dispositivo de ajuda de sensores musculares. O equipamento capta os sinais dos músculos que o paciente ainda consegue mover e envia comando para o software correspondente.

A pesquisa da UFU começou a ser desenvolvida há 3 anos, em parceria com a Universidade Paul Sabatier.

Segundo o pesquisador da UFU Eduardo Nunes, o paciente Manoel José da Silva só consegue mover algumas músculos do rosto. "Com o sensor levantar as bochechas ele já consegue se manifestar com o equipamento desenvolvido pela UFU", disse.

A pesquisa começou a ser feita há 3 anos

Manoel José consegue mover alguns músculos do rosto

4 Notícia divulgada em 20 de novembro de 2011

PESQUISA EM DOUTORADO, PESQUISADOR TRAÇA PERFIL DOS INADIMPLENTES

Endividados têm hábito de beber, fumar e presentear

PROFESSOR DA UFU RECEBEU PRÊMIO DO IBEP-SP POR TESE

FREDERICO SILVA | REPÓRTER

Beber mais de quatro copos de bebida alcoólica por dia, fumar e ter como uma necessidade presentear amigos em datas comemorativas são características que aumentam as chances de uma pessoa ter o nome incluído na lista de maus pagadores. As conclusões fazem parte da tese de doutorado do professor Pablo Rogers, da Faculdade de Gestão e Negócios (Fagen) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que propõe uma metodologia de análise de crédito com base em variáveis psicológicas.

Durante dois anos de pesquisa, mil pessoas foram submetidas a questionários ligados à psicologia econômica. Entre os temas dos questionamentos estão educação financeira, significado do dinheiro, compulsividade, autocontrole e até autoestima. No fim, os dados foram confrontados com a situação cadastral de cada consumidor no Serasa e no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), o que revelou as principais características dos inadimplentes.

> **A proposta é que seja mais uma ferramenta a favor das empresas**
>
> PABLO ROGERS

Defendido neste ano na Universidade de São Paulo (USP), o estudo ganhou destaque após vencer o Prêmio Revelação em Finanças do Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças (Ibep-SP).

Segundo o pesquisador, o novo modelo de questionário avalia o grau de risco de inadimplência de cada consumidor. "Em 80% dos casos o consumidor é classificado corretamente. É um instrumento tão eficaz quanto os já utilizados no mercado", disse Rogers.

Hoje as análises de crédito são feitas com base em variáveis socioeconômicas, como renda, idade, emprego e renda. "A proposta é que seja mais uma ferramenta a favor das empresas. Nesta semana tenho reuniões marcadas com o Serasa e SPC para discutir a aplicabilidade do projeto", disse o pesquisador, que afirma que com um investimento de R$ 500 mil conseguiria fazer a pesquisa em nível nacional.

Pablo Rogers recebeu o Prêmio Revelação em Finanças

REPERCUSSÃO

ÉTICA DO ESTUDO É QUESTIONADA

Entre os consumidores, a inclusão do uso do cigarro e de bebidas alcoólicas entre as principais características dos maus pagadores, como aponta a pesquisa do professor Pablo Rogers, é o que gera mais polêmica. "Isso vai da índole e da situação financeira de cada pessoa", disse a secretária Sirlene Medrado.

Para os psicólogos, o estudo tem embasamento, mas deve ser aplicado com cuidado. "Realmente, quem bebe e fuma tem dificuldades para lidar com o autocontrole, o que é um sintoma de compulsividade. Mas não concordo com algo que ajude só o comércio, isso é antiético", afirmou a psicóloga Maria Luiza Segatto.

Segundo o pesquisador Pablo Rogers, antes que a metodologia seja aplicada no mercado, as questões éticas serão analisadas para adequação às leis brasileiras. "Mas é importante deixar claro que uma só característica não determina o perfil de um inadimplente, mas sim o conjunto delas", disse.

TESTE

CLASSIFIQUE AS FRASES ABAIXO, DE ACORDO COM A SEGUINTE ESCALA

Não verdadeiro = 1 / Pouco verdadeiro = 2 / Moderadamente verdadeiro = 3 / Totalmente verdadeiro = 4

- ☐ Sempre posso resolver os problemas difíceis se me empenhar bastante
- ☐ Se alguém se opõe a mim, posso encontrar a maneira de obter o que quero
- ☐ É tranquilo persistir em meus objetivos até alcançar as minhas metas
- ☐ Estou seguro de que poderia lidar de maneira eficiente com eventos inesperados
- ☐ Graças às minhas qualidades e talento, posso superar situações imprevistas
- ☐ Posso resolver a maioria dos problemas, se me esforço o necessário
- ☐ Posso permanecer calmo quando enfrento dificuldades, porque confio no meu jogo de cintura
- ☐ Quando enfrento uma situação difícil, geralmente eu tenho ideia do que devo fazer
- ☐ Venha o que vier, geralmente sou capaz de lidar com isso
- ☐ Quando tenho um problema pela frente, geralmente me ocorrem várias alternativas de como resolvê-lo

Some os pontos e veja os resultados

RESULTADO

Mais de 28 pontos – Risco de crédito alto
O excesso de confiança e otimismo, pela crença de que é capaz, pode levar a crenças em rendas futuras e encorajar ao consumo maior, mesmo sem condições, o que leva ao endividamento

Até 28 pontos – Risco de crédito baixo
O otimismo e o excesso de confiança não comprometem o bom-senso. Por isso, você faz parte de uma faixa de consumidores propensa a fazer uso do crédito responsável

COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA ORGANIZACIONAL EM PLATAFORMAS DIGITAIS DE INTERAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE PRODUTOS JORNALÍSTICOS: CASES NA EDUCAÇÃO

Marcelo Marques Araújo[48]
Bruna Isa[49]
Patrícia Alves[50]
Anna Paula Castro Alves[51]

Resumo

O artigo apresenta resultados do trabalho de produção de conteúdo para mídias sociais desenvolvido pela Communicare – Agência Júnior do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em parceria com agências de publicidade de São Paulo – SP e Uberlândia – MG, com foco no monitoramento, atualização, divulgação e produção digital para empresa parceira. Alguns conceitos da área de Comunicação Organizacional foram retomados a fim de fundamentar os relatos do trabalho desenvolvido até aqui.

1. Introdução

Este artigo surge a partir de debates efetivamente realizados entre a coordenação e as bolsistas do projeto intitulado "Comunicação estratégica organizacional em plataformas digitais de interação e divulgação de produtos jornalísticos", desenvolvido a partir de uma parceria formalizada entre a área de Marketing e Comunicação da Associação Educacional de Patos de Minas - MG e a Communicare, Empresa Júnior do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia.

O projeto consiste, em um primeiro momento, no planejamento de ações estratégicas de comunicação direcionadas às plataformas digitais de

48 Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (UNITRI), Letras (UFU) e Publicidade (MACKENZIE). Mestre em Linguística (UFU) e Doutor em Comunicação e Letras (UPM). Professor Adjunto no Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
49 Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro da Communicare.
50 Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro da Communicare.
51 Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro da Communicare.

comunicação, aqui especificamente tratadas de mídias sociais. A partir desse planejamento de ações foram previstas etapas de trabalho a serem executadas a fim de desenvolver a área de comunicação digital no grupo parceiro. As ações previstas foram executadas pelo grupo de trabalho formado por componentes da Empresa Júnior do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia. Com base em três pilares de trabalho: pensar, produzir e divulgar, o grupo de trabalho atuou na elaboração de produtos jornalísticos divulgados nas mídias sociais da empresa parceira. Além disso, o grupo de trabalho também monitorou as mídias e os resultados efetivos do trabalho desenvolvido. A produção de conteúdo norteou a proposta do trabalho.

Os objetivos do projeto consistiram nas seguintes etapas: desenvolvimento de um planejamento de ações estratégicas de comunicação em plataformas digitais; execução de ações previstas no planejamento estratégico; produção de conteúdo jornalístico e distribuição nas mídias sociais da empresa contratante; monitoramento e mensuração do impacto gerado pelos produtos e na produção de relatórios das ações.

O projeto justifica-se pelo interesse de empresas de vários grupos de atuação, entre os quais, empresas educacionais, em ações estratégicas voltadas para o desenvolvimento de propostas em mídias sociais. Outra justificativa é o envolvimento da Empresa Júnior do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia no projeto, o que oportunizou o campo de testes para trabalhos dos membros. A parceria de instituições públicas com a iniciativa privada também torna-se uma importante justificativa em virtude da escassez de recursos no poder público para o financiamento de projetos.

A metodologia de trabalho consistiu em reuniões de *brainstorming*, construção de *clipping*, releases e outros produtos jornalísticos voltados para educação superior e em especial sobre a empresa parceira. O monitoramento das mídias sociais foi executado por meio de softwares livres, o que ocorreu também na divulgação de produtos jornalísticos.

2. COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: ESTRATÉGIA PARA GESTÃO DA IMAGEM EMPRESARIAL

O desenvolvimento da sociedade depende das relações estabelecidas entre os indivíduos que a compõem. Para tanto, a comunicação é uma ferramenta indispensável, a qual permite a troca de informações e a aprendizagem. No mundo dos negócios esta ferramenta tem se tornado um diferencial dentro de empresas que, buscam se estruturar para bem administrar sua imagem e se relacionar com seus públicos, o que pode causar efeito sobre os lucros. De acordo com Terciotti e Macarenco (2010) "A comunicação passa então a ser encarada

como um processo que leva à realização das potencialidades estratégicas e à ampliação e integração das estruturas organizacionais, de modo a envolver todos os atores que participam desse processo."

Atualmente muitas empresas investem na comunicação organizacional, criando até mesmo um setor específico, dentro de seus sistemas corporativos, dedicado a cuidar desta área. Torquato (2010) comenta sobre as diferentes formas com que a comunicação é explorada dentro das organizações:

> "Desenvolve-se, de um lado, um conjunto de comunicações técnicas, instrumentais, burocráticas e normativas. E, em paralelo, ocorrem situações de comunicação expressiva, centrada nas capacidades, habilidades, comportamentos e posturas das fontes. Esta humaniza, suaviza, coopta, agrada, diverte, converte, impacta, sensibiliza. (Torquato, 2010, p. 7)"

Para o autor, estas duas vertentes possuem resultados distintos. A comunicação instrumental quando usada exacerbadamente causa certo desconforto, sensação de rigidez e aspereza, enquanto a comunicação expressiva, que deve estar aliada ao discurso da cultura da organização, consegue usufruir da informalidade e proporcionar leveza e cordialidade.

No intuito de se organizar, o setor de comunicação muitas vezes desenvolve o chamado plano de comunicação. Este planejamento visa definir os canais, instrumentos, recursos, entre outros meios, que serão utilizados para gerenciamento da imagem da empresa e de suas relações com seus *stakeholders*. "Cada uma das atividades previstas no plano de comunicação é desdobrada em um plano de ação específico e detalhado, tornando-se uma ferramenta indispensável para gerir o trabalho." (MAFEI; CECATO, 2011, p. 53)

O plano deve levar em consideração os diferentes públicos com os quais a empresa tem contato: funcionários, clientes, diretores, investidores, entre outros; para estabelecer meios adequados de comunicação da organização com cada tipo de *stakeholder*.

O trabalho da comunicação organizacional pode envolver a participação de diversos profissionais: jornalistas, relações públicas, publicitários, entre outros. Em sua maioria, são profissionais ligados à comunicação social. Contudo, quais são os papéis desses dentro da organização?

> Entre os objetivos gerais da comunicação social apontam-se: projetar um conceito adequado das organizações perante seus públicos, consistente com suas políticas crenças e valores; criar, manter e desenvolver formas de comunicação que contribuam

> para a melhor operacionalidade dos sistemas e das atividades; desenvolver harmoniosamente o espírito de equipe; projetar junto a centros irradiadores de opinião e poder o pensamento ideológico da organização; acompanhar e influenciar o meio ambiente, criando e desenvolvendo representações junto aos poderes institucionais do país (TORQUATO, 2010, p. 53).

Cavalcante (2008) atenta para o fato de que o modo como a comunicação é utilizada por quem a controla dentro das organizações é o diferencial no atual mercado, o qual diz respeito a "vencer ou perder uma guerra, portanto cabe a cada profissional estudar pra que esta diferença seja vista e refletida de forma positiva dentro da organização que o mesmo está inserido". A autora fala também sobre a escolha dos meios de informação para comunicação. De acordo com ela isso "depende, não somente, do que se vai transmitir como também do: resultado que se quer alcançar e do feedback que se quer ter (CAVALCANTE, 2008, p. 19)".

Podemos afirmar que a comunicação organizacional se transformou num setor estratégico. Ela controla relacionamentos e "compreende a leitura e a formação da cultura organizacional [...]; planejando constantemente a imagem corporativa ou ajustando a sua identidade aos novos tempos (SANTOS, 2006, p. 3)". "A comunicação assume um papel muito mais abrangente, fazendo referência a tudo que diz respeito à posição social e ao funcionamento da organização, que envolve desde seu clima interno até suas relações institucionais (CARDOSO, 2006, p. 1140)."

3. A IDENTIDADE E A IMAGEM EMPRESARIAL: QUESTÕES SOBRE O SER E O PARECER

Toda organização se preocupa com a imagem e o discurso que ela remete aos seus públicos. Contudo, há uma distinção entre o que a empresa é e o que ela aparenta ser; entre a identidade e a imagem corporativa.

> Sem dúvida, a identidade de qualquer organização é construída com base em sua história, seus valores, a qualidade de seus produtos e serviços, seu atendimento, sua aparência e seus pontos de atuação positivos e negativos. A identidade congrega o que de fato é a empresa, seu caráter e sua personalidade (LEAL; TARGINO, 2005, p. 620).

Fascioni (2005) mostra que a imagem já é o oposto da identidade, não é o que a organização tenta passar, não é o que diz a mensagem, mas como a mensagem é compreendida, vista aos olhos de terceiros. Por esse motivo, a autora

ainda salienta que são as empresas que precisam se atentar em como a identidade está sendo trabalhada para ser bem compreendida.

Há ainda um terceiro conceito que envolve os dois primeiros expostos acima: a reputação corporativa. Vance e Ângelo (2007) apresentam a definição de tal conceito segundo as concepções de Argenti e Forman (2002):

> Segundo esses autores, a reputação de uma organização depende da identidade da organização, da coerência estabelecida entre as imagens percebidas pelos diferentes grupos que se relacionam com a empresa (*stakeholders*) e também do alinhamento entre a identidade e a imagem percebida. (VANCE; ÂNGELO, 2007, p. 95)

Observando tais definições compreendemos que para adquirir uma boa reputação, a organização deve se preocupar em como sua identidade está sendo transmitida em todos os meios em que é divulgada. Dessa forma, as empresas precisam gerenciar os discursos apresentados. Cabe ao setor de comunicação organizacional e, aos profissionais envolvidos nesse, cuidar para que as mensagens passadas gerem uma imagem positiva, o que pode significar uma boa reputação corporativa.

4. O RELACIONAMENTO DAS ORGANIZAÇÕES COM SEUS PÚBLICOS NA ERA DA INTERNET

Com o desenvolvimento das tecnologias da informação, apareceram novas formas de trabalhar a comunicação dentro das empresas. O surgimento da internet, particularmente, permitiu que as organizações ganhassem visibilidade de públicos antes inalcançáveis. São muitos os recursos que a rede mundial de computadores oferece: sites, e-mails, mídias sociais, plataformas, blogs, sites de arquivamento de vídeos, sistemas de comunicação em rede. Castells (2003) afirma que a internet está modificando o modo com que as organizações se relacionam com seus fornecedores, compradores e outras empresas, como também está mudando os modos de gerenciamento da empresa e de suas ações. Ele afirma que a utilização correta dos recursos virtuais é um fator indispensável para se manter em qualquer área de negócios.

Baroni (2011) explica que para investir nas possibilidades oferecidas pela internet, a organização precisa investigar minuciosamente o perfil de seus clientes, o que eles gostam de fazer virtualmente, porque só depois disso ela terá condições de planejar boas estratégias.

> Quem deseja se comunicar e se relacionar virtualmente terá que conhecer quais são as identificações, os grupos que seu cliente está inserido; as imagens e linguagens que mais o seduz; e como levá-lo a imaginar e desejar, por meio desta, um produto ou serviço. (BARONI, 2011, p. 62)

Em se tratando especificamente das redes sociais, a autora comenta ainda que as organizações devem ouvir mais do que falar pois, dessa forma, ela poderá analisar como sua imagem está sendo vista, seu atendimento e, o principal: os desejos dos clientes. Tonus e Costa (2011) dizem que para se comunicar através das mídias sociais se faz necessário realizar a "gestão do conhecimento". "As empresas não apenas devem ter um bom banco de dados, precisam saber em qual rede seu consumidor está, para qual rede deve atraí-lo. As novas estratégias são programadas com data e hora marcada e mais direcionadas" (TONUS; COSTA, 2011, p. 115).

As mídias sociais são por si só uma reunião de variadas formas de divulgar informações e opiniões que podem colaborar para a comunicação organizacional. Por meio delas a empresa pode veicular informações, mostrar produtos, interagir diretamente com clientes e até mesmo estabelecer canais de comunicação entre seus membros. Outra vantagem desse e de outros meios virtuais é que o próprio cliente ou usuário que tem acesso ao material produzido pela organização pode se tornar um propagador do discurso ou da imagem da empresa. "No ciberespaço, afirma Lemos (2008, p.3) cada sujeito é efetivamente um potencial produtor de informação: serviços colaborativos de informação, comunidades, blogueiros ou microblogueiros – que vivem os fatos e relatam em suas páginas pessoais (TERRA, 2012, p. 2)".

Dessa forma, onde há a produção de conteúdo pelo setor de comunicação de uma empresa no ambiente virtual e, a participação de terceiros acompanhando tais informações e até mesmo repassando-as, se estabelece um tipo de relacionamento.

> Criar a interatividade entre organização e públicos de uma empresa nada mais é do que integrar ações e também fazer com que haja integração, feedback e envolvimento das pessoas. É um processo bastante motivacional, que estimula as pessoas a usarem os meios para se interagir, deixando a comunicação um-todos (premissa da comunicação de massa) para se organizar em uma rodução "um-um" ou "todos-todos", gerando a comunicação interpessoal. (BOSTELMAM, 2009, p.95)

Essa questão de interagir com consumidores através de um meio virtual é tema de muitas discussões e estudos. Para Nascimento (2011), "o espaço virtual confunde-se todos os dias com os espaços físicos" e a participação de organizações neste ciberespaço deve ser centrada em relacionar-se, assim como elas se relacionam quanto acontece um contato pessoal. Lemos (2011) considera que não há distinção entre o real e o virtual, porque para as pessoas o estar ligado ao digital faz parte de suas existências. A autora explica que as empresas estão tentando assimilar esta ideia porque ainda buscam compreender como agir e interagir on-line mas, que isso é um erro já que não há dois mundos antagônicos.

5. CASES COMMUNICARE

Com base no que foi dito até aqui, principalmente na atitude de algumas empresas que para não perderem tempo e dinheiro num mercado digital, investem na interação on-line e na participação no ciberespaço, pensando em estratégias legítimas e que possam surtir efeitos expressivos. O projeto intitulado Comunicação Estratégica Organizacional em Plataformas Digitais de Interação e Divulgação de Produtos Jornalísticos, coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo, conta com um grupo de bolsistas colaboradoras vinculadas à Communicare, Empresa Júnior do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia. A seguir, estão registrados alguns relatos do desenvolvimento do projeto para a Associação Educacional de Patos de Minas, também conhecida simplesmente por Faculdade Patos de Minas.

5.1 COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: RELATOS FACULDADE PATOS DE MINAS

A primeira reunião com os membros da Empresa Júnior Communicare, para falar da proposta sobre o monitoramento das mídias sociais da Faculdade Patos de Minas (FPM), foi realizada em setembro de 2012. No mesmo dia o movimento dos dois perfis do facebook, das páginas e do perfil do twitter foi iniciado.

A proposta inicial era adicionar amigos a essas redes, publicar sobre os cursos da Faculdade, algumas notícias interessantes e principalmente divulgar o Vestibular que seria realizado no mês de Novembro. Na primeira semana de trabalho já se encontraram algumas dificuldades, pois para publicar notícias da instituição era necessário se basear em algo que já fora noticiado; e para isso foi necessário um contato direto com a assessoria de comunicação da instituição, que à medida do possível atendeu às demandas, mesmo estando em outro município e com as dificuldades esperadas de comunicação, visto que a assessoria também possui outras demandas.

Uma das saídas encontradas para dar continuidade ao trabalho foi dar prioridade aos cursos da faculdade, escrevendo um *post* sobre cada um e o que o profissional da área faz, além de dar dicas de sites que apresentavam vídeo aulas de diversas disciplinas que são contempladas no vestibular, um link que iniciava

um teste de vocação profissional e chamadas para os internautas olharem o site da instituição e também curtirem a página oficial da FPM e do Vestibular da FPM.

Na segunda reunião com o grupo da Communicare, falamos sobre as dificuldades na qual nos deparamos e também sobre uma nova proposta para divulgar nas mídias sociais: Uma Promoção Institucional de Sorteio de um Iphone. Na mesma semana foram iniciadas as postagens com a imagem da promoção (logo abaixo, imagem 1) que tinha como tema "Não seja um Peixe fora d'água, venha para a FPM". E para participar do sorteio era necessário curtir a página oficial FPM e compartilhar a imagem divulgada.

IMAGEM 1

Assim muitos alunos da instituição começaram a adicionar o perfil que ainda não estava lotado, pois o primeiro perfil é usado apenas para divulgar informações, por já ter atingido o máximo de amigos permitidos, e também a curtirem a página da instituição.

Ao longo das semanas continuamos com as publicações e a divulgação da promoção, além de compartilhar notícias interessantes de jornais, revistas ou blogs e sites que teriam como tema algo que pudesse estar relacionado com os membros da rede e também algumas curiosidades e assuntos de interesse geral. As notícias compartilhadas eram de páginas do facebook da Folha de São Paulo, Estadão, Revista Super Interessante e de sites como o G1. Também estavam sendo publicados nos perfis trabalhos de extensão dos alunos com fotos ilustrando-os e textos explicando em que consistia cada atividade.

Nas reuniões realizadas no mês de outubro foram entregues relatórios sobre os conteúdos postados nas redes sociais e também discutíamos o que deveria ser divulgado na próxima semana e o que poderíamos fazer para

melhorar a visualização das páginas. Além do mais percebemos o aumento de amigos no perfil do facebook, pois quando começamos o trabalho de movimentação na rede o número de membros era de 464 e em um mês e meio esse número subiu para 653.

Em outubro também a Faculdade Patos de Minas esteve em várias cidades para divulgar o vestibular e também convidar as pessoas para conhecer a instituição e um anúncio era postado nos perfis dizendo onde e em qual horário a equipe estaria localizada.

Na primeira semana de novembro a instituição FPM decidiu fazer uma promoção para sortear inscrições para o Vestibular 2012, que seria no segundo domingo do mês, para isso intensificamos a divulgação da imagem que nos foi enviada e essa deveria ser compartilhada da página do Vestibular por quem quisesse concorrer a prêmios e a 20 inscrições para o vestibular.

IMAGEM 2

Logo após o vestibular as postagens de notícias continuaram normalmente e em meados de novembro o número de amigos do perfil cresceu mais um pouco chegando em 784 pessoas. Ao longo desse tempo de postagens pode-se perceber que os internautas estão visualizando as redes sociais, pois esses curtem, compartilham e comentam as postagens, nos trazendo um feedback positivo do trabalho que vem sendo realizado.

CONCLUSÃO

A Comunicação Organizacional é um setor estratégico dentro de uma empresa. Precisa receber investimentos e contar com profissionais preparados para lidar com um mercado altamente competitivo.

Os investimentos em novas mídias e a inclusão do aparato digital nos planejamentos de comunicação são estratégias que não podem de forma alguma estarem à margem em uma empresa, da pequena à grande.

Os resultados do projeto superaram as expectativas, uma vez que a instituição obteve o maior número de inscritos num vestibular nos últimos oito anos. Obviamente as ações desenvolvidas com foco nas mídias sociais contribuíram para isso.

O projeto continua em execução nos próximos meses e por hora o grupo de trabalho está investigando minuciosamente o perfil dos membros a fim de conseguir ampliar o número de acessos, postagens, compartilhamentos e interações com as ferramentas digitais de comunicação que serão desenvolvidas pelo grupo. Tudo isso está previsto no plano estratégico definido para o 1º semestre de 2013, que pode ser acessado com maiores informações no site www.educom.faced.ufu.br no menu Communicare.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARONI, M.**.** Comunicação 2.0: o virtual construindo pontes para o marketing digital. **In:Comunicação e Marketing Digitais:** conceitos, práticas, métricas e inovações /Marcello Chamusca e Márcia Carvalhal. -- Salvador, BA: Edições VNI, 2011. Disponível em: http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/e-books/cmktdigitais2011.pdf Acesso em 27 out 2012.

BOSTELMAM, A. C. A. Interação e a Convergência dos Meios na Comunicação: exemplos de mensuração e vigilância de mercado. In: **Comunicação Multimídia: objeto de reflexão no cenário do século 21**. Org. Maria José BALDESSAR. Florianópolis, 2009. Disponível em:
http://www.ntdi.ufsc.br/ebook_multimidia.pdf Acesso em 04 nov 2012.

CARDOSO, O. O. Comunicação empresarial versus comunicação organizacional: novos desafios teóricos. In: **Revista de Administração Pública (RAP)**. Rio de Janeiro, Nov./Dez. 2006. Disponível em:
http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n6/10.pdf Acesso em 07 nov 2012.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução, Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica, Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 2003.

CAVALCANTE, S. M. **Gestão da Comunicação Organizacional** – Conhecendo as

ferramentas e suas aplicabilidades. João Pessoa, 2008, 66f. Disponível em: http://www.aberje.com.br/monografias/MONOGRAFIA%20Shirley%20Cavalcante%20PDF.pdf Acesso em 17 nov 2012.

FASCIONI, L. C. Gestão Integrada da Identidade Corporativa: uma ferramenta. Disponível em: http://www.ligiafascioni.com.br/wp-content/uploads/2010/08/artigo_GIIC_aend.pdf Acesso em 29 out 2012

LEAL, A. R. B. R.; TARGINO, M. G. Comunicação, Identidade e Imagem Corporativas: o caso da Caixa Econômica Federal, Brasil. In: **ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO.** Covilhã, 2005, vol. 4., p. 617 625. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/ACTAS%20VOL%204.pdf Acesso em: 18 nov 2012.

LEMOS, M. A medida do sucesso em mídias sociais. In: **Suprassumo Mídia Boom**. São Paulo, 2011, p. 10 – 12.

MAFEI, M.; CECATO, V. **Comunicação Corporativa** – Gestão, Imagem e Posicionamento. São Paulo: Contexto, 2011, 140 p.

NASCIMENTO, D. Social Tecnológico: o segredo é conhecimento para saber se relacionar. In: **Suprassumo Mídia Boom**. São Paulo, 2011, p.47 - 49.

SANTOS, J. C. S. **Comunicação Organizacional:** análise contemporânea das organizações. Disponível em:
http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=14&sqi=2&ved=0CIkBEBYwDQ&url=http%3A%2F%2Fartigocientifico.uol.com.br%2Fuploads%2Fartc_1150421699_37.doc&ei=yAetUKvmPKyD0QG72IHIAQ&usg=AFQjCNEEbyvox32kEqmwQrrAU_6N79FqSQ&sig2=3jJ9AdTpxzFqdUcrEQifHw Acesso em 10 nov 2012

TERCIOTTI, S. H.; MACARENCO, I. **Comunicação Empresarial na prática**. São Paulo: Saraiva, 2010, 2 ed., 220 p.

TERRA, C. F. **Usuário-mídia: o formador de opinião online no ambiente das redes sociais.** VI Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas – VI Abrapcorp 2012 – Comunicação, Discurso, Organizações. São Luiz, MA – 26 a 28 de abril de 2012. Disponível em: http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&sqi=2&ved=0CDEQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.abrapcorp.org.br%2Fanais

2012%2Ftrabalhos%2FMT%2FMT02.carolina_frazon_terra.doc&ei=31-tUM_LFMbd0QG1-4CgDA&usg=AFQjCNFvsYzhsJFd6ODlgdQmicKgpB25bA&sig2=AQxvW5zvpL4S7j3vwh-PwA Acesso em: 04 nov 2012.

TONUS, M.; COSTA, M. W. P. O poder do conhecimento. **In:Comunicação e Marketing Digitais:** conceitos, práticas, métricas e inovações /Marcello Chamusca e Márcia Carvalhal. -- Salvador, BA: Edições VNI, 2011. Disponível em: http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/e-books/cmktdigitais2011.pdf Acesso em 27 out 2012.

TORQUATO, Gaudêncio. **Tratado de Comunicação Organizacional e Política.** 2ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

VANCE, P. S.; ÂNGELO, C. F. Reputação corporativa: uma revisão teórica. In: **Revista de Gestão USP**. São Paulo, out/dez 2007, v. 14, n. 4, p. 93 – 108. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rege/v14n4/v14n4a7.pdf Acesso em 13 nov 2012.

FOLKCOMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA CULTURA POPULAR

Gerson de Sousa[52]
Marcelo Marques Araújo[53]
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a expressão da cultura popular Congado Sainha, em Uberlândia (MG), a partir de duas propostas: a atuação do presidente do terno como agente comunicador para materializar, pela mídia, uma tradição oral que completa centenário; e a produção de trabalho fotorreportagem em que se contextualiza as mediações desses grupos na construção de identidade e sociabilidade pela memória. Esse movimento dos marginalizados no contexto de pós-modernidade revela como a pesquisa empírica em folkcomunicação contribui para atualizar o processo de intercâmbio de informação, como sinaliza Luiz Beltrão. A proposta deste artigo é contribuir para o debate em folkcomunicação orientado na seguinte problemática: quais implicações práticas e conceituais para esses grupos e para a sociedade na produção de material midiático conduzido pelos sujeitos marginalizados?

Palavras-chave: Folkcomunicação; Congado; Identidade; Cultura Popular; Memória

1 – Introdução

A crítica à forma reducionista do tratamento do meio massivo às expressões da cultura popular, mais especificamente o Congado em Uberlândia, é um elemento importante para entender o movimento folkcomunicativo do Terno Sainha, que será analisado neste artigo. A dinâmica do folclore subscrita nessa manifestação do Congado, ratificada pela experiência vivida dos sujeitos marginalizados, tem o objetivo de revelar a complexidade de seu significado social. Uma complexidade que se confronta com a apropriação simplista do sentido estático do folclore disseminado pela grande mídia.

---

52 Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e professor adjunto do curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, email: gerson@faced.ufu.br
53 Doutor em Letras e Comunicação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e prof. Adjunto do curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. email: mmaraujo@faced.ufu.br

Há aqui a denúncia histórica pelos líderes de opinião, os comandantes dos ternos tratados aqui como agentes-comunicadores. Primeiro, os marginalizados - manifestações de homens que estão à margem dos centros de poder e de decisão - são objetivados em detrimento da hierarquização econômica e social. O estereótipo decreta a indiferença assim como a invisibilidade do outro, destituído de identidade. A crítica é que a mídia dissemina a informação de forma a naturalizar o termo escravo, alheio ao contexto concreto de se tratar de homens e mulheres privados da liberdade pela violência do poder em determinado contexto histórico.

Entretanto, é preciso recorrer e indagar as novas formas de violência simbólica neste contexto de hegemonia da comunicação. É assim que a visibilidade, segundo aspecto, se reveste de novas peles com termos cada vez atualizados: folclorização, turismo cultural, simulacro e até identidade. Longe de se tratar de sinônimos, essas camadas reducionistas são reforçadas nas imagens fotográficas, nos textos e vídeos em que, ao investir na prática de hierarquizare entreter como curiosidade, a mídia acirra mais o estranhamento do diferente do que acentua a pluralidade cultural.

Como é possível lutar pela construção de identidade no presente e pela valorização do passado, por meio dos sujeitos marginalizados, diante desta luta pela memória? Em que momento o conflito e a tensão histórica conduzem os marginalizados a sair da crítica à ideologia do meio massivo para se tornar agente na produção de materiais comunicativos? E quais as implicações práticas e conceituais para esses grupos e para a sociedade na produção de material midiático, cuja interpretação se faz pelo olhar e realidade dos sujeitos marginalizados? Em que esse processo pode contribuir para a análise teórica e metodológica da folkcomunicação?

A proposta deste artigo está em construir a análise por meio do objeto de estudo em folkcomunicação, a partir do pressuposto teórico do modelo funcionalista, delimitado por Luiz Beltrão. A prioridade é demonstrar o "processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideais, atitudes da massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore". (BELTRÃO, 2004, p. 47) E, ao mesmo tempo considerar que a análise não se fará sobre o folclore ou a cultura popular mas no processo de intercâmbio de informações.

Ao identificar os agentes-comunicadores, no qual Paul Lazarsfeld havia conceituado como líderes de opinião, Beltrão não se esquiva de mostrar, pela pesquisa empírica, como a ação e o discurso de progresso se distancia do efetivo beneficio para a realidade social dos marginalizados. O menosprezo dessa classe – embora o cientista Luiz Beltrão não tenha formulado uma teoria classista - se faz pela recusa em entender a oralidade como construção de identidade dos sujeitos

para relacioná-la com atraso da educação formal. A forma de expressão cultural passa a ser tratado como óbice para o irreversível progresso.

O problema fundante para Luiz Beltrão, no final da decada de 60, está em entender a articulação dos marginalizados em meio aos desafios das mudanças sociais, políticas e econômicas. E seguem-se os questionamentos: "se o indivíduo é analfabeto, como é que ele se informa? Se ele não vai ao cinema e se ele não tem televisão, como é que ele intercambia opinião?" (BELTRÃO, 2004, p. 114) O mergulho na memória em que identifica os companheiros gráficos, do clube do frevo, da história de lampião e todo o cenário transformado socialmente pelo progresso, somado a sua experiência de vida, leva o cientista Beltrão a construir o que denomina de folkcomunicação.

O principal aspecto dessa análise está em entender como Luiz Beltrão, ao mergulhar na realidade dos marginalizados, elabora o seguinte pressuposto: "se os grupos sociais se atualizam, reinterpretam e readaptam os modos de pensar e agir de forma a não ouvir as mensagens da grande mídia é porque no seu interior haveria de ter um processo comunicativo com métodos e técnicas semelhantes" (BELTRÃO, 2004, p. 42)

Os integrantes do terno Sainha permitem avançar neste horizonte teórico e metodológico do folkcomunicação: não se trata de entender como os sujeitos marginalizados se readptam às informações por meio da recepção. O contexto agora é como a leitura da realidade é produzida midiática ou orientada pelos agentes-comunicadores para aprofundar uma leitura crítica dos sujeitos sociais, alimentar a sociabilidade entre os integrantes do terno e edificar o sentido do presente.

2 – Conceituando o Congado

O Congado é uma expressão popular do Congo, no continente africano, trazida ao Brasil por meio da colonização. Inspirada no cortejo dos Reis e Rainhas Congo tem por objetivo agradecer aos seus governantes. Mantido por meio da tradição oral, essa manifestação é uma forma de reviver a vasta cultura africana submetida a violência física e simbólica ao longo da história. O poder religioso materializado no processo de cristianização teve como concepção provocar mudança na concepção de realidade de homens e mulheres tornados escravos, forçando-os a abandonar suas crenças, devoções, cultos e ritos religiosos. Mas, partindo da análise de Luiz Beltrão, os sujeitos objetivados pelo sistema tinham sua forma de se atualizar: se reuniam escondidos para dançar e cantar em louvor a santa protetora.

É desta contextualização histórica que podemos entender o "centenário" do terno de Congado Sainha, em Uberlândia. A análise de documento histórico e

depoimento do presidente do terno Sainha, José Eustáquio Marquez, mostra que esse é considerado o terno mais antigo da cidade. Trata-se do único terno de Congo que mantém uma estrutura tradicional e utiliza indumentária e instrumentos harmônicos tradicionalmente associados aos ternos de Congo. Os soldados utilizam "chapéu de coroa" e saiote azul sobre calça e camisa branca, com sapatos também brancos. As meninas utilizam vestido cor-de-rosa, meia-luva, adereços florais na cabeça e uma faixa saldando Nossa Senhora do Rosário. Os instrumentos utilizados são sanfona, viola, violão, cavaquinho, pandeiro, chocalho e três bitolas de caixa.

Um dos pontos essenciais para entender o propósito de produzir material midiático sob orientação de Eustáquio, agente-comunicador do Congo, está no objetivo de conscientizar os próprios integrantes do movimento para evitar o apagamento da história para as novas gerações. O problema é existencial no duplo sentido: os velhos fundadores do Terno estão morrendo e as novas gerações correm o risco de perder o fio que os liga à tradição pela falta de referência. É emergencial a necessidade de gravar os depoimentos e reviver a história e os conflitos de um passado que se apresenta como conflito a ser enfrentado no presente.

A indefinição histórica da data de fundação do Terno Sainha revela a ponta do problema do conflito entre a tradição oral e a tradição escrita. Há documento que identifica ser de 1934. Outro mostra que o terno Sainha foi fundado em 1950, por José Rafael. Neste último histórico, aponta-se que o quartel do terno funcionava na casa que residia com a mulher, Dona Abadia, na Rua Emília Saraiva. Quando Dona Abadia falece, o imóvel é vendido. Em seguida passa para a casa da Dona Creuza, no Bairro Saraiva. Ha outra versão: o terno surgiu com Elias Nascimento, fundador e um dos primeiros presidentes da irmandade. Entretanto, a tradição oral revela que o terno Sainha teve inicio em 1895, embora o agente-comunicador enfatiza a necessidade de encontrar documentos comprobatórios do final do século XIX.

Com cores branco e azul claro, o terno vivencia fiel às crenças e ressalta principalmente sua fé com o canto tradicional dos primeiros negros, tornados escravos, fazendo sempre referência à luta deste povo. Inicialmente o congo era conhecido como "terno dos saias", pois se trajava em homenagem a palha, material fundamental na vida dos povos africanos.

O ponto essencial deste rápido histórico está em entender como o "centenário" desta tradição oral se tornou, em 2012, projeto de extensão em desenvolvimento no curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da

Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E aqui surgem questões importantes que nos lançam neste mergulho teórico e prático: Qual a importância de desenvolver projeto de extensão com a proposta de reviver a histórial oral, para ser aplicada como teoria e metodologia, e narrar a ressignificação moderna e pós-moderna inscrita em um século de história do Congado em Uberlândia pelo terno Sainha? Como entender a atuação do agente-comunicador Eustáquio na produção de material audiovisual para consicentizar os próprios integrantes e assim evitar a perda do fio da história? De que forma a apropriação tenica acadêmica contribui para outro significado do processo comunicativo dos marginalizados, por meio da memória e revelação de documentos históricos datados de um século atrás?

Essas questões nos remetem ao mergulho conceitual histórico para entender como a cultura e a memória se tornam elementos fundantes para analisar a estrutura do terno de Congado Sainha em Uberlândia no contexto identificado como pós-modernidade. Anteriormente, é importante desvelar o que se conceitua aqui como pós-modernidade. A revolução provocada pelos movimentos sociais, na década de 70 do século passado, efetiva uma mudança filosófica na concepção de modernidade. A modernidade enquanto projeto de progresso social ao considerar o passado como atrasado, o presente com tensão e conflito a serem resolvidos e o futuro como espaço onde se efetivará todos os benefícios sociais passa a ser questionada em sua essência.

É diante desta mudança de construção de conhecimento que os sujeitos perpetuadores da cultura negra passam a estabelecer significado da existência. O passado torna-se o espaço de luta para se contrapor a violência física diante do diagnóstico histórico de homens e mulheres coisificados e tornados escravos. O presente, permeado pelo preconceito, oficializa um distanciamento econômico e de restrito acesso á educação, igualdade e aos benefícios do progresso. O futuro prometido e tão esperado deixa de ser tempo a ser atingido para o paraíso diante da descrença e o desencantamento com uma estrutura social determinista.

O movimento de ruptura com o futuro está diretamente relacionado à crítica estrutural de um sistema e ao seguinte diagnóstico: o discurso do futuro está sendo empregado como instrumento de poder de uma classe, cujo presente contínuo não só prossegue como aprofunda a objetivação de determinados segmentos sociais. Há ainda outro adicional: a valorização tecnológica, estendida para os meios de comunicação, indica uma suposta incompatibilidade de pensar a tradição em um período em que o símbolo do progresso está na convergência tecnológica. A cultura como tradição subscrita no conflito do passado toma significado de ser algo ultrapassado do período histórico presente. A escravidão é

remetida para a história de uma época, desvinculada de qualquer influência no presente, numa tentativa de descontextualizar os problemas atuais e ao mesmo tempo os decorridos no passado.

É mergulhado nesta defesa teórica e conceitual que em fevereiro de 2012 teve inicio o projeto de extensão intitulado "Revivendo a História Oral: desvelando um século de história do Congado Sainha" com a proposta de contribuir no campo da comunicação e cultura. Longe de considerar o debate como algo ultrapassado, a produção de sentido do terno Sainha em Uberlândia nos remete a entender o movimento histórico de valorização dos sujeitos no presente e de como os conflitos ocorridos no passado influenciam ou provocam novos significados nos espaços de sociabilidade desta manifestação cultural.

O aspecto importante para entender esse terno no contexto teórico de folkcomunicação está no objetivo do projeto extensivo: produzir um livro-reportagem e uma fotorreportagem narrando o movimento histórico da tensão e conflito de um século do terno Sainha em Uberlândia (MG). Por meio da valorização da memória de velhos participantes da história do Congado, o projeto irá provocar a análise crítica de determinadas temáticas que possibilitem visualizar a identidade dos sujeitos que constituem esta manifestação cultural.

Não se trata de um trabalho sobre o Congado movido de forma reducionista a entendê-lo como importante para a cidade somente por causa do desfile anual e por ser objeto para viabilizar o consumo por meio da atração turística. O sentido é preciso como bem cita Beltrão ao incorporar a análise de Gilberto Freyre:

> Pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir tantas e tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes. (BELTRÃO, 2004, p. 118).

Todo o material produzido no projeto de extensão será devolvido para a comunidade para ser utilizado como documento histórico sobre os valores dessa manifestação cultural. Pela importância da entrevista com velhos homens e mulheres, o aspecto essencial está em compreender como a memória subterrânea tem peso significativo neste novo contexto do processo comunicativo dos marginalizados.

3 - Memória Subterrânea

O segundo aspecto, teórico e metodológico, está na sistematização política dos sujeitos da memória. Na pesquisa e projeto de extensão que serão descritas neste artigo, o conceito de memória está sustentado na concepção de

memória subterrânea, de Michel Pollak (1989). Trata-se da memória dos integrantes das culturas minoritárias e dominadas que não foram ouvidas durante o processo de construção da história, e que se opõem à "memória oficial", essa memória criada para definir de forma universal a identidade da cidade.

Trabalhar com as memórias coletivas subterrâneas "que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio" (POLLAK, 1989, p.04) significa privilegiar os excluídos, os marginalizados e as minorias, oferecendo um novo ponto de vista da história e dos fatos sociais do passado, cuja referência "serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis." (POLLAK, 1989, p.09). Há uma defesa explícita de valorizar o sujeito marginalizado com o objetivo de possibilitar que sua voz seja amplificada do cotidiano para os meios de comunicação. O dizível produz novos significados sobre o passado e instaura, de forma problematizada, outros lugares para se analisar o presente.

O que implica conceitualmente valorizar o sujeito, e neste caso, o processo de intercâmbio de informação, pela memória subterrânea? A crítica está em ultrageneralizá-lo como passivo. Há de distinguir aqui a distorção contida nesta concepção de análise social. O tempo de silêncio do outro, submetido à violência e sem espaço para exteriorizar o sofrimento, longe de revelar sua fraqueza e aceitação integral do sistema, revela o campo de luta na qual tem de se mover por táticas. O indizível do sujeito marginalizado, ao deixar de ser exteriorizado, se torna elemento de conflito em seu interior.

Esse é o movimento de contestação do sujeito que o impulsiona em contraponto à uma lógica de poder na esfera midiática. E vem outra questão: por quanto tempo esse conflito se mantém interiorizado no sujeito até encontrar um ouvinte que possa confiar esse tesouro? Não há como precisar a emoção... O aspecto preciso é identificar o movimento do sujeito, por meio da memória coletiva, na complexa dinâmica relação de familiaridade e estranhamento do social.

Um dos elementos importantes na concepção de POLLAK é sobre o enquadramento da memória do outro marginalizado, hierarquizando a memória oficial. A análise do autor parte da concepção de que a mídia define uma forma de leitura e se efetiva como elemento de poder na formação da memória coletiva, por não apresentar todos os possíveis ângulos de um fato, 'enquadrando' aquela memória. Esse ato contribui para que uma versão prevaleça sobre as outras, tornando-se a 'memória oficial', enquanto as outras são silenciadas.

O debate sobre o enquadramento da memória tratado por POLLAK (1989) em "Memória, Esquecimento e Silêncio" se refere à seleção de fatos da memória como pontos de referência para as pessoas e a história, uma vez que esse trabalho depende do material fornecido pela história para existir. Não se trata da

simples e pura falsificação do passado, mas de seu rearranjo conforme a necessidade daquele grupo de manter a sua coesão interna e suas fronteiras, pois a memória não pode ser construída de qualquer maneira:

> O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; [...] esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. [...] o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos. (POLLAK, 1989, p. 09-10)

As imagens disseminadas na mídia sobre o Congado, em Uberlândia, são tema de análise e denúncia de integrantes dos ternos. A crítica é plausível. A reprodução do desfile anual é antecedida por simulacro: entrevistas descontextualizadas e poses dos integrantes ensaiadas diante das câmeras com a finalidade de serem transmitidas nos programas jornalísticos. Esse desrespeito é justificado pelos profissionais da mídia na necessidade de valorizar o curto tempo de divulgação. Um tempo econômico em total dissonância com o tempo cíclico da cultura popular. Mas essa justificativa vem sendo enfrentada.

A recusa de simular o desfile para uma cobertura jornalística alheia a todo preparo físico e espiritual dos sujeitos dos ternos de Congado tem se mostrado uma posição política de valorização da cultura popular. O Congado então se ressignifica no contexto de mudança pós-moderna e esse novo posicionamento tem de ser apresentado para o público a partir da vivência dos sujeitos. Essa é a essência da necessidade manifesta dos participantes do terno Sainha para a produção do livro e de fotorreportagem.

Trata-se de uma necessidade existencial: as novas gerações correm o risco de perder o fio da tradição que os liga ao passado. A morte de principais personalidades do terno Sainha, a falta de documentação escrita em uma comunidade cuja identidade se constrói pela oralidade são pontos que colocam em alarme histórico a transmissão e formação de valores do passado para o presente. Por outro lado, o presente renovado da geração do século XXI tem de entender os conflitos vivenciados pela experiência do outro. Esse mergulho valorativo no tempo é o elo que deve ligá-los historicamente na memória coletiva subterrânea.

O sujeito participante do terno então assume como sujeito histórico e incorpora para a sua realidade como memória coletiva. A luta contra o racismo na história deste um século se revela nas denúncias: ora pela marginalidade do escravo, ora pelo preconceito como negro, ora pela folclorização estática, ora

como atrativo turístico, ora como simulacro. Quais caminhos seguir no presente? Esse é o desafio dos movimentos sociais ao romper filosoficamente com o futuro. Nos erros e acertos de uma sociedade com hegemonia da comunicação, a construção de identidade perpassa pela problematização da memória coletiva.

4 - Análise Folkcomunicação

O terno de Congado Sainha pode ser entendido a partir de dois processos teórico-metodológico do folkcomunicação. O primeiro está na conceituação realizada por Luiz Beltrão ao identificar o processo mediador entre o sistema de comunicação massiva e os receptores das mensagens midiáticas no qual denominou como folkmidiático. Como nos conceitua MELO:

> Trata-se dos processos de comunicação popular, preservados pelas comunidades rústicas do Brasil rural e dos subúrbios metropolitanos (festas, folguedos, repentes, literaturas de cordel), que operam como recodificadores das mensagens da grande mídia. Eles não apenas reciclam a linguagem, mas intervêm no conteúdo das mensagens, reinterpretando-as, segundo os padrões de comportamento vigentes nesses agrupamentos periféricos". (MELO, 2008, p. 62).

O segundo, ponto privilegiado neste artigo, é o que se pode identificar como revitalização da Folkcomunicação como disciplina acadêmica:

> Os novos pesquisadores não se limitam a testar os modelos desenvolvidos por Beltrão. Ele privilegiou os autênticos processos folkcomunicacionais, bem como a folkmídia enquanto recodificadora das mensagens previamente veículas pelo mass media. Agora, a pesquisa segue fluxo inverso. Procura desvendar de que maneira a Folkcomunicação atua como retroalimentadora das indústrias culturais. Seja, pautando matérias jornalísticas, gerando produtos ficcionais, embasando campanhas publicitárias e de RP ou invadindo os espaços de entretenimento . (MELO, 2008, p. 63)

Há de acrescentar outro item importante nesta revitalização do Folkcomunicação. A comunicação dos marginalizados agora investe na produção de documentários como recurso para estruturar a sociabilidade entre os velhos e a nova geração e para transmitir novo significado da mensagem em contraponto ao disseminado pelo massivo. Em 2010, o atual presidente do terno Sainha, o

agente-comunicador José Eustáquio Marquez, produziu um DVD com 19 músicas do Congo Sainha. O título de alguma cancções sinaliza a questão temporal do Congado: "Nossa Senhora Ficou Admirada"; "Cantando a saudade do terno Sainha"; "A Coroa do reio Tombou"; "O mundo está diferente"; e "Adeus Camarada".

Cada música tem um significado revelado, pelo agente-comunicador, no making off do vídeo. Na canção 12 intitulada o Mundo está diferente a composição segue com a letra repetida na batida dos instrumentos: "Oh gente, o mundo está diferente. O cravo brigou com a rosa e a rosa ficou doente". Por trás da melodia simples está, no reforço da cantoria, identificar os conflitos nesta sociedade: brigas, cíumes, diferenças e amor. E assim os conflitos de cem anos de existência se materializa no significado das composições. O respeito a natureza como resposta à destruição imposta por uma sociedade cujo progresso se mergulha no domínio e na exploração do verde.

Há outra letra cujo significado está em entender a jovem que chora diante do fim da festa do Congado. A mensagem é que ela se defronta com uma realidade alheia a alegria. Pois participar do Congado é expressar o sentimento de viver em um mundo no qual o sujeito constrói a identidade. As relações estabelecidas no desfile permitem interiorzar o pertencimento e socializar a memória coletiva. O choro da morena também indica o confronto inevitável à desigualdade da qual os marginalizados combatem como cotidiano em sua existência. A festa acabou. E embora a manifestação permanceça pulsando em seu interior, o espaço exterior impossibilita materializar esse estado ciclico da alegria.

Em outra música, o mundo está diferenete não só porque onde havia carros de boi agora passam automóveis. O mundo está diferente porque é necessário lutar para que os sentimentos passem a ser elemento essencial da existência coletiva. A vida deve ser tratada como festa vivenciada no Congado. Mas o negro, esse descendente afro-brasileiro, traz na alma a esperança da liberdade. A liberdade como transformação do presente, não mais estabelecido pela utopia do futuro. E as canções vão disparando significados interpretados pelo agente-comunicador Eustáquio. A religiosidade como fundante na afirmação da fé dos integrantes do Terno em acreditar na transformação política do presente.

É importante revelar que a produção do DVD faz parte do projeto desenvolvido pelo agente-comunicador José Eustáquio intitulado **Resgatando a história do Congado Sainha,** iniciado em 2007. O projeto teve inicio com palestras de formação sobre a história do Congado e o significado dessa manifestação cultural no presente. A gravação do DVD, como se estivem no desfile

realizado anualmente, tem o objetivo de aproximar da realidade mesmo incorrendo no paradoxo: a luta pela ressignificação cultural se faz em imagens descontextualizadas em contraponto ao simulacro da grande mídia. A proposta é que um novo DVD com outras canções do Congado seja produzido para incorporar o material informativo às novas gerações.

É no interior deste projeto para resgatar a história do Congado Sainha que a produção de livro-reportagem e fotorreportagem desenvolvido na universidade se faz essencial. O ponto principal está nas delimitações temáticas que devem explorar o sentidos do passado e do presente. O trabalho de produção midiática envolve entrevista com velhos integrantes do terno, por meio da memória, para identificar e narrar a história das principais personalidades do congado sainha para serem transmitidas ás novas gerações. Entre outros temas estão: mergulhar nos documentos históricos e memória de velhos participantes para desvelar esse um século do terno; entender como um dos principais atores negros, Grande Otelo, ao ser homenageado em Uberlância, em 1978, provocou o mergulho na identidade dos sujeitos por meio da emoção; analisar a contribuição política para o desenvolvimento de Uberlândia, especificada aqui na atuação de integrantes do terno em relação ao legislativo e executivo; e debter a contribuição do terno na Educação e formação de jovens, com enfoque para a inclusão social e vinculação com a lei 10639/2003.

Há outros aspectos relacionados à cultura e ao relacionamento dos participantes. Entre eles estão a análise da construção de Identidade do terno articulado com as diferentes famílias. A proposta é mostrar o contraponto entre a idealização do Congado e como a geografia contribui ou dificulta para efetivar espaços de sociabilidade. A musica, outro item, será analisada a partir do vinculo com a ancestralidade e de entender quais são as referências na proposta de composição. A dança, será entendida como comunicação do corpo que se efetiva por meio da ancestralidade, coreografia e expressão. E há duas temáticas com análise sobre a forma de expressão da cultura popular diante do massivo no contexto de hegemonia da comunicação: A Festa do Congado: importância e confronto com o processo de massificação e exibição turística; e Cultura Popular: o cotidiano como valor presente na contextualização histórica de modernidade e pós-modernidade.

5 - Considerações

Quais as implicações práticas e conceituais para o Terno Congado Sainha e para a sociedade na produção do DVD, livro-reportagem e fotorreportagem como material midiático e educativo orientado por projetos desenvolvidos pelos

sujeitos marginalizados? A problemática lançada no início deste artigo tem a proposta de identificar outos movimentos em que é possível analisar metodologicamente a importância do agente-comunicador, os novos meios e a busca de outras técnicas para folkcomunicação. O processo de intercâmbio de experiência toma forma cumulativa: a dança, o canto, a música, a ancestralidade prossegue a irromper como tradição oral, mas agora revitalizada pela produção de documentário, com a tradução do agente-comunicador do significado do passado e do presente do Congado. Essa metodologia tem o objetivo de confrontar ao reducionismo ideológico do massivo.

O processo de intercâmbio de experiência passa a se utilizar das tecnologias disponíveis com a função de sedimentar a sociabilidade entre seus integrantes. Mas o uso da tecnologia está distante de ser confundido como perda de criticidade ao determinismo econômico provocado pelo discurso e prática do progresso irreversível. A realidade dos marginalizados é tema constante de reflexão porque se reconhece que o preconceito histórico prossegue. A luta para ser reconhecido na sociedade é para que a cultura não seja desfigurada como simulacro. A cultura tem de ser vivenciada como ressignificação da luta história dos sujeitos marginalizados na construção política e educativa do país.

A comunicação dos marginalizados perpassa pela valorização da memória subterrânea de velhos moradores. Diante de uma cidade que se refaz em sentidos, o significado socio-cultural deve ser desvelado para as novas gerações não perderem o fio da tradição. Essa é a emergência explícita no projeto desenvolvido pelo agente-comunicador José Eustáquio: a ruptura com o passado, traduzido como distanciamento entre memória coletiva de velhos e memória hábito (ligada as preocupações do presente) dos jovens produz uma suspeita iminente de se perder a essência da expressão cultural caso permaneça restrito a tradição oral. É preciso novos suportes para a memória.

Neste movimento, os marginalizados se preocupam em produzir material midiático para sua existência social. Os novos meios para manter a tradição vem com o diagnóstico de que é necessário encontrar outras parcerias para o domínio de técnicas seja de gravação, seja para entrevista. A universidade como espaço crítico do social passa a atuar com a leitura de valorizar os sujeitos na dinâmica da cultura popular. As implicações desse movimento é pluralizar a leitura da realidade por outros setores sociais. A luta pelo reconhecimento da importância do passado e dos conflitos no presente passam por novas instâncias. O confronto ao massivo se dá pela produção midiática.

A suspeita da eletização universitária é enfrentada da melhor forma possível: em de vez de ser visitado constantemene para ser objeto de apropriação de trabalho acadêmico, o agente-comunicador suberte essa lógica. O projeto de extensão na UFU se torna continuidade do projeto dos marginalizados iniciado em 2007. Não se trata mais de curiosidade acidental para receber visitante. O

significado do Congado se estrutura, como tática e estratégia folkcomunicativa, na tensão e conflito do ser plural da universidade. Trata-se de outra dinâmica, complexa, na produção de sentido no presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** Teoria e Metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

_____ . **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CONGO SAINHA (MG). Uberlândia (MG): Fundação Cultural palmares – Ministério da Cultura, 2010. DVD.

CONGADAS em Rio Parnaíba (MG). Uberlândia (MG): Fundação Rádio e TV Educativa de Uberlândia. TV Universitária, mar. 2004. DVD.

HOHLFELDT, Antônio. Novas Tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. **PCLA**, v. 4, n. 2, jan. fev. mar. 2003. Disponível em:
<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista14/artigos%2014-1.html>

MELO, José Marques de. **A batalha da comunicação**. Sorocaba (SP): Eduniso, 2008.

_____ . Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de folk-comunicação no Brasil, **Revista Latina de Comunicación Social**, ano 2, 21 set. 1999.

OLIVEIRA, Marcelo Pires de. A Transmissão dos Saberes das Figueiras de Taubaté, Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de janeiro, v. 5, nº 10,1992, p. 200-215.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de janeiro, v. 5, nº 10,1992, p. 200-215.

_____ . **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do indizível ao dizível. IN: SIMSON, Olga de Moraes von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

REIS de Contas. Uberlândia (MG): Projeto Encantar de Uberlândia, 2003. DVD (54 min).

SCHMIDT, Cristina. **Cultura Popular e Múltiplas Mídias**: a comunicação do público jovem, Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Set. 2010.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. O Ativista midiático da rede folkcomunicacional, **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2006.
Disponível em:
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-ativista-midiatico.pdf>

VON SIMSON, Olga de Moraes. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.) **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação**. Coleção Memória da Educação.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

PETROBRAS E CTBC TELECOM NAS MÍDIAS SOCIAIS: PROPOSTAS ESTRATÉGICAS PARA PLATAFORMAS DIGITAIS DE COMUNICAÇÃO

Natália de Oliveira Santos[54]
Anna Paula Castro Alves[55]
Mirna Tonus[56]
Marcelo Marques Araújo[57]

Resumo

O presente artigo discute o papel da comunicação organizacional e assessoria de imprensa no gerenciamento da imagem de empresas. Além disso, reflete sobre a utilização da internet como forma de ganhar visibilidade e divulgar a identidade empresarial. Visa a abordar de que forma as organizações CTBC Telecom e Petrobras exploram recursos disponíveis na internet, mais precisamente nas mídias sociais Facebook e Twitter, identificando estratégias de comunicação adotadas por suas equipes de assessores nesses meios. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a análise de mídias sociais. Este trabalho está relacionado a duas monografias que se desenvolverão ainda este ano.

Palavras-chave: Comunicação organizacional, assessoria de imprensa, mídias sociais, internet.

Introdução

A comunicação é instrumento de grande auxílio para a gestão dos diversos departamentos empresariais. Em se tratando especificamente dos cuidados com a imagem e a identidade, as organizações passaram a investir cada vez mais em recursos que viabilizam a construção de discursos e o diálogo com seus *stakeholders*, principalmente seu público externo, responsável por adquirir produtos e gerar lucros.

---

54 Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da FACED - UFU, email: nataliasantoscs@hotmail.com
55 Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da FACED - UFU, email: annapaulacastroalves@hotmail.com
56 Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: mirna@faced.ufu.br
57 Coorientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social : habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, email: mmaraujo@faced.ufu.br

Para gerenciar a identidade e as relações estabelecidas pela empresa, existe o setor de assessoria de comunicação organizacional que se destina a produzir conteúdos específicos para promoção da imagem, da marca e dos produtos. A assessoria de imprensa é parte integrante deste setor e se encarrega de cuidar das relações da organização com a mídia e com o público externo. Ela trabalha para produzir informações que podem ser veiculadas em diversas mídias, contribuindo para visibilidade da empresa e também para coordenar a comunicação em situações de crise.

Com o surgimento da internet, outros recursos começaram a ser explorados de maneira a beneficiar o desenvolvimento da comunicação organizacional. A partir da frequente utilização das mídias sociais, as relações estabelecidas entre empresas e clientes no mundo virtual se intensificaram. Desse modo, as mídias sociais são exemplos de ferramentas que na era virtual conquistaram a atenção de assessores que buscam estabelecer comunicação estratégica com seus *stakeholders.* Por meio delas as empresas podem: trabalhar sua imagem, realizar propagandas, monitorar o que está sendo dito sobre elas, divulgar produtos, interagir com seus consumidores, realizar atendimentos, tirar dúvidas; enfim, podem realizar muitas ações que contribuem para sua imagem e, consequentemente, para seus negócios.

Este uso recorrente das mídias vem sendo feito por organizações tanto privadas quanto públicas. Sendo assim, estudar o uso tais instrumentos nos leva a entender que tipo de comunicação as empresas têm procurado estabelecer com seus públicos. Selecionamos para análise os perfis das mídias sociais Facebook e Twitter das empresas CTBC Telecom e Petrobras, organizações que exploram tais recursos e que realizam estratégias diversificadas nas redes.

1 Assessoria de imprensa nas organizações

A comunicação como mecanismo de apoio é essencial em qualquer ambiente. Pois, através dela é que os relacionamentos sociais são gerados e a interação atinge níveis globais. Comunicar-se é um hábito que antecede a fala e que passou por inúmeras transformações ao longo dos anos, como a trasformação da comunicação simbólica pela comunicação oral. Essas mudanças não eliminaram uma ou outra forma de se comunicar, mas apenas agregaram variáveis comunicacionais que se complementam até os dias de hoje. É possível afimar ainda como salientam Duarte e Monteiro:

> A Comunicação não significa apenas circulação de informação mas também relacionamento. Assim, tanto

> quanto conhecer os produtos informativos, é relevante conhecer os processos interacionais. A comunicação é um processo de múltiplos canais, cujas mensagens se reforçam e se controlam permanentemente em um determinado contexto. Lidar com comunicação é trabalhar com estruturas padrões, fluxos de informação e processos de interação, assim como com motivação, influência e credibilidade. (2009, p.339)

A comunicação exerce papel de extrema importância em empresas e instituições. Por esse motivo, profissionais de relações públicas, jornalismo e publicidade ganharam espaço nas organizações para desempenhar atividades ligadas à assessoria de comunicação.

> Entre os objetivos gerais da comunicação social apontam-se: projetar um conceito adequado das organizações perante seus públicos, consistente com suas políticas, crenças e valores; criar, manter e desenvolver formas de comunicação que contribuam para a melhor operacionalidade dos sistemas e das atividades; desenvolver harmoniosamente o espírito de equipe; projetar junto a centros irradiadores de opinião e poder o pensamento ideológico da organização; acompanhar e influenciar o meio ambiente, criando e desenvolvendo representações junto aos poderes institucionais do país (TORQUATO, 2010, p. 25).

No ambiente empresarial a comunicação é uma das estratégias que promovem a eficácia dos relacionamentos internos, entre os colaboradores, e os externos, entre os *steakholders*. No âmbito organizacional, a comunicação é dividida por setores, que cuidam separadamente das áreas de influência da comunicação da empresa. Ao setor de publicidade e marketing é destinado o papel de criar estratégias comerciais de propaganda e vendas, ao de relações públicas juntamente com o de jornalismo ou assessoria de imprensa, a manutenção da imagem da empresa e o seu relacionamento com a imprensa em suas diversas mídias de apoio. Para Mafei (2008, p. 52) "o assessor de imprensa não só executa, mas planeja. Não só cumpre ordens, mas influencia nas decisões

de uma organização. Define também a linha de discurso da instituição e seus dirigentes." Além disso, a assessoria de imprensa consiste em:

> Serviço prestado a instituições públicas e privadas, que se concentra no envio frequente de informações jornalísticas, dessas organizações, para os veículos de comunicação em geral. Esses veículos são os jornais diários; revistas semanais, revistas mensais, revistas especializadas, emissoras de rádio, agências de notícias, sites, portais de notícias e emissoras de tevê (MANUAL, 2007, p.7).

Mafei (2008, p. 39) explica: "Tornou-se necessário intensificar o fluxo de informações entre os meios de comunicação e a sociedade, facilitando o acesso dos jornalistas aos clientes e auxiliando os mesmos a ter um canal de comunicação aberto com a imprensa". Sendo assim, observamos que as grandes organizações têm se preocupado em ter como parte de seu quadro de funcionários, principalmente jornalistas, para que estes cuidem dessa forma de relacionamento entre a empresa e a mídia.

Com relação à manutenção da imagem da organização e de sua reputação perante a sociedade, cabe a assessoria de imprensa a criação de meios de relacionamento com o público nos meios em que este se faz presente. O papel do assessor de imprensa em uma empresa vai além da produção de releases e do atendimento à imprensa. O assessor é quem faz a manutenção das relações da organização com seu público em todos os meios. Como acrescenta Kunsch:

> No contexto da comunicação institucional, a assessoria de imprensa é uma das ferramentas essenciais nas mediações das organizações com o grande público, a opinião pública e a sociedade, via mídia impressa, eletrônica e internet. Seu processo e sua aplicação se dão por meio de estratégias, técnicas e instrumentos pensados e planejados com vistas na eficácia. (2003, p. 169)

Além disso, é importante ressaltar que as estratégias de comunicação criadas com intuito de beneficiar a imagem da empresa perante o público, devem sempre ser adequadas ao meio em que este público se encontra.

A imagem organizacional pode ser definida pelo modo com que a empresa é vista e percebida por seu público, suas funções na sociedade e o que ela

representa, isso geralmente está ligado aos serviços que ela presta. Indo a este encontro Almeida (2009, p. 227), fazendo uma adaptação de Kennedy (1977, p. 163) acrescenta a definição de imagem elaborada por Winick (1960) "A imagem de uma organização é o resultado final das experiências, recordações e impressões de uma pessoa acerca da organização. Está relacionada diretamente a como o indivíduo percebe a organização."

A reputação organizacional está diretamente ligada à imagem organizacional e também às estratégias comunicacionais criadas pelo setor de comunicação em todos os meios em que a informação da empresa é veiculada. De acordo com Almeida:

> Para que se estabeleça um processo de gestão eficaz da reputação, a organização deve monitorar quatro importantes aspectos que determinam suas relações a percepção dos stakeholders externos; o alinhamento dos empregados à estratégia organizacional; a cobertura da mídia; e as mensagens corporativas produzidas e veiculadas (2009, p.234)

As mensagens produzidas e veiculadas representam um aspecto essencial na manutenção da reputação de uma organização, além disso, ela é parte indissociável das estratégias do processo de comunicação:

> Somando-se às ações gerenciais, uma política de comunicação eficaz pode contribuir significativamente para criar e sustentar a reputação. Observa-se que, mediante o processo de comunicação, a organização demonstra habilidades, competências e conhecimentos específicos que poderão lhe garantir posição diferenciada (ALMEIDA, 2009, p. 235)

Levando em consideração, a necessidade de adaptação das estratégias de comunicação de acordo com os meios, e que o trabalho se propõe avaliar a presença da CTBC Telecom e da Petrobras, bem a utilização das mídias sociais por essas empresas, é possível conceituar essas mídias de acordo com Recuero:

> O que muitos chamam de "mídia social" hoje, compreende um fenômeno complexo, que abarca o conjunto de novas tecnologias de comunicação mais participativas, mais rápidas e mais populares e as

> apropriações sociais que foram e que são geradas em torno dessas ferramentas. É um momento de hiperconexão em rede, onde estamos não apenas conectados, mas onde transcrevemos nossos grupos sociais e, através do suporte, geramos novas formas de circulação, filtragem e difusão dessas informações. (2011, p. 14)

Em consonância a este pensamento e considerando o uso das mídias pelas empresas Freire salienta:

> As empresas privadas e a sua comunicação organizacional não podem deixar de se inserir nesse ambiente ou ignorar as suas práticas. Organizações privadas com fins lucrativos podem se beneficiar ou se prejudicar dependendo da sua atitude em relação aos usos que fazem (ou deixam de fazer) dessas ferramentas. (20?? p. 4)

Desse modo, concluímos que a relação entre a organização e as mídias sociais depende essencialmente das estratégias de comunicação externa criadas para suprir as necessidades dos usuários dessas mídias, clientes usuais ou clientes em potencial.

As possibilidades de utilização de mídias sociais pelas empresas são inúmeras, dentre elas o compartilhamento de conteúdo, promoções, venda de produtos, atendimento aos clientes, e manutenção da imagem.

A comunicação eficiente é imprescindível para o bom funcionamento de uma empresa, assim como relacionar-se com cada público, entendendo o seu meio e adaptando às estratégias. Para Duarte e Monteiro:

> São muitos os desafios e as possibilidades da comunicação. Afinal, ela está em todos os processos da organização. A comunicação é a energia que circula nos sistemas e a argamassa que dá consistência à identidade organizacional. Ela é o oxigênio que confere vida às organizações. Está presente em todos os setores, em todas as relações, em todos os fluxos de informação, espaços de interação e diálogo. É consenso que uma boa

> comunicação e um bom uso da comunicação são capazes de qualificar práticas gerenciais, melhorar o desempenho operacional, promover mudanças significativas nas múltiplas relações da instituição com os seus diversos públicos e agregar valor a organização (2009, p. 334).

Muitas empresas já criaram métodos de adaptação às mídias sociais, considerando-as possíveis aliados para entender o comportamento dos consumidores. Desse modo, as organizações que aderem essas mídias, tornam estas partes de suas estratégias de comunicação.

2 Estratégias de comunicação na Internet

Com os avanços tecnológicos e a criação da internet, surge aí uma nova possibilidade para disponibilização de conteúdo e diálogo. A rede se tornou uma plataforma indispensável para os negócios na atualidade.

> A Internet está transformando a prática das empresas em sua relação com fornecedores e compradores, em sua administração, em seu processo de produção e em sua cooperação com outras firmas, em seu financiamento e na avaliação de ações em mercados financeiros. Os usos adequados da internet tornaram-se uma fonte decisiva de produtividade e competitividade para negócios de todo o tipo (CASTELLS, 2003, p. 56).

Além de facilitar transações comerciais, por meio dela, pode-se trabalhar a imagem da empresa, estabelecendo contato direto com clientes e fornecedores por meio de sites, mídias sociais, blogs, entre outros. Baroni (2011) comenta que as empresas tem que começar a participar desses meios virtuais para estabelecer contato com seu público consumidor. Para a autora este diálogo estabelecido é mais eficiente do que somente investir em propaganda. “Com a presença on-line, a empresa viabiliza a conversa, a troca de informações, as críticas e opiniões” (BARONI, 2011, p. 71).

Utilizar as ferramentas virtuais de comunicação exige a mesma seriedade com que se trabalha em outros meios, pois, uma vez que um material é divulgado na web, não se tem mais o controle de quem irá acessá-lo. O nome e a marca da

empresa são carregados de uma simbologia que remete aos produtos certa credibilidade e, por isso, devem ser trabalhados na internet com responsabilidade e atenção.

> Um dos maiores patrimônios da organização é constituído pelo seu nome, pela marca dos produtos e pela imagem que projetam. (...) Uma empresa ou um produto, pertença ele à categoria de bens de consumo ou à de bens duráveis, possui uma identidade e uma imagem. Ao se comunicar com os consumidores, uma empresa está levando a mensagem de seu nome. E quando adquire um produto, na verdade, o consumidor está adquirindo o conceito globalizante de identidade e imagem (TORQUATO, 2010, p.103).

O trabalho da identidade de uma organização deve ser feito observando o público que se deseja atingir. Para cada espécie de *stakeholder*, há meios mais eficazes de representação da empresa no espaço virtual.

> As empresas possuem uma marca, na qual a identificam perante seus consumidores. Além da marca, o discurso/linguagem utilizado em suas peças de publicidade etc. também influencia na sua imagem diante dos seus públicos. Convém ressaltar que nas redes, os usuários são atraídos por esse conjunto que representa a empresa; eles transferem a identificação pela empresa real para a virtual (BARONI, 2011, p.74).

Um recurso muito usado atualmente são as mídias sociais. As mídias sociais e as redes mediadas por elas na internet têm sido exploradas no intuito de gerar uma aproximação maior dos públicos externos à empresa. Uma das vantagens oferecidas por esses meios é a dinâmica da interação. Além de visitar perfis e comunidades referentes às organizações, os públicos podem também criar e compartilhar conteúdos fazendo menção a essas empresas, contribuindo para elas ganhem visibilidade.

3 CTBC Telecom e Petrobras: A presença de empresas públicas e privadas nas Mídias Sociais

3.1 Petrobras

A Petrobras, empresa brasileira de energia e gás, que tem como sócio majoritário o governo federal, é uma dessas organizações que investem nas possibilidades oferecidas pela rede mundial de computadores. Possui sites, blog, perfis em mídias sociais e uma equipe de assessores que utilizam esses recursos para divulgar suas ações e promover sua imagem.

Em se tratando especificamente das mídias sociais, a Petrobras está presente em redes como o Facebook e o Twitter. No Facebook, a empresa possui quatro páginas, cada uma voltada para divulgação de conteúdo diferente: a "Petrobras", a "Energia das Torcidas", a "Compacto" e a "Petrobras De carona com elas".

A página intitulada apenas de Petrobras é a de caráter geral, que divulga todos os tipos de informação sobre a organização, seus projetos, seu desenvolvimento econômico, eventos culturais e projetos que ela apoia, vídeos institucionais ou explicativos sobre assuntos ligados à empresa, entre outros. Algumas postagens são releases publicados no blog da empresa, o "Fatos e Dados".

Esta página principal possui fotografias de um dos projetos da organização que contribuem na divulgação de suas ações e produtos, a campanha "Etanol Sem fronteiras", na qual a Petrobras convidou dois jovens a viajarem por quatro estados brasileiros, percorrendo cerca de 4000 quilômetros. Com a viagem dos jovens foi produzida uma série que mostra tudo sobre a produção do biocombustível etanol. Esta série também virou uma espécie de guia da página "Petrobras". Entre as fotografias dos álbuns da página também se encontram cartazes de eventos patrocinados pela organização, imagens publicadas no mural, fotos da capa e do perfil da empresa (em sua maioria logomarcas e imagens que trabalham as cores da empresa, o verde e amarelo).

A página "Petrobras" permite que o internauta acesse o canal do Youtube da empresa e assista os vídeos publicitários, institucionais e de projetos. Há ainda na página o Álbum de Biomapas, é como um álbum de figurinhas online em que o usuário vai conquistando figurinhas para completar o mapa da biodiversidade e, ao mesmo tempo, acaba aprendendo sobre a fauna e a flora de vários ecossistemas. O álbum possibilita interação entre os usuários. Eles podem trocar figurinhas entre si e observar o tamanho das coleções uns dos outros. Este álbum faz parte do projeto Biomapas da Petrobras, que tem função educativa visando a aprendizagem sobre a biodiversidade.

"Energia que move o mundo" foi um concurso cultural de fotografias feita pela empresa, mais ao início desse ano, em que os participantes de qualquer parte do Brasil enviavam imagens do que para eles representava a energia que movimentava o planeta. Existe na página Petrobras um link que redireciona para a página da rede social Flickr onde estão disponíveis as fotos vencedoras desse concurso e de projetos da organização.

"Por dentro da tecnologia" é outro recurso informativo existente na página. Uma reunião de vídeos que contam sobre os profissionais que trabalham com a geologia, a exploração do pré-sal, como nossa vida é movida pela tecnologia, como será o clima no futuro; ambos relacionados com as ações desenvolvidas pela Petrobras que tem ligação com os temas. "Podium Game" é um jogo que está na página mas ao tentarmos entrar o mesmo não é carregado.

Esta página possui muitos recursos e é a que tem um número maior de pessoas que curtiram. Ela faz ligação com vários recursos que a empresa explora para divulgar ações e ganhar visibilidade, como o canal no Youtube, no Flickr e postagens do blog "Fatos e Dados". Além disso traz informações em vários formatos e formas de entretenimento como concursos culturais e o álbum de figurinhas online.

As páginas do Facebook "Energia das Torcidas" e "Compacto" são projetos especiais desenvolvidos pela Petrobras. A "Energia das Torcidas" apresenta informações sobre os eventos do futebol brasileiro. Nela são postadas informações sobre as rodadas dos campeonatos, os times que irão jogar, os que estão à frente na disputa, charges sobre futebol, entre outras. Os álbuns de fotografias dessa página reúnem além das imagens publicadas no mural, imagens de aplicativos do brasileirão, de torcedores, times, jogadores e ex-jogadores. Nesta página também há um aplicativo chamado Copa das Charges, o qual permite que os internautas criem suas charges online e participem de uma competição que irá selecionar um vencedor para ganhar um prêmio: um passeio de helicóptero sobrevoando o estádio e camarote para a final da Copa Brasil, além de sortear alguns kits.

Outro aplicativo da "Energia das Torcidas" é o Brasileirão Petrobras, que apresenta informações sobre o campeonato, como: classificações, tabelas de jogos, vídeos de torcidas. Os tweets do "Energia das Torcidas", identificados no Twitter apenas como @todastorcidas, também podem ser visualizados na página do projeto no Facebook. Há ainda na "Energia das Torcidas" vídeos com torcidas de times e episódios de uma série intitulada de "Os Valores do Futebol". Na página há realizações de promoções, como a Arquibancada Petrobras, realizada no ano

passado e permite visualizar quem foram os ganhadores da mesma.

A página "Compacto" no Facebook faz parte de um projeto de mesmo nome que visa divulgar a música brasileira, promovendo encontros entre músicos e cantores variados. Ela traz postagens com vídeos, textos e imagens sobre cantores, músicas, encontros promovidos pelo projeto. Os encontros podem ser conferidos através das imagens dos álbuns de fotos e dos vídeos postados na página na guia "Nossos Encontros".

A quarta página ligada à Petrobras no Facebook é a "Petrobras de Carona com Elas". encontrada através de uma busca na rede social. É uma página onde são postadas informações sobre as mulheres que estão ao volante, mulheres motorizadas, histórias de algumas delas, informações sobre o trânsito. As fotografias da página trazem cartazes de campanhas feitas pela empresa no Facebook, como a campanha de conscientização no trânsito no dia internacional da mulher e a surpresa que algumas mulheres receberam ao abastecer em um dos postos da Petrobras nesse dia.

A página tem um game chamado Estacione Bonito, através do qual as mulheres podem testar suas habilidades em estacionar um carrinho com as setas do teclado. Há ainda um teste chamado "Que Placa é Essa?", para que as mulheres testem seus conhecimentos sobre as placas de trânsito e, no momento, um concurso cultural em andamento, chamado de "Só Podia ser Mulher", onde as mulheres assistem vídeos de uma série produzida e ao final de cada episódio responde uma pergunta.

No microblog Twitter existem cinco perfis ligados diretamente à Petrobras: o do Blog Petrobras, o do projeto Compacto, o do projeto Energia de todas as torcidas, o da Agência Petrobras e o Petrobras_RI. Assim como no Facebook, cada um desses perfis tem um intuito diferente.

O Blog Petrobras (@blogpetrobras) é o perfil do blog "Fatos e Dados" e divulga ações e informações da empresa redirecionando o internauta para os releases publicados no blog. Também publica informações referentes a outros projetos da empresa e realiza promoções para os seguidores. No Twitter esse é o perfil geral que representa a empresa e o que possui o maior número de seguidores.

O perfil do projeto Compacto (@sigacompacto) traz informações a respeito desse projeto, dos encontros musicais realizados entre artistas, principalmente através de vídeos postados no Youtube.

O "Todas torcidas" (@todastorcidas) é o perfil do projeto A Energia das torcidas, e apresenta informações sobre os eventos do futebol brasileiro. Informa

sobre os jogos das rodadas, lança perguntas na rede sobre quem levará a melhor nas disputas e quais torcidas estão se destacando, divulga promoções, entre outros.

O "Agência Petrobras" (@agpetrobras) é o twitter de relacionamento com a imprensa, da assessoria de imprensa, que divulga os releases publicados no site da organização, e traz informações em forma de tweets também.

Já o "Petrobras_RI" (@petrobras_RI) é um perfil dedicado especificamente a tratar dos relacionamentos da organização com seus investidores. Publica informações que também estão presentes no site da empresa, mais especificamente na guia dedicada aos relacionamentos com investidores. Posta relatórios, notícias sobre lucros, altas, cotações, reajustes, entre outras.

Como podemos perceber, a Petrobras investe bastante em mídias sociais. Faz uso dessas ferramentas para divulgar ações, propagandas, realizar promoções e concursos culturais, publicar releases. São diversas estratégias de comunicação adotadas pela empresa nas redes. Uma boa ideia de seu grupo de assessores foi desenvolver perfis diferentes nas mídias para trabalhar com públicos que também são diferenciados.

Por meio do Facebook, além da página de informações gerais, ela dialoga com amantes de futebol, da música brasileira e com as mulheres que dirigem e que, são possíveis consumidoras de combustível da empresa. Algo interessante feito pela empresa foi o desenvolvimento de aplicativos e jogos, o que pode manter os internautas por mais tempo nas páginas pois, são formas de entretenimento e que remetem sempre aos produtos, ações ou à imagem da empresa.

Pelo Twitter há o peril geral, no caso o do Blog da organização, mas foram criados perfis estratégicos, como o de comunicação direta com investidores e o de comunicação com a imprensa. Existe também no microblog perfis para os projetos de música e futebol, ambos voltados para públicos específicos.

Esta exploração das redes sociais pela Petrobras pode servir de exemplo para outras empresas. O compartilhamento de conteúdo feitos nas mídias utilizando de outras ferramentas virtuais da organização também são exemplos de estratégias de comunicação adotadas. Nos perfis dessas duas redes sociais são divulgados materiais publicados também no canal do Youtube, no Flickr, no blog e também no site da Petrobras.

3.2 CTBC Telecom

A CTBC Telecom (Companhia de Telecomunicações do Brasil Central) é uma empresa privada de telefonia fixa, móvel, internet e TV por assinatura, com sede base em Uberlândia, Minas Gerais. A empresa faz parte do Grupo Algar composto por mais oito empresas das mais diversas áreas, entre elas telecom, agronegócios, serviços e turismo. No cenário uberlandense a empresa tem um papel importante no que se refere a telefonia fixa e móvel, Internet e TV por assinatura. Esta empresa assim como a Petrobras também está inserida na Internet, esta inserção não se limita apenas no site intitucional da organização, nota-se também a presença da mesma em algumas mídias sociais.

Após a pesquisa realizada nas mídias sociais Twitter e Facebook, notou-se que a organização está presente em ambas, sendo assim o objetivo é descobrir como esta empresa utiliza essas mídias sociais. Vale ressaltar que em função das inúmeras possibilidades que estas mídias permitem, a empresa não se faz presente apenas através de páginas, mas também através de grupos de funcionários e aplicativos. As páginas são a CTBC, CTBC Telecom e Algar Telecom; os aplicativos, o CTBC Responde e o CTBC TV.Os grupos de funcionários são variados por setores como o Galera Cooperativa/ ENGESET/ ACS – Serviços CTBC, Algar Telecom (CTBC), CDS Algar Telecom, e o CTBC.

Em relação ao Facebook, a organização se faz presente de forma oficial em três páginas, tomaremos os aplicativos e os grupos como formas de utiização dessa mídia pela empresa. A página "CTBC" é utilizada para divulgação de publicidade e promoções, bem como a divulgação do conteúdo da TV à cabo. São poucas as ocorrências de atendimento ao cliente feito nessa página, pois todo o atendimento é direcionado para o aplicativo CTBC Responde.

A "CTBC Telecom" é uma página que tem a função de esclarecimento sobre a história da empresa e os setores que esta atua. O seu conteúdo foi na retirado da Wikipédia, e a página não é utilizada para nenhum outro fim e não promove intereção com os clientes da empresa.

Já a página "Algar Telecom" é utilizada na divulgação de ações da empresa, tanto competições, concursos, como ações sociais e de incentivo a preservação ambiental.Um dos projetos divulgados é o "Natureza em conta" que é a utilização do débito automático em contas e a visualização do boleto online, outro projeto divulgado é o "Expedição Rio Uberabinha" feito em parceria com o Governo de Minas. Na descrição deixa claro que é a página oficial da Algar Telecom que é a marca detentora da CTBC Telecom.

Os aplicativos são outras formas de utilização dessa mídia social pela CTBC Telecom, eles funcionam, principalmente, como meios de interação direta com os clientes, como é o caso do CTBC Responde, no qual os clientes deixam

mesagens de reclamações e/ou pedidos de ajuda. Já o CTBC TV é um aplicativo que divulga a TV por assinatura e agora a versão em HD dispinibilizada pela empresa. Além disso, promove promoções através do compartilhamento de conteúdos pelos clientes.

De maneira geral, os grupos, formados por funcionários, também representam a presença da empresa nesta mídia social, que é associada de imediato aos nomes desses grupos e aos assuntos neles discutidos. Apesar de serem fechados, estes grupos de funcionários compõem o universo da empresa na rede.

No *Twitter* a organização possui três perfis, um número limitado, mas que consegue suprir as necessidades da empresa nesta mídia pois abarca atendimento, publicidade e compartilhamento de conteúdos diversos, são eles: CTBC Responde (@CTBCResponde), CTBCtribus (@CTBCtribus), CTBC TV (@CTBC_TV).

O CTBC Responde (@CTBCResponde) do twitter foi criado antes da página de mesmo nome no Facebook, e tem como principal objetivo o atendimento online aos clientes da empresa. Todas as dúvidas e reclamações são monitoradas e respondidas pelo administrador do perfil.

O perfil CTBCtribus (@CTBCtribus) tem características completamente diferentes, ele é utilizado pela empresa para divulgar promoções, lançamento de produtos e compartilhamento de conteúdo. O conteúdo compartilhado neste perfil não é restrito aos assuntos da organização, ao contrário, algumas notícias em foco nos meios de comunicação também são compartilhadas neste perfil. A idéia central do CTBCtribus é ser um perfil dinâmico interativo que atenda os mais diversos públicos e clientes da empresa.

O CTBC TV (@CTBC_TV) é um perfil exclusivo para divulgação dos assuntos relacionados a TV por assinatura e também para esclarecimento de dúvidas sobre o assunto, como canais disponíveis, planos, preços, e também divulgação da programação.

Depois da pesquisa realizada nessas duas mídias sociais, podemos concluir que a CTBC Telecom se faz presente nelas de várias maneiras. É importante ressaltar que o atendimento online aos clientes é uma forma inovadora de interação da empresa, que passa a ser inserida nos mais diversos ambientes onde está o seu público-alvo. Além disso, a organização possui páginas e perfis que colocaboram na divulgação de seus produtos e promoções atraindo os clientes na rede.

Considerações Finais

A utilização das mídias sociais pelas empresas se tornou o ponto central das estratégias de comunicação voltadas para a Internet. Com um público cada vez maior de usuários as mídias sociais atraem não só empresas privadas mas também empresas majoritariamente do governo federal, como é o caso da Petrobras.

Depois de analisar duas empresas de caráter, públicos e produtos diferentes, podemos concluir que apesar de ambas estarem presentes nas mídias sociais e de utilizarem essas para divulgação de seus produtos e o posicionamento delas no mercado, o nível de interação com o público e a diversidade de funções das mídias sociais, é diferente entre elas.

A Petrobras divulga todos os seus projetos sociais, culturais e ambientais de forma detalhada, já a CTBC Telecom divulga de modo mais simplificado apenas citando e fazendo promoções, esta empresa não chega a criar páginas específicas para seus projetos, como é o caso da Petrobras. Outro ponto que pdoe ser considerado é a personalização das páginas para cada público feita pela Petrobras, a CTBC Telecom tem apenas o perfil CTBCtribus que visa atingir públicos variados, mas não específicos.

Em relação ao atendimento dos clientes a CTBC Telecom possui a página específica no Facebook e o perfil no microblog, para este fim, ao contrário da Petrobras que apesar da diversidade não faz uso d epáginas e perfis destinados apenas para o atendimento. A interação nessa empresa é realizada indiretamente através de suas páginas e perfis.

Desse modo, podemos conluir que apesar de estarem presentes nas mídias sociais, e se assemelharem em alguns pontos, estas duas empresas possuem estratégias diferentes. Do ponto de vista quantitativo a Petrobras está muito mais presente nas mídias sociais que a CTBC Telecom, do ponto de vista qualitativo ambas estão presentes de forma que suprem as necessidades das empresas e dos setores que elas representam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Ana Luisa de Castro**. Identidade, Imagem e reputação organizacional: conceitos e dimensões da práxis.** In: KUNSCH, Margarida M. Krohling**.** Comunicação Organizacional: Linguagem, gestão e perspectivas. São Paulo: Saraiva, 2009. Cap. 9, p. 215-242. v.2.

BARONI, Mara. Comunicação 2.0: o virtual construindo pontes para o marketing digital**. In: Comunicação e Marketing Digitais:** conceitos, práticas, métricas e inovações /Marcello Chamusca e Márcia Carvalhal. -- Salvador, BA: Edições VNI, 2011. Disponível em http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/e-books/cmktdigitais2011.pdf Acesso em 15 abr 2012.

CASTELLS, Manuel **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução, Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica, Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 2003.

DUARTE, Jorge; MONTEIRO, Graça. **Potencializando a comunicação nas organizações.** In: KUNSCH, Margarida M. Krohling**.** Comunicação Organizacional: Linguagem, gestão e perspectivas. São Paulo: Saraiva, 2009. Cap. 14, p. 333-359. v.2.

FENAJ. **Manual de Assessoria de Imprensa.** Disponível em: http://www.fenaj.org.br/mobicom/manual_de_assessoria_de_imprensa.pdf Acesso em 03 abr 2012.

FREIRE, Adriana do Amaral. **Comunicação empresarial e relacionamento nas mídias sociais: análise das empresas do Complexo Industrial de Suape, PE.** 20??. p.2-12. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/freire-adriana-comunicacao-empresarial-e-relacionamento-nas-midias.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2012.

KUNSCH, M. M.K. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. 3 ed. Re, atual e ampl. São Paulo: Summus, 2003. p. 14-417.

MAFEI, M. **Assessoria de imprensa: como se relacionar com a mídia**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 12-127.

RECUERO, Raquel. **A Nova Revolução: as Redes são as Mensagens** In: BRAMBILLA, Ana. Para entender as mídias sociais. Sem Cidade: Edição Do(s) Organizador(es), 2011. p. 2-210. Disponível em:

<http://issuu.com/vanildinho/docs/paraentenderasmidiassociais-110425145644-phpapp01>. Acesso em: 10 jun. 2012.

TORQUATO, Gaudêncio. **Tratado de Comunicação Organizacional e Política.** 2ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

fpm
(34) 3818-2300
www.FACULDADEPASTOSDEMINAS.com.br

LOMBADA